

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Reterritorializações no Não-lugar da Rede Social Orkut

Cynthia Harumy Watanabe Corrêa

**Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
Orientador**

Tese apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação Social, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na área de concentração Teoria da Comunicação.

28 de março de 2008

Instituição depositária:
Biblioteca Ir. José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

C824r Corrêa, Cynthia Harumy Watanabe
Reterritorializações no não-lugar da rede social orkut / Cynthia Harumy
Watanabe Corrêa. –2008.
271 f.

Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul, Faculdade de Comunicação Social, 2008.
Orientador: Juremir Machado da Silva.

1. Cibercultura. – 2. Rede Social. – 3. Orkut. – 4. Netnografia. I. Título

CDU 004.738.5

Catálogo na publicação: Rosa Maria Apel Mesquita. CRB 10/1588

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Reterritorializações no Não-lugar da Rede Social Orkut

Cynthia Harumy Watanabe Corrêa

Tese apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação Social, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na área de concentração Teoria da Comunicação.

Porto Alegre, 28 de março de 2008

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo/UFRGS

Profa. Dra. Cristiane Freitas Gutfreind/PUCRS

Prof. Dr. Erick Felinto/UERJ

Prof. Dr. Francisco Menezes Martins/UTP

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva/PUCRS

Para meus pais

AGRADECIMENTOS

A toda a equipe do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, incluindo professores e secretários, pela receptividade e pelo apoio ao longo dos três anos de curso.

Agradeço, especialmente, ao Coordenador do Programa de Pós-Graduação e meu orientador, professor Dr. Juremir Machado da Silva, pela confiança depositada em uma “estrangeira”, praticamente uma nômade, que chegou aqui com o objetivo de fazer um curso de doutorado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq - Brasil) pela concessão de bolsa de estudo de doutorado integral, que garantiu a realização do curso com dedicação exclusiva.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de doutorado-sanduíche, essencial para a pesquisa tanto no campo acadêmico como pessoal, ao proporcionar a experiência de ser mais uma brasileira no exterior.

Agradeço a orientação do professor Michel Maffesoli durante o estágio doutoral no Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien (CEAQ), Université Paris-V – René Descartes, Sorbonne.

Ao professor Marc Augé, de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), e ao coordenador do Groupe de Recherche et d'Étude sur la Technologie et le Quotidien (GRETECH-CEAQ), Stéphane Hugon, pelas contribuições para a realização da pesquisa.

Aos brasileiros, franceses e suíços com os quais convivi na Cité Internationale Universitaire de Paris, principalmente, ao Elio, à Sandra e às pessoas da Maison de Suisse, minha residência oficial no exterior.

Agradeço o carinho e o incentivo dos amigos do norte e do sul, em especial ao casal Rosa e Riva, pelo apoio inestimável em todas as etapas de produção desta tese.

Finalmente, muito obrigada à sociedade brasileira pela oportunidade de me qualificar academicamente com recursos do governo federal, a quem retribuirei da melhor forma enquanto docente e pesquisadora.

Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos, era a época da sabedoria, era a época da loucura, era a idade da crença, era a idade da descrença, era a estação da Luz, era a estação das Trevas...

Charles Dickens

RESUMO

A pesquisa aborda os fenômenos em curso na cibercultura contemporânea, ao enfatizar os processos de reterritorializações que ocorrem no ciberespaço concebido enquanto um não-lugar de natureza global e pós-moderna. Com o avanço das tecnologias de comunicação digitais, os internautas passam a contar com diversas maneiras de estabelecer contato ou laço social, sendo que, recentemente, recursos da segunda linha de produtos e serviços da *Web* como *blogs* e redes de relacionamentos sociais *on-line* destacam-se entre os mais utilizados. O *site* da rede social orkut, da Google Inc., transformou-se em um fenômeno de enorme popularidade, principalmente, entre os mais jovens, porém, o surpreendente é que o número de participantes é liderado por pessoas originárias do Brasil. Diante desse fato, o objetivo geral desta pesquisa é investigar como o lugar Brasil, identitário, relacional e histórico, seria reterritorializado em comunidades de caráter tribal formadas com o intuito de reunir os brasileiros que residem no exterior por meio da rede social orkut. Para tanto, foram analisadas com o método netnográfico da observação participante as duas comunidades de maior popularidade nomeadas de “Brasileiros no Exterior” do *site* orkut, durante o período de seis meses, de janeiro a junho de 2007. Como resultado, verifica-se o surgimento de uma nova forma de identificação no cenário de uma sociedade global conectada por redes de computadores, que representa os chamados “brasileiros no exterior”. São os errantes e nômades que se apropriam de uma rede social *on-line* constituída por representantes de mais de 200 países para falar do seu país de origem e de seu povo, a partir de processos de reterritorializações simbólicas do território físico e da diversidade cultural.

Palavras-chave: Cibercultura. Reterritorialização. Rede Social. Orkut. Netnografia.

ABSTRACT

The research is about current developments in cyberculture, with emphasis in the reterritorialization process that occurs in cyberspace, defined as a global and post modern in nature non-place. Due to the development of digital communication technologies, internauts gained novel ways of social interaction, with blogs and on-line social networks among the most popular. Social network services, like orkut, run by Google Inc. have become very popular, mainly among young people, and it is noteworthy that most participants are from Brazil. Due to this development the main objective of the research is to find out how the place Brazil, identity, relational and historic, would become reterritorialized through tribal communities created in the orkut on-line social network to bring together Brazilians living abroad. For that, two of the most popular communities in the orkut dedicated to Brazilians living abroad were studied with the nethnographic method of participative observation through six months, from January to June 2007. There is evidence of a new way of expressing identity in a global society integrated by computer networks, as "Brazilians abroad". They are the wanderers and nomads that utilize a social network formed by people from over 200 countries to talk about their country and themselves, using symbolic reterritorialization and cultural diversity.

Keywords: Cyberculture. Reterritorialization. Social Network. Orkut. Nethnography.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVOS DO ESTUDO	14
1.2	HIPÓTESE	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1	RETERRITORIALIZAÇÕES NO CIBERESPAÇO	16
2.1.1	Sociedade em Rede e Cibercultura	16
2.1.2	O Local e o Global no Ciberespaço Reterritorializante	34
2.2	LAÇOS SOCIAIS NO CIBERESPAÇO	51
2.2.1	Origens do Conceito de Comunidade	51
2.2.2	Formulações sobre Comunidade Virtual	61
2.2.3	Comunidades de Caráter Tribal	74
2.3	REDES SOCIAIS <i>ON-LINE</i>	95
2.3.1	Redes Sociais e Capital Social	95
2.3.2	<i>Social Software</i> e <i>Web 2.0</i>	115
2.3.3	Expansão das Plataformas de Redes Sociais	126
2.3.4	Cibersocialidade Orkutiana	136
3	METODOLOGIA	147
3.1	TIPO DE ESTUDO	147
3.1.1	Prática Etnográfica na Antropologia	150
3.1.2	Etnografia na Internet	160
3.2	BRASILEIROS NA REDE SOCIAL ORKUT	177
3.2.1	Presença Brasileira no <i>Site</i> Orkut	177
3.2.2	Comunidades de “Brasileiros no Exterior”	186
3.2.2.1	Brasileiros no Exterior 1	186
3.2.2.2	Brasileiros no Exterior 2	195
4	IMAGENS DOS BRASILEIROS NO EXTERIOR	202
4.1	QUEM SÃO ELES?	202
4.2	O QUE FAZEM?	215
4.3	O QUE FALAM?	225
5	CONCLUSÃO	242

REFERÊNCIAS	246
APÊNDICE A – Mensagens da C1	260
APÊNDICE B – Mensagens da C2	267

1 INTRODUÇÃO

A vida contemporânea distingue-se por uma estrutura social complexa organizada em múltiplas dimensões, é constituída de bondade e crueldade, de beleza e horror, de emoção e razão, de ordem e desordem, de útil e inútil, de intelectualidade e trivialidade, elementos que estão presentes no cotidiano, ora concorrendo entre si, ora complementando-se. As articulações entre esses aspectos revelam a unidade e a diversidade complexa do homem, que foi ocultada ao longo da modernidade pelo discurso de uma falsa racionalidade, unidimensional e determinista que excluía toda e qualquer contradição (MORIN, 2001).

As transformações que afetaram as regras do jogo da ciência, da literatura e da arte no final do século XIX foram de tal profundidade que seguem interferindo no modo de pensar das sociedades. Tanto que são inúmeras as tentativas de conceituar e esclarecer os acontecimentos em uma sociedade dita do espetáculo (DEBORD, 1997), do simulacro (BAUDRILLARD, 1991), pós-moderna (LYOTARD, 1998; HARVEY, 1993), transparente (VATTIMO, 1991), planetária (MORIN; KERN, 1995), em rede ou da informação (CASTELLS, 1999, 2003), e que viveria na época da alta modernidade (GIDDENS, 1991), da supermodernidade (AUGÉ, 1994), do capitalismo tardio (JAMESON, 1996), e da hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2005). Isso somente para registrar algumas das abordagens que se destacam no campo acadêmico da Comunicação Social no Brasil.

A aceitação do mundo como ele é mediante o reconhecimento da questão da socialidade, que propõe um relativismo do viver ao ressaltar a grandeza e a tragédia do cotidiano, distingue a contemporaneidade de qualquer outro momento da história. A socialidade aprecia o imediato, o presente, e deixa de lado a moral do “dever ser”, predominante na modernidade, que passaria a ser sucedida por uma ética das situações, em que se concede mais atenção a sentimentos como afetos que são inseparáveis dos fenômenos humanos. Contexto em que o aspecto comunicacional exerce uma função central, ao ser responsável pela constituição do vínculo ou laço social, pois a comunicação é o que liga um indivíduo a outro, é o cimento social e a cola do mundo pós-moderno (MAFFESOLI, 2004).

Em tempos de cibercultura, o modelo sociocultural que assinala as atitudes e os relacionamentos de toda ordem, profissional e/ou pessoal, estabelecidos via rede mundial de computadores, torna-se instigante entender como se constituem, desenvolvem-se e intensificam-se as manifestações de socialidade. Trata-se de um estilo de vida que se amplia e se dissemina na era do globalismo (IANNI, 2001) ou da sociedade em rede (CASTELLS, 1999, 2003), que redimensiona as relações em âmbito internacional, regional e local. Ele percorre todos os lugares, àqueles tradicionalmente determinados por raízes culturais, históricas e limitados geograficamente, e não-lugares, como vias expressas, ambientes virtuais, espaços de passagem, deslocados no tempo e no espaço (AUGÉ, 1994).

Diante de um cenário marcado por uma coesão comunicacional, tendo como suportes meios de comunicação e tecnologias digitais cada vez mais avançadas e especializadas, esta tese volta-se para o estudo e compreensão sobre a relação dos imaginários sociais com a mídia internet. Desse modo, busca-se uma perspectiva capaz de superar o ângulo da técnica dos sistemas comunicacionais, enfatizando a participação dos internautas em redes sociais *on-line*, o modo como eles se apropriam destes recursos para fomentar laço social.

As plataformas de rede social foram disponibilizadas na internet no ano 2002 e desde então se expandem conquistando novos adeptos. A rede social orkut lançada em janeiro de 2004 pela empresa Google Inc. já se tornou uma referência entre os *sites* do gênero. A rede social que visa ajudar seus membros a reencontrar amigos, conhecidos e a criar novas amizades transformou-se em um fenômeno de popularidade em território nacional, uma vez que os brasileiros aparecem como líderes absolutos em participação. Embora essa rede social receba o nome do seu criador, o programador Orkut Buyukkokten, ela é registrada oficialmente com a inicial minúscula, sendo assim apresentada neste trabalho.

A adesão brasileira ao orkut tem atraído o imaginário acadêmico dos pesquisadores de diversos campos de estudos, tal como nesta pesquisa, cujos trabalhos elaborados vão de apresentações a eventos passando por publicações de teses de doutorado como, por exemplo, as de Pablo M. C. Silva, com **Novos Agenciamentos Rizomáticos**: navegando pelos sites de social networking, pela área de Letras, em 2006; Raquel da C. Recuero, com **Comunidades em Redes Sociais na Internet**: proposta de tipologia baseada no fotolog.com, pela área de Comunicação Social, também em 2006; e Graciana S. Fischer, com

Competências dos Profissionais de Comunicação em Mídias Eletrônicas na Era da Convergência Digital, pela área de Engenharia de Produção, em 2007.

A plataforma de rede social orkut permite a composição de comunidades com o objetivo de agregar pessoas com gostos semelhantes, as quais podem ser criadas por qualquer usuário. Entre os temas abordados nas comunidades, chama atenção a enorme quantidade de grupos que fazem menção a lugares e a territórios localizados geograficamente. Como se todos quisessem demarcar o seu lugar de origem em uma rede social globalizada, que reúne pessoas do mundo inteiro.

Poder-se-ia especular, então, que o fenômeno de popularidade das redes sociais *online*, como o orkut, estaria relacionado a uma perspectiva da superabundância espacial (AUGÉ, 1994), que constitui um substituto dos universos que a etnologia transformou em seus, vistos como lugares. Nesse panorama, o orkut poderia figurar como um não-lugar, um espaço que não pode ser definido como identitário, relacional e nem como histórico, de acordo com Augé (1994).

Dessa maneira, a proposta da tese foi investigar de que forma os participantes brasileiros, que representam mais de 50% dos usuários, utilizavam o não-lugar do *site* orkut para reterritorializar o lugar Brasil, a partir de comunidades de caráter tribal formadas com o intuito de reunir os brasileiros que residem no exterior. Entender como a rede social apoiada no ciberespaço, em um não-lugar, espaço sem fronteiras, poderia estimular, ao mesmo tempo, o encontro e a aproximação de pessoas em torno de características que as identifiquem também à nação e à pátria.

Para tanto, foram analisadas as duas comunidades de maior popularidade e mais antigas nomeadas de “Brasileiros no Exterior” do *site* orkut, durante o período de seis meses, de janeiro a junho de 2007. Tratou-se de uma investigação de enfoque qualitativo baseada no método etnográfico aplicado ao estudo de práticas culturais desenvolvidas no ciberespaço, a Antropologia do Ciberespaço. Com o emprego da técnica da observação participante, desenvolvida em conjunto ao tipo de análise de rede social de caráter mais amplo, na qual a rede inteira é examinada a fim de se descrever os laços sociais constituídos no interior do grupo (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1999).

Torna-se relevante esclarecer que apesar da existência de análises de redes sociais com o emprego de grafos e abordagens de cunho matemático, esta tese enfoca uma linha de trabalho de ordem mais sociológica e antropológica. Baseia-se na descrição e na

interpretação densa de culturas estabelecidas no ambiente virtual, compatível com a sociologia do conhecimento de Maffesoli (1998a), que permite apreender o estilo de vida de uma época sem se preocupar em dar explicações.

1.1 OBJETIVOS DO ESTUDO

O objetivo geral deste estudo é investigar como os denominados “brasileiros no exterior” reunidos em comunidades na rede de relacionamento social orkut interagem e promovem diversas reterritorializações do lugar Brasil, identitário, relacional e histórico, da cultura e do povo em não-lugares como o ciberespaço e a rede internet, a partir de processos de comunicação e de interação social.

Trata-se de uma investigação baseada no método etnográfico aplicado ao estudo de práticas culturais desenvolvidas no ciberespaço, mediante a observação das interações e dos relacionamentos sociais em grupos particulares, designado provisoriamente de Antropologia do Ciberespaço.

Entre os objetivos específicos da pesquisa destacam-se:

- a) investigar as motivações que colaboram para a agregação em comunidades nomeadas de “Brasileiros no Exterior” na rede social orkut;
- b) avaliar o grau de envolvimento dos participantes nos grupos para indicar se constituem de fato redes sociais de relacionamento;
- c) verificar se o estar-junto, princípio fundador do laço social no neotribalismo, representa uma marca constitutiva da cibercultura contemporânea;
- d) identificar as possíveis reterritorializações do lugar Brasil e de sua cultura no não-lugar do *site* orkut, a partir da maneira como os membros se descrevem, do que fazem e do que falam;
- e) examinar as práticas comunicativas e de interação social dos grupos como geradoras de redes de socialidade no ciberespaço de natureza pós-moderna.

1.2 HIPÓTESE

A internet, concebida enquanto um não-lugar, de dimensão global, desterritorializante e reterritorializante, sem fronteiras, reterritorializaria lugares, comunidades e culturas por meio da formação de agregações virtuais, a partir da reunião de pessoas que também buscam se identificar a valores tradicionais, como a identidade nacional, a pátria, o território. No momento em que se ostentaria a força de características locais, sobretudo, de ordem cultural, em um mundo globalizado, tendo como pano de fundo o vitalismo efervescente do neotribalismo em vigor na dita socialidade pós-moderna.

Neste sentido, o que estaria em jogo na formação de comunidades nomeadas de “Brasileiros no Exterior” não seria, basicamente, o fato de compartilhar o lugar de origem, mas o interesse em comum motivado pela experiência vivida no momento presente. A condição de ser brasileiro e de estar afastado do seu país de origem, da terra natal, ser um aventureiro, nômade, acabaria determinando certas necessidades e atitudes, que talvez não pudessem se manifestar sem o intermédio de contato via redes sociais de relacionamento *on-line*, como o *site* orkut.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A parte teórica da pesquisa divide-se em três capítulos, os quais abordam o ciberespaço e as práticas sociais em vigor na chamada cibercultura; a formação de laços sociais e, finalmente, os temas relacionados às redes sociais, de questões de ordem mais teórica até a sua função na atualidade, por meio de *softwares* e serviços.

2.1 RETERRITORIALIZAÇÕES NO CIBERESPAÇO

Nesse primeiro capítulo, analisa-se o estabelecimento de uma sociedade conectada via sistemas computacionais de comunicação digital e caracterizada pelo nascimento de uma cibercultura; avalia-se o ciberespaço enquanto um não-lugar reterritorializante, assim como a relação entre o local e o global mantida com o suporte da internet.

2.1.1 Sociedade em Rede e Cibercultura

O termo sociedade em rede (CASTELLS, 1999, 2003; PUTNAM, 2000) diz respeito a uma composição social estruturada no espaço simbólico do ambiente virtual ou ciberespaço, a partir de circuitos de informação derivados do avanço das tecnologias de base microeletrônica que deram origem à internet, a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores dos anos 90. Na visão de Castells (2003), a internet é mais que uma simples tecnologia, é o meio de comunicação que institui a infra-estrutura organizativa das sociedades em vigor:

A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação,

de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos (CASTELLS, 2003, p. 287).

Em outras palavras, a internet poderia ser entendida de acordo com o funcionamento da própria sociedade, à medida que ela expressa uma infinidade de atitudes e processos sociais, valores e instituições. Para Haythornthwaite e Wellman (2005), o que é interessante ressaltar passado o momento de euforismo com a novidade é que a internet não deve mais ser concebida como um sistema especial, mas como algo que está sendo incorporado rotineiramente ao cotidiano das pessoas, sendo usada, sobremaneira, para promover a comunicação.

As ações praticadas no ambiente virtual, normalmente, não estão desarticuladas das coisas que as pessoas fazem quando estão fora da internet, por isso os autores argumentam que o foco de análise deve se concentrar na forma de apropriação da internet. Eles procuram desenvolver pesquisas sobre um ponto de vista mais integrado da comunicação mediada por computador, observando como as práticas exercidas *on-line* enquadram-se e complementam-se a outras tarefas do dia a dia de um indivíduo.

Trata-se de uma proposta consistente e que afasta a tradicional visão dualista de avaliar se uma tecnologia é boa ou ruim. Ademais, a cada dia novos recursos e sistemas de comunicação digitais são disponibilizados para o grande público e acabam interferindo no modo de viver dos conectados e também dos desconectados.

Nesse contexto, destaca-se a função que o aspecto comunicacional adquire na vida contemporânea, visto como o responsável pela criação de laço social na denominada pós-modernidade, como afirma Maffesoli (2004, p. 20): "A comunicação é a cola do mundo pós-moderno." Algo que se realiza e se intensifica com o constante aperfeiçoamento e miniaturização das tecnologias, de *notebooks* a aparelhos de telefonia celular, que ao mesmo tempo garantem a mobilidade e a conexão independente da hora e do lugar, quando tudo passa a fluir através de redes ou tramas de informação.

O sentido da palavra rede aqui empregado segue a definição corrente do termo: "[...] uma rede é constituída por nós e conexões dois a dois entre estes nós, que podem ser diretas ou indiretas, isto é, a conexão entre dois nós pode requerer um ou mais nós intermediários." (VAZ, 2004, p. 223). No entanto, como o termo sofreu uma transformação

semântica entre os anos 60 e 90 do século passado, provocada inclusive pelo surgimento da internet, o autor distingue uma singularidade mais significativa da rede: o número de nós pode ser finito, porém, a rede é ilimitada, não tem centro, margem ou exterior.

Conforme Vaz (2004), a rede tecnológica informacional é a estrutura mínima de ordem, diferenciada por sua tolerância à diversidade social, espacial e temporal. Ela pode estimular a aproximação de todos com todos e rompe com a distribuição hierárquica entre emissores e receptores, ao possibilitar que cada nó/pessoa possa produzir e transmitir mensagens. Trata-se do modelo todos-todos de produção e repasse de conteúdo disseminado com as tecnologias de informação e comunicação digitais (GILLMOR, 2005), em que tudo pode se transformar em *bits*: sons, imagens e textos (NEGROPONTE, 1995).

Antes a rede era um fenômeno localizado, referia-se a organizações sociais de caráter oculto ou para designar, tecnicamente, alguma forma de distribuição de um fluxo por canais fixos, como de energia que é produzido centralmente e apropriado localmente. Portanto, o termo era usado no sentido inverso ao aplicado atualmente, quando a rede surge como algo aberto, que rompe hierarquias, transgride fronteiras, e que pode ser manuseado por qualquer um. Vaz (2004) afirma que a rede representa a base de uma nova compreensão da sociedade contemporânea, uma vez que em cada período da história da humanidade prevalece uma cultura técnica peculiar que ajuda no entendimento das ações e dos comportamentos em curso (LEMOS, 2002b).

Toda mídia altera a percepção espaço-temporal ao oferecer formato e artefato particulares com o objetivo de emitir informação para além do espaço e do tempo. As transformações midiáticas acompanham a humanidade desde a escrita, que descola enunciador e enunciado (espaço) e age como instrumento de memória (tempo), passando pelo telégrafo, telefone, rádio, televisão até chegar à internet (LEMOS, 2003), que introduz uma cultura marcada pelas tecnologias digitais: a cibercultura. Uma palavra que já integra o falar cotidiano de um modo tão naturalizado, como se o seu emprego dispensasse a necessidade de reflexão, segundo Felinto (2007, p. 2):

Multiplicam-se exponencialmente as obras onde o termo aparece sem, contudo, qualquer preocupação de explicitar seu sentido. Mais perturbadora ainda é a impressão de que a cibercultura constituiria, efetivamente, um domínio bem recortado do conhecimento, e que estaria à

nossa disposição uma teoria não *explicitamente enunciada*, mas *implicitamente anunciada* nos tratados sobre a tecnocultura contemporânea (grifo do autor).

Trata-se de uma preocupação manifesta em trabalhos anteriores, quando o autor analisa a cibercultura como uma das repercussões do imaginário tecnológico: “De fato, se levamos a sério tal conceito, somos forçados a reconhecer que nenhum campo da cultura, mesmo o da apreensão conceitual, encontra-se livre da influência do imaginário.” (FELINTO, 2006). Por conseguinte, se o imaginário ocupa realmente uma posição central em todos os dispositivos de saber, não haveria como minimizar o seu impacto no pensamento teórico. Em outras palavras, o autor diz que a cibercultura representa uma ficção social para a qual colaboram, inclusive, as próprias teorias da cibercultura.

De modo a contribuir com o debate, Felinto (2007) aprofunda sua reflexão metodológica sobre a cibercultura proposta a partir de três noções principais: em primeiro lugar, fala da cibercultura como domínio das comunicações, práticas e percepções sociais relacionadas às tecnologias informacionais, referindo-se às condutas e formas discursivas em *chats*, por exemplo, assim como a mecanismos de construção identitária na internet.

Na segunda noção, a cibercultura é avaliada como um conjunto de narrativas ficcionais que expressam uma visão de mundo “cibercultural”, o caso da ficção científica pós-moderna, entre outros. Por fim, aborda a cibercultura como um campo das apreensões teóricas enfatizando a tecnocultura contemporânea e os meios digitais de comunicação, refere-se à chamada literatura acadêmica sobre cibercultura. O autor adverte, no entanto, que na maior parte das vezes o conceito de cibercultura é trabalhado de modo associado a duas ou mais dessas noções.

Uma das acepções de cibercultura cunhada por autores brasileiros que ajudou a popularizar o termo no país foi indicada por Lemos na obra de mesmo nome lançada em 2002. No ano seguinte, o autor define sinteticamente a cibercultura como a forma sociocultural emergente da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica, a partir da convergência das telecomunicações com a informática na década de 70.

Por sua vez, Rüdiger (2007) concebe a cibercultura enquanto um conjunto de práticas e representações que surge e se desenvolve com a crescente mediação da vida cotidiana

pelas tecnologias de informação, sendo tomada por um pensamento cibernético e pelo ideal de uma civilização maquinística:

Através da cibercultura, o pensamento tecnológico está conquistando novo patamar, mais cotidiano e generalizado, passando a diversificar suas pretensões fantasiosas e dimensão metafísica. As fontes alternativas de pensamento tendem a se esgotar numa época em que a máquina cibernética se torna modelo da vida em coletividade. A cibercultura se expande na medida em que somos seres que não se deixam reduzir ao elemento técnico ou fator racional, expressando sua fusão com nossos desejos irracionais e vivências cotidianas em fantasias objetivas e figuras concretas cujo caráter e sentido não são técnicos (RÜDIGER, 2007, p. 177).

O autor argumenta que a tecnologia é apenas uma das mediações formadoras de nossa existência, com uma capacidade extraordinária de interferir nas condições materiais da vivência, ao se envolver com os domínios da ação, dos afetos e do pensamento. Rüdiger (2007, p. 175) aposta com convicção que a técnica, ao invés de extensão, seria vista melhor como mediação do ente que ele chama de homem: “A técnica não é uma coisa, mas uma forma de nossa relação com o mundo. Os utensílios e aparatos de que lançamos mão são apenas a face objetiva de um processo cuja essência ou conteúdo é um certo tipo de saber.”

Tanto que uma das principais características de uma rede ciberespacial é que ela integra todas as mídias anteriores, como a escrita, o alfabeto, a imprensa, o telefone, o cinema, o rádio, a televisão, enfim, reúne todos os mecanismos comunicacionais já projetados para criar e reproduzir signos, sendo o ciberespaço um tipo de metameio (LÉVY, 2004).

Nesse contexto, a vida cada vez mais é assinalada pela apropriação crescente de tecnologias digitais que são utilizadas para a realização de atividades corriqueiras como contatar pessoas, fazer compras, movimentar conta bancária, de acordo com as práticas de uma cultura da virtualidade ou de uma vida digital povoada por pessoas e *bits* (NEGROPONTE, 1995). Na visão de Rüdiger (2007, p. 185), a rede é a própria figura do pensamento tecnológico contemporâneo e da atual cibercultura: “[ela] designa as formações sociais e tecnológicas sustentadas pelas trocas de informações e os mecanismos de interação cibernética, tendo se difundido a partir dos anos 1990.” Outro pesquisador que

colabora com a discussão sobre a temática é Trivinho (2000, p. 180), para quem:

O conceito de ciberespaço diz respeito a uma estrutura infoeletrônica transnacional de comunicação de dupla via em tempo real, multimídia ou não, que permite a realização de trocas (personalizadas) com alteridades virtuais (humanas ou artificial-inteligentes); ou, numa só expressão conceitual, a uma estrutura virtual transnacional de comunicação interativa.

Um entendimento que aponta a mudança de suporte dos processos socioculturais e políticos, marcado pela imaterialidade informática, assim como a abolição do território geográfico e a possibilidade de interagir previamente com a máquina, com o *software* e com a imagem virtual.

Além disso, tal abordagem pressupõe desde a instituição do computador como tecnologia de acesso a esse universo comunicacional e a radicalização da prática de “experienciar” a tela catódica como o real privilegiado pelo qual frui a vida social, até chegar às reverberações sociais desse universo; como: a transpólitica *on-line* nas cidades virtuais, o sedentarismo comunicacional nômade como *habitus* cultural, e a otimização da tele-existência do eu e do corpo como espectros multimidiáticos (TRIVINHO, 2000, p. 180).

Segundo o autor, esses traços estruturais do contexto global do ciberespaço estão associados intrinsecamente ao fato de nele vigorar, como ocorre no universo dos *media* convencionais (imprensa, telefonia, rádio, TV), a circularidade absoluta e tautológica de informações, sons e imagens; e a descentralização de todo e qualquer processo na rede. Ademais, as marcas estruturantes do ciberespaço se devem à presença de diferenças para com os *media* tradicionais, como um tipo de vácuo de massas, balanceado pela absoluta individualização das escolhas e intervenções.

Na concepção de Rüdiger (2007), ainda é essencial lembrar que a tecnologia não se reduz ao conhecimento objetivo das conexões funcionais entre meios e fins e que inclusive essas exprimem uma atividade mítica e utópica (irracional ou fantasiosa), à medida que estão vinculadas modernamente tanto à marcha do capitalismo quanto à elaboração de um pensamento tecnológico.

A cibercultura apresenta-se como uma formação prática e simbólica, a qual expressa e,

às vezes, articula para o homem comum as circunstâncias coletivas que vão surgindo, com a progressiva informatização da era maquinística nascida no século XVII. Ela é a expressão do capitalismo avançado da virada do milênio e da tecnologia que com ele se associa, revela-se como o cenário cotidiano de determinado projeto histórico da humanidade (RÜDIGER, 2007).

Lemos (2003) indica que a cibercultura deve ser compreendida a partir da observação de vários desdobramentos sociais, históricos, econômicos, culturais, cognitivos e ecológicos; ela nasce do desdobramento da relação da tecnologia com a modernidade que se caracterizou pela dominação da natureza e do outro, através do projeto racionalista-iluminista. Nesse caso, a cibercultura teria origem em um cenário que poderia ser descrito como de pós-modernidade, derivado da conjunção da falência dos metarelatos, da idéia de fim do futuro promissor e pela criação de novas possibilidades planetárias da comunicação digital.

Vivencia-se uma sensação de tempo real, imediato e de abolição do espaço físico-geográfico, onde o tempo real parece aniquilar, no sentido inverso à modernidade, o espaço de lugar, instituindo espaços de fluxos, redes planetárias que pulsam no tempo real, levando a uma desmaterialização dos espaços de lugar. Na cibercultura pode-se estar aqui e agir à distância, resume Lemos (2003).

Sobre a criação de espaços de fluxos em âmbito mundial, Augé (1994) comenta que ela está ligada a um processo de superabundância espacial do presente que se difunde nas mudanças de escala, na multiplicação das referências energéticas e imaginárias e nas espetaculares acelerações dos meios de transporte. Delineia-se uma circunstância em que as noções de tempo e espaço perdem o *status* de algo absoluto, fragmentam-se.

Virilio (2003) afirma que, em matéria de duração, tudo agora depende do olhar dirigido e da época do ponto de vista, abre-se caminho para a relativização sobre o domínio da verdade, sobre o entendimento de realidade, que segue o ritmo da evolução do conhecimento.

Quando uma duração sucede um tempo que passa linearmente (passado-presente-futuro), baseado na cronologia da história, trata-se de um tempo que se expõe instantaneamente: "A velocidade absoluta sucede ao tempo, assim como ao espaço constante. A instantaneidade substitui as durações longas, os séculos dos séculos. A noite dos tempos cede lugar ao nascer do dia do instante presente." (VIRILIO, 2003, p. 106). Diante deste quadro, o autor analisa como legítima a sucessão do antigo sistema de

passagem linear do tempo pelo sistema subexposto-exposto-superexposto, contribuindo para realçar a idéia de temporalidade em um panorama descrito por superlativos.

Por sua vez, Augé (1994) diz que a superabundância espacial resultaria em modificações físicas que englobariam concentrações urbanas, transferências de população e multiplicação dos nomeados “não-lugares”, em oposição ao conceito de lugar definido sociologicamente e pela tradição etnológica, o qual se refere a uma cultura localizada no tempo e no espaço.

A hipótese do autor é que o momento atual denominado por ele de supermodernidade seria produtor de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos, que somente ocupam um lugar circunscrito e específico, sem se integrar a lugares antigos, os classificados e promovidos a “lugares de memória”, como acontecia na modernidade. Quando a condição de lugar seria distinguida por três elementos centrais: o identitário, o relacional e o histórico. Por conseguinte, um espaço que não poderia ser visto como identitário, relacional e nem como histórico representaria uma espécie de não-lugar.

A categoria de não-lugares abrangeria uma série de instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e de bens, como vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos, meios de transporte, grandes centros comerciais ou os campos de trânsito prolongado onde são estacionados os refugiados do planeta (AUGÉ, 1994).

Mediante o reconhecimento da existência de não-lugares e da relevância desses espaços de circulação para dar prosseguimento à vida cotidiana, compreende-se o conjunto de redes eletrônicas informacionais, serviços e produtos que articula o ciberespaço como um tipo de não-lugar. Todos os elementos, da rede das redes, a internet, aos *sites* pessoais ou institucionais, *blogs*, salas de bate-papo, redes sociais *on-line*, como o orkut, objeto empírico de análise da pesquisa, poderiam ser assimilados sob a perspectiva de não-lugares, espaços simbólicos, reterritorializantes, de passagem, que são navegados por internautas que se encontram e se desencontram no fluxo comunicacional.

No ideal de Lévy (2004), as tecnologias intelectuais seriam capazes de aprimorar alguns sistemas cognitivos individuais e coletivos quando operadas em companhias, organizações, em diversas comunidades virtuais e na própria humanidade, a maior de todas as comunidades virtuais, na análise do autor. O ciberespaço, então, incentivaria a chamada inteligência coletiva por apresentar três modos de comunicação (“um para um”, “um para

muitos” e “muitos para muitos”), que poderiam ser articulados em tempo real: “O principal significado do ciberespaço é a interconexão geral de tudo em tempo real, a concretização do espaço virtual onde as formas culturais e lingüísticas estão vivas.” (LÉVY, 2004, p. 166).

Embora se aceite como novidade a probabilidade de usufruir simultaneamente os três modelos de comunicação na era do virtual, essa inovação no estabelecimento de contato por si só não parece ser suficiente para promover o incremento de inteligência, muito menos em âmbito coletivo, como defende o autor. Uma vez que a questão de fundo está atrelada ao comportamento humano, à mente, imaginação, criatividade, vontade de adquirir e aperfeiçoar o conhecimento, que não depende de um suporte técnico para se manifestar.

A relação técnica vigente na cibercultura poderia em certa medida auxiliar na ampliação das possibilidades de se comunicar, desde que haja interesse por parte dos indivíduos e que estes tenham capacidade cultural e educacional para interagir de locais múltiplos e no tempo escolhido, real ou atrasado, em uma rede de dimensão global. Como antecipou Negroponte (1995), a vida digital exigirá cada vez menos que você esteja em determinado lugar em determinada hora, a distância vai perdendo importância, na verdade, um usuário da internet nem sequer se lembra que ela existe.

Lemos (2003) ressalta que pela primeira vez na história qualquer indivíduo pode, *a priori*, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações (escrita, imagética e sonora) para qualquer lugar do planeta. Situação em que o computador, a figura emblemática da cibercultura, funda a era da conexão generalizada, do tudo em rede, primeiro, de modo fixo e, agora, cada vez mais móvel, com a revolução do *Wi-Fi*, que estabelece a conexão de computadores e aparelhos eletrônicos através de uma rede sem fio utilizando frequência de rádio.

A chamada conexão generalizada provoca uma reconfiguração comunicacional, cujo aspecto chave é a inédita liberação do pólo da emissão, com *chats*, fóruns, *e-mail*, listas, *blogs*, páginas pessoais, depois de séculos de controle exercido pelos *mass media* sobre a emissão: “A conectividade generalizada põe em contato direto homens e homens, homens e máquinas, mas também máquinas e máquinas que passam a trocar informação de forma autônoma e independente.” (LEMOS, 2003, p. 22).

O autor comenta que a internet é um ambiente, uma incubadora de instrumentos de comunicação e não uma mídia de massa, no sentido corrente do termo, pois não há fluxo

um-todos¹, além das atividades dos internautas estarem desvinculadas de uma atitude especial, podendo ser executadas várias tarefas como enviar *e-mail*, escrever em *blogs* ou conversar em um *chat*:

Trata-se aqui da migração dos formatos, da lógica da reconfiguração e não do aniquilamento de formas anteriores. Não é transposição e não é aniquilação. Estamos mais uma vez diante da liberação do pólo da emissão, do surgimento de uma comunicação bidirecional sem controle de conteúdo. E novos instrumentos surgem a cada dia... (LEMOS, 2003, p. 17).

O entrelaçamento da tecnologia com a vida social sugere que é possível entender as formas do imaginário tecnológico contemporâneo através dos espaços existenciais de produção de sensações experimentadas coletivamente. Como esclarece Lemos (2002b), o que conta para a invenção do mundo da vida não é simplesmente o útil ou o funcional, mas todo um universo simbólico que se enraíza em espaços do vivido.

Para esse autor, o assunto cibercultura vai além do debate sobre o potencial das novas tecnologias, pois está ligado a uma ação influenciada pela contracultura americana que se posicionava contra o poder tecnocrático, sendo o lema da microinformática: computadores para o povo (*computer to the people*). A própria microinformática, base de sustentação da cibercultura, é fruto de uma adaptação social e é exemplar para demonstrar como age o mecanismo de apropriação social de tecnologias, superando a funcionalidade econômica ou a eficiência técnica. Vale realçar que a sociedade não se mantém passiva diante de uma inovação tecnológica, há sempre um duplo movimento de dominação e de apropriação simbólica.

A história da internet, um projeto de cunho militar originado de uma rede internacional de cientistas e técnicos que compartilhavam e desenvolviam tecnologias em cooperação quando a rede fazia parte do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, é por si só assinalada por uma cadeia de eventos surpreendentes:

¹É de se imaginar que na internet o fluxo comunicacional na direção um-todos como ocorre na mídia de massa não seja predominante. Contudo, apesar da ênfase do autor de que não existe fluxo um-todos, esse tipo de comunicação está presente na internet e convive lado a lado com o modelo de comunicação todos-todos ou muitos-muitos criado na era do virtual e até com o modelo um-um, como no contato pessoal.

O caso mais interessante é que o World Wide Web, programa de *browser* que permite a navegação que hoje todos praticamos, foi criado pelo inglês Tim Berners-Lee, trabalhando em suas horas livres sem que ninguém lhe pedisse nada, no CERN de Genebra (CASTELLS, 2003, p. 260).

A manutenção de contato via redes de computadores nos setores acadêmicos e científicos proporcionou o nascimento dos ajuntamentos eletrônicos, à medida que pesquisadores e alunos iniciavam a troca de mensagens pela então incipiente internet (LEMOS, 2002a). Torna-se conveniente destacar que o sucesso do projeto de redes digitais de comunicação e da primeira rede iniciada em 1969, a Advanced Research and Projects Agency (ARPAnet), resulta de uma rara mistura de estratégia militar, cooperação científica e inovação contracultural (CASTELLS, 1999).

Nesse caso, Giese (1996) fala que a origem da ARPAnet no Departamento de Defesa norte-americano e a subsequente criação da USENET NEWS por cientistas da área de computação, isto é, o trabalho conjunto dos militares e dos acadêmicos levou à configuração da internet como se conhece hoje. Mas não foi um processo simples, o nascimento da rede foi marcado pelo conflito de interesses entre o Departamento de Defesa, guiado pela missão em nome da segurança nacional, e a universidade com seus pesquisadores do campo computacional, que pregavam o livre fluxo de informação.

A razão que norteou o desenvolvimento da ARPAnet dizia respeito à possibilidade de se manter a capacidade de comunicação dos militares diante da destruição de uma ou mais chaves de ligação na cadeia de comando, que poderia ocorrer durante uma ação nuclear no tempo da Guerra Fria. Em função disso, o projeto deveria funcionar, acima de tudo, como um sistema de comunicação não hierárquico e disperso geograficamente (GIESE, 1996).

Para o autor, a construção da ARPAnet estava relacionada, essencialmente, a um problema de programação: como conectar diferentes tipos de computadores para que eles fossem capazes de “conversar” com outros. A solução técnica que mais tarde tornou possível a criação da internet derivou de uma série de pesquisas realizadas independentemente por cientistas localizados em pontos distantes, como Donald Davies no Reino Unido e Larry Roberts nos Estados Unidos. O conceito era chamado *packet switching*, os pacotes, sendo que cada pacote continha o endereço do recipiente.

Os pacotes podiam ser enviados separadamente, podendo cada um usar a rota mais eficiente disponível naquele momento e se juntavam quando atingiam a destinação. Com o *packet switching* tornava-se fácil a implementação de uma rede composta por terminais de um mesmo fabricante. Porém, o Departamento de Defesa norte-americano desejava implementar uma rede formada por computadores e terminais construídos por fábricas diversas. Uma problemática que foi solucionada por Vincent Cerf e Robert Kahn que criaram o conceito de *gateway*, o qual permitia que o *packet switching* fosse realizado entre redes diferentes, apesar de usar pacotes de tamanhos variados e de trabalhar em diferentes velocidades. Este conceito de *gateway* tornou o programa de *package* conhecido como Transmission Control Protocol (TCP/IP).

O conjunto de protocolos TCP/IP resolveu um dos problemas técnicos mais complexos deparados no processo de construção da primeira rede e em 1969 a ARPAnet foi lançada contando com quatro pontos de nós. Cada nó da rede representava uma estrutura principal de computador, em geral, localizada no departamento de ciência da computação de uma universidade, sendo capaz de realizar o endereçamento, o envio e de receber os pacotes eletrônicos. Por volta de 1971, a rede expandiu para 23 nós e em 1977 o número cresceu para 111 (GIESE, 1996).

Outro componente básico para o surgimento da internet foi o choque de culturas entre o aparelho de defesa, estabelecido em preceitos como a centralização, hierarquia e rigidez; e os membros da comunidade acadêmica que foram chamados pelo Departamento de Defesa para atuar no projeto. Evidentemente a arquitetura de um sistema de comunicação aberto com várias raízes capazes de transmitir dados informacionais ia de encontro aos imperativos organizacionais do Departamento de Defesa, comenta Giese (1996).

A ARPAnet era utilizada pelos centros de pesquisa que cooperavam com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, mas em seguida os cientistas começaram a usá-la para todos os tipos de comunicações. O emprego indiscriminado da rede atingiu um nível tal que ficou complicado discernir o que era assunto de pesquisa para o campo militar da comunicação científica e de conversas pessoais e, assim, os cientistas de todas as áreas passaram a ter acesso à rede:

A Fundação Nacional da Ciência também se envolveu com a criação de outra rede científica nos anos 80, a CSNET, e – em cooperação com a IBM – criou ainda uma outra para estudiosos de matérias não-científicas, a BITNET. Todas as redes, no entanto, usavam a ARPANET como sistema de comunicação. A rede das redes que se formou durante a década de 80 foi chamada de ARPA-INTERNET, mais tarde INTERNET, ainda custeada pelo Departamento de Defesa e operada pela Fundação Nacional da Ciência (CASTELLS, 1999, p. 376).

No ano de 1983 houve finalmente uma divisão entre a ARPANET, dedicada a objetivos científicos, e a MILNET, direcionada a aplicações militares. Por detrás do planejamento da internet, existiam diversas redes científicas, institucionais e pessoais que cruzavam o Departamento de Defesa, a Fundação Nacional da Ciência e importantes centros universitários voltados para a pesquisa e núcleos de geração de idéias especializados em tecnologia.

No entanto, Castells (1999) adverte que essa é somente uma parte da história. Paralelamente aos esforços do Pentágono e da *Big Science*, visando estabelecer uma rede universal de computadores com acesso público e seguindo um padrão de normas aceitáveis, manifestava-se nos Estados Unidos uma contracultura computacional cada vez mais forte, como já havia apontado Giese (1996).

Nesse sentido, Rüdiger (2002) ratifica que o ciberespaço é tanto uma construção tecnológica quanto cultural, cujos alicerces foram desenvolvidos em decorrência de necessidades econômicas (questões mediatas) e militares (imediatas), entretanto, convém não reduzi-lo à função dessas instâncias históricas:

O ciberespaço não é em geral, segundo tudo indica, uma nova realidade, mas uma sublimação tecnológica da realidade que estamos acostumados. As contradições e conflitos sociais e políticos de nossa época, antes de encontrarem solução, tendem a ser reproduzidos eletronicamente através de seu funcionamento. As patologias históricas e culturais não são postas de lado neste contexto, mas redimensionadas, quer falemos de crime e demagogia, quer falemos de racismo e atividades terroristas (RÜDIGER, 2002, p. 17).

Com essas palavras do autor, reforça-se a idéia de que as atividades executadas *on-*

line não estão desconexas do *off-line*, muito pelo contrário, são duas vertentes que se complementam. Por isso, coloca-se em xeque o discurso sobre um ciberespaço libertador, democrático e repleto de vantagens para seus usuários. Com relação à dificuldade de se mapear a cibercultura, na visão de Felinto (2007, p. 10-11) isso acontece “[...] porque estamos *inteiramente em seu interior*, mergulhados cotidianamente num ambiente de próteses tecnológicas e num imaginário tecnocultural cada vez mais prenante.” (grifo do autor).

Todavia, ele sugere que uma cartografia da cibercultura provavelmente deveria começar por relativizar uma distinção estabelecida como padrão entre as comunicações ditas “tradicionais” e massivas e as “novas” tecnologias: “É certo que a passagem de modelos analógicos para digitais envolve a transformação não apenas de operadores tecnológicos, mas também de paradigmas culturais.” (FELINTO, 2007, p. 11).

A mudança de foco cultural em processo complexifica as trocas comunicativas e a forma de lidar com o outro a partir da mediação de redes temáticas que interferem na maneira de produzir, armazenar e transmitir informação, quando o ciberespaço se apresenta como um ambiente a ser explorado e usufruído: “A virtualização não seria a morte do mundo, mas o devir-outro do humano. [...] o virtual tem muito pouco a ver com o falso ou com o ilusório.” (LEMOS, 2002b, p. 193).

No que diz respeito ao conceito de virtual, Lévy (1996, p. 15) esclarece de início que não há uma oposição entre real e virtual, embora esse último termo seja empregado habitualmente para denotar a simples ausência de existência ou o que se costuma chamar de realidade, algo de concreto, material e de presença tangível: “A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato.”

O autor esclarece que o virtual não se opõe ao real, mas ao atual, porque o virtual tende a atualizar-se, sem, contudo, ter passado à concretização efetiva ou formal. Ele exemplifica dizendo que a árvore está virtualmente presente na semente. O virtual é como um complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento ou uma entidade qualquer, como a semente, que evoca um processo de resolução, a atualização. Logo, o problema da semente é fazer brotar a árvore, que existe desde sempre em potência.

Esta compreensão sobre o virtual pode ser estendida para o termo virtualização, definido como um movimento inverso da atualização. Não se trata de uma desrealização, contudo, implica em uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado:

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam 'não-presentes', se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade, do relógio e do calendário (LÉVY, 1996, p. 21).

A partir dessa fala, o mecanismo de virtualização da vida não deveria ser encarado como um procedimento totalmente independente do espaço-tempo de referência, pois a todo instante as ações e os comportamentos exercidos *on-line* podem ser inseridos a suportes físicos e se atualizarem aqui ou alhures, agora ou mais tarde. O diferencial, para o autor, é que a virtualização recorta o espaço-tempo clássico.

O problema de assimilação do complexo sociocultural em vigor na internet deve-se ainda ao fato de que:

[...] o 'virtual' é usado com mais frequência para se referir a algo que parece ser (mas não é) real, autêntico ou próprio – embora isso possa ter efeitos semelhantes [...] Esse sentido de virtual surge de uma história complexa de relações entre realidade, aparência e bondade. As raízes da 'virtualidade' estão em 'virtude', e, portanto, em ambos pode existir poder e moralidade (WILBUR, 2000, p. 47, tradução nossa)².

Trata-se da idéia predominante sobre o virtual, que é constantemente reduzido a uma condição de imaterialidade e de irrealidade, como uma desculpa para que ninguém seja responsabilizado ou punido por atos praticados *on-line*, embora lá também estejam

² “[...] the ‘virtual’ seems most often to refer to that which appears to be (but is not) real, authentic or proper - although it may have the same effects [...] This sense of the virtual arises from a complex history of relations between reality, appearance and goodness. The roots of ‘virtuality’ are in ‘virtue’, and therefore in both power and morality.” (WILBUR, 2000, p. 47).

presentes disputas de poder e uma preocupação com a moral. Uma compreensão que deve estar diretamente ligada à própria origem do termo virtual e, inclusive, à da palavra ciberespaço, que nasceram associadas ao campo da ficção científica em território norte-americano. Não é por acaso que o autor William Gibson (1988) figura como o inventor da expressão ciberespaço registrada em seu romance de ficção científica **Neuromancer**, publicado pela primeira vez em 1984.

Na obra citada, ele descreve o ciberespaço como uma alucinação consensual:

Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no não espaço da mente; nebulosas e constelações de dados. Como luzes de cidade, retrocedendo (GIBSON, 1988, p. 65).

Para esse autor, o ciberespaço institui o ambiente cibernético das informações de uma rede global e futurista de computadores, na qual os indivíduos que a percorrem são solitários, independentes e livres. Tal noção de liberdade em muitos casos poderia estimular a proliferação de comportamentos sociopáticos dos malfeitores que buscam experimentar virtualmente desvios considerados perigosos demais para a vida *off-line*.

Na concepção de Lastowka e Hunter (2003), toda história de mundos virtuais deve englobar um histórico sobre a criação de jogos e o início da computação, e se possível abordar ainda de um modo geral a construção de mundos imaginativos. Segundo os autores, a idéia de mover uma projeção de si mesmo sobre uma projeção do mundo é antiga e está presente em praticamente todo jogo de tabuleiro. Alguns dos primeiros jogos já traziam o elemento do avatar, onde o jogador era representado por um *token* dentro do espaço virtual do jogo formado por um tablado com a imagem de um mundo abstrato, como é o caso do primeiro jogo registrado na história chamado The Royal Game of Ur, de 2500 a.C..

Certamente os mundos virtuais criados hoje são muito mais elaborados e trazem uma representação gráfica e visual extremamente rica, logo, em decorrência da profundidade artística e da capacidade de expressão os mundos virtuais contemporâneos estão cada vez mais próximos da ficção e da arte, incluindo o campo da literatura. Aliás, a invenção de mundos é uma característica proeminente no cânone literário, como exemplos

podem-se mencionar a Divina Comédia, de Dante Alighieri, Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, entre tantas obras clássicas. Algo que se destaca, sobretudo, na área da ficção científica que revela uma paixão peculiar por mundos artificiais.

A questão primordial, entretanto, é que no nível de desenvolvimento tecnológico que a sociedade se depara não é mais aceitável dizer de maneira generalizada que todo mundo virtual seja fictício, imaginário, intangível, ou seja, sinônimo de irreal, na perspectiva de Lastowka e Hunter (2003). Para eles, alguns mundos virtuais são bem reais, por isso nem todas as coisas artificiais ou inventadas podem ser enquadradas inteiramente fora do âmbito da realidade. Os autores argumentam que se todas as coisas artificiais fossem reduzidas à noção de irrealidade, seria necessário banir a realidade de todo tipo de ato humano resultante da imaginação e da criação, o que abrangeria construções como edifícios, além de sistemas lingüísticos e leis.

Na leitura de Rüdiger (2007), o conceito de virtual que significa a dimensão potencial do mundo, conforme os antigos, passa a ser desenvolvido em termos tecnológicos na contemporaneidade, estando vinculado recentemente aos maquinismos que o engendram como contraponto, abstrato e mediado, à realidade imediata e concreta da vida cotidiana.

Por sua vez, Baudrillard (1991, p. 8) constata que a sociedade não consegue mais distinguir o real do imaginário, pois se vive em uma época de simulação total:

A simulação já não é a simulação de um território, de um referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real. O território já não precede o mapa, nem lhe sobrevive. É agora o mapa que precede o território – precessão dos simulacros – é ele que engendra o território cujos fragmentos apodrecem lentamente sobre a extensão do mapa. É o real, e não o mapa, cujos vestígios subsistem aqui e ali, nos desertos que já não são os do Império, mas o nosso. *O deserto do próprio real* (grifo do autor).

Para o autor, já não se trata do real, porque ele não está mais envolvido em nenhum imaginário. Agora se estaria diante de um hiper-real, que é mais real que o próprio real, um produto de síntese irradiando modelos combinatórios em um hiperespaço sem atmosfera. A partir dessa análise, se o mundo da vida corrente já é marcado por simulações, quando as atividades cotidianas fossem realizadas em um ambiente reconhecidamente como virtual,

poder-se-ia dizer que a sociedade alcançaria o ápice de um processo de simulação.

Em meio ao debate, torna-se capital a realização de estudos sobre o fenômeno da cibercultura que poderia ainda ser interpretado como um arranjo diferenciado de fundar religiosidade social impulsionado pelas tecnologias digitais comunicacionais. Por sua vez, o fato de recursos como *e-mail* e redes sociais *on-line* se destacarem como os mais utilizados comprova a hipótese de que muito mais do que um fenômeno técnico, o ciberespaço é um fenômeno social.

Quando ver o outro e ser visto, trocar mensagens, participar de fóruns de discussão, de redes sociais e de mundos virtuais como o Second Life³ representam possibilidades de encontrar o sentimento de re-ligação inerente a um tipo de formação societal de natureza pós-moderna, anunciado por Maffesoli (2004). Uma linha de raciocínio partilhada por Lemos (2002b, p. 149-150), ao defender que:

Com o ciberespaço, as pessoas podem formar coletivos mesmo vivendo em cidades e culturas bem diferentes. Criam-se assim territorialidades simbólicas. Neste sentido, as comunidades formadas a partir das redes telemáticas mostram como as novas tecnologias podem atuar não apenas como vetores de alienação e de desagregação, mas também como máquinas de comunhão, de compartilhamento de idéias e sentimentos, de formação comunitária.

O ciberespaço é o ambiente simbólico onde as agregações virtuais se estruturam e pode ser concebido enquanto um lugar de circulação de informação, um espaço de comunicação, ambiente virtual, que não existe em oposição ao real (LÉVY, 1996; WILBUR, 2000; LASTOWKA; HUNTER, 2003). Para Lemos (2002b), o ciberespaço pode ser tanto o lugar onde se está ao entrar em um ambiente simulado, de realidade virtual, como o conjunto de redes de computadores interligadas ou não em todo o planeta.

No contexto da virtualização do mundo, a socialidade nomeada por Maffesoli (1996) poderia adquirir visibilidade e se expandir, uma vez que o ciberespaço incita a manifestação de relações mediadas por computador e geradas por afinidades eletivas, promovendo uma reconfiguração na forma de contato. Dito de outra maneira, não estaria em jogo uma

³Página oficial disponível em: <<http://secondlife.com/>>. Acesso em: 7 out. 2007.

substituição ou o aniquilamento, por exemplo, de modelos tradicionais de se estabelecer o laço social, como o face a face, via telefone, carta etc. Até porque, conforme Lemos (2003), a relação face a face guarda similitudes com as relações *on-line*, como a própria pluralização de papéis que se desempenha na teatralização da vida cotidiana (MAFFESOLI, 1996).

No que se refere à forma sociocultural vigente no ciberespaço, Vaz (2004, p. 223) chama atenção ainda para um aspecto essencial: “A novidade do conceito contemporâneo de rede não se detém a estranha espacialidade e na tolerância à mudança; ela implica ainda uma nova relação entre o local e o global.” Trata-se da disseminação de características e particularidades culturais que invade a rede internet, de escala planetária e freqüentemente divulgada pelo apagamento de fronteiras, sendo concebida como a imagem mais ilustrativa de uma aldeia global anunciada por McLuhan (1972), quando a humanidade inteira se reuniria em uma só tribo mundial pela interdependência eletrônica.

2.1.2 O Local e o Global no Ciberespaço Reterritorializante

Uma reconfiguração das perspectivas local e global no que diz respeito ao nível cultural também é um traço marcante verificado na internet, que se popularizou pelo alcance mundial e pela inexistência de fronteiras. Algo que em parte é verdadeiro, uma vez que as informações circulam a uma velocidade inimaginável pelos quatro cantos do planeta via sistemas de redes computacionais.

O curioso é que esse mecanismo de comunicação digital permite tanto a divulgação de dados que podem ser de interesse geral, podendo atrair um número muito grande de pessoas, como permite a difusão de características bem específicas de uma cultura, por exemplo, de modo a despertar o interesse de um grupo determinado. No contexto sociocultural do ciberespaço, a formação de agregações que enfatizam o lugar de origem e a cultura de um povo é significativa, principalmente, com a possibilidade de participar de comunidades e de *sites* de relacionamentos sociais *on-line* como o orkut, que se transformou em uma mania nacional.

A rede social orkut, lançada em janeiro de 2004 pela empresa Google, tem como meta ajudar os membros a reencontrar amigos, conhecidos e a criar novas amizades, para

tanto oferece a oportunidade de fundar comunidades de interesse visando reunir as pessoas pela afinidade, que pode ser de esporte à religião. No entanto, entre os temas abordados, distingue-se um elevado número de grupos que fazem menção a lugares e a territórios localizados geograficamente. Como se todos quisessem demarcar o seu lugar de origem em uma rede social baseada no ciberespaço anunciado como globalizante, sem fronteira e visto como desterritorializante (LÉVY, 1996), que congrega pessoas do mundo inteiro.

Sobre as características acima associadas ao ciberespaço, dizer que se trata de um ambiente de alcance global e sem fronteiras não seria uma novidade, sendo assim, a problemática da desterritorialização é que carece de uma reflexão profunda para os fins desta pesquisa de tese.

Conforme Haesbaert (2004), a questão da desterritorialização, embora hoje intensificada, não é recente ou eminentemente pós-moderna, um assunto que começou a ser debatido parcialmente pelo sociólogo Durkheim (1995, p. 436):

[...] não queremos dizer que as circunscrições territoriais estão destinadas a desaparecer completamente, mas apenas que passarão para o segundo plano. As instituições antigas nunca desvanecem diante das novas instituições, a ponto de não mais deixarem vestígio de si mesmas. Elas persistem, não apenas por sobrevivência, mas porque persistem também algumas das necessidades a que correspondiam.

Ao analisar a obra de Durkheim (1995), Haesbaert (2004) comenta que mesmo que o papel das divisões territoriais se arrefeça, os traços de muitas dessas configurações vão continuar existindo, por isso o discurso da desterritorialização, inclusive quando ligado à rede ciberespacial, não se justificaria. Tal discurso, em uma visão extremada, negaria a própria existência do espaço. Algo que não ocorre, por exemplo, com a noção de não-lugar (AUGÉ, 1994), que em nenhum momento nega a existência de lugares, muito pelo contrário, ambas são necessárias e complementares na organização social em curso.

Retomando o ponto da desterritorialização, Haesbaert (2004) diz que apesar da sua associação automática à rede internet, isso não tem fundamento, é um mito, porque a estruturação de uma sociedade em rede não é, obrigatoriamente, sinônimo de

desterritorialização; pois, em geral, isso reflete em novas territorializações (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Nesse sentido, não seria apropriado falar da desterritorialização de modo isolado, já que ela nunca ocorre sozinha, carece de um tipo de processo compensatório, a chamada reterritorialização: “Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros?”, indagam Deleuze e Guattari (1995, p. 18), os responsáveis pela origem da palavra desterritorialização introduzida na obra **O Anti-Édipo**, publicada originalmente em 1972, e desdobrada em **Mil Platôs**, lançada em 1980, e **O que é a filosofia?**, datada de 1991.

Quanto à desterritorialização, portanto, os autores argumentam que esta não ocorre sem gerar uma nova reterritorialização, um movimento é intrínseco ao outro, mediante reelaborações de ordem simbólica, que se referem ao território em si e se estendem a diversificados campos. Dessa forma, poder-se-ia pensar o ciberespaço, antes de tudo, como promotor de movimentos de reterritorialização.

Haesbaert (2004, p. 279), baseando-se nas concepções de Deleuze e Guattari, afirma também que seria possível identificar um “território no movimento” ou “pelo movimento”, algo que poderia ser até mesmo a grande inovação da experiência vivida no espaço-temporal dito pós-moderno. Quando controlar o espaço indispensável à reprodução social não significaria somente controlar áreas e definir fronteiras, mas também viver em redes, onde as próprias identificações e referências espaço-simbólicas seriam feitas tanto no enraizamento e na sempre relativa estabilidade, quanto na própria mobilidade, pois uma parcela expressiva da humanidade identifica-se no e com o espaço em movimento: “Assim, *territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento.*” (HAESBAERT, 2004, p. 280, grifo do autor).

Vale lembrar que a construção de territórios através da mobilidade humana não é propriamente uma novidade, na verdade, é uma prática antiga iniciada com os povos nômades em seu desenho de uma espécie de “controle” ou de “experiência integrada” do espaço através das redes, isto é, estruturando um território-rede em termos mais tradicionais (HAESBAERT, 2004).

Se o território hoje, mais do que nunca, é também movimento, ritmo, fluxo, rede, é porque se está diante de um movimento dotado de significado, de expressividade, que não poderia ser descrito por meio de aspectos meramente funcionais. Em outras palavras, trata-se de um movimento que tem um significado determinado para quem o constrói e /ou para quem dele usufrui.

É importante frisar que os territórios não são unidades homogêneas. Para Haesbaert (2004), eles são compostos de diferentes elementos que proporcionam configurações específicas. Nesse contexto, na análise do ciberespaço e da internet seria indicado afastar a visão dicotômica entre territorialização e desterritorialização, isso quando não se associa unilateralmente a desterritorialização com as redes. Em todos esses casos, a desterritorialização carrega uma conotação negativa, como se a mobilidade fosse sempre um mal e o “enraizamento” ou a territorialização representasse o lado do bem.

O que é interessante assimilar, segundo o autor, além do fato de a desterritorialização estar indissociavelmente ligada à reterritorialização, aquilo que significa desterritorialização para uns pode ser reterritorialização para outros; e o que parece como desterritorialização em uma escala espacial pode estar surgindo como reterritorialização em outra. São fenômenos cujos significados se alternam conforme a situação.

Por sua vez, a estrutura do ambiente virtual organizada em torno de redes conectadas por nós que seriam espécies de ramificações acaba freqüentemente sendo associada à noção de rizoma de Deleuze e Guattari (1995, p. 15-16), sobretudo, no que se refere aos princípios de conexão e heterogeneidade: “[...] qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo.”; e ao de multiplicidade: “[...] é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo.”

Nesse caso, a multiplicidade é rizomática e não tem nem sujeito nem objeto, só tem determinações e grandezas, dimensões que não podem crescer sem que se mude de natureza: “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam o fora de todas as multiplicidades.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17).

Os autores elaboram o conceito de multiplicidade para além da oposição do Um e do Múltiplo, e dos dualismos da consciência e do inconsciente, da natureza e da história, do

corpo e da alma. Há uma interpretação do real que conjuga uma construção ontológica e uma leitura do mundo e da sociedade que surpreende com uma nova distribuição dos seres e das coisas: não admite unidade natural, uma vez que não se apóia em nenhuma necessidade e não visa a nenhum prazer; não reconhece a falta, uma vez que não se constitui em referência a uma unidade ausente (recusando, pois, a noção de desejo como falta); e não aceita nenhuma transcendência - seja na origem, como idéia ou modelo, no destino, como sentido historicamente desenvolvido.

Sobre o princípio de ruptura a-significante, Deleuze e Guattari (1995, p. 18) dizem que:

Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas [...] Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma.

São linhas que se remetem sucessivamente umas às outras, e por essa razão não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob o formato rudimentar do bom e do mau. É possível fazer uma ruptura ou traçar uma linha de fuga, porém, sempre se correrá o risco de reencontrar organizações que reestratificam o conjunto, formações que devolvem o poder a um significante ou atribuições que reconstituem um sujeito, quando acontece uma reterritorialização.

Para Haesbaert e Bruce (2002, p. 4), Deleuze e Guattari articulam toda uma linha de pensamento através do modelo do rizoma, uma proposta de construção do pensamento onde os conceitos não estão hierarquizados e não partem de um ponto de referência ou de um centro de poder para o qual os outros conceitos devem se remeter. "O rizoma funciona através de encontros e agenciamentos, de uma verdadeira cartografia das multiplicidades."

Ademais, Deleuze e Guattari (1995) ratificam que o rizoma faz o mapa, que é aberto, conectável em todas as suas dimensões, reversível, suscetível de receber modificações de modo constante. O mapa pode ainda ser rasgado e se adaptar a montagens de qualquer

natureza, além de poder ser preparado por um único indivíduo, um grupo ou por uma formação social. Entretanto, na compreensão dos autores, talvez a característica mais significativa do rizoma seja o fato de ter sempre uma infinidade de entradas.

Por esse viés, concebe-se o ciberespaço, mediante sua semelhança com a estrutura rizomática, como um ambiente capaz de promover uma série de reterritorializações, que não estaria limitada à problemática do território geográfico em si, estendendo-se a mecanismos de reterritorialização, resignificação e resimbolização de marcas culturais e identitárias. Parte-se de uma aproximação com o conceito de identidade nacional que, na definição de Anderson (1989), evoca um sentimento de pertença do povo à nação. Um termo que também vêm sofrendo variações desde a sua consolidação durante a modernidade, o que torna possível a sua manutenção e aplicação em situações novas como as trazidas com o nascimento de redes como a internet.

A constituição de uma série de grupos que realçam características culturais é de tamanha expressão no ciberespaço que essa temática começou a atrair a atenção, principalmente, de estudiosos das ciências humanas e sociais, de comunicólogos, sociólogos e antropólogos, tanto que estes últimos já inauguraram a denominada Antropologia do Ciberespaço, como será visto em detalhes no capítulo sobre metodologia.

Trata-se de um movimento interessante para se investigar a relação do local com o global e que pode ser examinado em diferentes instrumentos disponibilizados na rede, como os *sites* de relacionamentos sociais. O fenômeno de popularidade da rede *orkut* entre os brasileiros é um acontecimento exemplar, pois estes não se satisfazem em ocupar a posição de líderes absolutos em número de participantes, mas também fazem questão de criar comunidades nomeando-as com a palavra: brasileiro (a).

Assim, os grupos registrados a partir de uma identificação nominal ao Brasil ou ao brasileiro poderiam funcionar como algo mais que uma simples imitação do lugar ou do país enquanto território situado fisicamente ou até ultrapassar a noção de uma mera referência à identidade cultural. As comunidades poderiam se apropriar de um jeito completamente diferente desse não-lugar por meio da captura de marcas de identificação, códigos de uma brasilidade, quando o internauta desterritorializaria o país e/ou a identidade nacional para promover novos processos de reterritorializações no ambiente virtual.

No *orkut*, uma rede social que agrega pessoas de mais de 200 países, poder-se-ia perceber, então, um tipo de nacionalismo “gratuito”, no sentido de ser espontâneo, quando

ocorre uma exaltação da pátria, do idioma, como se houvesse uma necessidade de enfatizar as disparidades culturais, as particularidades, que mundialização nenhuma é capaz de traduzir, conforme García Canclini (2004). Embora o autor admita a existência de um procedimento de “equalização cultural” em escala global, que busca homogeneizar os distúrbios interculturais para que sejam reduzidos e assimilados, de outro lado, afirma que nenhuma cultura é totalmente traduzida em outra, porque sempre prevalece uma margem de resistência no campo cultural.

Em tempos de globalização tecnológica que interconecta quase todo o planeta e cria novas distinções, García Canclini (2004) defende a proposta de se compreender os diferentes, os desiguais e os desconectados levando em consideração a chamada interculturalidade: a interação que se intensifica entre culturas por relações de negociação, conflito e de ajuda recíproca, que são impulsionadas pelos intercâmbios tecnológicos e econômicos em andamento na sociedade.

A interculturalidade conquista espaço à medida que as transformações recentes enfraquecem as arquiteturas da multiculturalidade, concebida como uma forma de produção do social que supõe a aceitação do heterogêneo. Em outras palavras, passa-se de um mundo multicultural, marcado pela justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação, para outro intercultural globalizado. Por conseguinte, a rede social orkut poderia ser apreendida como uma rede intercultural globalizada, cujos participantes seriam vistos como os responsáveis pela organização e divulgação das interculturalidades e das diversidades culturais.

Poder-se-ia especular que o fenômeno de popularidade das redes sociais na internet, como o objeto empírico dessa tese, poderia ainda estar relacionado a uma perspectiva da superabundância espacial (AUGÉ, 1994), que constitui um substituto dos universos que a etnologia transformou tradicionalmente em seus. Quando entrariam em ação universos fictícios para agir como universos de reconhecimento.

Segundo Augé (1994), a superabundância espacial do presente se alastraria nas mudanças de escala, na multiplicação das referências energéticas e imaginárias, e nas espetaculares acelerações dos meios de transporte. Tudo isso, por sua vez, resultaria, concretamente, em alterações físicas como as concentrações urbanas, transferências de população e multiplicação dos chamados “não-lugares”, em oposição ao entendimento

sociológico de lugar e de toda uma tradição etnológica sobre o predomínio de uma cultura localizada no tempo e no espaço.

A potencialidade de alcance global da internet, desse modo, favoreceria a manifestação de anseios locais, específicos, marcando a diversidade cultural, a demarcação de localismos no panorama global do ciberespaço. Tratar-se-ia de mais um paradoxo da cibercultura que estaria arquitetada em uma condição pós-moderna do mundo da vida (LYOTARD, 1998) e que seguiria a tendência das relações entre o global e o local, o glocalismo (GARCÍA CANCLINI, 1999; CASTELLS, 1999), destacado no âmbito da sociedade global (IANNI, 1999, 2001).

Como mencionado antes, García Canclini (2004) apresenta a interculturalidade como a concepção básica para se compreender o processo cultural das sociedades contemporâneas. Todavia, é relevante dizer que tal proposição só se efetiva graças a uma redefinição do termo cultura, que desde o século XX deixou de ser concebido como o detentor de características fixas e estáveis. Ao contrário, a cultura se transforma, há processos de interculturalidade e interétnicos englobando as formulações sobre mundialização e globalização.

O autor chama atenção para a necessidade de se ter consciência de que existe aquele algo não traduzível, um traço essencialmente local e que apenas faz sentido inserido em determinado contexto. Mas quando esse componente cultural específico entra em contato ou em choque com outra cultura, ele é transformado e sofre uma descaracterização. Isto porque no ato da tradução alguma parcela se perde, inclusive, para poder se integrar a uma nova realidade e ser apropriada pelo outro.

Sendo assim, García Canclini (2004) revela que os mercados não globalizam totalmente a cultura, não existe uma cultura global, nem de língua inglesa ou o que se costuma chamar de americanização do mundo, justamente porque existe algo que é intransferível à língua inglesa e à cultura estadunidense. A subjetividade cultural é um traço inegociável e, por isso, dá suporte para os povos subalternos continuarem resistindo.

Já para Hannerz (1998, p. 251) existe atualmente uma cultura global, que está assinalada por um organismo de diversidade e não por uma repetição de uniformidade: "Não ocorre nenhuma homogeneização de sistemas de significados e de expressões, e nem parece provável que haverá esta homogeneização dentro em breve." No entendimento do autor, a denominada cultura mundial é elaborada através de um aumento cada vez mais

intenso de entrelaçamento de culturas locais diversificadas, bem como através do desenvolvimento de culturas sem um apoio visível em nenhum território particular.

Bauman (1999, p. 9) na obra intitulada **Globalização** admite que uma parte integrante dos processos de globalização é a progressiva segregação espacial, a progressiva separação e exclusão. Assim:

As tendências neo-tribais e fundamentalistas, que refletem e reformulam a experiência das pessoas na ponta receptora da globalização, são fruto tão legítimo da globalização quanto à 'hibridização' amplamente aclamada da alta cultura - alta cultura globalizada (BAUMAN, 1999, p. 9).

Apesar de na década de 1990 a globalização ser propalada relacionada a fatores econômicos e ao desenvolvimento e expansão das tecnologias em âmbito mundial, García Canclini (2005)⁴ ressalta que a globalização é um processo mais complexo e independente de raiz ideológica, portanto, não deve ser confundido com o neoliberalismo.

O fenômeno da globalização, de acordo com o autor, estende-se ao campo da cultura para promover uma interação entre culturas, além de desencadear processos de interdependência e de co-responsabilidade entre nações em decorrência do avanço tecnológico, com destaque para os satélites e a rede internet. Predomina hoje uma transnacionalização intercultural impulsionada por tecnologias comunicacionais e, embora permaneça alguma ligação com o território, cada vez mais há processos de interculturalidade, existe a justaposição de culturas que passam a coexistir.

Já Ianni (1999) alega que a desterritorialização manifesta-se tanto na esfera da economia como na da política e da cultura, uma vez que todos os níveis da vida social seriam alcançados pelo deslocamento ou dissolução de fronteiras, raízes, centros decisórios, pontos de referência:

Na era contemporânea, as realidades e os problemas nacionais mesclam-se com as realidades e os problemas mundiais. O contraponto singular,

⁴Informações referentes ao conteúdo do seminário "Interculturalidade e globalização" ministrado pelo professor Néstor García Canclini em novembro de 2005, na PUCRS, em Porto Alegre.

particular e universal desenvolve-se em outros movimentos, compreendendo outras mediações; ao mesmo tempo que recria os movimentos e as mediações constitutivos das formações nacionais (IANNI, 1999, p. 98).

Embora o autor não empregue expressões como territorialização e reterritorialização, acredita-se que através das dinâmicas de recriação de movimentos possam ocorrer adaptações que, em última instância, refletiriam em casos de reterritorialização. Em algumas situações, desterritorializar poderia significar a dissolução ou o deslocamento do espaço e do tempo, assim como das formas de sociabilidade e as culturas, o real e o imaginário, o que implicaria a perda de aspectos essenciais. No empenho de abstrair ou codificar, poder-se-ia ocasionar uma dissolução do real, um raciocínio que se aproxima do que García Canclini (2004) chama de algo não traduzível, aquele traço exclusivamente local que só tem sentido em certo contexto.

Ianni (1999) defende que simultaneamente à globalização no âmbito da economia globalizam-se perspectivas e dilemas sociais, políticos, econômicos e culturais, algo que tem vínculo direto com a progressiva subordinação do Estado-nação aos movimentos e às articulações do capital. Como o mundo encolhe, em decorrência da eficácia das telecomunicações e transportes, os grupos de uma nação passam a interagir e a consumir produtos de ordem material e simbólica de quase todas as partes do planeta; sendo os fios da teia global os computadores, as máquinas de reprodução de fax, os satélites, entre outros.

No panorama de um planeta conectado por sistemas de comunicação digital, configura-se ainda como tendência o fechamento em grupos que valorizam uma cultura específica, reforçando de modo exclusivo o laço entre semelhantes, um fenômeno designado por Alstytne e Brynjolfsson (1997) de ciberbalkanização. Na imaginação dos autores, as facilidades de manter contato através de tecnologias emergentes poderiam levar a uma fragmentação da sociedade em diversas associações de interesses particulares.

O enfoque recai no potencial de balkanização ou integração de interações a partir de preferências, inclusive, social, intelectual e filiações econômicas, análogas às regiões geográficas: "Assim como a separação no espaço físico, ou balkanização básica, pode dividir grupos geograficamente, concluímos que a separação no espaço virtual, ou

'ciberbalkanização' pode dividir os grupos de interesses especiais." (ALSTYNE; BRYNJOLFSSON, 1997, p. 4, tradução nossa)⁵.

Em certos casos, a fragmentação pode ser mais intensa no ciberespaço, pois a heterogeneidade local pode dar lugar a uma homogeneidade virtual com relação ao tema de interesse como ocorre em comunidades organizadas no ciberespaço, que se aglutinam ignorando os limites geográficos. Por outro lado, com o acesso personalizado aos canais de comunicação *on-line* os indivíduos podem concentrar a sua atenção em assuntos ligados à carreira, a atividades de lazer, fazer amizades com pessoas que tenham afinidades, podem ler notícias específicas, tudo de acordo com a sua preferência. É a este conjunto de processos que os autores nomeiam de balcanização ou integração de preferências.

Na era da conexão generalizada, o tempo reduz-se ao tempo real e o espaço transforma-se em não espaço ou não-lugar (AUGÉ, 1994), porém, a importância do espaço real e do tempo cronológico é continuamente renovada. Lemos (2003) indica que a própria cibercultura instaura um espaço de fluxos planetário de informações binárias que levam à problematização dos espaços de lugar nas cidades, que estaria atrelada a aspectos como a cibercidadania, a ciberdemocracia, a exclusão e a inclusão digital. Assim, o autor considera imprescindível repensar o uso das novas tecnologias no espaço urbano, pois o "tele" mata o "topos", mas traz, paradoxalmente, a necessidade de vivência em espaços concretos:

Se posso estudar a distância, visitar um museu ou mesmo uma cidade, o que o tempo real nos fornece (a possibilidade de ausência do espaço) será justamente o que nos faltará e, nesse sentido, buscaremos ainda mais o 'espaço-escola', o 'espaço-museu', o 'espaço-cidade' (LEMOS, 2003, p. 21).

Dessa maneira, poderiam ser constituídos tanto grupos comunitários de caráter tribal dentro de um único espaço urbano, com encontros presenciais, gerando um enraizamento de tais agregações eletrônicas em um espaço de lugar, definido sociologicamente, como grupos virtuais de interesses e de afinidades no não-lugar, aqui também representado pelo

⁵"Just as separation in physical space, or basic balkanization, can divide geographic groups, we find that separation in virtual space, or 'cyberbalkanization' can divide special interest groups." (ALSTYNE; BRYNJOLFSSON, 1997, p. 4).

ciberespaço. Sobre a relação entre cultura e território, Hannerz (1998) declara que as culturas como fenômenos coletivos estão por definição vinculadas a interações e a relações sociais, e apenas indiretamente e sem necessidade lógica estariam ligadas a áreas particulares fixadas em um espaço físico.

Conforme Lemos (2006), não há um padrão para o procedimento de elaboração de tribos, uma vez que elas não precisam se originar de um local situado geograficamente, e nem ser uma exclusividade da virtualização de encontros sociais, sobretudo, porque alguns grupos costumam promover reuniões presenciais. As tribos podem nascer virtualmente ou a partir de uma localização física, um país, uma cidade, um bairro, uma escola, um clube, e podem coexistir e se relacionar no ambiente virtual e fora dele. Além disso, todo espaço, independentemente da natureza, físico ou simbólico, pode se transformar em território no momento em que é apropriado por forças políticas, econômicas, culturais ou subjetivas.

Por conseguinte, na visão do autor, um fórum de discussão ou um *site* estruturado no ciberespaço, efetivamente desterritorializante, seria envolvido por um movimento de territorialização simbólica. Lemos (2006) também inspirado em Deleuze e Guattari (1995) argumenta que o uso de redes telemáticas, por meio de *blogs* ou de dispositivos móveis, como o telefone celular, levaria a processos de territorialização e desterritorialização que resultariam em uma nova reterritorialização.

Sobre estes fenômenos no que diz respeito especificamente ao campo cultural, García Canclini (1998) já havia assinalado que eles estariam intrinsecamente ligados, pois assim como ocorre a desterritorialização, a perda da relação natural da cultura com os territórios geográficos e sociais, igualmente, aconteceria a reterritorialização, quando se esboçariam certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas.

Para Ianni (1999, p. 94-95), a globalização tende a desenraizar as coisas, as pessoas e os pensamentos:

A despeito das marcas originais, da ilusão da origem, tudo tende a deslocar-se além das fronteiras, línguas nacionais, hinos, bandeiras, tradições, heróis, santos, monumentos, ruínas. Aos poucos predomina o espaço global em tempo principalmente presente.

Dessa maneira, desenvolver-se-ia um surpreendente processo de desterritorialização, uma característica fundamental de uma anunciada sociedade global em formação, segundo o autor. Quando se formam estruturas de poder econômico, político, social e cultural internacionais, mundiais ou globais descentradas, desprovidas de qualquer marca nítida de localização neste ou naquele lugar, região ou nação.

O ciberespaço, então, poderia ser palco de uma desterritorialização cultural, mas por ser indissociável da territorialização - à medida que são fenômenos relativos e presos uns aos outros, no fim sempre se obteria como resultado uma nova reterritorialização, como foi inicialmente articulado por Deleuze e Guattari (1995).

Logo, criar um território significaria manter o controle sobre todas as ações que se manifestariam no interior dessas fronteiras, e desterritorializar faria alusão à probabilidade de se movimentar nessas fronteiras, mediante a produção de linhas de fuga, uma oportunidade de re-significar o inscrito e o instituído: "Um *site* é sempre uma territorialização ou uma des-re-territorialização, lugar de controle que pode ser uma linha de fuga ao poder instituído, ou a reafirmação desse mesmo poder." (LEMOS, 2006, p. 8). A cibercultura não somente agiria para destruir hierarquias e fronteiras, ela ainda seria capaz de instituir outras a partir de um mecanismo complexo de des-territorializações.

É compreensível que o mundo social necessite de "territórios" para existir, que podem assumir o contorno de leis, instituições, arquiteturas, no entanto, Lemos (2006) fala que o vitalismo só poderia existir através de tensões desterritorializantes que impulsionariam e reestruturariam tais "territórios". Assim, a vida social seria caracterizada pela mobilidade e fluidez, e a própria dinâmica da sociedade se estabeleceria, fundamentalmente, por movimentos de fuga e não por uma essência imutável das coisas. Em síntese, os procedimentos e as dinâmicas des-re-territorializantes que marcam o social independente da base de ação receberiam destaque:

O ciberespaço é, ao mesmo tempo, lócus de territorializações (mapeamento, controle, máquinas de busca, agentes, vigilância) mas também de reterritorialização (*blogs, chats, P2P, tecnologias móveis*). Trata-se de afirmar a potência desterritorializante, mas também reterritorializante, das tecnologias da cibercultura (LEMOS, 2006, p. 15-16).

Na idéia do autor, o que estaria em jogo seria a produção de várias possibilidades de sentido, especialmente, para o espaço das cidades contemporâneas com a utilização das tecnologias móveis e do espaço eletrônico mundial, o ciberespaço. Como produto da relação entre as tecnologias e as cidades, Lemos (2004) realça o aparecimento das micronações virtuais na internet, que colocam novos desafios à questão da cidadania. As micronações virtuais são experiências que correspondem à criação de países imaginários ou à reconstrução de países desconstruídos por guerras ou anexados por outros, entre os quais o Tibet, o Paquistão, o Afeganistão, a Palestina e a ex-Yugoslávia.

Os países imaginários funcionam como metáfora para a existência de coletividades livres, ou seja, que podem escapar dos regimes impostos por seus países como uma forma utópica de pensar em novos mundos possíveis. Por sua vez, em micronações que representam países assolados por guerras ou anexados predomina uma conotação política mais forte e, enquanto instrumento político, elas almejam provocar impactos em âmbito internacional e dar guarida a povos sem terra, como refugiados políticos ou exilados de guerra.

O exemplo das micronações virtuais é uma prova da reconfiguração do espaço e do tempo propiciada pela velocidade de trocas e pela abolição de barreiras físicas na paisagem que emerge das redes computacionais de alcance mundial. O advento dessas micronações também reforça a noção de que na internet não se trabalha com uma lógica da substituição, ao contrário, a proposta é de que na cibercultura o fluxo e o lugar integrem-se, prevalecendo uma complementaridade (LEMOS, 2004).

Aliás, Augé (1994) explica que na realidade do mundo de hoje os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não-lugar não está ausente de qualquer lugar que seja assim como o retorno ao lugar é avaliado como uma ação comum entre os freqüentadores de não-lugares. De comunidades a micronações virtuais, todas as formas de socialidade poderiam conviver nos múltiplos espaços delineados na atualidade, uma vez que os territórios simbólicos do ciberespaço, os não-lugares, poderiam passar por processos de reterritorialização.

Torna-se importante registrar que a mediação que organiza o vínculo dos indivíduos com o seu círculo no espaço do não-lugar é atravessada por palavras e textos: "Sabemos, antes de mais nada, que existem palavras que fazem imagem, ou melhor, imagens [...]" (AUGÉ, 1994, p. 87). Algo que remete à perspectiva maffesoliana sobre a instituição do laço

social na pós-modernidade apoiada na comunicação visual, através de jogos de imagens e pela aparência, e viral, por contágio, a partir de uma concepção estética de formar socialidade: “Decididamente, a estética (*aisthesis*), o sentir comum, parece ser o melhor meio de denominar o ‘consenso’ que se elabora aos nossos olhos, o dos sentimentos partilhados ou sensações exacerbadas [...]” (MAFFESOLI, 1996, p. 13).

Segundo Augé (1994), o momento da superabundância espacial funcionaria como uma isca, porém, uma isca cujo manipulador seria difícil localizar porque ela representa para a maioria uma espécie de substituto dos universos que a etnologia transformou de modo tradicional em seus. Agora prevaleceriam universos que, fundamentalmente, atuariam como universos de reconhecimento, motivando a identificação dos refugiados do planeta, os quais costumam se encontrar em não-lugares:

Porque vivemos uma época, também sob esse aspecto, paradoxal: no próprio momento em que a unidade do espaço terrestre se torna pensável e em que se reforçam as grandes redes multirraciais, amplificam-se o clamor dos particularismos; daqueles que querem ficar sozinhos em casa ou daqueles que querem reencontrar uma pátria, como se o conservadorismo de uns e o messianismo dos outros estivessem condenados a falar a mesma linguagem – a da terra e das raízes (AUGÉ, 1994, p. 36-37).

Nesse panorama, os não-lugares seriam constantemente reterritorializados por distintos grupos que habitam o planeta tecido por infinitas malhas visíveis e invisíveis, consistentes e incoerentes, regionais e universais. Conforme Ianni (1999), tais malhas são sociais, econômicas, políticas e culturais, contudo, às vezes podem se tornar ecológicas, demográficas, étnicas, religiosas, lingüísticas.

A própria cultura costuma descobrir horizontes de universalização e, simultaneamente, permanece se recriando em suas singularidades, desta forma, o que anteriormente era concebido como local e nacional acaba adquirindo uma dimensão mundial. Caso semelhante ocorre com o antigo, que pode revelar-se novo, renovado, moderno e até contemporâneo.

É interessante destacar que a lógica de associação em redes de contato virtual, assim como o afeto que lhe serve de vetor, traz consigo um caráter basicamente relativista: “Cada

grupo é, para si mesmo, seu próprio absoluto. Esse é o relativismo afetivo que se traduz, especialmente, pela conformidade dos estilos de vida.” (MAFFESOLI, 1998b, p. 125). A cultura pós-moderna abriria caminho para a explosão de uma infinidade de estilos de vida, que se multiplicariam, encontrar-se-iam e seriam reelaborados a todo instante, aflorando um multiculturalismo que iria conviver ora de maneira conflituosa, ora harmoniosa.

Poder-se-ia dizer que a convivência e o diálogo entre os diversos estilos, ao se colocarem uns em frente aos outros, garantiriam o espetáculo de imagens sem fim no cenário contemporâneo, afinal: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” (DEBORD, 1997, p. 14). A reflexão sobre o espetáculo é necessária porque se refere à representação da sociedade, quando a imagem adquire um *status* de extrema significância para o indivíduo, uma vez que sua aparência define o modo pelo qual é visto pelos outros.

Para Maffesoli (2004, p. 20), a comunicação é o que faz *reliance* (religação), é cimento social, pois só se poderia existir e se compreender na e pela relação com o outro, assim, cada um estaria ligado ao outro pela mediação da comunicação. O autor sugere que na palavra comunicação existe a idéia de encontro, ou seja, o ato de vibrar junto com outros em torno de alguma coisa serviria para encarnar o retorno de uma velha idéia que é o imaginário.

Mas alguém poderia questionar qual a importância disso? A resposta é simples, porém, substancial: “É imaginando que o homem evolui.” (LEGROS et al., 2007, p. 111). Imaginação é dinamismo organizador, no sentido em que admite a existência de uma relação estreita entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas enquanto componentes indissociáveis (DURAND, 1997). O imaginário, portanto, não é uma forma social escondida, inconsciente, que vive sob as fibras do tecido social. Ele não é a sombra da realidade, uma sociedade subterrânea que cruzará os esgotos da vida cotidiana, o imaginário, no fundo, estrutura o próprio entendimento humano (LEGROS et al., 2007).

Cada ajuntamento social parece pretender delimitar seu lugar, ser conhecido como diferente pelos outros, como uma tendência que adquiriria visibilidade e importância quanto mais a sociedade se encaminha para a era do globalismo em escala mundial (IANNI, 2001). Trata-se de uma atitude que reflete o caráter complexo, antagônico e contraditório do modo de viver em curso, avaliado por Morin e Kern (1995) como um movimento de resgate dos

valores da chamada Terra-Pátria e, por Maffesoli (1997) como o retorno ao modelo tribal de agregação social. Abordagens voltadas para a valorização da vida como ela é, que têm como única preocupação viver o presente intensamente, na ausência de uma expectativa de um futuro redentor.

No anonimato do não-lugar também se experimentaria solitariamente a comunhão dos destinos humanos (AUGÉ, 1994). Neste cenário, o não-lugar serviria de abrigo para o vitalismo dos particularismos e singularidades dos variados grupos, ocupando um lugar restrito em um mundo prometido à individualidade solitária, à passagem, ao efêmero, sendo que a individualidade solitária não parece ser dominante, uma vez que todos, de uma maneira ou de outra, estariam integrados a uma ou a diversas tribos (MAFFESOLI, 1998b).

Ainda é interessante citar que o lugar e o não-lugar agem como polaridades fugidias, isto é, o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente, como palimpsestos em que se reinscreve o jogo embaralhado da identidade e da relação. Além disso, o não-lugar pode atuar com a mesma força potencial de um lugar, aquele definido como identitário, relacional e histórico e concebido sociologicamente, por meio de mecanismos de reterritorialização, como dito anteriormente.

Deste ponto de vista, o não-lugar reterritorializado no espaço simbólico de um *site*, *blog* ou *chat* poderia funcionar como um lugar de encontro, aproximando pessoas em torno de características que as identifiquem à nação, à pátria, à cidade, ao bairro. Uma possibilidade que se amplia e se dissemina a cada dia em escala mundial, nacional, regional e local, percorrendo todos os lugares e não-lugares transitados pelas pessoas (*personas*), que exercem uma variedade de papéis na teatralização cotidiana.

Inserido na superabundância de imagens processada na sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), o passageiro dos não-lugares viveria a experiência simultânea do presente perpétuo e do encontro de si (AUGÉ, 1994) motivado pela lógica da identificação e por uma socialidade eletiva fundada na concepção estética, no imaginário, a partir da comunicação, o cimento social e a cola do mundo pós-moderno (MAFFESOLI, 1996, 1998b, 2004).

No segundo capítulo, discute-se a formação de laços sociais no ambiente virtual, especialmente, a constituição das ditas comunidades, inspiradas nas definições de sociólogos clássicos, e por fim, aborda-se a noção do neotribalismo de Michel Maffesoli como uma possibilidade de estabelecer socialidade no ciberespaço.

2.2 LAÇOS SOCIAIS NO CIBERESPAÇO

Nesta parte, trata-se da constituição de laços sociais no ciberespaço, especialmente a formação das chamadas de comunidades *on-line* ou virtuais, que seriam guiadas pela aceção sociológica de comunidades tradicionais. Por fim, discute-se a organização em torno do neotribalismo que caracterizaria o modo de se relacionar na contemporaneidade segundo processos de identificação subjetiva.

2.2.1 Origens do Conceito de Comunidade

A habilidade para se comunicar e se relacionar nos formatos todos-todos, um-todos e um-um⁶ por meio do ambiente virtual é uma novidade da paisagem cultural do século XX. Apesar de ser algo relativamente recente, já se discute que partes das suposições inicialmente levantadas a respeito da negociação e constituição de relacionamentos sociais no ciberespaço não parecem ser as mais indicadas para se aplicar no terreno da cibercultura, como o isolamento do indivíduo e a redução de encontros presenciais ou face a face.

A Comunicação Mediada por Computador (CMC), por meio de trilhas eletrônicas que cimentam rotas onde antes se era incapaz de fazer, parece nos conectar mais que nos atomizar, colocando-nos no controle de um tipo de veículo e não nos deslocando do resto do mundo (JONES, 1998, p. 3, tradução nossa)⁷.

Além disso, a interação humana no ambiente virtual se processa de maneira dialética, ela se transforma com frequência e pode englobar variados tipos de comportamentos. São atitudes cujas motivações podem partir de um nível mais individualizado como na adesão a redes de relacionamento em busca de amizade, romance,

⁶A possibilidade de se comunicar nestes três formatos é um dos traços marcantes da comunicação mediada por redes de computadores, distinguindo-se dos meios de comunicação tradicionais – imprensa, rádio e televisão, no qual um único emissor se dirige a um vasto público.

⁷"*Computer-mediated communication (CMC), it seems, will do by way of electronic pathways what cement roads were unable to do, namely, connect us rather than atomize us, put us at the controls of a 'vehicle' and yet not detach us from the rest of the world.*" (JONES, 1998, p. 3).

parceria profissional, interesse ilícito, até uma participação de caráter público, mediante o engajamento em uma ação política ou a favor de uma causa social.

Neste cenário, manifestam-se diversas formas de ajuntamento social no ciberespaço, entre as quais se destacam as agregações denominadas genericamente de comunidades virtuais. Uma terminologia que está fundamentada no conceito de comunidade empregado nas civilizações ocidentais e abordado por autores clássicos da sociologia, tornando-se necessário recuperá-lo para se compreender a sua reutilização na cibercultura contemporânea.

Tönnies (1947) publicou pela primeira vez em 1887 a obra **Gemeinschaft und Gesellschaft**, fazendo a distinção entre dois tipos de agrupamentos sociais: o termo *Gemeinschaft* recebe a tradução de comunidade e se refere às relações concebidas como vida real e orgânica, aos grupos baseados nos laços de família, na vizinhança, que são acompanhados de sentimentos como de unidade e harmonia. Sua formação está associada a uma unidade perfeita da vontade humana considerada em estado primitivo ou natural (*Wesenwille*), quando os nexos sociais são intensos, têm valor intrínseco e não dependem de nenhum propósito externo a eles para existirem.

Já *Gesellschaft* significa sociedade e faz alusão à formação ideal e mecânica, a agrupamentos constituídos em torno de metas e objetivos. As relações sociais se integram e a ação social é guiada pelo aspecto racional, trata-se de uma questão instrumental influenciada por fatores externos. Segundo o autor, a comunidade, que precede a sociedade, começa a dar sinais de enfraquecimento com a urbanização, a organização dos sistemas políticos, a emergência da classe média e com a expansão do sistema econômico capitalista.

As comunidades podem ser exemplificadas pela família ou a vizinhança em uma sociedade pré-moderna, na qual o grupo é visto como uma entidade natural. Assim, torna-se relevante enfatizar que a comunidade de sangue ou de parentesco vista como unidade essencial desenvolve-se e especializa-se em uma comunidade de lugar, imediatamente expressa na convivência local. Comunidade é a vida em comum durável e autêntica, portanto, toda vivência firmada em ações de reciprocidade, de auxílio mútuo, de estilo íntimo, interior e exclusivo, deve ser apreendida como vida em comunidade.

Enquanto que viver em sociedade denota apenas a idéia de ter uma vida em comum passageira e aparente. Sociedade é o público, o mundo, ela engloba um círculo de homens convivendo pacificamente, tal como na comunidade; porém, a diferença é que estes não

estão basicamente unidos, mas essencialmente separados, apesar de todas as uniões. É a descrição da chamada sociedade civil, concebida a partir do agrupamento de múltiplos indivíduos, cujas vontades e esferas formam numerosas uniões, mas permanecem independentes entre si e sem imiscuir-se mutuamente em seu interior. O grupo é percebido como entidade artificial.

Gradualmente a industrialização, o urbanismo, a racionalidade e o interesse calculado de ordem pessoal e político iriam deslocar os laços familiares, religiosos e de amizade, assim como o poder social passaria a se concentrar nas mãos de empresários e industriais. Contudo, Tönnies (1947) admite que na vida em sociedade encontram-se características de ambos os tipos - comunidade e sociedade - e nega que, empiricamente, possa existir uma sociedade com particularidades exclusivas de um ou de outro agrupamento.

Na concepção de Tönnies (1947), as noções de lugar e de comunidade são trabalhadas de modo articulado, tanto que ele costuma usar a expressão comunidade de lugar, sendo que as mudanças sociais vividas desde o século XIX refletiriam na transformação de valores compartilhados coletivamente por meio de experiências. As comunidades tornaram-se aos poucos mais urbanas, ocorrendo em paralelo uma fragmentação da cultura oral, de valores como a moral tradicional e os laços familiares.

Georg Simmel é outro autor alemão que colabora com o debate ao propor uma distinção entre grupos sociais de acordo com a quantidade de membros, percorrendo escalas que variam da aldeia, da comunidade até alcançar o nível de sociedade, sendo todas consideradas de um ponto de vista relacional. O autor identifica as diversas nuances de dominação e subordinação de uma em relação à outra, assim como as que ocorrem no interior de cada uma delas. Nesse sentido, destaca-se uma das suas principais contribuições: a inclusão da noção de conflito como uma das mais vívidas formas de interações, a qual não pode ser exercida por um único indivíduo. Ele argumenta:

Assim como o universo precisa se "amor e ódio", isto é, de forças de atração e de forças de repulsão, para que tenha uma forma qualquer, assim também a sociedade, para alcançar uma determinada configuração, precisa de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis. Mas essas

discordâncias não são absolutamente meras deficiências sociológicas ou exemplos negativos (MORAES, 1983, p. 124).

As sociedades definidas como verdadeiras não são vistas como resultantes apenas das forças sociais positivas, ao contrário, ambas as categorias de interação – positivas e negativas – são necessárias e benéficas para a interação, marcando a interdependência das ações sociais. Os grupos se distinguiriam em seu caráter sociológico conforme a extensão e o tipo de competição que admitem, isto é, há uma relação entre a estrutura de cada grupo social e a medida de hostilidade que é permitida entre os membros.

Por este viés, mesmo em grupos pequenos de caráter comunitário, baseados em uma solidariedade estreita e ingênua das condições sociais primitivas e detentores de um sentimento de comunhão, predomina um número ilimitado de relações vitais entre seus membros. Nesse caso, haveria uma determinada quantidade de discordância interna e de controvérsia externa que estaria organicamente vinculada aos próprios elementos que, em última instância, seriam os responsáveis pela manutenção do grupo.

Ainda sobre a questão do conflito, o autor afirma que o desaparecimento de energias de repulsão não iria resultar sempre em uma vida social mais rica e plena. Ao contrário, estar-se-ia diante de um fenômeno tão diferente e irrealizável como se um grupo fosse privado das forças de cooperação, afeição, ajuda mútua e convergência de interesses. Sem a presença de competição e de oposição entre os indivíduos não se poderia imaginar como a vida urbana moderna estaria estruturada, à medida que coloca cada pessoa em contato com diversas outras todos os dias. Segundo Simmel, toda a organização interna da interação urbana se funda em uma hierarquia bem complexa que envolve simpatias, indiferenças e aversões, do encontro mais efêmero ao mais demorado.

No seu entendimento, a sociedade se constituiria graças a teias de relações criadas por meio de processos de interação mantidos entre vários indivíduos:

Esta ação recíproca se produz sempre por determinados instintos (*Trieben*) ou para determinados fins. Instintos eróticos, religiosos ou simplesmente sociais; fins de defesa ou de ataque, de jogo ou de ganho, de ajuda ou de instrução, estes e infinitos outros fazem com que o homem se encontre num estado de convivência com outros homens, com ações a favor deles,

em conjunto com eles, contra eles, em correlação de circunstâncias com eles. Numa palavra, que exerça sobre eles e por sua vez as receba deles. Essas interações significam que os indivíduos, nos quais se encontram aqueles instintos e fins, foram por eles levados a unir-se, convertendo-se em uma unidade, numa sociedade'. Pois unidade em sentido empírico nada mais é do que interação de elementos (MORAES, 1983, p. 59-60).

No trabalho de Simmel, há uma valorização do indivíduo desde que esteja em interação com o outro, isto é, mediante a promoção de trocas recíprocas colocadas em ação por sujeitos que estariam se relacionando constantemente. Neste sentido, as interações são concebidas como modalidades de convivência estabelecidas entre os indivíduos, sendo que a ação recíproca entre eles estaria organizada de acordo com a imagem que cada indivíduo forma do outro.

O autor adota o conceito de interação como sinônimo de unidade entre os indivíduos, uma vez que a existência da sociedade depende dessa união que varia quanto ao tempo de duração do contato, podendo ser permanente ou passageiro e efêmero. Em geral, a forma empírica da unidade é conhecida por sociedade, já na concepção simmeliana (MORAES, 1983, p. 60) é nomeada de sociação:

A sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem sob o conceito geral da interação. A sociação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses. E é na base desses interesses - tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados casualmente ou induzidos teleologicamente - que os indivíduos constituem tais unidades.

Simmel defende a tese de que o homem é produto da sociedade, ou seja, seu modo de agir está diretamente relacionado ao seu lugar de origem, ao seu ambiente e à sua própria interação com os outros indivíduos. O homem é formado de acordo com o seu meio e com as possibilidades, inclusive, as técnicas, disponíveis. Somente assim a sociedade é possível.

Em decorrência da preocupação do autor com as formas básicas que o processo de interação social assume, sua sociologia passou a receber o adjetivo formal. Ao analisar a obra simmeliana, Cohn (1979) lembra que apesar de ser possível identificar algumas afinidades entre os conceitos forma e sistema; é importante frisar que para Simmel, a sociedade não é um todo estático, sistemático ou coerente, ela está sempre em formação, em um processo sucessivo de fazer-se e refazer-se (MORAES, 1983).

Na obra póstuma de Weber (1969) **Economia e Sociedade** lançada originalmente em 1922, o autor menciona o tipo ideal de comunidades afetivas ou emocionais, cuja orientação da ação social baseia-se em um sentido de solidariedade, compreendida enquanto resultado de ligações emocionais ou tradicionais entre os participantes.

A comunidade origina-se de um processo de integração consolidado no sentimento de pertencimento a um determinado grupo que é experimentado pelos membros, cuja motivação apóia-se sobre toda sorte de fundamentos: afetivos, emotivos ou tradicionais. Um tipo de formação social que é convenientemente ilustrado pela relação familiar, podendo ser representado por uma irmandade espiritual, uma relação erótica, uma relação de lealdade pessoal ou uma herança nacional.

Por outro lado, ele define sociedade como uma relação social em que a atitude em uma ação social inspira-se na compensação de interesses por motivos racionais (de fins ou de valores) ou em uma união de interesses com igual motivação. Weber (1969) declara que a maioria das relações sociais participa, simultaneamente, de uma comunidade e de uma sociedade.

“Toda relação social que vai além da busca de fins comuns imediatamente atingíveis envolve um grau relativo de permanência entre as mesmas pessoas e tais relações não podem ser limitadas a atividades de uma natureza puramente técnica.” (WEBER, 2002, p. 78). De modo semelhante, toda relação social, inclusive aquela estritamente originada na obtenção racional de algum fim, pode dar lugar a valores afetivos que transcendam o simples fim almejado. Isto implica dizer que o significado subjetivo de uma relação social pode ser alterado.

A relação social tanto em comunidade quanto em sociedade pode ser aberta ou fechada, dependendo da tradição, de atitudes afetivas, de condicionamentos racionais atrelados a valores ou fins. Restrições dentro do grupo podem assumir diversos feitios, seja no contato entre os membros ou em suas relações recíprocas. A forma de admissão ou de

exclusão dos indivíduos também pode variar, uma vez que alguns requisitos específicos podem ser propostos para manter ou não um membro no grupo (WEBER, 2002).

Vale esclarecer que o sentido de uma relação social pode ser marcado pelo consentimento mútuo, no instante em que os participantes fazem promessas referentes à sua conduta futura. Um comprometimento que pode ser de caráter transitório ou apresentar graus variáveis de permanência. Todavia, as comunidades emocionais, em geral, constituem reagrupamentos que estão além dos enrijecimentos institucionais e se distinguem pelo aspecto efêmero da relação, pela composição cambiante, inscrição local, ausência de uma organização e pela estrutura cotidiana.

Nem toda participação comum sugere necessariamente a formação de uma comunidade, explica o autor. A comunidade só existe propriamente quando um sentimento de pertencimento leva à orientação mútua de sua ação reciprocamente referida, e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo. A situação de "solidariedade" existe tipicamente nas comunidades familiares e de vida reguladas pela tradição, tipo casa e clã (WEBER, 1969, p. 38).

Outro nome clássico de referência sobre o tema é o de Durkheim (1995), que apresenta duas formas de solidariedade social: a solidariedade mecânica, típica das sociedades pré-capitalistas (comunidades); e a solidariedade orgânica, atributo das sociedades capitalistas. Na solidariedade mecânica, o indivíduo liga-se à sociedade sem intermediários, ele se identifica por meio da família, da religião, dos costumes e tradições. Uma sociedade cuja coesão resulta exclusivamente de semelhanças, é algo natural, pois os indivíduos reconhecem e compartilham os mesmos valores, sentimentos, objetos sagrados, pertencem a uma coletividade, predominando um conjunto mais ou menos organizado de crenças e sentimentos comuns a todos.

Conforme o autor, a solidariedade orgânica é efeito da divisão do trabalho em sociedades mais desenvolvidas. Uma característica que gera um tipo de solidariedade fundado na complementação de partes diversificadas e não mais na semelhança entre os componentes, que estava em vigor na solidariedade mecânica.

Mediante o encontro de interesses complementares cria-se um laço social novo, outro tipo de solidariedade com moral própria, dando origem a uma organização social que tem como princípio a diversidade de papéis sociais. A solidariedade orgânica implica em uma maior autonomia, com uma consciência individual mais livre, quando se busca a companhia

daqueles que pensam e sentem como nós: “É por isso que procuramos nos nossos amigos as qualidades que nos faltam, porque unindo-nos a eles participamos de algum modo na sua natureza e sentimo-nos então menos incompletos.” (DURKHEIM, 1995, p. 70-71).

Com a divisão do trabalho social, os indivíduos tornam-se interdependentes e garantem a união social a partir de ações complementares, e o equilíbrio é mantido graças à especialização das tarefas. É interessante notar que os indivíduos se aproximam não pela existência de semelhanças, mas pelo fato de serem diferentes, logo, necessários, como os órgãos de um ser vivo.

Nas sociedades dominadas pela solidariedade mecânica, a consciência coletiva - um conjunto de crenças e de sentimentos comuns entre os membros de uma mesma sociedade, formando um sistema determinado com vida própria - abrange a maior parcela de membros. Já nas sociedades dominadas pela solidariedade orgânica, há uma redução desta consciência coletiva porque os indivíduos são reconhecidamente diferentes, neste caso, prevalece uma interpretação individual dos imperativos sociais (DURKHEIM, 1995, 2001).

Nas abordagens até então apresentadas, é trabalhado um ponto de vista dualista entre comunidade e sociedade, ressaltando, normalmente, uma perspectiva um tanto utópica e nostálgica do modo de vida comunitário. Entretanto, outra definição de comunidade é dada por Anderson (1989), que na obra dedicada à questão nacional formula um conceito de nação como uma comunidade política imaginada.

Ele argumenta que toda comunidade é imaginada, isto é, ganha vida e contorno graças à força do pensamento de seus membros; pois mesmo que todas as pessoas jamais se conheçam ou nem sequer ouçam falar uma das outras, na mente de cada um permanece viva a imagem de sua comunhão: “De fato, todas as comunidades maiores do que as primitivas aldeias de contato face a face (e, talvez, até mesmos estas) são imaginadas. As comunidades não devem ser distinguidas por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas.” (ANDERSON, 1989, p. 15).

Em outras palavras, uma comunidade apenas existe porque seus integrantes a determinam como tal e lhe conferem um sentido que, por sua vez, representa a marca de diferenciação das demais. O motor que impulsiona a formação de uma comunidade está no imaginário e na memória coletiva, quando as pessoas se aproximariam por intermédio do compartilhamento de crenças em mitos, em constituições, bandeiras e diversos símbolos nacionais no caso de Estados-nação.

O resgate conceitual da palavra comunidade fornece subsídios para se entender o mecanismo de formação das nomeadas comunidades virtuais na cibercultura contemporânea. Outra concepção que apresenta diversas versões, em grande parte derivadas da linha sociológica clássica, como a proposta pelos autores Wellman, Boase e Chen (2002). Para eles, embora a internet venha sendo amplamente utilizada desde o início dos anos 1990, o debate sobre o seu impacto na comunidade seria a continuidade de uma preocupação originada durante a Revolução Industrial: o impacto do desenvolvimento tecnológico na vida em comunidade.

Isto porque nas sociedades ocidentais o termo comunidade, tradicionalmente, esteve ancorado no local, na interação com a família e com a vizinhança, além de se referir, em geral, a pessoas social e cognitivamente envolvidas pela noção de homogeneidade que acolhe o grupo. Com a Revolução Industrial, houve uma transformação da sensibilidade espaço-temporal relacionada a avanços nos sistemas de transporte e de comunicação, sendo operada em conjunto a uma escala ampla de mudanças sociais.

Assim, com o advento do capitalismo, da burocratização, industrialização e da urbanização, foi alterada a natureza da comunidade até então estruturada na interação porta a porta da aldeia para a formação de comunidades dispersas espacialmente em redes sociais de comunidade. De acordo com Wellman e Leighton (1979), na prática muitos laços comunitários já não tinham origem local mesmo antes do aparecimento da rede mundial de computadores.

Dessa forma, Wellman, Boase e Chen (2002) preferem analisar a comunidade como uma rede social, que poderia ser localmente limitada conforme o modelo tradicional ou de extensão global como acontece em algumas comunidades baseadas no ciberespaço. Quando a internet configura-se como um meio de comunicação e de socialização eficiente, passando a desempenhar uma função no cotidiano das pessoas que se comunicam umas com as outras tanto *on-line* quanto *off-line*.

Neste contexto, a comunidade é definida como redes de laços interpessoais que provêm sociabilidade, apoio emocional, informação, sentimento de pertencimento e de identidade social. Esta rede compreendida como comunidade não apenas faria sentido nos tempos modernos, mas contribuiria para se entender o papel da internet no cenário atual.

Contudo, Wellman (2004) admite que a forma de apropriação e de incorporação da internet tem um diferencial, à medida que se mescla continuamente a padrões regulares da

vida social, além de fomentar uma transformação essencial na índole da comunidade, consistindo agora em redes sociais estruturadas via CMC. Antes de 1990, telefones, carros, aviões e malhas de trânsito conectavam lugares, porém, agora as próprias pessoas estão conectadas. Em outras palavras, a internet, aliada a outras tecnologias de comunicação, tem ajudado as pessoas a personalizarem suas próprias comunidades.

Fora o debate acirrado para chegar a um acordo sobre o conceito mais adequado para se definir uma comunidade virtual, há pesquisadores que eliminam categoricamente qualquer probabilidade de tais grupos existirem de maneira concreta, entre os quais se destaca Rüdiger (2002, p. 123), ao argumentar que:

Pretender que as comunicações online formam uma comunidade se seus participantes se imaginam como tal coisa, é tentar nos fazer aceitar que, somente porque o dizem ou crêem, certas pessoas são capazes de conversar com os mortos e possuem poderes sobrenaturais. As comunidades virtuais não merecem ser chamadas como tais do ponto de vista crítico, pois carecem dos elementos que idealmente surgiram nas épocas caracterizadas por relações sociais mais orgânicas e tradicionais.

Tentar redefinir teoricamente uma comunidade dita virtual sob a perspectiva de uma coletividade também não parece uma boa solução, à medida que o seu caráter formalmente livre, democrático e igualitário torna-se cada vez mais inseparável de uma dinâmica dispersiva, superficial e massificada. Na leitura do autor, interação não significa solidariedade, porque ser solidário implica em muito mais do que manter um contato momentâneo e individualista, que é permitido pelas novas tecnologias de comunicação. Neste sentido, ninguém passaria a integrar uma comunidade merecedora do título por simplesmente ter se subscrito em uma lista de discussão ou se cadastrar em um servidor de acesso à internet.

Provavelmente se a idéia é partir do conceito de comunidade cunhado originalmente pelos fundadores da teoria social clássica a expressão usual de comunidade virtual não teria o menor sentido, pois não se trata de uma mera transposição do termo, uma vez que são formações sociais instauradas sob realidades culturais, econômicas, históricas e políticas incomparáveis. Por outro lado, independente do nome que esse tipo de ajuntamento social

pode vir a receber, não se pode menosprezar a força da carga de imaginário que dá vida aos relacionamentos mantidos via ciberespaço.

Aliás, levando em conta a proposição de comunidade imaginada de Anderson (1989), todas as comunidades se formariam pela crença em uma noção de pertencimento a um grupo que se reuniria por conviver em uma determinada área territorial, isto é, mesmo que a comunidade esteja relacionada a um lugar, físico ou simbólico, sua motivação seria sempre de ordem imaginal.

2.2.2 Formulações sobre Comunidade Virtual

Em termos gerais, a comunidade virtual ou *on-line* diz respeito a um grupo de pessoas que se comunica ou interage inicialmente a partir do suporte da internet. Trata-se de uma comunidade estabelecida eletronicamente, cujos membros podem optar mais tarde pela realização de encontros presenciais ou face a face. A comunidade mediada por computador utiliza-se de programas destinados a motivar a interação humana e a regular as atividades dos participantes, conhecidos pela designação inglesa de *social software*, que será detalhado em capítulo posterior.

No entanto, é importante mencionar que tais programas têm colaborado para o desenvolvimento de agregações sociais no ciberespaço, entre as quais se destacam as chamadas comunidades virtuais. Pode-se dizer que o debate em torno da idéia de uma comunidade instaurada com o apoio de redes de computadores iniciou-se ainda em 1968, com Licklider e Taylor (1990), que nessa época já esboçavam algumas idéias de como seriam essas comunidades de interação *on-line* ou constituídas via comunicação mediada por computador:

Na maioria dos campos, elas serão compostas por membros geograficamente separados, que, às vezes, estarão reunidos em pequenos agrupamentos, enquanto outras estarão trabalhando individualmente. Serão comunidades não de localização comum, mas de *interesse comum*. Em cada campo, a comunidade global de interesse será grande o suficiente

para apoiar um sistema global de informações e programas orientados para o campo (LICKLIDER; TAYLOR, 1990, p. 37-38, tradução nossa)⁸.

Os autores visivelmente entusiasmados com a possibilidade de se comunicar *on-line* chegaram a indicar algumas vantagens que poderiam ser introduzidas com a adoção desse mecanismo. Por exemplo, afirmavam que um indivíduo conectado seria mais feliz porque as pessoas com as quais iria interagir de modo mais intenso seriam selecionadas mais pelo compartilhamento de interesses e metas comuns do que por uma questão de proximidade accidental. Eles também imaginavam que a comunicação se tornaria mais eficaz e produtiva, portanto, mais agradável. Assim como haveria abundância de oportunidades para todos que pudessem ter acesso ao sistema, pois existiriam programas prontos para guiá-los ou ajudá-los a explorar informações sobre diversos domínios e disciplinas.

Apesar de Licklider e de Taylor (1990) deixarem evidente um excesso de positividade ao abordarem o estado emocional de felicidade que tomaria o indivíduo pelo fato de poder se relacionar a partir da comunicação mediada por computador e em função de gostos pessoais, a proposição elaborada por eles sobre como seria uma comunidade *on-line* adquire relevância pela iniciativa pioneira.

As chamadas comunidades virtuais foram criadas originalmente via sistemas de redes de computadores nos Estados Unidos antes mesmo da consolidação da internet, na década de 70. É o caso do *Bulletin Board System* (BBS), redes de computadores comunitárias e independentes de uma grande rede telemática: "Em 1972, a revista radical *People Computer Company* (PCC), do subúrbio industrial de São Francisco, cria um banco de dados eletrônico urbano acessível e útil à comunidade. Surgem os primeiros BBSs (*Buletin Board Systems*)."
(LEMOS, 2002b, p. 115).

No ano seguinte, em 1973, aparece outra proposta nomeada *Community Memory*, que utilizava uma rede de terminais dispersa também na região da baía de São Francisco, visando estabelecer um modo de democracia direta, sem controle central e onde cada participante poderia ler e introduzir mensagens. Nessa época, vários grupos passaram a se

⁸"*In most fields they will consist of geographically separated members, sometimes grouped in small clusters and sometimes working individually. They will be communities not of common location, but of common interest. In each field, the overall community of interest will be large enough to support a comprehensive system of field-oriented programs and data.*" (LICKLIDER; TAYLOR, 1990, p. 37-38).

mobilizar com o objetivo de criar uma tecnologia alternativa, democrática, interativa e fácil de usar, quando o projeto de comunidades virtuais começava a dar os primeiros passos a caminho da concretização.

Há quem considere a rede Usenet, sigla da expressão em inglês Unix User Network, fundada em 1979, como um modelo preliminar de comunidade virtual ao permitir a reunião de pessoas para discutir temas de interesse. Trata-se de um sistema de comunicação onde os usuários postam mensagens de texto, também chamados de artigos, em fóruns que são agrupados por assunto, os *newsgroups* ou grupos de notícias.

Assim, a Usenet promovia o contato e a participação em grupos organizados por tópicos específicos, sendo que os artigos postados nos *newsgroups* eram retransmitidos por meio de uma extensa rede de servidores interligados, que contou com a contribuição de moderadores voluntários para fortalecer a rede.

Conforme Giese (1996), os *newsgroups* da Usenet surgiram em paralelo à busca de soluções para os problemas técnicos da ARPAnet, mediante um esforço colaborativo entre pesquisadores que atuavam em pontos separados com o objetivo de garantir o sucesso do projeto. Um esforço colaborativo que fomentou discussões via rede, originando os grupos de discussão *on-line*. Esses grupos identificados por milhares de tópicos específicos transformaram-se em uma característica permanente da internet. Por conseguinte, a instauração do sistema Usenet provocou uma mudança no entendimento sobre a rede, antes concebida enquanto uma ferramenta, que passou a ser vista como um meio destinado a promover interação social.

Um dos autores responsáveis pela popularização do conceito de comunidades virtuais é Rheingold, que publicou em 1993 o livro **The Virtual Community: homesteading on the electronic frontier**, onde narra suas experiências em grupos sociais mediados por computador. Como é o caso do The WELL, uma comunidade *on-line* estabelecida em 1985 e que se destaca no conjunto de iniciativas pioneiras do gênero, na qual muitos usuários se engajaram de forma voluntária para a sua construção e manutenção.

Na concepção do autor: "Comunidades virtuais são agregações sociais que emergem na internet quando uma quantidade significativa de pessoas promove discussões públicas

em um período de tempo suficiente, com emoções suficientes, para formar teias de relações pessoais no ciberespaço.” (RHEINGOLD, 1993, p. 5, tradução nossa)⁹.

Uma definição sujeita a receber críticas pela falta de clareza, pois como se poderia medir o que se entende por uma quantidade de tempo ou de emoções suficientes para se compor uma comunidade virtual. Ainda com relação ao lado emotivo dos participantes, não se sabe quais tipos de sentimentos deveriam estar correlacionados. Todavia, apesar de ser uma noção vaga, percebe-se que Rheingold (1993) analisa a comunidade virtual como uma entidade real, valorizando as dinâmicas comunicativas e interativas entre os membros.

Na compreensão de Fernback (1999, p. 205), a comunidade é ao mesmo tempo um objeto de estudo (uma entidade, uma manifestação) e um processo comunicativo de negociação e produção de um compartilhamento de sentido, de estrutura e cultura. O terreno da comunidade é mapeado através de um processo de reconciliação de dinâmicas interpessoais, dinâmicas coletivas e de ideologias.

Ele explica que a palavra comunidade com todos os significados capazes de evocar, como relacionamento e convivialidade, passou a ser interpretada como um termo simbólico eficaz para assinalar as relações sociais estruturadas no ciberespaço. A essência da comunidade seria a *commonality*, expressando a comunhão, a partilha de algum interesse ou de uma localização física. Contudo, adverte que é difícil se observar uma comunidade empiricamente porque suas fronteiras são continuamente renegociadas.

Para que o sentimento de comunhão se dissemine, é necessário haver compartilhamento de saberes, de informações e de toda sorte de opiniões, divergentes ou não, pois todo processo de interação social cria uma tensão entre o indivíduo e o grupo ou entre indivíduos em particular. Tanto que o sociólogo Simmel teve como preocupação ressaltar o aspecto positivo e integrador de antagonismos e conflitos que estão organicamente vinculados aos próprios elementos que mantêm o grupo unido.

“A oposição de um membro do grupo a um companheiro, por exemplo, não é um fator social puramente negativo, quando muitas vezes tal oposição pode tornar a vida ao menos possível com as pessoas realmente insuportáveis.” (MORAES, 1983, p. 127). Logo, a situação conflitante aparece como uma maneira saudável de verificar o grau de tolerância

⁹“*Virtual communities are social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace.*” (RHEINGOLD, 1993, p. 5).

no grupo, havendo a oportunidade de novos pontos de vista ser elaborados a partir de debates.

No interior das comunidades virtuais podem existir ainda elementos como solidariedade, afeto, emoção, ajuda mútua, cooperação, memória coletiva, união, identificação, convergência de interesses. Uma série de traços típicos das comunidades ditas tradicionais e que não necessariamente está presente em grupos *on-line*, além de que algumas habilidades e estratégias comportamentais e comunicacionais podem ser reelaboradas para que ocorra o engajamento de todos os participantes, os quais interagem dispersos no espaço e no tempo.

Algo que pode ser ilustrado com a criação da Netiqueta, um conjunto de regras de conduta adotada no ambiente virtual com o intuito de manter um convívio harmônico entre os membros, independentemente das semelhanças e diferenças. Sendo a expulsão uma das punições mais severas para os que desobedecerem aos valores do grupo.

A comunicação via redes de computadores, que não deve ser analisada apenas como uma ferramenta, mas simultaneamente como uma tecnologia, uma mídia e um instrumento promotor de relações sociais (JONES, 1998), também oferecem aos usuários vantagens e desvantagens. Na visão de Rheingold (1998, p. 122), o contato em comunidades virtuais apresentaria uma diversidade de vantagens se comparada às ultrapassadas comunidades fundamentadas em torno de um local ou de uma profissão: "Como não podemos nos ver, somos incapazes de formar preconceitos sobre os outros antes de lermos o que têm a dizer. Raça, sexo, idade, país de origem e aparência física não são aparentes a menos que uma pessoa queira tornar públicas essas características."

Por esta ótica, a CMC pode motivar o estabelecimento ou não de laço social a partir do discurso e da opinião expressos por cada participante, sobretudo, em listas de discussão. Trata-se de uma idéia coerente tanto que isto ocorre com freqüência em contatos firmados via ambiente virtual, porém, torna-se uma prática comum o envio de mensagens de apresentação, nas quais informações pessoais e profissionais são divulgadas espontaneamente.

Além disso, as variadas ferramentas voltadas para estimular a comunicação, como *blogs*, *fotoblogs* e a rede social orkut, disponibilizam espaço para o armazenamento de fotos e vídeos, que facilitam a identificação dos usuários com os quais se contata *on-line*. Quando

a aparência física e outros dados ficam visíveis, podendo interferir nos relacionamentos, seja de modo positivo ou negativo.

Outra vantagem apontada por Rheingold (1998) é que as comunidades organizadas *on-line* são instrumentos que conectam pessoas de acordo com os interesses mútuos compartilhados, diferentemente dos tipos tradicionais de comunidades, nos quais os laços são constituídos pela relação de parentesco ou de proximidade geográfica. Situação em que as pessoas estabelecem um contato inicial face a face, em um momento de apresentação, no qual em geral se mantém uma conversa um tanto formal, justamente por se tratar de um primeiro encontro, e somente a partir de novos contatos laços de amizade podem ou não ser criados.

Enquanto em comunidades virtuais, você conhece a pessoa, seus gostos e interesses, por meio da convivência, da troca de informações e em seguida decide se quer encontrá-la pessoalmente. “Em uma comunidade virtual, podemos ir diretamente ao local onde nossos interesses particulares estão sendo discutidos e então travar conhecimento com aqueles que compartilham nossas paixões.” (RHEINGOLD, 1998, p. 122-123). Além de existir a chance de conhecer uma pessoa que, talvez, jamais se encontraria no plano físico.

Com relação às desvantagens deste modelo de contato, Rheingold (1998, p. 124) afirma que a principal é a impossibilidade de se observar as expressões faciais, a linguagem corporal e o tom de voz, que são vitais no processo de comunicação pessoal. “A ironia, o sarcasmo, a compaixão e outras nuances sutis mas importantes que não são transmitidas apenas por palavras são perdidas quando tudo o que você pode ver de uma pessoa é um conjunto de palavras em uma tela.”

Trata-se de um aspecto relevante, pois parte significativa da comunicação humana é assimilada por meio de expressões faciais, gestos e, inclusive, por intercalar momentos de silêncio. Todavia, para se tentar suprir a ausência de visualização na impossibilidade de se usar recursos de transmissão de imagens como a *webcam* foram elaboradas linguagens por meio de símbolos, os *emoticons*, palavra derivada da combinação dos termos em inglês *emotion* (emoção) e *icons* (ícone), visando traduzir ou demonstrar um pouco do estado de espírito e emoções do emissor da mensagem.

Os *emoticons* são criados a partir de uma seqüência de caracteres tipográficos, usando acentos, parênteses, dois pontos, como :) que indica alegria, e pelo emprego de ícones gráficos que representam expressões faciais, como o que sugere tristeza 😞. A

utilização destas formas não-verbais de comunicação é surpreendente na internet, a ponto de existirem dicionários explicando as funções de cada símbolo *smiley*, que são compilados pelos próprios usuários (BAYM, 1998).

A comunicação também é facilitada por intermédio de outros recursos de escrita, como abreviatura de palavras, adoção de novos termos adaptados do vocabulário corrente em informática para servir de apoio, como uma espécie de glossário paralelo. De forma similar, para se descrever alguns sentimentos recorre-se à repetição de sinais de pontuação para exprimir, por exemplo, surpresa ou indagação. Por outro lado, o uso de letras maiúsculas, salvo exceções, é considerado um ato ofensivo e transmite a idéia de indignação e raiva.

Segundo Rheingold (1998), outras desvantagens podem surgir em decorrência da natureza assíncrona e de um para muitos ou um-todos da comunicação *on-line*, destacando o grau de incerteza quanto ao recebimento da mensagem. Talvez essa observação tivesse fundamento há alguns anos, uma vez que os *softwares* atuais dispõem de dispositivos que permitem um acompanhamento e até certo controle sobre o envio e recebimento de postagens. O autor continua sua análise:

Outra vantagem que pode se transformar em uma desvantagem é a imprevisibilidade das respostas: é agradável e divertido encontrar todos os ângulos e digressões que as pessoas podem propor em respostas a uma pergunta ou a uma declaração em uma conferência por computador, mas é frustrante quando a resposta específica que você procura se perde no meio da discussão (RHEINGOLD, 1998, p. 124-125).

Todas essas noções partiram das experiências do autor, que ficou convencido de que a formação de uma comunidade é realmente possível através da comunicação via ambiente virtual. Quando as pessoas poderiam ter a capacidade de afetar profundamente as vidas umas das outras mesmo estando diante de uma tela de computador. Sobre a citação anterior, vale realçar que não há processos de comunicação perfeitos, ruídos comunicacionais estão presentes a todo instante, logo, não se pode ter a ilusão de que

sempre se obterá a resposta desejada e nem que as ações colaborativas serão predominantes.

Problemas de toda ordem podem existir em uma comunidade virtual, levando à sua dissolução e fragmentação, portanto, existe a necessidade de se investigar não somente como as comunidades virtuais podem funcionar, mas também a razão delas, freqüentemente, não funcionarem como se desejaria (KOLKO; REID, 1998).

Quanto ao meio digital, ainda é comum se falar que as pessoas podem modificar seus padrões comportamentais pelo fato de não estarem se relacionando frente a frente: “A comunicação *on-line* parece desinibir as pessoas. Aqueles que seriam tímidos pessoalmente podem participar da conversação. E aqueles que são educados no discurso face a face ficam tentados a serem mais rudes do que seriam com alguém de carne e osso.” (RHEINGOLD, 1998, p. 124). Isto de fato pode acontecer principalmente quando se oferece a oportunidade de se relacionar preservando a identidade, um tema que será analisado detalhadamente em capítulo posterior. O que fica evidente aqui é que a CMC, definitivamente, pode trazer vantagens e desvantagens para os seus usuários.

Fernback (1999) concorda que a interação no ambiente virtual altera o modo das pessoas se relacionarem entre si, além de assegurar que nem toda possibilidade de contato envolveria *per se* a formação de uma comunidade. Um pensamento que também é defendido por Lemos (2002a), ao afirmar que nem toda associação no ciberespaço pode receber o rótulo de comunitária, pois existem certos agrupamentos sociais nos quais os participantes não mantêm qualquer vínculo afetivo e/ou temporal. Por isso evita falar em comunidades virtuais de forma generalizada, enfatizando a propriedade de aderência eletrônica conferida no ambiente virtual:

Aqui [ciberespaço], o projeto comum, entendido na modernidade como o compromisso político, com suas metas específicas de acordo com um projeto global, transforma-se na busca de interesses comuns, ancorado no presente. O sentimento de aderência exclusiva passa a permitir múltiplos pertencimentos, onde o indivíduo pode navegar de um grupo a outro (LEMOS, 2002b, p. 164).

Ele entende as agregações eletrônicas de tipo comunitárias ou as comunidades virtuais como aquelas onde predomina o sentimento expresso de uma afinidade subjetiva delimitada por um território simbólico, sendo o compartilhamento de emoções e a troca de experiências vitais para a coesão do grupo. Outro aspecto marcante é a permanência temporal, de maneira que os integrantes sintam-se parte de um agrupamento de tipo comunitário (LEMOS, 2002a), podendo criar um laço social permanente e contínuo. O que não sugere, porém, que as comunidades virtuais após iniciadas não aceitem novos membros, mas que é recomendável ter um quadro mínimo de participantes fixos para interagir e manter vínculos sociais.

Segundo Jones (1998), a CMC representa uma forma eficiente de contato social, que é um fator importante no contexto da formação comunitária em um mundo pós-moderno. A CMC permite uma customização dos nossos contatos sociais para planejar, organizar e tornar os laços sociais eficientes.

Trata-se de uma eficiência que estaria relacionada ao modo de apropriação dos diversos recursos oferecidos, na visão de Baym (1998), quando se apropriar implica em dizer que cada integrante de uma comunidade virtual faria certas escolhas diante de todo o aparato disponível, às vezes se servindo de coisas inesperadas ou deixando de lado algumas das possibilidades previstas. Em outras palavras, a organização social no ciberespaço emerge de um processo dinâmico de apropriação no qual os membros invocam estruturas para atribuir sentidos divergentes dos que foram imaginados pelos projetistas.

Assim, o estilo de uma comunidade *on-line* é modulado por uma variedade de estruturas preexistentes, incluindo contextos externos, estrutura temporal, sistema de infraestrutura, finalidades de grupo e características dos participantes. O resultado é um conjunto dinâmico de significados sociais sistemáticos que habilita os participantes a se imaginarem eles próprios como uma comunidade. O que torna mais significativa a emergência de um grupo específico que reúne formas de expressão, identidades, relacionamentos e convenções normativas (BAYM, 1998).

Na leitura de Castells (2003), a formação de comunidades virtuais está atrelada a um novo estilo de viver em sociedade. Para ele, à medida que proliferam em nossas sociedades projetos individuais com o objetivo de dar sentido à vida a partir do que se é e do que se quer ser, a internet possibilita tal conexão, ultrapassando os limites físicos do cotidiano, tanto no lugar de residência quanto no trabalho, gerando redes de afinidades:

A sociabilidade está se transformando através daquilo que alguns chamam de privatização da sociabilidade, que é a sociabilidade entre pessoas que constroem laços eletivos, que não são os que trabalham ou vivem em um mesmo lugar, que coincidem fisicamente, mas pessoas que se buscam [...] (CASTELLS, 2003, p. 274).

O autor valoriza a especificidade da internet, que constitui a base material e tecnológica da denominada sociedade em rede. Mas ao mesmo tempo alerta que a infraestrutura tecnológica e o meio organizativo potencializam o surgimento de modos diferenciados de se manter em contato com o outro, os quais não têm essencialmente origem social na internet. São frutos de uma cadeia de transformações históricas que, por outro lado, não poderiam desenvolver-se sem o suporte da rede.

Normalmente são utilizadas metáforas para se referir à CMC, concebe-se o ciberespaço como um lugar onde a comunidade pode desenvolver-se e sustentar-se, no qual relações de diversificadas natureza podem ser criadas, assim como novos horizontes alcançados. Nota-se que prevalece uma necessidade de situar uma base física inclusive no ambiente virtual, quando a articulação dos conceitos de lugar e de comunidade referida por Tönnies (1947) e por Durkheim (1995) é lembrada, porém, não pode ser associada automaticamente por se tratar de contextos históricos e sociais profundamente distintos.

Ademais, fazer referência a um território simbólico na interação mediada pela internet tornou-se trivial, no qual o ciberespaço apareceria como um espaço público capital para a convivência em comunidades virtuais. O fato de existir uma flexibilidade de contato em decorrência de menos limites leva ao surgimento de novas demandas de comunicação colaborativa e de compartilhamento de informação no interior de cada rede social. Conseqüentemente, o avanço acelerado da CMC desencadeia uma transição societal de sociedades baseadas em grupo para as sociedades estruturadas em rede ou a sociedade em rede (CASTELLS, 1999; 2003).

Neste sentido, não seria conveniente pensar em uma ligação direta entre lugar e comunidade quando se aborda a internet, ainda que possam existir comunidades partilhando a mesma localização física, a comunidade virtual somente adquire forma e se realiza mediante a interconexão dos membros em um território simbólico. Assim, Fernback (1999) critica tanto a concepção de comunidade como vinculada inteiramente a um lugar,

quanto à idéia de que é puramente imaginada, existindo apenas na mente dos seus participantes.

Inspirado na noção de que a realidade é construída socialmente, de Berger e Luckmann (1999), Fernback (1999) acredita que exista uma conexão entre a construção social que o usuário imagina e a representação gerada pela CMC da referida construção. No momento em que se faz o *login*, formam-se relacionamentos no ciberespaço, ou seja, é fundada uma comunidade, algo real para as pessoas conectadas e reunidas via rede, que tem relação com a própria experiência e com o sentimento de pertencimento a determinado grupo. Seguindo uma linha semelhante de raciocínio, Jones (1998) argumenta que a construção social da realidade dos que existem *on-line* não se constitui *pelas* redes de CMC que os usuários utilizam, mas se constitui *nas* redes.

Enquanto Wellman, Boase e Chen (2002) ratificam que uma rede de computador adquire uma dimensão de rede comunitária somente quando ela conecta amigos, parentes, vizinhos e colegas de trabalho. Os três autores defendem que as redes de computadores e as redes sociais ou comunidades refletem umas nas outras.

Por exemplo, o desenvolvimento da personalização, com sistemas *wireless* portáteis associada à ubiqüidade conectiva da internet, tem facilitado a experiência de um individualismo em rede que passaria a representar a própria base da comunidade. Isto porque as conexões acontecem entre pessoas e não lugares, a tecnologia permite o deslocamento da formação de laços comunitários que antes uniam pessoas em lugares para a ligação de pessoas situadas em qualquer lugar. A mudança chave está na passagem da formação comunitária estruturada de lugar para lugar para a centrada em pessoa para pessoa.

A comunicação está cada vez mais desempenhando funções marcantes no sentido do transporte e do suporte para a troca de mensagens, com a proliferação do telefone celular e das redes portáteis de conexão à internet, a tendência é que a comunicação se torne ainda mais móvel. Tais facilidades de deslocamento entre comunidades de caráter pessoal acabam suprimindo os elementos essenciais de uma comunidade onde cada indivíduo está separado: apoio, sociabilidade, informação, identidades sociais e um senso de pertencimento. Cenário em que cada pessoa representa a unidade primária de conectividade, e não a família, a vizinhança ou o grupo (WELLMAN; BOASE; CHEN, 2002).

No panorama da cibercultura, concebe-se a ausência de uma localização geográfica como um dos fatores que distingue as comunidades virtuais das comunidades tradicionais, quando a existência de uma base territorial fixa não se torna crucial. Lemos (2002b) destaca que a noção de territorialidade não é física nas agregações eletrônicas, assim como o constrangimento geográfico não é determinante para a formação comunitária.

Ainda sobre a análise do ciberespaço enquanto um território simbólico, Jones (1997) fala de *virtual settlement* ou estabelecimento virtual como um ciberlugar delineado simbolicamente em torno de um tópico de interesse e com uma proporção significativa de inter-relação interativa que caracterizaria a constituição de tais grupos. Para este autor, a consolidação de uma comunidade organizada em um estabelecimento no ciberespaço implicaria a presença de certas condições: um nível mínimo de interatividade; uma multiplicidade de comunicadores; um número mínimo de membros fixos para dar suporte aos debates; e um espaço virtual público e comum onde ocorra uma parcela significativa de interação por meio da comunicação mediada por redes de computadores.

Para Rheingold (1998), participar de comunidades virtuais lembra estar em um bar ou em uma lanchonete de esquina, embora não exista a necessidade de sair de sua mesa, elas transmitem certa impressão de lugar:

[As comunidades virtuais] São um pouco como um salão, onde posso participar de centenas de conversações contínuas com pessoas que não se importam com minha aparência ou com o som de minha voz, mas que se preocupam com o jeito como penso ou como me comunico. E é um pouco como uma 'mente grupal', que responde a perguntas, dá apoio e onde pessoas – de quem nunca ouvi falar antes e com quem talvez nunca venha a me encontrar pessoalmente – fornecem inspiração (RHEINGOLD, 1998, p. 121).

Por este viés, há indícios de que a aproximação entre as pessoas no ambiente virtual se estrutura fundamentalmente por meio da existência de traços de identificação e do interesse comum a assuntos particulares, os responsáveis por estimular a interação e o debate. Tal mecanismo flexível de associação deixa o participante à vontade para escolher qual grupo se inserir, podendo se integrar a diversas comunidades.

Com relação ao ciberespaço em si, também não se considera adequado falar de um lugar propriamente dito, com referências históricas e identitárias definidos antropologicamente, mas poderia se falar de uma espécie de não-lugar, que é acima de tudo simbólico e adquire sentido enquanto espaço de circulação (AUGÉ, 1994). Assim, o ambiente virtual configurar-se-ia como o espaço no qual a comunicação se desenvolve mediada por redes de computadores que conectam os indivíduos independentemente de barreiras físicas e temporais, assim como de alguns constrangimentos sociais, como a hierarquia em atividades profissionais.

Neste caso, as comunidades selecionadas para o estudo, usando a nomenclatura dada pela rede social orkut, ganhariam vida mediante o encontro em um possível não-lugar, localizado simbolicamente no ciberespaço. O contato seria organizado em um território simbólico que, simultaneamente, é complementado pelo lugar Brasil, pelo território físico que poderia ser reterritorializado de várias maneiras pelos membros; afinal o não-lugar e o lugar não são opostos.

Pessoas que não mais se reuniriam, simplesmente, por compartilhar uma identidade nacional - ser brasileiro, ou um mesmo local de origem, sendo capazes de se organizar em torno de uma nova forma de identificação: são os "brasileiros no exterior". Uma autodenominação que na paisagem da socialidade contemporânea, de uma vida nômade, não seria tão ou mais forte que a noção de identidade primeira, fundadora, na concepção de Maffesoli (1996). Quando se é o que se é, e não o que se gostaria que fosse; além do vínculo ser forte, espontâneo e, acima de tudo, ter vitalismo.

Como na internet as agregações sociais constituem-se por motivos diversos; podem ter um tempo de vida incerto; participantes fixos ou não; distinguem-se pela presença ou carência de discussão, além de um único grupo poder carregar traços de uma comunidade e de uma sociedade, o termo comunidades virtuais parece não ser o mais indicado para se referir a grupos formados no ciberespaço, incluindo os fundados no *site* orkut pesquisado. Aliás, como argumentam Wellman e Gulia (1997), a própria arquitetura da internet pode encorajar alterações expressivas no tamanho, composição e estrutura das comunidades, incidindo, sobretudo, na variação da dinâmica interacional e no tempo de duração do contato.

Devido à falta de clareza com relação ao que seria de fato uma comunidade virtual, tornar-se interessante discutir o emprego da noção de neotribalismo proposta por Maffesoli

(1998b) para retratar mais este fenômeno social: a cibercultura contemporânea. Estuda-se, então, a possibilidade das agregações no ciberespaço serem constituídas segundo o neotribalismo ou tribalismo pós-moderno, que segue uma lógica de identificação estruturada no afeto e que valoriza a dimensão comunitária da socialidade.

Por conseguinte, somente para reforçar, trabalha-se nessa pesquisa a hipótese de o que estaria em jogo na formação de comunidades nomeadas de “Brasileiros no exterior” não seria basicamente o fato de compartilhar o lugar de origem, mas o interesse em comum motivado pela experiência vivida no momento presente. A condição de ser brasileiro e de estar afastado do seu país de origem, da terra natal, ser um aventureiro, nômade, acabaria determinando certas necessidades e atitudes, que talvez não pudessem ser manifestadas sem o intermédio de contato via redes sociais de relacionamento, como o *site* orkut.

2.2.3 Comunidades de Caráter Tribal

No contexto da socialidade atual, distinguir-se-ia a formação das assembléias de estilo tribal, conforme o tribalismo de Maffesoli (1996, 1997, 1998b, 2001a). Quando são instituídas novas formas de convivência ou de sociabilidade assinaladas pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão, independente do interesse e da finalidade do encontro, que delimitariam um novo espaço-tempo: o da socialidade.

O termo socialidade permitiria que fossem integradas à análise da vida social parâmetros como o sentimento, a emoção, o imaginário, o lúdico, os quais interferem eficazmente na prática cotidiana das sociedades. A vida ordinária, por sua vez, não se reduzia às relações de ordem política, racional ou mecânica, que privilegia os indivíduos e suas associações contratuais. Ela seguiria ainda uma lógica da fusão, a qual acentua a dimensão afetiva e sensível, quando na massa seriam cristalizadas agregações de natureza variada, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos (MAFFESOLI, 1996, 1998b).

Em outras palavras, a socialidade seria um reflexo do entrecruzamento de múltiplos agrupamentos, que constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada e polaridades muito distintas, cuja organicidade é orientada pelo fator emocional e pela presença exacerbada de afeto. Para o autor, o denominado reino da aparência ajudaria ainda a se

compreender a socialidade contemporânea marcada por diversas modulações da aparência (moda, espetáculo político, teatralidade, publicidade, televisões), formando um conjunto significativo que exprime bem a sociedade dita pós-moderna. Neste caso, torna-se ainda necessária uma reflexão sobre a forma.

Para Maffesoli (1998b), a forma partilhada funda a sociedade, que tem uma função erótica, ao fazer uma leitura do termo no seu sentido mais simples: o que leva a cooptação, gerando uma socialidade eletiva, na qual procedimentos de atração e de repulsão se dão por escolha. O reconhecimento da complexidade envolvida na constituição societal poderia ser útil para se entender sua organização, estabelecida por meio de reencontros e de experiências vividas no seio de diversos grupos que um único indivíduo tem a oportunidade de pertencer.

Na análise deste autor pós-moderno, o neotribalismo surgiria como uma espécie de compensação, uma resposta a uma sociedade fragmentada, competitiva e burocrática. Agora prevaleceria uma relação táctil guiada pela fusão, pois na massa as pessoas se cruzam umas com as outras, elas se roçam, tocam, instantes em que propriamente são estabelecidas interações que se refletem na constituição de micro grupos (MAFFESOLI, 1996, 1998b). Assim, a vivência no interior de associações tribais funcionaria como um canal simbólico de expressão identitária de acordo com a lógica da identificação.

Através de sedimentações sucessivas, estas relações tácteis levariam à criação de uma ambiência peculiar, nomeada de união em pontilhado, a qual pode ser compreendida utilizando-se a imagem do mundo cristão na sua genealogia, que consistia em uma formação nebulosa de pequenas entidades esparsas por todo império romano. Desse fervilhamento induzido emana a teoria da "comunhão dos santos", um elo simultaneamente flexível e firme para ser capaz de assegurar a solidez do corpo eclesial. Com base nesta efervescência grupal, com seu *ethos* específico, teve origem a civilização como se conhece hoje.

Na reflexão de Maffesoli (1996, 1998b), a humanidade estaria atualmente se confrontando a uma nova forma de comunhão dos santos impulsionada pelas agências informáticas, as redes sexuais, os encontros esportivos e musicais. Todas essas manifestações estariam agindo como indícios de um *ethos* em formação, a socialidade. Por sua vez, um elemento como o solidarismo ou a religião da humanidade poderia colaborar para se entender o fenômeno de expansão de ajuntamentos de constituição tribal. Um tipo de fusão grupal que coloca em xeque a lógica da identidade, a qual serviu de eixo à ordem

econômica, política e social que prevaleceu durante séculos e que, embora continue a funcionar hoje, não tem mais a mesma eficácia, logo:

Não podemos deixar de assinalar a eflorescência e a efervescência do neotribalismo que, sob as mais diversas formas, recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente (MAFFESOLI, 1998b, p. 105).

Os encontros que levam à formação de agregações no ciberespaço, genericamente, ocorrem de modo casual, à medida que o indivíduo navega na internet e se depara com pessoas com as quais descobre partilhar afinidades. Apesar de ser um encontro ocasional, valoriza-se o estar-junto, assim como prevalece um compromisso e um sentimento de respeito entre os membros enquanto perdurar o contato. No fundo, não seria algo gratificante, quando avaliado em nível de benefício ou de recompensa, porém, é muito mais realista, é o que é.

A atual sinergia do arcaico com o desenvolvimento tecnológico de sistemas de comunicação digitais parece adquirir uma dimensão de destaque ao favorecer a proliferação de ajuntamentos no ambiente virtual, ao ponto de Maffesoli (2006) argumentar que a internet é a comunhão dos santos pós-moderna, ao incentivar a propagação de ideologias que transitam na rede promovendo a ligação dos espíritos em pontilhado.

Algo que é efervescente, segundo o autor, já que 70% do tráfego na internet não têm nenhuma relação com a funcionalidade em si, sendo predominante a existência de *sites* de relacionamentos pessoais, eróticos, de discussão filosófica, religiosa etc. Mais do que incrementar ou destruir laços comunitários, a internet pode ser bem aproveitada para integrar os ritmos que compõem a vida diária; com a vida *on-line* interligando-se às variadas atividades desempenhadas *off-line* (WELLMAN; BOASE; CHEN, 2002).

Eis a questão de uma erótica social voltada para o compartilhamento de paixões e emoções, que é enfatizada também por Lemos (2003), ao mencionar o potencial do instrumento dionisíaco característico da cibercultura, uma vez que hoje se constata que a maior parcela de usabilidade da internet está destinada à busca efetiva de conexão social, seja via *e-mail*, listas, *blogs*, fóruns, *webcams* etc. O desenvolvimento da internet, conforme

Wellman, Boase e Chen (2002), desencadeia uma seqüência de mudanças no modo das pessoas entrarem em contato, interagirem e obterem recursos e vantagens oriundas dessa relação com o outro via comunicação mediada por computador.

Nas tribos, o *ethos* comunitário seria designado por um conjunto de expressões que remeteria ao compartilhamento de emoções de modo coletivo. A adesão ao grupo é quase sempre instantânea, fugaz, sem a necessidade de um objetivo concreto para assegurar a continuidade da relação, por isso, procura-se viver intensamente cada instante. São encontros pontuais nos quais as pessoas se reuniriam ritualisticamente com a função exclusiva de reafirmar o sentimento de pertencimento que cada grupo confere a si mesmo (MAFFESOLI, 1998b).

Destarte, vão surgindo novas formas de socialidade na cibercultura contemporânea, inspiradas pela diversidade de valores e verdades, assim como pela acomodação de bricolagens existenciais. Por exemplo, algumas agregações costumam adotar regras de conduta nomeadas de Netiqueta, cuja transgressão pode resultar na exclusão do membro infrator.

Sobre a fixação de regras, Maffesoli (1996, p. 37-38) denomina ética uma moral “sem obrigação nem sanção”, isto é, a pessoa não deve ter outra obrigação que a de ser membro de um corpo coletivo, de modo semelhante que não deve existir outra sanção que a de ser excluído, quando se encerra o interesse (*inter-esse*) que liga o indivíduo ao grupo. “Eis a ética da estética: o fato de experimentar junto algo é fator da socialização.”

Cada tribo, então, desfruta sua pequena e instantânea liberdade, que deve ser relativizada, pois a fixação de regras para assegurar um convívio no mínimo razoável entre os participantes indica de certa maneira a manifestação de atos de poder no ambiente virtual.

Por conseguinte, a Netiqueta pode atuar como uma ferramenta sutil para controlar os abusos cometidos por membros de comunidades tribais. Não se pode esquecer que o poder está continuamente agindo sobre o dado social, independentemente da estratégia, da época ou do lugar (MAFFESOLI, 2001b), portanto, não poderia ficar de fora dos relacionamentos sociais instituídos no ciberespaço.

Além disso, o tribalismo traz consigo uma forte conotação erótica e passional, inscrevendo-se na visão holística pertencente à raiz comunal. Isto faz com que absolutamente tudo colabore de um jeito ou de outro para a sua manutenção, desde as

disfunções, as agressividades e os conflitos, ou seja, está intrínseca a todos os componentes uma inclinação ao reagrupamento.

As formações tribais poderiam inclusive ter um objetivo, uma finalidade, porém, não seriam determinantes, nem sequer se poderia ter certeza que o sucesso de fato fosse desejado, pois colocaria em risco a parcela calorosa do estar-junto. O que é considerado relevante é a energia dispendida na constituição do grupo, enquanto a chance de obter benefício é vista como secundária.

Uma relação que não carrega em si a rigidez dos modos de organização conhecidos tradicionalmente. “Remete, antes, a uma ambiência, a um estado de espírito, manifesta-se, de preferência, através dos estilos de vida que vão privilegiar a aparência e a ‘forma’.” (MAFFESOLI, 1998b, p. 139). Conseqüentemente, o formismo autorizaria que o laço de reciprocidade tecido entre os indivíduos fosse observado por meio do entrecruzamento de ações, de situações e de afetos, configurando um todo:

Assim, tal como a *forma artística* se cria a partir da multiplicidade dos fenômenos reais ou fantasmáticos, também a forma societal poderia ser uma criação específica, partindo dos minúsculos fatos que são os fatos da vida corrente. Esse processo faz, portanto, da vida comum uma forma pura, um valor em si (MAFFESOLI, 1998b, p. 114).

Seria possível dizer que a vida é uma obra de arte coletiva, à medida que se redescobre que o indivíduo não pode existir isolado, cada um está atrelado ao outro pela cultura, pela comunhão, pelo lazer e pela moda, compondo uma comunidade. O autor fala de uma “impulsão de socialidade” irreprimível que para se propagar adota, dependendo da ocasião, o caminho da política, do episódio histórico, ou a via subterrânea da vida banal, que é tão intensa quanto todas as demais.

Em nenhum momento ele nega a presença de uma sociedade política, econômica, mas enfatiza que é possível existir uma realidade desvinculada de tais interesses, a qual dispensaria um qualificativo. Tratar-se-ia da coexistência social como tal ou da própria socialidade, que pode ser entendida como a “forma lúdica da socialização”. No quadro do paradigma estético, o lúdico não teria relação com a finalidade, a utilidade, ou com o que se

costuma chamar de realidade. É algo que estilizará a existência, realçando suas características principais.

Nesse contexto, o estar-junto à toa representaria um dado básico que, antes de qualquer determinação ou qualificação, consistiria em uma espontaneidade vital capaz de garantir a uma cultura sua força e sua solidez. Algo que auxiliaria a desvendar os estilos de vida na contemporaneidade, a partir de um imaginário coletivo. Em uma acepção mais antropológica, Silva (2003) descreve o imaginário como uma introjeção do real, uma aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser partilhado com outros, com um antes, um durante e um depois. Todo indivíduo submeter-se-ia a um imaginário preexistente, assim como todo sujeito seria um inseminador de imaginários.

O societal retrataria o ir-e-vir de um grupo a outro, e não a coligação a um único bando, a uma família, a uma comunidade. Por esse viés, ficaria expressa uma diferença crucial entre a estabilidade induzida pelo tribalismo clássico e a noção de neotribalismo, cuja associação ocorre de maneira fluída e dispersa. Como resultado de sucessivas sedimentações e do entrecruzamento flexível de uma variedade de círculos, cuja articulação forma as figuras da socialidade, vai se constituindo a ambiência estética que confere o tom da época.

Ainda sobre o tribalismo pós-moderno, vale dizer que a tribo figura como o penhor da solidariedade, visando ajudar o próximo, com um perfil pacífico, igualmente, pode ser empregada para a promoção de atividades ilegais - crimes como a pedofilia, a difusão de violência como no caso de alguns grupos de torcidas organizadas existentes no *site* de relacionamento orkut. Com isto, mostra-se que a tribo não é melhor nem pior que quaisquer agrupamentos humanos, mas merece atenção porque seus traços reluzentes parecem estar se disseminando nos modos de vida em curso.

Todos fariam parte de uma sociedade composta de diversos tribalismos (esportivos, hedonistas, musicais, religiosos, tecnológicos etc.), na qual se valorizaria a dimensão emocional e afetuosa da estruturação social, distinguindo a dimensão vagabunda da vida que além de ser fecunda, poderosa, fervilhante, não se acomoda às formas de dominações institucionais, excessivamente racionais e singularmente abstratas (MAFFESOLI, 2001a).

Uma condição que inauguraria uma nova relação com a alteridade, com o outro, baseada na adaptação, na tolerância, reconhecendo a riqueza inesgotável de uma vida sem finalidade e efêmera. Por outro lado, o tribalismo lembra, de forma empírica, a importância

do sentimento de pertencimento, seja a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial da vida social. Uma fase em que o imaginário passa a ser visto como aspecto essencial na vida cotidiana, ao revelar um sentido ou envolver uma significação que superaria a aparência, pois como adverte Durand (1988), enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um "outro ausente". Além disso, é preciso entender que todo pensamento humano é uma representação, ou seja, ele passa por articulações simbólicas; sendo o próprio imaginário o conector de tais articulações.

Tratar-se-ia de um processo de atração por meio da composição de tribos que estaria contaminando todo o conjunto de instituições sociais e que antes de ser político, econômico ou social seria um fenômeno cultural, que não ficaria limitado a uma área geográfica específica. Maffesoli (1998b) ressalta que a idéia em jogo não seria de julgar se tal fenômeno é positivo ou negativo, mas de reconhecer a socialidade como uma concentração de pequenas tribos que vão se ajustando e se adaptando sucessivamente.

Conseqüentemente, o neotribalismo levaria à formação de grupos impulsionados pelo lado afetivo, emocional e subjetivo, em oposição ao modelo de organização racional característico da sociedade moderna, sugerindo o retorno ao modelo tradicional e arcaico de associações primitivas. Um tipo societal que faria referência às comunidades afetivas ou emocionais (WEBER, 1969, 2002), sobretudo, devido aos aspectos de efemeridade e de composição cambiante que distinguem os relacionamentos. Entretanto, sua constituição não estaria atrelada ao compartilhamento de um mesmo lugar físico, porque este poderia até ser simbólico, como o próprio ciberespaço.

No que diz respeito à idéia de comunidade vinculada obrigatoriamente a um lugar, Wellman, Boase e Chen (2002) já destacaram que alterações nos sistemas de transporte e de comunicação provenientes da Revolução Industrial motivaram uma mudança na concepção do termo comunidade. Aos poucos começou a se abandonar a perspectiva de que a formação de relacionamentos estava ligada à ocupação de um único território, isto é, era determinada por fronteiras espaciais.

Na cultura contemporânea haveria a probabilidade de se observar uma pluralidade de grupos de costume tribal que poderiam constituir laços sociais sólidos, sem levar em conta a duração do contato. Para o autor, o neotribalismo pode ser constatado, uma vez que as pessoas estão se reunindo em micro grupos e buscando novas formas de solidariedade, que não estariam acopladas obrigatoriamente a instituições sociais habituais. Conforme

Maffesoli (2001a, p. 17), para o melhor ou para o pior, o tribalismo pós-moderno demarcaria a explosão das sociedades definidas como homogêneas, sendo que agora se almejaria:

[...] um projeto de ser que simultaneamente não se finalize e não represente mais o simples fato dos indivíduos isolados ou associados no quadro de uma ação política, econômica ou social. Projeto de ser, em boa parte inconsciente, que em seu sentido mais forte é uma verdadeira síntese cultural, determinando todas as formas do ser conjunto, dos mais marcantes até os mais anódinos, específicos da vida corrente (MAFFESOLI, 2001a, p. 17).

O tribalismo refere-se a uma vontade de “estar-junto”, onde o que importa é o compartilhamento de emoções em comum, compondo a “cultura do sentimento”, estabelecida por meio de relações tácteis, formas coletivas de empatia, que se preocupam com o momento presente vivido. Por esse viés, nota-se ainda a presença de certos resquícios da noção de comunidades baseada em uma vontade natural (TÖNNIES, 1947) e de sociedades pré-capitalistas fundadas na solidariedade mecânica (DURKHEIM, 1995), quando Maffesoli (1998b) propõe a articulação de diversos aspectos sobre a formação comunitária para respaldar o tribalismo contemporâneo.

Especificamente sobre o conceito de solidariedade mecânica de Durkheim (1995), é interessante realçar que Maffesoli se apropria da noção para designar a formação orgânica que está na origem da pequena comunidade tribal. Em outras palavras, o que Durkheim concebe como solidariedade mecânica, que se processa de um modo praticamente automático, devido ao grau de espontaneidade com que esse sentimento se manifesta no âmago de uma comunidade, Maffesoli (1998b) chama de orgânico. Quando os indivíduos reunidos em um ajuntamento tribal, de natureza orgânica, vibram em comum, como uma espécie de alma coletiva, de uma matriz fundamental que engloba e anima a vida cotidiana imersa em uma nebulosa “afetual”, uma tendência orgiástica ou dionisíaca de fusão social.

Por outro lado, a compreensão de Durkheim (1995) sobre o modelo de solidariedade orgânica, no qual ocorre uma associação entre pessoas que compartilham afinidades de pensamento ou de sentimento, permite que se estabeleça um elo com as tribos, sendo o interesse partilhado um fator de atração ou de repulsão: “De fato, quem diz sentimento

partilhado, diz pluralização, pois se declina ao infinito a atração ou a repulsão que me liga, ou separa, ao outro, do outro.” (MAFFESOLI, 1997, p. 17).

Em ambas as situações o laço social é instituído, inclusive, quando a solidariedade orgânica deriva de um encontro de interesses complementares a partir de diferenças. Dessa maneira, um aspecto parece imperar na estruturação de relações sociais na pós-modernidade: a aproximação guiada pela lógica da identificação, à procura de interesses comuns, de modo espontâneo, eletivo:

O fechamento praticado durante toda a modernidade mostra, por todos os lados, sinais de fraqueza. Pouco importa, de resto, os que representam seus vetores: *hippies*, vagabundos, poetas, jovens sem ponto de referência, ou mesmo turistas surpreendidos nos circuitos de férias programadas. O certo é que a ‘circulação’ recomeça (MAFFESOLI, 2001a, p. 27).

Panorama em que prevaleceria uma circulação desordenada, sem deixar nada nem ninguém incólume, quando se quebram os limites estabelecidos em quaisquer que sejam os domínios: político, ideológico, profissional, cultural ou cultural. As barreiras, enfim, começariam a desmoronar, pois nada poderia conter o fluxo da circulação, sendo que o movimento ou a efervescência estaria em todas as cabeças de modo inconsciente.

Tratar-se-ia de um fenômeno silencioso, assinalando uma mudança de tom, a aspiração a um “outro lugar”, ao se notar certo descompasso entre a vida cotidiana e a visão de mundo moderna, quando as respostas convencionalmente dadas a algumas questões habituais já não seriam mais satisfatórias. “É o novo espírito do tempo, esse ambiente imperceptível que pode nos incitar a ver na errância, ou nomadismo, um valor social a muitos títulos exemplar.” (MAFFESOLI, 2001a, p. 28).

A época atual seria caracterizada por uma contemplação daquilo que é, por isso a proposta do autor de se promover um “reencantamento do mundo” (MAFFESOLI, 1998b, p. 117). Nessa paisagem, a errância representaria a expressão de outra forma de se relacionar com o outro e com o mundo, que seria menos ofensiva, mais carinhosa, lúdica e, simultaneamente, trágica, ao sugerir a instabilidade das coisas, dos seres e de seus relacionamentos:

Sentimento trágico da vida que, desde então, se aplicará a gozar, no presente, o que é dado ver, e o que é dado viver no cotidiano, e que achará seu sentido numa sucessão de instantes, preciosos por sua própria fugacidade. É possível que seja isso esse hedonismo relativo, vivido no dia-a-dia, que caracteriza melhor essa forma de intensidade social e individual, [...] delimitando bem a estranha atmosfera do momento (MAFFESOLI, 2001a, p. 29).

Não se estaria diante de uma atitude marginal ou sonhadora, já que todos praticam a errância cotidianamente. Na leitura do autor, o homem pós-moderno está impregnado dela. Falar de errância implica em abordar o aspecto da mobilidade, que é feita de migrações diárias, ligadas ao trabalho ou ao consumo.

São ainda migrações sazonais, do turismo e das viagens, assim como a problemática da mobilidade social ou os deslocamentos em peso de populações provocadas, normalmente, por disparidades econômicas. Independente da situação, a errância guarda em si uma dose expressiva de aventura, que pode ser desejada, assumida ou sofrida. O importante é que seja concebida como a modulação contemporânea desse desejo do outro lugar que, constantemente, invade as massas e os indivíduos.

Uma questão que se mostra paradoxal ao se avaliar que a circulação, real ou fantasista, não havia adquirido tamanha relevância como no momento atual, em que se acreditava que a tecno-estrutura seria capaz de fixar, dominar e prever absolutamente todas as coisas. Aqui entra em ação uma espécie de “astúcia do imaginário”, afinal “[...] este paradoxo se serve do desenvolvimento tecnológico para transpor as fronteiras, transgredir a moral estabelecida, percorrer o vasto mundo para experimentar-lhe as múltiplas potencialidades.” (MAFFESOLI, 2001a, p. 30).

Nesse contexto, o avião, a televisão, a internet, as auto-estradas da informação, para o bem ou para o mal, permitiriam a manutenção de contato em tempo real e valorizariam o viver coletivamente partilhando experiências de ordem variada - culturais, científicas, sexuais, religiosas, que são o próprio motor da aventura existencial:

As potencialidades do ‘ciberespaço’ estão longe de se esgotar, mas já testemunham o enriquecimento cultural que está sempre ligado à mobilidade, à circulação, quer sejam as do espírito, dos devaneios e até das fantasias, que tudo não deixe de induzir. Sendo de um lugar, o

homem da tecnópolis não existe a não ser na relação (nas relações). O oxímoro [...] de enraizamento dinâmico está mais atual do que nunca, e revestiu, contemporaneamente, o velho arcaísmo da aventura. (MAFFESOLI, 2001a, p. 30).

Quando a aventura, de modo semelhante aos imaginários, aos sonhos, apresentar-se-ia como um depósito camuflado que integra o corpo social. Assim, os diversos êxtases contemporâneos – técnicos, culturais, musicais, afetivos – só reafirmariam o antigo desejo de circulação, seja de bens, de palavra, do sexo, fundamentando o conjunto social, fazendo perdurar em seu ser o devir.

O autor acrescenta que seria preciso adotar um pensamento diferente do que vigorou na modernidade para se apreciar o enraizamento dinâmico, o lema é aprender a se restringir à “apresentação” daquilo que é, ao invés de se prender a análises sobre a representação das coisas. Finalmente, a errância poderia ser concebida do ponto de vista de uma constante antropológica que, sempre e mais uma vez, não pára de penetrar em cada indivíduo e no corpo social assimilado enquanto um todo.

É relevante lembrar que o aventureiro ou o viajante, geralmente, não é aceito com bons olhos, ele traz consigo um risco moral inegável por ser um portador de novidades. Isto explicaria o motivo de predominar um ar de desconfiança em torno do viajante, já que se mostra como testemunha de um “mundo paralelo”, no qual o sentimento, sob suas diversas expressões, é vagabundo, e no qual a anomia tem força de lei.

O curioso é que o viajante será sempre uma “ave de passagem”, não importando a razão de seu deslocamento, fins comerciais, viagem de iniciação ou até a simples vagabundagem; e enquanto tal deverá ser acolhido com a condição de que seja “fora da cidade” (MAFFESOLI, 2001a, p. 42-43).

A figura do estrangeiro e do estranho é estudada em profundidade por Simmel, para quem eles desempenham um papel significativo nas interações sociais, ao servirem de intermediários com a exterioridade e, por meio dela, com as diversas formas de alteridade. Portanto, são partes integrantes e estruturantes do próprio grupo. Trata-se de uma condição que pode trazer benefícios ou gerar contrastes e conflitos. O mais importante, contudo, é verificar que essas formas de interações condicionam as relações de reciprocidade, elementos essenciais para a manutenção de sociabilidade (MORAES, 1983).

É perceptível a existência de um vínculo forte entre o nomadismo e o ato migratório, tanto que o nomadismo não se define por uma necessidade econômica ou por uma questão simplista de funcionalidade. O nômade é conduzido por um desejo de fuga, de evasão, por um tipo de “pulsão migratória” que o estimularia a se deslocar, mudar de lugar, de costumes, hábitos, parceiros, com o objetivo de colocar em cena uma diversidade de facetas que compõem a sua personalidade: “Um tal nomadismo, claro, não corresponde ao conjunto da população, mas, vivido de um modo paroxístico por alguns, alimenta um imaginário coletivo global. Como tal, é parte integrante do conjunto da sociedade.” (MAFFESOLI, 2001a, p. 51). Dito de outro modo, por trás dessa vontade de se locomover existe uma parcela expressiva de imaginário.

O autor argumenta que algumas culturas ou sociedades como a japonesa e a portuguesa assumem, de forma concreta, a chamada “pulsão migratória”, transformando-a no fundamento de seu ser-conjunto, de uma maneira consciente. Um caso clássico é o de Portugal, cujo vasto império serve de testemunha para o espírito aventureiro de sua população, que sempre foi atraída pela idéia de partir em busca de algo distante.

“A famosa ‘saudade’, própria do país e de seus habitantes, acha, talvez, sua origem nesse amor longínquo. É a nostalgia simultânea de um país aventureiro e de um futuro que achará sua plena expressão na concretização das potencialidades legadas por um tal passado.” (MAFFESOLI, 2001a, p. 52). O autor elabora a hipótese de que tanto a “saudade” quanto o espírito aventureiro que ela não cessa de impulsionar têm sua raiz na própria constituição do povo português, o qual assumiria de forma mais enfática que outros povos europeus sua origem fixada sob uma mistura de populações bem diversas. Quando, então, todo o corpo social guardaria a memória de sua errância fundadora.

Conseqüentemente, a miscigenação peculiar do povo lusitano teria dado condições para que Portugal realizasse a edificação do Brasil: “[...] os anômicos portugueses, mandados a essas terras longínquas, reviviam o desejo de aventura de seus longínquos ancestrais e, assim, criando um novo país, redinamizavam o poder da mãe pátria.” (MAFFESOLI, 2001a, p. 54). Igualmente, a nostalgia do outro lugar também produziria a errância que, por sua vez, favoreceria um ato fundador, sendo a anomia e a efervescência fundações sólidas de toda nova estruturação.

Com base nesse exemplo, constatar-se-ia que o amor da aventura testemunha a força de uma cultura, especialmente, quando se refere a uma cultura enraizada em um

imaginário que não se satisfaz com uma institucionalização repleta de suscetibilidades. Enfim, o próprio da cultura, tomada em seu sentido mais forte, é favorecer aquele que crê:

As maneiras de ser e de pensar que poderiam ser qualificadas de confusas, flutuantes, decompostas ou, simplesmente, aventureiras, são, em nossos dias, amplamente vividas por uma série considerável de marginalidades, tendendo a tornar-se o centro da sociabilidade em curso de elaboração. [...] Assim, como o nomadismo participou da 'construção' de civilizações anteriores, pode-se imaginar que ele contribuiu para a construção da realidade social contemporânea (MAFFESOLI, 2001a, p. 61-62).

As liberdades aparentadas com as do errante reencontradas em diversos períodos históricos e em diversas civilizações traduziriam bem a necessidade de aventura, o prazer dos encontros efêmeros, o desejo do outro lugar, e em definitivo a busca de uma fusão comunitária. Tratar-se-ia de um ideal comunitário manifesto por meio de sinais tribais de reconhecimento (acessórios, roupas, linguagens, gostos musicais semelhantes), que transcenderiam as fronteiras testemunhando uma participação comum e um espírito do tempo feito de hedonismo, relativismo, valorização do presente e de uma energia cotidiana. Algo que tornaria difícil uma interpretação em termos de finalidade, de sentido da história ou outras categorias ligadas à economia e à política, empregadas com frequência em avaliações sobre o vínculo social.

Para o autor, a liberdade de tom e de postura segregada pelo ambiente libertário do momento não deveria ser interpretada como índice de uma ideologia individualista ou de um narcisismo efêmero. O que estaria em jogo não é o "eu" empírico, o do ego da tradição ocidental em geral e do cartesianismo em particular, e sim aquilo que o budismo nomeia de o "eu original": "Eis o fruto do nomadismo contemporâneo: ele pediu emprestado a diversas civilizações elementos que o racionalismo triunfante tinha ou ocultado ou marginalizado, e disso faz o centro da sociabilidade contemporânea." (MAFFESOLI, 2001a, p. 69).

O tema da errância traz consigo o problema da fuga que é sempre necessária, além de exprimir uma sensação de nostalgia, de lembrar a fundação. Como a fuga tem um sentido, ela deve ser operada a partir de alguma coisa estável, pois para se ultrapassar o

limite, é preciso que ele primeiramente exista. Para descrever este fenômeno em sua globalidade, Maffesoli (2001a, p. 79) apresenta o conceito de enraizamento dinâmico:

Trata-se no caso de uma bipolaridade, especificando da melhor forma o antagonismo paradoxal de toda existência. Todo mundo é de um lugar, e crê, a partir desse lugar, ter ligações, mas para que esse lugar e essas ligações assumam todo o seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos. É uma marca do sentimento trágico da existência: nada se resolve numa superação sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente.

O enraizamento dinâmico seria um modo de escapar da solidão gregária típica da organização racional e mecânica da vida social moderna, instituída sobre a autonomia (o indivíduo é sua própria lei). Em oposição, estaria a figura do errante ou do viajante, que quebra fronteiras e vive, talvez de maneira inconsciente, em uma espécie de heteronomia, quando a lei vem do outro, a pessoa só existe em função do outro, o que restitui ao corpo social sua densidade e sua significação concreta. Somente a partir do momento em que se torna livre da pressão de instituições tradicionais é possível comunicar-se, entrar em correspondência com o outro, viver uma forma de religião com a natureza que nos abrange e com o mundo social (MAFFESOLI, 2001a).

Para Simmel, há todo um empenho inicial para tentar estabelecer um cerco em torno da imagem do errante, daquele que se desvia, do marginal, do estrangeiro, com o objetivo de fixá-lo para em seguida domesticá-lo, impedindo-o de continuar suas aventuras. Tal cerco se estenderia também ao vagabundo, ao emigrante, ao louco, ao homossexual, entre outras imagens que se aproximariam do perfil do estrangeiro e através das quais haveria uma chance de experimentar uma sensação de inquietação e de penúria. Por outro lado, a designação do outro e sua estigmatização alimentam as ideologias da exclusão, de desvio e da xenofobia (MORAES, 1983).

Em cada um desses casos, Maffesoli (2001a, p. 83) indica que o território individualista se tornaria uma prisão, pois ao invés de servir de base para uma possível partida, seria mais um lugar de fechamento. Para o autor, sob um ponto de vista universalista, ao propor a ultrapassagem de diversos "territórios" comunitários, a

modernidade exacerbou o “território” individual e estigmatizou o nomadismo, ou seja, aquilo que ultrapassa a lógica da identidade própria do indivíduo.

Mas diante desse cenário, a dialética enraizamento-errância permanece atual, e o seu bom uso pode promover uma visão mais harmoniosa da relação entre pessoa e comunidade. Uma relação proveniente de uma *distância unida*, pois enquanto a sociedade, precisamente, sob a forma moderna tende a uniformizar e, ao mesmo tempo, a separar os indivíduos, a comunidade, como ideal típico, repousa sobre pessoas que se movem em papéis tipificados e diferentes articulados entre si: “Assim, a grande temática simmeliana – os valores do estranho e do estrangeiro – tem seu lugar na construção simbólica da realidade social.” (MAFFESOLI, 2001a, p. 83).

Logo, não seria nenhuma surpresa dizer que as opiniões sobre o estrangeiro são extremamente complexas e ambíguas, podendo agir tanto como instrumento de designação da diferença quanto modelo de identificação. Ademais, Simmel ressalta que a importância que é dada ao outro, o estranho, apenas poderia ser compreendida em referência a nossa própria história, às incertezas identitárias e ao lugar de origem (MORAES, 1983).

Maffesoli (2001a) alerta, portanto, que na base de toda organização social prevaleceria uma tensão entre um lugar e um não-lugar. Ele diz que se é verdade que o “território é o *topos* do mito”, usando uma acepção de Gilbert Durand (1997), não é menos verdade que toda sociedade tem necessidade de um não-lugar (*u-topos*), utopia que lhe serve de fundamento, uma dialética sem conciliação. Por esse viés, uma ordem estabelecida só poderia perdurar se algo ou alguém surgisse para desestabilizá-la, como um modo de lembrar que a disfunção, o pecado, a infelicidade são ingredientes constitutivos da categoria mundo.

Tal dialética reforçaria ainda que uma “parte de sombra” não poderia ser negada sem trazer prejuízo para a ordem existente, uma vez que a existência, no sentido etimológico, faz alusão a uma saída de si, uma fuga, uma explosão. Trata-se de uma explosão vivida em nível global, o do imaginário coletivo, e também no próprio seio de cada indivíduo. Como bem sintetiza o autor: “A realidade em si não é mais que uma ilusão, é sempre flutuante, e não pode ser compreendida a não ser em seu perpétuo devir.” (MAFFESOLI, 2001a, p. 88).

O autor argumenta que o território, embora necessário, é sempre relativo, que a partir de uma compreensão *stricto sensu* do termo significa: o entrar em relação. Quer dizer, o território não é um fim em si, não é suficiente para si mesmo, sob pena de provocar o

fechamento. Logo, o território apenas tem validade quando colocado em relação, associado à outra coisa ou a outros lugares, assim como aos valores ligados a esses lugares.

Aqui mais uma vez fica evidente que a suspeita que permeia a figura do estrangeiro se deve ao fato de representar uma ameaça à imagem de referência ou de pertencimento a um povo, a um território, conforme Simmel. Trata-se de uma ameaça que vem do exterior e adquire contorno no seio de nossa sociedade. O estrangeiro oferece um terreno favorável à construção de um imaginário simbólico contraditório, sendo que pode até contribuir com a sua participação para o desenvolvimento do grupo que o acolhe em determinada cidade, ou simplesmente trazer perigo (MORAES, 1983). Para esse autor, o estrangeiro é uma das figuras sociológicas mais características do processo de urbanização das cidades, sendo que os elementos de distanciamento e de repulsão presentes no relacionamento com o estrangeiro constituem um modelo de coordenação e de interação de suma importância para o conjunto do corpo social.

Na abordagem de Maffesoli (2001a), a cidade seria como um mundo em miniatura, em que cada um pode ser ele mesmo e outra pessoa. Dito de outra maneira, o errante poderia revestir-se de uma aparência específica e cumprir um papel conforme a circunstância, em seguida, trocaria de aparência para atuar outro papel na vasta teatralidade social.

A cidade oferecia, paradoxalmente, momentos e lugares totalmente vagos, portanto, oportunidades de viver a multiplicidade de seres que habitam a pessoa enquanto *persona*, uma possibilidade de estar, simultaneamente, aqui e em outro lugar. O habitante das megalópoles seria um nômade de gênero novo. O autor também define os centros comerciais pós-modernos como espaços em que as pessoas poderiam descarregar sua tensão, centros que não exerceriam uma função utilitária. Mas mereceriam atenção por se tratar de um espaço matricial, por ser um refúgio e um lugar de exílio para o nômade pós-moderno:

Através dos objetos expostos como espetáculos, do ambiente específico que criam, e certamente dos encontros, ou simplesmente do roçar de corpos que aí se dá, esse nômade vive uma espécie de embriaguez: a da perda de si num conjunto quase cósmico. Em seu sentido mais forte, esse espaço urbano, síntese da cidade, resumo do mundo, é um perfeito cadinho: lugar onde se cria raiz e a partir do qual a pessoa cresce e se

evade. Lugar onde se expressa a empatia em relação aos outros, lugar de onde se escapa, imaginariamente, para atingir a alteridade absoluta (MAFFESOLI, 2001a, p. 89).

Em um amplo contexto, o frenesi das viagens apareceria como um jeito disfarçado de viver a imobilidade, de modo semelhante, a ligação com um lugar só se tornaria possível tendo como ponto de referência o seu inverso: o não-lugar mítico da utopia ou a quimera do outro lugar. O espaço original, um país, uma cidade, uma aldeia, um bairro, uma casa, ou até um território simbólico, como o ciberespaço, lembra sempre a figura de um refúgio fechado a partir do qual o sonho da vida poderia ser criado. O interessante é que quando esse sonho, ilimitado, realiza-se em sua totalidade ou em parte, ele fundamenta-se na nostalgia do ninho, isto é, não ocorre progressão sem regressão.

Por conseguinte, a liberdade do errante não seria a do indivíduo, idealizado como ecônomo de si e ecônomo do mundo, mas a da pessoa que aspira misticamente “a experiência do ser”. Uma experiência de caráter comunitário, que necessita do auxílio do outro. Dessa maneira, o outro poderia ser aquele da pequena tribo que se aderiu, ou o grande Outro da natureza, ou de tal divindade.

O dinamismo e a espontaneidade do nomadismo seriam marcados pelo desprezo de fronteiras, sejam nacionais, civilizacionais, ideológicas ou religiosas, optando por viver concretamente alguma coisa de abrangência universal, chamada por Maffesoli (2001a) de valores humanistas.

Esse parece ser o caso das agregações *on-line* selecionadas para a análise empírica desta pesquisa, os “Brasileiros no Exterior”, uma autodenominação que poderia ser caracterizada como de alcance universal, uma vez que reuniria todos os brasileiros localizados geograficamente fora do território nacional. Condição em que a lógica da identificação, ser um brasileiro no exterior, mostraria sua força em detrimento da lógica da identidade (MAFFESOLI, 1996), o brasileiro, que não seria apagada ou mesmo substituída em sua totalidade, mas resignificada.

No que diz respeito a um panorama marcado pela saturação da vida cotidiana, Poster (1998) fala que cada um é sucessivamente confrontado a pessoas que não são da própria tribo ou da comunidade, não são parentes, e pertencem a etnias e a raças diferentes. “No entanto, o desejo de uma identificação étnica, pelo menos em alguns círculos, permanece

forte. Talvez esta seja uma etnia pós-moderna, mediada por um mundo cada vez mais socialmente tecnologizado." (POSTER, 1998, p. 184, tradução nossa)¹⁰. Conseqüentemente, uma necessidade de se aproximar por meio da identificação étnica estaria motivando o encontro de brasileiros nômades, viajantes, estrangeiros, e não unicamente a idéia de identidade.

Como resultado, poderia se verificar o estabelecimento de uma espécie de correspondência mística, a do encontro do "acaso objetivo", que também é largamente induzida nos dias de hoje com o uso de tecnologias midiáticas, como a rede internet. Assim, o errante poderia até ser solitário, porém, nunca estaria totalmente isolado, à medida que participaria realmente, imaginária ou virtualmente, de uma comunidade vasta e informal, cuja permanência não deveria ser obrigatoriamente de longa duração.

Um tipo de formação societal que estaria ganhando contorno e reconhecimento na cibercultura contemporânea, com as comunidades organizadas em plataformas de redes sociais como o orkut. Nesses ambientes a forma de associação a grupos parece acompanhar a perspectiva do "acaso objetivo". Quando se viaja na rede à procura de algum interesse específico e se depara com o outro, que pode ser uma comunidade, podendo passar a integrá-la se sentir vontade.

Todavia, o laço constituído não seria menos sólido, justamente por ultrapassar os indivíduos em particular e unir a essência de um ser-conjunto instaurado sobre os mitos, os arquétipos. Esse seria o formato da comunidade tribal, de estilo pontilhado, constituída a partir de uma sucessão de encontros fugazes nas ruas, nas auto-estradas da informação, em *sites* e canais de bate-papo no ciberespaço, entre olhares que se cruzam, causa e efeito do nomadismo.

A metáfora do nomadismo também serviria para instigar uma visão mais realista das coisas, visando à aceitação de uma ambivalência estrutural, como fazer a pessoa se dar conta de que ela não se resume a uma simples identidade, mas que desempenha uma variedade de papéis através de identificações múltiplas expressas cotidianamente. Assim como admitir a probabilidade de a vida social ser guiada por um movimento constante, o vaivém que existe entre os mecanismos de atração e de repulsão.

¹⁰"*Yet the desire for ethnic identification, at least in some quarters, is strong. Perhaps this is a postmodern ethnicity, mediated by an increasingly technologized social world.*" (POSTER, 1998, p. 184).

Sobre as atitudes e comportamentos praticados no ambiente virtual, Rheingold (1998), apesar de ter consciência de que todos trocam consecutivamente de máscaras no dia a dia e exercem vários papéis em casa, no trabalho e de acordo com o público, ressalta a facilidade de se explorar máscaras no contato via sistemas de comunicação apoiados no ciberespaço. Para ele, “[...] o discurso *on-line* é apenas máscaras. Nunca poderemos ter certeza quanto ao que sabemos sobre outra pessoa quando esse conhecimento é baseado somente em palavras em uma tela de computador.” (RHEINGOLD, 1998, p. 124). O autor enfoca a possibilidade de se enganar as pessoas a partir da fala enunciada, oral ou escrita, em processos comunicativos mediados por redes de computadores.

No entendimento de Rüdiger (2002), com o auxílio da máquina se começa a viver situações em que não apenas o referido eu torna-se múltiplo, fluido e aberto, mas nas quais surge uma nova forma de identidade:

A sociedade cibernética permite a refração da personalidade em múltiplos eus e radicaliza as possibilidades de emprego da ficção no comércio cotidiano. As pessoas estariam passando a ter chances de, virtualmente, trocarem de sexo, modificarem a idade e assumirem novos papéis e identidades (RÜDIGER, 2002, p. 100).

Conseqüentemente, a pessoa pode criar uma ou diversas identidades para se relacionar virtualmente, sua imagem pode ser determinada pelo nome adotado em um canal de *chat*, seu *nickname* ou apelido, ou pela personagem (avatar) que ela escolhe para representar em jogos virtuais. Tanto o apelido quanto o avatar podem indicar certas características sobre uma pessoa, como se apresenta, traços de sua personalidade, gostos e hábitos, uma vez que ela está representando um alguém, uma personagem, está usando um tipo de máscara:

A máscara (a *persona*) permite representar o pavor ou a angústia, a cólera ou a alegria... em afetos que só valem porque são coletivos. Na teatralidade geral, cada um, em graus diferentes, e em função das situações particulares, desempenha um papel (papéis) que o integra(m) ao conjunto societal (MAFFESOLI, 1996, p. 172).

O *nick* ou o avatar exerce a função de máscara, reforçando o caráter simbólico da socialidade na cibercultura de origem pós-moderna. Por este viés, aborda-se uma perspectiva relativista sobre o estilo de vida na contemporaneidade, que praticamente se choca com a noção de identidade definida como uma marca fixa e permanente como foi arquitetada durante a modernidade.

O conceito de identidade cultural, normalmente, foi empregado como recurso para manter o controle e reprimir as diferenças sociais, culturais, educacionais, econômicas e políticas de uma população. Uma tentativa de padronização e homogeneização de um povo, disseminando uma idéia de união e de coesão que ignora qualquer forma de diferença e, por conseguinte, não representa o cotidiano das pessoas que habitam um território único (ANDERSON, 1989).

Ao reconhecer a identidade como uma construção ou algo em constante em elaboração, Hall (2001, p. 39) propõe que se deva falar sobre identificação: "A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros." Um pensamento que se aproxima do raciocínio de Maffesoli (1996) ao comentar a lógica da identificação vigente na pós-modernidade.

O mecanismo de identificação opera repetidas vezes ao longo do tempo e se faz presente no processo de constituição de tribos, inclusive as estruturadas via internet, quando a pessoa procura se reunir a outra visando compartilhar interesses semelhantes, sem se preocupar com aspectos de tempo, espaço e de localização geográfica, quando há um desencaixe dos sistemas sociais (GIDDENS, 1991). Apropria-se do termo desencaixe, que é o deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua recombinação por meio de extensões indeterminadas de tempo-espaço, para apresentá-lo como um dos fatores que incentivariam a formação de comunidades de perfil tribal.

Para Maffesoli (2006), a saturação do indivíduo, que é indivisível, tem um sexo, uma ideologia, uma profissão, leva à emergência da concepção de pessoa, que etimologicamente significa máscara. No indivíduo, o que está em jogo é o futuro, enquanto para a pessoa o que vale é o presente, o instante eterno. A pessoa tem várias máscaras à sua disposição, ela é plural, de identificações múltiplas, o que torna possível a participação em tribos variadas.

Aceitar esse movimento de integrações sucessivas a grupos desiguais é capital para se compreender a socialidade em expansão. Ademais, ele pode ser concebido como uma

maneira do indivíduo reforçar laços sociais, uma vez que, na visão de Simmel, a sociedade é um produto de elementos desiguais (MORAES, 1983). Comportamento que pode ser avaliado como reflexo de uma condição pós-moderna (LYOTARD, 1998), que tende a favorecer nas megalópoles tanto o recolhimento do ser no próprio grupo, quanto um aprofundamento das relações no interior de cada grupo.

Dessa maneira, a participação de um único indivíduo em diversas tribos pode funcionar como uma estratégia para formar socialidade no ciberespaço ou cibernsocialidade, ao representar uma oportunidade de desfrutar o momento presente e, acima de tudo, compartilhar um imaginário, promovendo o ressurgimento do cultural na vida social, diante de um verdadeiro processo de reencantamento do mundo, como propõe Maffesoli (1996, 1998b).

A particularidade diferencial do estabelecimento de contato social via ciberespaço estaria, então, na probabilidade de eleger traços de identificação, pois a própria pessoa escolhe os grupos que pretende fazer parte. Ao contrário de elementos vinculados às identidades nacionais, que eram impostos pelos Estados-nação como permanentes; agora todos estariam aptos a selecionar marcas identificatórias a partir do que se é e do que se quer ser, com o auxílio da rede mundial de computadores que ultrapassa os limites físicos do cotidiano e gera redes de afinidades consolidadas por meio de tribos.

Deste ponto de vista, a atitude de procurar traços de identificação seria necessária para o indivíduo delimitar seu lugar no mundo e se fazer conhecer como diferente entre tantos outros. A possibilidade de ser reconhecido mediante a adoção de uma pluralidade de papéis transformar-se-ia na fonte básica de pertença social em um cenário de ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições e enfraquecimento de importantes movimentos sociais, que se delineia ao longo da modernidade.

Potencialmente a internet oferece uma enorme oportunidade para o indivíduo se apresentar de diferentes formas e criar novas identidades, isto dependeria, antes de tudo, do propósito da relação a ser estabelecida, sendo que o tipo de ferramenta de comunicação adotada também poderia interferir. Em plataformas como o orkut, uma parcela significativa dos participantes quer mesmo é obter visibilidade e ser reconhecida pelos demais, optando por se identificar pelos nomes legítimos e publicando fotos pessoais; já outros usam perfis falsos ou se fazem passar por celebridades, por exemplo.

No panorama atual, o que existe mesmo é uma necessidade de estudar e

compreender a relação dos imaginários sociais com a mídia, principalmente, diante de eventos como a globalização das sociedades, que se tornou central nos últimos dez anos do século XX. Quando a idéia de redução das distâncias de tempo e espaço acabou reforçando o papel dos meios de comunicação na divulgação de informações e estados de coisas até então sem precedentes na história da humanidade.

Chega-se ao final deste capítulo que discorreu sobre a concepção das agregações sociais popularmente definidas como comunidades *on-line*. Por fim, discutiu-se a noção de neotribalismo, essencial para a composição de grupos de perfil tribal, como um fator gerador de socialidade na cibercultura contemporânea. A seguir, será feita uma análise sobre a disseminação de redes de relacionamentos sociais estruturadas na internet, que a cada dia se sobressaem como instrumentos de comunicação *on-line*.

2.3 REDES SOCIAIS *ON-LINE*

No presente capítulo, aborda-se o fenômeno de expansão das redes sociais organizadas via ambiente virtual, com destaque para o *site* orkut, assim como os conceitos arquiteturais que garantem o funcionamento desse tipo de plataforma, como o de *social software* e de *Web 2.0*.

2. 3.1 Redes Sociais e Capital Social

Com o passar do tempo, a internet se fortalece como ambiente promotor de interação social. Aliás, desde que a rede tornou-se de acesso público, ela vem se consolidando como canal de comunicação graças à facilidade de estabelecer contato independentemente de barreiras geográficas e temporais. Um exemplo clássico é o uso generalizado do *e-mail* ou correio eletrônico, que logo despontou como uma das ferramentas prediletas pelos internautas.

No entanto, com o aparecimento de uma multiplicidade de tecnologias digitais de comunicação, o *e-mail* começou a perder sua supremacia, como acontece em países como o Brasil. Em território nacional, no fim de 2006 o *site* da *social networking* ou rede de relacionamento social orkut, pertencente à empresa norte-americana Google Inc., chegou a alcançar a liderança em tempo de acesso entre todos os serviços disponíveis na internet, superando o recurso até então mais utilizado para o intercâmbio comunicacional, o *e-mail*¹¹.

Atualmente, é visível a expansão das nomeadas redes sociais *on-line* que se transformaram em instrumentos de comunicação de enorme popularidade, especialmente, entre o público jovem. Trata-se de um produto destinado a estimular processos de interação social, sendo inspirado no conceito de *social network* ou de rede social estudado por diversos autores, entre os quais se destaca o antropólogo John Barnes, um dos primeiros a explorar o tema.

No ano de 1953, durante uma reunião da **Association of Social Anthropologists**, realizada em Oxford, Barnes apresentou a versão preliminar de uma pesquisa sobre a organização social em uma paróquia do oeste da Noruega, chamada Bremnes, que no ano seguinte foi publicada no artigo **Class and Committees in a Norwegian Island Parish**. Nesse trabalho, Barnes (1954, p. 43, tradução nossa)¹² esboça sua compreensão sobre o termo: "A imagem que eu tenho é de uma coleção de pontos, sendo que alguns estão ligados por meio de linhas. Os pontos da imagem são constituídos por pessoas ou, às vezes, grupos, e as linhas servem para indicar que as pessoas estão interagindo umas com as outras."

Ele emprega a noção de *social network* para falar de uma estrutura social dinâmica idealizada como uma rede formada pela conexão de uma diversidade de pontos ou nós, que poderiam tanto ser indivíduos quanto organizações. Estes, por sua vez, estabeleceriam contato através de vários níveis de interação que no caso das pessoas pode ser uma relação de amizade, de parentesco, entre outras.

O autor não associa de modo direto a convivência em redes sociais à existência de um lugar, inclusive porque ele imagina uma composição social ligada por uma série de nós, os quais poderiam estar dispersos espacialmente. Assim, tais redes poderiam se encontrar

¹¹ "Site de relacionamento supera e-mail no país". Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1507200540.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2006.

por acaso com o conjunto inteiro da sociedade, não restringindo sua ação às fronteiras territoriais.

Uma rede como a fundada na paróquia Bremnes, para mencionar a organização social avaliada, não apresenta um limite externo, e nem tão pouco um corte evidente de divisões internas, de modo que cada pessoa veja a si mesma como o centro da coleção de amigos. Neste sentido, o preceito organizativo das redes sociais formulado por Barnes (1954) poderia agora ser aplicado e ajustado à constituição de redes de relacionamentos sociais no ciberespaço, que incentivariam a aproximação entre as pessoas, com o objetivo de promover o convívio em grupos.

Desde essa definição pioneira, a idéia de rede de relacionamento social vem sendo revisitada e adaptada para acompanhar as novas realidades. Putnam (2000), por exemplo, afirma que quase por definição tais redes devem envolver compromissos e obrigações mútuas; uma vez que os participantes não estariam interessados em contatos superficiais: "Redes de compromisso comunitário fomentam sólidas normas de reciprocidade: eu farei isso por você agora, com a expectativa que você (ou talvez outra pessoa) irá retribuir o favor." (PUTNAM, 2000, p. 20, tradução nossa)¹³. Quando as conexões sociais instituídas também são importantes para as próprias regras de conduta que as sustentam.

Por sua vez, Wellman, Boase e Chen (2002), consideram desde o início a noção de comunidade sob a perspectiva de uma rede social constituída independentemente da localização física, como já mencionado em capítulo anterior. Trata-se de um ponto de vista que vai ao encontro da proposição de Barnes (1954), sendo que os três autores ainda declaram que essa rede social pode estar associada a uma localidade específica, seguindo o modelo tradicional, ou ser de extensão global, como as comunidades mantidas com o suporte da internet.

Torna-se interessante realçar no contexto das redes de relacionamento *off* ou *on-line* uma ênfase na prática comunicativa, tanto que as plataformas de redes sociais no ciberespaço são projetadas conforme o princípio do *social software*, que visa aprimorar

¹² "The image I have is of a set of points some of which are joined by lines. The points of the image are people, or sometimes groups and the lines indicate which people interact with each other." (BARNES, 1954, p. 43).

¹³ "Networks of community engagement foster sturdy norms of reciprocity: I'll do this for you now, in the expectation that you (or perhaps someone else) will return the favor." (PUTNAM, 2000, p. 20).

habilidades humanas vinculadas, sobretudo, a atividades de comunicação e de colaboração; e o conceito de *Web 2.0*, uma segunda geração de *sites* com mecanismos simplificados de publicação de conteúdo com o intuito de ampliar o envolvimento dos internautas.

Mas se o compartilhamento de laços familiares, de vizinhança, ou a obrigatoriedade de um território físico não representa um fator decisivo para o contorno de uma rede social, o que garantiria a sua organização? Segundo os especialistas no assunto, a resposta está na presença de capital social.

Um conceito antigo que surge com a formação de pequenas comunidades, no momento em que as interações humanas começaram a ser processadas com a expectativa de manter ações de reciprocidade e de confiança, na concepção pioneira de Hanifan (1916, 1920) elaborada ao discutir o papel das comunidades para satisfazer as necessidades sociais dos indivíduos. O termo, entretanto, tornou-se popular com os trabalhos de autores como Bourdieu (1980, 1998), Coleman (1988), Putnam, Leonardi e Nanetti (1996) e Putnam (2000).

De uma maneira didática, Hanifan (1916, 1920) explica que a palavra capital é empregada em um sentido figurativo, ou seja, não se refere ao valor de algum bem material ou ao dinheiro em si. Isso porque na vida cotidiana as pessoas levam em conta certos valores considerados essenciais para a convivência em grupo, como a boa vontade, o companheirismo, a solidariedade no trato social entre indivíduos e familiares, características constitutivas da unidade social. Nesse caso, o termo capital social é usado para descrever “[...] essas substâncias tangíveis [que] importam demasiadamente na vida cotidiana das pessoas.” (HANIFAN, 1916, p. 130, tradução nossa)¹⁴.

Na edificação de qualquer comunidade, inclusive de caráter empresarial, deve haver uma acumulação de capital de tipo social antes de efetivamente se fechar um negócio e se começar a trabalhar. Por isso Hanifan (1920) sugere que é possível achar muitas singularidades na composição social de uma empresa e de uma comunidade.

Um aspecto marcante da noção do autor é a afirmativa de que todo indivíduo permanece totalmente impotente quando abandonado a si mesmo, trata-se de um ser socialmente indefeso; em alguns casos, nem mesmo a cooptação ao seu círculo familiar não

¹⁴ “[...] *those tangible substances [that] count for most in the daily lives of people.*” (HANIFAN, 1916, p. 130).

parece ser capaz de satisfazer o desejo que cada indivíduo tem de se integrar a um grupo maior.

Por outro lado, o contato com seus vizinhos, somado ao contato destes com novos vizinhos, já abriria caminho para uma acumulação de capital social, que poderia imediatamente satisfazer suas necessidades sociais, assim como lançar possibilidades suficientes para gerar uma melhoria substancial na vida de toda a comunidade. Enfim, o grupo como um todo se beneficiaria da cooperação de todas as suas partes, enquanto que o indivíduo encontraria na sua participação em várias associações vantagens como a ajuda e a solidariedade (HANIFAN, 1920).

Em primeiro lugar, então, é preciso que haja uma acumulação de capital social no seio da comunidade, que poderia ser efetuada através da promoção de eventos para a diversão pública. Quando as pessoas de uma determinada comunidade passariam a se familiarizar umas com as outras e a adquirir um hábito de se reunir ocasionalmente para se entreter e interagir. Em seguida, uma liderança habilidosa poderia com facilidade orientar a aplicação do capital social para a melhoria do bem-estar geral da comunidade.

Já na leitura de Bourdieu, que publicou em 1980 o artigo **Le capital social : notes provisoires**, a noção de capital social se impôs como o único meio apto a designar o princípio dos efeitos sociais, portanto, não pode ser reduzida à totalidade de propriedades individuais de um certo agente.

Pelo contrário, falar de capital social implica em prover um suporte de capital de propriedade coletiva. Esses efeitos são particularmente visíveis em todos os casos onde indivíduos diferentes obtêm um rendimento desigual (econômico ou cultural), o que de certa forma equivale ao grau que se pode mobilizar, por procuração, o capital de um grupo, mais ou menos organizado como tal:

O capital social é a acumulação de recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento mútuos, ou ainda a partir do sentimento *de pertencimento a um grupo*, enquanto um conjunto de agentes que não são apenas donos de propriedades comuns (passíveis de serem notadas por um observador, pelos outros ou por eles mesmos),

mas estão unidos também por meio de *conexões* permanentes e úteis. (BOURDIEU, 1980, p. 2, tradução nossa, grifo do autor)¹⁵.

Deste ponto de vista, a totalidade de capital social é articulada através de ligações diversas que seriam responsáveis pela conservação do grupo, sendo o capital constantemente acumulado, transmitido e reproduzido. Tais conexões não podem ser reduzidas às relações objetivas de proximidade a um espaço físico ou geográfico, e nem mesmo a um espaço econômico ou social, porque são fundadas sobre trocas inseparavelmente simbólicas e materiais, nesse caso, a sua instauração e conseqüente perpetuação presumem o re-conhecimento dessa proximidade.

O volume de capital social de um agente depende da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar, como também do volume de capital econômico, cultural e simbólico associado a cada pessoa com a qual está relacionado. Os benefícios obtidos com a participação em grupo dizem respeito basicamente aos de caráter de solidariedade.

Conforme Bourdieu (1980, p. 2, tradução nossa): “A existência de uma rede de conexões sociais não deve ser vista como um dado natural, muito menos como um ‘dado social’, ela se constitui de uma vez por todas e para sempre por meio de um ato de instituição social [...]”¹⁶ Essa rede social é o produto de um trabalho de instauração e de manutenção que é necessário para produzir e reproduzir vínculos duráveis, convenientes para a busca de bens materiais ou simbólicos.

Para o autor, a rede de conexões é ainda o produto de estratégias de investimento social, consciente ou inconscientemente orientadas, para criar ou reproduzir relações sociais de fato úteis, a curto ou a longo prazo. Em outras palavras, a intenção é transformar relações como de vizinhança, de trabalho ou mesmo de parentesco em relações necessárias

¹⁵ « *Le capital social est l'ensemble des ressources actuelles ou potentielles qui sont liées à la possession d'un **réseaus durable de relations** plus ou moins institutionnalisées d'interconnaissance et d'interreconnaissance; ou, en d'autres termes, à **l'appartenance à un groupe**, comme ensemble d'agents qui ne sont pas seulement dotés de propriétés communes (susceptibles d'être perçues par l'observateur, par les autres ou par eux-mêmes) mais sont aussi unis par des **liaisons** permanentes et utiles.* » (BOURDIEU, 1980, p. 2).

¹⁶ « *L'existence d'un réseau de liaisons n'est pas un donné naturel, ni même un 'donné social', constitué une fois pour toutes et pour toujours par un acte social d'institution [...]* » (BOURDIEU, 1980, p. 2).

e eletivas, implicando em obrigações duráveis experimentadas de modo subjetivo (sentimentos de reconhecimento, de respeito, de amizade etc.) ou institucionalmente garantidas (direito). Algo que só pode ocorrer graças à alquimia das trocas comunicacionais previstas, que produzem o conhecimento e o reconhecimento mútuos.

A troca transforma as coisas permutadas em sinais de reconhecimento e ela produz o grupo e delibera os seus limites através de processos de reconhecimentos mútuos e de pertencimento ao grupo. Assim, cada membro se considera um guardião dos limites do grupo. Mas para restringir a concorrência interna visando à manutenção dos limites definidos para a acumulação de capital, os membros devem fixar a distribuição das responsabilidades entre seus membros de direito. Quando se institui uma delegação com mandatário, porta-voz, entre outros, para que se comprometam com o capital social do grupo em seu conjunto (BOURDIEU, 1980).

O termo capital é usado pelo autor como uma metáfora para expressar níveis diferenciados de relações de poder, já que o mundo social é assinalado pela disputa de poder em todos os campos que o compõem (BOURDIEU, 1998)¹⁷. Vale lembrar que a reprodução do capital social é tributária de uma parte de todas as instituições, de modo a favorecer as trocas legítimas e a excluir as trocas ilegítimas na produção de eventos, lugares ou de práticas.

Bourdieu (1980) também fala da existência de conflito no arranjo do capital social, além de advertir que todas as formas de capital podem assumir o contorno de capital econômico, definido como trabalho humano acumulado. Isso permitiria que, de alguma maneira, os diversos atores tivessem acesso direto a recursos econômicos por meio do capital social.

Outro pesquisador visto como autoridade no tema é Coleman (1988), que apresenta inicialmente uma semelhança de pensamento com Bourdieu (1980, 1998), ao se apropriar do conceito de capital social para avaliá-lo como um recurso capaz de gerar benefícios a uma coletividade. Trata-se de uma habilidade que as pessoas têm de trabalhar juntas em organizações para atingir objetivos comuns, um significado relevante para se entender como o capital social é criado. Nas palavras de Coleman:

¹⁷Para mais informações sobre a noção de campo de Bourdieu, consultar o capítulo III "A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo", publicado na obra **O Poder Simbólico**. BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 322 p.

O capital social é definido por sua função. Não se trata de uma entidade única, mas de uma multiplicidade de diferentes entidades que apresentam dois elementos em comum: todas elas consistem em certo aspecto de estruturas sociais e facilitam determinadas ações dos atores – pessoas ou atores coletivos – no interior da estrutura (COLEMAN, 1988, p. S98, tradução nossa)¹⁸.

Em sua apreciação, incorpora o princípio da ação racional ou intencional aos efeitos das estruturas sociais sobre o comportamento dos atores, assim, respalda-se em preceitos da economia e da sociologia para especificar a sua compreensão sobre o capital social. Ele tenta mesclar as duas proposições para contemplar a relativa liberdade dos atores em suas decisões sobre os rumos de suas ações e, paralelamente, combinar os efeitos do contexto social sobre tais decisões.

Nesse sentido, o autor parte de uma dupla crítica para trabalhar a noção de capital social: questiona os sociólogos que costumam abordar o ator como alguém cujas ações são determinadas por normas sociais, regras e obrigações; e critica os economistas neoclássicos, os quais concebem a ação como produto exclusivo dos interesses particulares dos atores, sem observar as estruturas que configuram o social.

Coleman (1988) afirma que o capital social é inseparável da estrutura de relações situadas entre os atores, só existe por meio desses contatos que são as próprias fontes do capital social, uma característica que o diferencia das variadas formas de capital existentes. Porém, a marca distintiva do capital social é que o seu valor aumenta à medida que é mais usado, ele se fortalece a partir de processos de interações repetidas.

Ademais, o autor realça que o capital social não se localiza em um ator exclusivo, mas em um relacionamento entre atores, e é criado através de mudanças processadas nas relações entre as pessoas. Aliás, as funções do capital social representam uma espécie de fonte para os indivíduos reunidos em um grupo e embora o capital social não esteja situado no patamar individual, pode ser empregado em finalidades coletivas ou individuais.

No raciocínio de Coleman (1988), nota-se a importância conferida ao papel do capital social na criação de capital humano, uma linha de trabalho inspirada nas obras de Glenn

¹⁸ *“Social capital is defined by its function. It is not a single entity but a variety of different entities, with two elements in common: they all consist of some aspect of social structures, and they facilitate certain actions of actors – whether persons or corporate actors - within the structure.”* (COLEMAN, 1988, p. S98).

Loury (1977), que articulou o conceito ao criticar as teorias neoclássicas da desigualdade racial de rendimentos e as suas implicações políticas; e de Mark Granovetter (1973), com a tese sobre a presença de laços fracos e fortes no contato social. Coleman (1988), por sua vez, não faz nenhuma menção a Bourdieu, embora exista uma similaridade de pensamento com o pesquisador francês, como sinalizado antes.

Contudo, os ensaios de Coleman contribuem expressivamente para o debate ao introduzir e conferir visibilidade ao termo, sobremaneira, na sociologia americana, enfatizando a sua relevância na aquisição de capital humano, além de identificar alguns dos dispositivos capazes de produzi-lo.

No conjunto de estudiosos responsáveis pela divulgação do conceito de capital social se destacam Putnam, Leonardi e Nanetti (1996) e Putnam (2000), ao avaliarem a formação de redes sociais de engajamento cívico em sociedades democráticas. No estudo de Putnam, Leonardi e Nanetti (1996) sobre a Itália são apresentados os dados de uma pesquisa multidisciplinar iniciada nos anos de 1970, cujo objetivo era entender como a política e o governo eram influenciados pelas instituições, assim como identificar os fatores que condicionavam o desempenho institucional.

A problemática-chave era descobrir, ao contrastar os diferentes resultados produzidos pela descentralização política no Norte e Sul da Itália, o que faz o mesmo tipo de instituição ter performance diversa em contextos sociais distintos? Em âmbito global, a proposta era descobrir o porquê de alguns governos democráticos terem um bom desempenho e outros não. Por meio da comparação histórica entre as duas regiões italiana, os autores concluíram que a boa atuação institucional do Norte da Itália estava relacionada à vivência de uma sociedade civil muito mais forte do que a do Sul, chamada de uma comunidade cívica.

Putnam, Leonardi e Nanetti (1996) estabeleceram uma ligação entre capital social e alguns tipos de características presentes em organizações sociais, como confiança, normas e redes, capazes de aprimorar a eficiência da sociedade no sentido em que facilitariam a realização de ações coordenadas. De acordo com os três autores:

A confiança promove a cooperação. Quanto mais elevado o nível de confiança numa comunidade, maior a probabilidade de haver cooperação. E

a própria cooperação gera confiança. A progressiva acumulação de capital social é uma das principais responsáveis pelos círculos virtuosos da Itália cívica (PUTNAM; LEONARDI; NANETTI, 1996, p. 180).

A expressão capital social passou a ser conhecida pelo seu vínculo estreito com o fator confiança, sendo concebida como uma espécie de lubrificante da vida social, com capacidade de gerar inclusive resultados econômicos satisfatórios. Por esse viés, há mais chance de uma sociedade marcada por um grau elevado de confiança se tornar e permanecer rica, em decorrência do predomínio do caráter cívico. A confiança é alcançada graças ao reconhecimento mútuo entre os membros da comunidade e a uma forte tradição na linha da ação comunitária.

Apesar de uma participação ativa dos cidadãos em negócios públicos e de uma possível igualdade política figurarem como condições significativas, não são de todo suficientes para delimitar uma comunidade cívica. Em outras palavras, é imprescindível que haja outros elementos como solidariedade, confiança e tolerância intermediando as relações dos cidadãos uns com os outros.

As análises de Putnam (2000) continuaram, sendo investigadas, sobretudo, as alterações ocorridas na vida cívica e social em comunidades norte-americanas. Segundo ele, recentemente, diversos cientistas sociais têm debatido sobre as mudanças na sociedade americana em termos de capital social. Pela analogia com as noções de capital físico e capital humano – ferramentas e instrução que melhoram a produtividade individual, a idéia principal da teoria do capital social é que as redes sociais têm valor.

Enquanto o capital físico refere-se aos objetos físicos e o capital humano aos bens pessoais dos indivíduos, o capital social volta-se para as conexões entre os indivíduos, isto é, trata de redes sociais e de suas normas de reciprocidade que são dignas de confiança. Nesta perspectiva, o capital social estaria próximo do que alguns chamam de *civic virtue* ou virtude cívica. A diferença, para Putnam (2000), é que a virtude cívica torna-se mais poderosa quando envolvida em uma rede densa de relações sociais recíprocas, ou seja, repleta de capital social. No sentido inverso, uma sociedade de muitas virtuosidades, mas que promove o isolamento de indivíduos, não é necessariamente rica em capital social.

O capital social pode ser simultaneamente um *private good* ou bem privado e um *public good* ou bem público. Alguns dos benefícios resultantes de um investimento em

capital social direcionam-se para o expectador, enquanto outros são utilizados imediatamente para suprir o interesse da pessoa que fez o investimento. Dessa maneira, é possível identificar dois tipos de reciprocidade: a reciprocidade balanceada ou específica e a reciprocidade generalizada ou difusa:

A primeira diz respeito à permuta simultânea de itens de igual valor; por exemplo, quando colegas de trabalho trocam seus dias de folga ou quando políticos combinam apoiar-se mutuamente. A reciprocidade generalizada diz respeito a uma contínua relação de troca que a qualquer momento apresenta desequilíbrio ou falta de correspondência, mas que supõe expectativas mútuas de que um favor concedido hoje venha a ser retribuído no futuro. A amizade, por exemplo, quase sempre implica reciprocidade generalizada (PUTNAM; LEONARDI; NANETTI, 1996, p. 182).

Embora admita a existência destas duas formas de reciprocidade, Putnam (2000) ressalta que a norma da reciprocidade generalizada detém mais valor: eu farei isso por você sem esperar nada de específico de você em retorno, com a confiante expectativa que alguém mais fará alguma coisa para mim pelo caminho. Portanto, uma sociedade caracterizada pela reciprocidade generalizada é mais eficiente que qualquer sociedade apontada pela desconfiada, pela mesma razão que o dinheiro é mais eficiente que a troca. Logo, a confiança lubrifica a vida social, mas não a simples confiança, e sim a dignidade de confiança.

Entre os itens que compõem o capital social, o autor indica ainda o altruísmo, o voluntariado e a filantropia, sendo que a nossa prontidão em ajudar os outros aparece como uma medida central do capital social. Todavia, embora o propósito filantrópico seja considerado admirável, ele não representa um ingrediente, porque o capital social se refere à conexão em uma rede social – fazer com. Enquanto a ação de fazer o bem para outras pessoas não é vista como um elemento definidor de capital social.

O capital social advindo do comprometimento em redes sociais e da aceitação de normas de reciprocidade apresenta-se de diversos contornos, tamanhos e distinções de uso. Conforme o autor, às vezes, a noção de capital social, como seu conceito primo o de comunidade, parece caloroso e aconchegante. Em geral, as redes sociais e as normas de reciprocidade associadas são saudáveis para aqueles que pertencem a elas, porém, os

efeitos externos do capital social compartilhado no interior de um grupo nem sempre são vistos como positivos.

Por causa da probabilidade real de o capital social ser manipulado para aplicações maldosas, para propósitos anti-sociais, como acontece com outras formas de capital, o autor faz um alerta:

Por conseguinte, torna-se importante perguntar de que modo as consequências positivas do capital social – apoio mútuo, cooperação, confiança, eficácia institucional – pode ser maximizado e as manifestações negativas – sectarismo, etnocentrismo, corrupção – minimizadas (PUTNAM, 2000, p. 22, tradução nossa) ¹⁹.

Ao longo de todas as dimensões variáveis das formas de capital social, talvez a mais significativa seja a distinção entre dois aspectos básicos: o *bridging*, que pode ser associado à idéia de estabelecer uma ponte com algo de natureza diferente (inclusivo), e o *bonding* com a intenção de formar laços sociais entre iguais (exclusivo).

Certas formas de capital social, por escolha ou necessidade, concentram-se em si mesmas e tendem a reforçar identidades exclusivas e a união de grupos homogêneos. Como exemplos dessa categoria de capital social através da formação de laços sociais entre semelhantes estão organizações fraternais étnicas e grupos femininos de leitura em igreja. Enquanto que movimentos em prol de direitos cívicos, grupos de serviços para jovens, organizações religiosas de perfil ecumênico são ilustrações do tipo de capital social inclusivo, ou seja, que cria uma ponte de contato com o diferente.

A dimensão exclusiva de capital social é mais apropriada para o desenvolvimento de reciprocidade específica e para a mobilização em campanhas de solidariedade. Redes sociais densas em enclaves étnicos, por exemplo, garantem um suporte social e psicológico importante para os membros menos afortunados da comunidade. Já as redes de caráter inclusivo, em oposição, são melhores para promover a ligação externa de bens e para a difusão de informação.

¹⁹ "Therefore it is important to ask how the positive consequences of social capital – mutual support, cooperation, trust, institutional effectiveness – can be maximized and the negative manifestations – sectarianism, ethnocentrism, corruption – minimized." (PUTNAM, 2000, p. 22).

É interessante mencionar que os movimentos sociais também ajudam a criar capital social, no sentido em que fomentam novas identidades e ampliam as redes sociais. Em síntese, os movimentos sociais com envolvimento de base tanto podem incorporar quanto produzir capital social. Torna-se necessário enfatizar que as formas de capital social inclusiva e exclusiva podem conviver de modo positivo em uma única rede social de contato, atuando conjuntamente e se complementando. Algo que pode ser verificado com a proliferação de redes de relacionamento social organizadas no ciberespaço, como aponta Putnam (2000).

O autor lembra que em salas de bate-papo da internet podem se reunir participantes situados em regiões geográficas distintas, além das diferenças de sexo, idade e religião. Por outro lado, essas pessoas podem instituir um grupo bem homogêneo no que diz respeito ao nível educacional e à ideologia.

A partir dessa abordagem sobre o capital social, indicam-se algumas características essenciais como: ser reflexo de uma rede social; portanto, organiza-se em uma estrutura de rede constituída por diversos nós, que ocupam posições divergentes tanto geograficamente (BARNES, 1954) quanto hierarquicamente (BOURDIEU, 1980). O capital social depende de valores tais como boa vontade, companheirismo e solidariedade (HANIFAN, 1916, 1920), e de um grau elevado de confiança e de ações de reciprocidade (COLEMAN, 1988; PUTNAM; LEONARDI; NANETTI, 1996; PUTNAM, 2000) para ser utilizado em benefício da coletividade, um ponto comum entre todos os autores acima citados, com exceção de Barnes (1954) que não define o termo capital social.

Com relação ao convívio em grupos *on-line*, Putnam (2000) assinala que comunidade, comunhão e comunicação estão íntima e etimologicamente relacionadas. A comunicação é um pré-requisito para haver conexões de ordem social e emocional; por sua vez, as telecomunicações, em geral, e a internet, em particular, realçam substancialmente nossa habilidade para comunicar. Assim, parece razoável aceitar que os efeitos da rede mundial de computadores poderiam ser aplicados para melhorar o contato em uma comunidade, talvez até de forma drástica, complementa o autor.

No que se refere ao foco desta tese, interessa saber como as pessoas se apropriam das possibilidades oferecidas pela comunicação mediada por computadores para formar grupos e se socializar, ao invés de verificar se tais recursos melhoram ou não o contato. Até porque seria dar crédito demais à face tecnológica do processo, quando o principal está do lado da interação humana.

Ainda sobre a relação capital social e internet, Putnam (2000) diz que como o capital social está estreitamente vinculado a redes, a internet, que é vista como a rede de todas as redes, poderia se transformar em um instrumento potente para a transferência de informação entre pessoas situadas em pontos distantes. Todavia, o autor questiona se em meio a este fluxo intenso de informação de fato haveria uma chance de fomentar tanto capital social quanto uma comunidade. Além disso, toda informação precisa estar inserida em um contexto social para ser significativa.

De qualquer forma, Putnam acredita que a comunicação via tecnologias digitais de alcance mundial provoca o alargamento das redes sociais de um jeito mais eficiente, sendo capaz de fortalecer nossos laços com o mundo social e aumentar nosso capital intelectual, à medida que a informação pode ser partilhada virtualmente. Ademais, a CMC pode funcionar como um suporte importante, denso e flexível para os grupos que atravessam fronteiras organizacionais e geográficas, incentivando o comprometimento de participantes periféricos. Nesse caso, as redes sociais *on-line* seriam estruturadas basicamente pelo compartilhamento de interesses.

No debate sobre a conformação das redes sociais *on-line*, distingue-se o conceito articulado por Garton, Haythornthwaite e Wellman (1999, p. 75, tradução nossa)²⁰:

Quando uma rede de computadores conecta pessoas ou organizações, isso é uma rede social. Da mesma forma que uma rede de computador é formada por um conjunto de máquinas ligadas por um conjunto de cabos, uma rede social é um conjunto de pessoas (ou organizações ou outras entidades sociais) conectadas por um conjunto de relações sociais, tais como de amizade, trabalho ou de troca de informações.

Na concepção destes autores, uma das implicações mais importantes da CMC é o seu potencial para apoiar a interação sem limites em redes sociais constituídas por malhas dispersas. Mas eles advertem que embora os estudos concentrem-se na interação em

²⁰ *"When a computer network connects people or organizations, it is a social network. Just as a computer network is a set of machines connected by a set of cables, a social network is a set of people (or organizations or other social entities) connected by a set of social relations, such as friendship, co-working, or information exchange."* (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1999, p. 75).

grupos *on-line*, esse é apenas um gênero de rede social, que se destaca por estimular a criação de vínculos fortes e pela estrutura densamente entrecortada.

O que acontece é que nem todos os tipos de relacionamentos sociais se encaixam perfeitamente em delimitações baseadas em sentimentos de solidariedades. Por isso, os analistas de redes sociais deveriam olhar para além das atribuições específicas dos indivíduos a fim de considerar as relações e os intercâmbios entre os atores sociais, assim como perguntar sobre os intercâmbios que criam e mantêm as relações sociais e de trabalho.

Outra característica é que os tipos de recursos empregados na relação podem ser muitos e de natureza diversa, uma vez que podem ser tangíveis, tais como bens e serviços, ou intangíveis, como a influência ou o suporte emocional. Em um contexto de CMC, recursos são aqueles que podem ser comunicados a outras pessoas através de textos, gráficos, animações, áudio ou vídeo; como a partilha de informação (notícia ou dados), a discussão sobre trabalho, o fornecimento de apoio emocional ou o companheirismo (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1999).

Na definição dos autores, as relações mantidas entre os participantes de uma rede social são assinaladas pelo conteúdo, direção e força. O conteúdo de uma relação refere-se aos recursos trocados, à medida que diferentes tipos de informação são transmitidos de acordo com o objetivo dos pares, logo, a comunicação pode ter um caráter administrativo, pessoal, profissional etc.

Trata-se de um sistema de comunicação digital e de alcance mundial que abarca o envio de um arquivo de dados ou de um programa de computador, bem como a possibilidade de se prestar apoio emocional ou de poder organizar uma reunião. Com o surgimento do comércio eletrônico, a troca de informações através da CMC também pode corresponder à troca de dinheiro, bens ou serviços no mundo "real", conforme Garton, Haythornthwaite e Wellman (1999, p. 78).

Por sua vez, uma relação pode ser direta ou não:

Por exemplo, uma pessoa pode dar apoio social para uma segunda pessoa. Existem duas relações aqui: dar apoio e receber apoio. Alternativamente, os agentes podem partilhar uma relação indireta de amizade, isto é, ambos mantêm a relação, e não há nenhuma orientação específica para isso

ocorrer (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1999, p. 78-79, tradução nossa)²¹.

As relações diferem ainda quanto à força, que pode ser operacionalizada de várias maneiras. Quanto à comunicação, os contatos podem ser feitos ao longo de todo um dia de trabalho, uma vez por dia, semanal ou anual. Os indivíduos podem trocar grandes ou pequenos montantes de capital social na forma de dinheiro, bens ou serviços, assim como fornecer informações importantes ou triviais.

Um laço conecta um par de atores através de uma ou mais relações, assim, os laços sociais também variam em conteúdo, direção e força. Os laços são concebidos normalmente como fracos ou fortes. Em geral, os laços fracos não são mantidos com frequência, pois não envolvem um grau de intimidade como entre colegas de ambiente de trabalho, que não estabelecem relações de amizade. Enquanto os laços fortes incluem combinações de intimidade, cumplicidade e prestação de serviços recíprocos, sendo os contatos são mais intensos. São os casos de parentesco e os relacionamentos muito próximos com amigos ou colegas.

Ambos os laços fortes e fracos desempenham papéis nas redes de intercâmbio de recursos. Os pares que mantêm laços fortes são mais propensos a compartilhar o que eles têm recursos, no entanto, o que eles têm para compartilhar pode ser limitado pelos recursos disponíveis nas redes as quais pertencem.

Os autores enfatizam que as redes de computadores são apenas um método de manter os laços, ou seja, as redes sociais não se restringem a um único meio. Tanto que os vínculos podem ser mantidos por contatos face a face, via telefone, *e-mail*, bilhete e outros meios de comunicação. Ao examinar a CMC é útil situar uma distinção entre os tipos de recursos trocados em um meio particular e as trocas que ocorrem no intercâmbio entre atores em uma rede social (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1999).

Um conjunto de relações ou vínculos revela uma rede social, desse modo, os pesquisadores são capazes de descrever as redes sociais através do estudo de padrões de

²¹ *"For example, one person may give social support to a second person. There are two relations here: giving support and receiving support. Alternately, actors may share an undirected friendship relation, that is, they both maintain the relation, and there is no specific direction to it."* (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1999, p. 78-79).

relações e laços. Tipicamente, a abordagem das redes sociais é feita de duas maneiras: a primeira considera as relações existentes conforme o ponto de vista de um indivíduo focal (ego-centrado), que está apto a transmitir informações devido à sua localização central no interior da rede.

O segundo modelo é mais copernicano e concebe toda a rede social baseada em algum critério específico de fronteiras populacionais, como uma organização formal, departamento, clube ou grupo de parentesco. Esta abordagem considera tanto a ocorrência como a não-ocorrência de contato entre todos os membros de uma mesma população. A rede inteira é usada para descrever os laços que todos os membros do grupo mantêm entre si. Idealmente, trata-se de uma abordagem que exige respostas de todos os membros em relação em um mesmo ambiente.

As duas formas de investigação, ego-centrado e de toda a rede, fornecem, por conseguinte, duas formas de análise sobre as ligações de comunicação entre as pessoas. O método de rede ego-centrado pode mostrar a variedade e a amplitude de conectividade para os indivíduos e identificar aqueles que têm acesso a diversos centros de informação e recursos. Já a análise da rede social como um todo pode indicar os participantes da rede que estão menos vinculados pela CMC, bem como aqueles que emergem como figuras centrais ou que funcionam como pontes entre os diferentes grupos. Estes papéis e posições são reconhecidos através do exame da rede de dados e de informações difundidos nos relacionamentos dos grupos (GARTON; HAYTHORNTHWAITTE; WELLMAN, 1999).

A rede social pode variar no seu conjunto, ou seja, na sua dimensão e heterogeneidade. Assim, os autores alegam que uma rede social extensa concentra membros com características sociais mais heterogêneas, além de apresentar uma estrutura de rede bem complexa. Pequenas e homogêneas são as redes tradicionais como grupos de trabalho e comunidades de aldeia, que são adequadas para a conservação dos recursos existentes, complementam Garton, Haythornthwaite e Wellman (1999).

Na visão de Putnam (2000), as chamadas comunidades virtuais podem ser mais igualitárias do que as comunidades reais nas quais vivemos. Assim, ao adotar um mecanismo de acesso distribuído em nível ciberespacial, as comunidades virtuais podem ser mais ainda mais heterogêneas considerando fatores como raça, gênero e idade, embora elas possam ser mais homogêneas no que diz respeito aos interesses e valores.

Quando o autor argumenta que:

A internet nos possibilita restringir a nossa comunicação a pessoas com as quais se reparte exatamente os mesmos interesses [...] Essa especialização poderosa é um dos grandes atrativos da mídia, mas também representa uma das suas sutis ameaças à categoria de capital social inclusivo (PUTNAM, 2000, p. 177-178, tradução nossa)²².

O possível fechamento em grupos voltados a temáticas bem específicas, que exclui todos os que demais e reforça somente o laço entre seus semelhantes, colocaria em risco a forma inclusiva de capital social, que trabalha com a expectativa de incluir a diferença. Trata-se de uma preocupação constante entre estudiosos dedicados à análise sobre o estabelecimento de laços sociais no ambiente virtual, que é definida por Alstynne e Brynjolfsson (1997) como o fenômeno da ciberbalkanização, como comentado em capítulo anterior.

No mundo *off-line*, com frequência, as interações levam obrigatoriamente à manutenção de contato com a diversidade, enquanto no mundo *on-line* o contato pode ser mais homogêneo, não em termos demográficos, mas em termos de interesse e de perspectivas. Nesse sentido, as comunidades baseadas em um lugar podem ser suplantadas por grupos fixados em torno de interesses.

Putnam (2000) acredita que a comunicação *on-line* pode ser mais igualitária, franca e com tarefas mais orientadas do que acontece no encontro face a face. No entanto, devido à escassez de sinais sociais e de mensagens, os integrantes de grupos consolidados via sistemas de computadores encontram dificuldades para chegar a um consenso e por isso sentem-se menos solidários uns com os outros. Eles acabam elaborando um senso de despersonalização, sendo comum um sentimento de insatisfação com as atividades do grupo.

Por outro lado, essas pessoas reunidas acham de forma rápida uma resposta lógica para os problemas compartilhados na rede social, provavelmente porque elas não

²² "The Internet enables us to confine our communication to people who share precisely our interests [...] That powerful specialization is one of the medium's great attractions, but also one of its subtler threats to bridging social capital." (PUTNAM, 2000, p. 177-178).

costumam se distrair com conteúdos irrelevantes. O problema, conforme Putnam (2000), é que o grupo como um todo é muito pobre quando o assunto é a geração de confiança e de reciprocidade necessárias para implementar inclusive a solução obtida.

De qualquer modo, a comunicação eletrônica é adequada para o compartilhamento de informações, encontro de opiniões e para a realização de discussões alternativas, porém, a constituição de valores como confiança e boa vontade não é nada fácil no ciberespaço (PUTNAM, 2000). Talvez essa dificuldade apontada pelo autor possa se referir a dois aspectos inerentes ao ambiente virtual: o recurso do anonimato, o qual permite ao usuário a preservação de sua identidade em sigilo; e a flexibilidade de contato.

Ambas as características podem encorajar à associação, assim como à sua desvinculação, uma vez que os processos de entrada e de saída de uma comunidade são simplificados. Na visão do autor, essa casualidade serve como um apelo para a adesão ao ciberespaço, mas isso desestimula a produção de capital social, pois esse trânsito de membros impede a instauração de um senso de comprometimento, de dignidade de confiança e de reciprocidade. Mas será que isso acontece em todos os grupos comunitários formados *on-line*, sem exceção?

Todavia, vale realçar que Putnam adota uma concepção de capital social aplicada, sobretudo, à participação cívica em sociedades democráticas. Ele próprio em suas pesquisas já apontou que algumas mudanças ocorridas ao longo de décadas nas diversas esferas – política, econômicas, sociais e culturais -, interferem na produção e reprodução de capital social. Por conseguinte, seria aceitável imaginar que o capital social também seja reelaborado e adaptado ao contexto das práticas socioculturais no ambiente virtual.

Talvez o bem-estar coletivo, a finalidade estruturante do capital social em redes de contato permaneça central, porém, as motivações em jogo podem ser de naturezas diversas. De repente, a confiança no outro não seja o peso fundamental, embora ela continue a existir. Quem sabe o fato de não estar sozinho ou de saber que há pessoas vivendo uma situação semelhante seja suficiente para suprir as necessidades do momento para os membros de agregações *on-line*, como sugere a proposta maffesoliana do neotribalismo contemporâneo.

Ao avaliar como a internet afeta o capital social em termos de redes sociais de contato, participação organizacional e política, e envolvimento comunitário, Wellman et al.

(2001) indicam que o uso da internet complementa a rede de capital por estender os níveis de contato face a face e pelo telefone.

Segundo os autores, a internet é utilizada especialmente para conservar laços com amigos, quando a usabilidade da rede torna-se extremamente proveitosa para a manutenção de contato entre amigos que se encontram socialmente e geograficamente dispersa. Esse resultado sugere que os impactos da internet no contato social são complementares.

Além disso, a participação *on-line* envolve, em geral, dois tipos de atividades: sociais e anti-sociais. Por exemplo, a rede pode ser usada como uma ferramenta para ações de solidariedade, que sustentam as relações familiares e no interior de comunidades; e, de outro lado, pode ser utilizada para a busca de informações ou para se ler um jornal. Assim, nem todas as atividades realizadas no ambiente virtual competem com as interações *off-line*.

Wellman et al. (2001) advertem que a internet está aumentando a conectividade interpessoal e o envolvimento organizacional. Entretanto, esse acréscimo de conectividade e de participação não apenas pode ampliar as potencialidades de contato e de obter informações, quanto pode reduzir o compromisso comunitário. Desse ponto de vista, há essencialmente duas modalidades de apropriação da internet:

Quando a internet envolve primariamente as pessoas em práticas anti-sociais, então, até mais do que a televisão, sua imersividade pode afastar as pessoas da comunidade, da participação organizacional e política, e da vida doméstica. Pelo contrário, quando as pessoas usam a internet para se comunicar e se coordenar com amigos, parentes e organizações – próximos e distantes – então se trata de um instrumento dedicado à construção e à manutenção de capital social (WELLMAN et al., 2001, p. 451, tradução nossa)²³.

²³ *"When the Internet engages people primarily in asocial activities, then even more than television, its immersiveness can turn people away from community, organizational and political involvement, and domestic life. By contrast, when people use the Internet to communicate and coordinate with friends, relatives, and organizations – near and far – then it is a tool for building and maintaining social capital."* (WELLMAN et al., 2001, p. 451).

De acordo com essa classificação, as plataformas de redes sociais como o orkut, edificadas sob o princípio dos nomeados *social softwares*, estão delineadas para atuar em funções de caráter social, visando incentivar o convívio em grupos. São redes que trabalham com noções de conectividade e de compromisso com o objetivo de promover a interação humana, portanto, nessas redes de relacionamento poderia haver a presença de capital social. Nesse sentido, o grande desafio seria o de mapear a qualidade da interação social estabelecida, que poderia ajudar a comprovar a existência de capital social.

2.3.2 *Social Software e Web 2.0*

A expressão *social software*, amplamente empregada na atualidade para definir os programas computacionais que garantem o suporte à interação em grupos, tornou-se relativamente popular no início de 2000, apesar das idéias essenciais em torno do conceito terem se originado muito antes. Conforme Allen (2004), a primeira referência à possibilidade das pessoas usarem computadores com a intenção de colaborar entre si data de 1940, sendo a publicação do artigo **As We May Think** de Vannevar Bush, no ano de 1945, um marco.

Nesse texto fundador dos debates sobre o futuro da computação o autor menciona o projeto Memex, que embora nunca tenha sido implementado na prática, sua concepção básica se aproxima do que hoje se conhece como o *personal computer* (PC) ou o computador pessoal. O Memex foi apresentado como um mecanismo que permitiria ao indivíduo o armazenamento de todos os seus livros, gravações, registros e mensagens, e por se tratar de uma ferramenta mecanizada a consulta desse material seria feita de um modo extremamente rápido e flexível. Algo que iria ampliar consideravelmente o potencial de memorização do usuário, ao complementá-lo; a vantagem é que a informação não precisaria mais ser lembrada em sua totalidade, bastaria fazer uma busca no sistema para ser localizada.

Mais tarde, a discussão sobre o artigo relacionado ao Memex abordou os benefícios que poderiam ser obtidos para o contato estabelecido em grupos, à medida que participantes e amigos comesçassem a trocar dados e imagens entre si para que fossem

guardados em seus respectivos equipamentos, que estariam ligados, por sua vez, a uma variedade de trilhas comunicacionais.

Desde então os programas, serviços e produtos destinados à comunicação mediada por redes de computadores foram aperfeiçoados, quando o termo *social software* foi adquirindo consistência quase que em substituição a outras tecnologias como, por exemplo, a de *groupware*. Uma noção inventada em 1978 para se referir à maneira como as pessoas poderiam interagir e colaborar na execução de atividades profissionais, com o suporte de programas de computadores especiais (ALLEN, 2004).

Na década de 1990, o nome *social software* era raramente utilizado fora dos círculos especializados na temática e só passou a ser adotado com frequência no ano de 2002. Na opinião de Allen (2004) e de Boyd (2007a), essa divulgação deve estar relacionada, provavelmente, aos esforços de Clay Shirky, o responsável pela organização do evento **Social Software Summit**, realizado em novembro de 2002.

De um modo sintético, Shirky (2003) define o *social software* como um programa que apóia as comunicações em grupo, incluindo os mais variados serviços dedicados a motivar a interação humana. Entre os quais se destacam o *e-mail*, os mundos virtuais criados a partir de jogos em três dimensões (3D), as salas de bate-papo e as ferramentas *wiki*, como a Wikipédia²⁴, uma enciclopédia livre, editada de forma colaborativa e mantida pela fundação norte-americana Wikimedia Foundation, através de doações de governos e do público.

Shirky (2003) faz questão de ressaltar que antes da *Web* tivemos centenas de anos de experiência com os meios de comunicação de massa: imprensa escrita, rádio e televisão. Antes do *e-mail*, tivemos o mesmo período de experiência com os meios de transmissão pessoal, como o telégrafo e o telefone. Porém, afóra a internet, nós tínhamos quase nada que desse suporte à conversação entre muitas pessoas de uma única vez. Sem contar a mudança radical trazida com a probabilidade de um grupo poder se comunicar estando seus membros dispersos no espaço e no tempo.

Pelo fato de existir ainda uma diversidade de padrões de interação em grupos, Shirky (2003) afirma que a categoria de *social software* é muito mais vasta do que as concepções de *groupware* e de comunidade *on-line*; embora ela possa incluir essas formas de contato. O

²⁴Informação disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 12 nov. 2006.

autor só quer deixar claro que nem toda comunicação em grupo tem como preocupação os negócios ou o aspecto comunal.

Os produtos baseadas no princípio do *social software* são caracterizados por uma flexibilidade e facilidade de uso. Mas o que distingue totalmente esse tipo de programa de outros instrumentos de comunicação é que os grupos ou comunidades formadas constituem entidades por direito próprio, na qual a interação estaria apoiada em regras e em procedimentos de negociação (SHIRKY, 2003). Assim, o modelo de funcionamento das redes sociais *on-line*, que se tornaram extremamente populares nos últimos anos, também se enquadraria na perspectiva de um *social software*.

A ausência de restrições físicas e temporais, como alega Shirky (2003), pode ser um dos fatores que contribui para o sucesso das plataformas de redes sociais, instrumentos de comunicação que se multiplicam no ciberespaço conquistando cada vez mais novos adeptos. Na visão de Tom Coates, provocador de um debate sobre a conceituação de *social software*, através do seu *weblog*²⁵ no dia 8 de maio de 2003, tais programas podem tanto auxiliar na ampliação das habilidades humanas para comunicar e colaborar, como facilitar a conexão social e o intercâmbio de informação, agindo como mídia.

No estágio atual de assimilação da rede, é importante enfatizar que há um processo de rotinização das tecnologias digitais de comunicação, que são constantemente incorporadas às atividades cotidianas dos internautas (HAYTHORNTHWAITTE; WELLMAN, 2005). É de se esperar que os tipos de uso se alterem conforme as práticas culturais como ratifica a pesquisa do Ibope/Net Ratings do primeiro trimestre de 2005 sobre os diferentes serviços mais acessados pela população do Brasil e dos Estados Unidos, cujo resultado apontou *sites* de relacionamentos sociais e *e-mail*, respectivamente. Um dado no mínimo curioso ao lembrar que as ferramentas de *social software* são desenvolvidas e aperfeiçoadas em território norte-americano, como a rede social orkut, que é um fenômeno de popularidade entre os brasileiros.

A adesão brasileira ao orkut demonstra uma forma especial de apropriação dos serviços oferecidos na internet, que chama atenção por ser algo relativamente novo. Já que sistemas nessa linha existem há menos de 40 anos e o próprio *social software* foi disponibilizado para o grande público há menos de uma década (SHIRKY, 2003). Trata-se de

²⁵Informação disponível em: <<http://www.plasticbag.org/>>. Acesso em: 12 nov. 2006.

uma tecnologia que teve rápida aceitação, sendo que os serviços fundados neste princípio hoje se consolidam enquanto instrumentos de comunicação e fazem parte da realidade de uma extensa faixa de internautas, principalmente os mais jovens.

Em 2005, foi a vez de Coates revisar sua compreensão sobre o *social software*, passando a ser concebido como uma sub-classe particular de programa que se preocupa com o aumento de certas habilidades colaborativas dos homens:

Social software pode ser definido aproximadamente como um programa que garante o suporte, o prolongamento ou a obtenção de algum valor adicional do comportamento social humano – quadro de mensagens, compartilhamento de gosto musical, de fotos, envio de mensagens instantâneas, mala direta de *e-mails*, rede de relacionamento social (COATES, 2005, tradução nossa)²⁶.

Conforme o autor, o *social software* pode beneficiar a interação humana ao remover as limitações impostas ao comportamento social no mundo real, em decorrência de fatores como linguagem, localização geográfica, origem, nível cultural e educacional e *status* econômico. Além de compensar a incapacidade humana de lidar com o tratamento e a manutenção de mecanismos colaborativos, podendo criar, em última instância, ambientes para tentar incentivar processos de criatividade em grupo.

Conseqüentemente, as redes de relacionamentos sociais *on-line* são plataformas de comunicação moldadas sob o ideal do *social software*, que busca realçar as capacidades de se conectar a outras pessoas, partilhar opiniões, trabalhar colaborativamente e formar comunidades (SUTER; ALEXANDER; KAPLAN, 2005). Paralelamente ao avanço tecnológico, os autores constatam que as teorias sobre as análises de redes sociais (*Social Network Analysis* - SNA) têm crescido em profundidade e em aplicação, permitindo um melhor entendimento em torno dos padrões de conectividade entre as pessoas.

²⁶ "Social Software can be loosely defined as software which supports, extends, or derives added value from, human social behaviour - message-boards, musical taste-sharing, photo-sharing, instant messaging, mailing lists, social networking." (COATES, 2005).

No que diz respeito ao papel do *social software*, Suter, Alexander e Kaplan (2005, p. 50, tradução nossa) comentam que:

O movimento do software social reaviva as idéias sobre a sociabilidade relacionadas com os espaços virtuais, os quais deixam de ser pontos de conteúdo estanque e emergem como áreas de compartilhamento de informação, colaboração, exploração e extensão da comunidade. Neste sentido, o *software* possibilita tanto um senso de presença social como de [pertencimento a um] lugar²⁷.

Entre as diversas potencialidades de emprego do *social software*, Churchill e Halverson (2005) argumentam que na contemporaneidade o debate sobre as redes de relacionamentos sociais é colocado como o núcleo da abordagem que trata das interações *on-line* via internet. Desse ponto de vista, enfoca-se o estabelecimento de vínculo com o outro para os mais variados fins, seja para conseguir um trabalho, um parceiro amoroso, ou simplesmente para dialogar com pessoas que tenham ou digam ter a mesma raça de cachorro, por exemplo.

Ainda que ao longo de décadas pesquisadores das ciências comportamentais venham estudando sistematicamente a formação de redes sociais de todos os tipos – as interações *off-line* por meio do contato face a face, por cartas, telefone e muitas outras; são investigações que, semelhantes às ocorridas no *on-line*, buscam determinar como as redes sociais são desenvolvidas e mantidas. Além de verificar de que modo as conexões organizadas em redes sociais podem afetar às vidas dos seus respectivos membros (CHURCHILL; HALVERSON, 2005).

Com referência às abordagens analíticas de redes sociais, Scott (1991) comenta três campos de investigações. Primeiramente, as análises sociométricas aplicadas nos Estados Unidos em 1930, cujo trabalho se baseia na psicologia da Gestalt com a meta de examinar como as sensações de bem-estar estão relacionadas à estrutura da vida social. Também em

²⁷ *"The social software movement rekindles our thinking about the socializing features of virtual spaces, which cease to become individual sojourns in isolated content and emerge as zones for information-sharing, collaboration, exploration, and extended community process. In this sense, the software supports a sense of social presence as well as place."* (SUTER; ALEXANDER; KAPLAN, 2005, p. 50).

1930, os pesquisadores da Universidade de Harvard começaram a observar os grupos para identificar subgrupos coesos, tal como de trabalho, igreja, família, associações e clubes. Uma equipe influenciada por antropólogos como Alfred Radcliffe-Brown, que se voltou para o exame da vivência em comunidades e em fábricas nos Estados Unidos.

Uma terceira proposta de investigação foi desenvolvida nos anos de 1950 por antropólogos na Inglaterra, inspirada ainda na experiência de Radcliffe-Brown. Entre os integrantes do grupo estava John Barnes, o pesquisador a quem foi atribuída à autoria do termo rede social em 1954, como apresentado no início desse capítulo. Do seu trabalho com Elizabeth Bott surgiu um enfoque sociométrico diferenciado, ao avaliar, sobretudo, as relações informais entre as pessoas, em detrimento dos relacionamentos associados a instituições e organizações. Ademais, essa noção considerava os conflitos e mudanças no interior daquelas redes. Por sua vez, Clyde Mitchell ampliou a sociometria praticada tradicionalmente mediante a inclusão da teoria dos grafos matemáticos (SCOTT, 1991).

Na condição atual de contato via CMC, as análises de redes sociais *on-line* também têm se concentrado na identificação de padrões de relacionamentos entre duas ou mais pessoas, organizações, entre outros, com o objetivo de descrever as redes de relacionamentos de um jeito tão detalhado quanto possível. Pela avaliação de uma rede social *on-line* busca-se mapear o fluxo informacional e outras fontes que apoiam a interação entre os atores, visando descobrir os efeitos manifestos por meio do contato entre pessoas e organizações em rede (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1999).

Retomando o ponto sobre o *social software*, devido às suas especificidades ele figura como mais um elemento da anunciada segunda geração *Web*. Por isso também hoje é comum o uso da expressão *Web 2.0* para falar das plataformas de redes sociais *on-line*, embora ela só tenha sido declarada publicamente em 2004. Alguém poderia questionar: como explicar essa relação do *social software* com a *Web 2.0*?

O fato é que através de procedimentos constantes de aperfeiçoamento, programadores e *designers* passaram a criar novos serviços, recursos e tecnologias visando, entre outras medidas, ampliar o grau de interatividade e a cooperação entre os internautas. Uma perspectiva de valorização do usuário final que começou a adquirir contorno nesta década, sendo o *social software* um exemplo prático dessa tendência.

Em outras palavras, inovações estavam ocorrendo, porém, foi preciso um tempo para se pensar sobre os últimos fatos. Até que em outubro de 2004, o termo *Web 2.0* foi

introduzido durante uma conferência promovida entre a O'Reilly Media, Inc. e a MediaLive International, empresas organizadoras de eventos e produtoras de conteúdos enfocando a temática de tecnologias da informação. Desde então, especialistas em tecnologias digitais de comunicação discorrem sobre o predomínio de uma segunda geração de *sites* e aplicativos da *World Wide Web (WWW)*, a interface gráfica da internet, que recebe a terminologia de *Web 2.0*.

Embora o termo seja freqüentemente usado por profissionais da área desde a sua divulgação, ele ainda causa polêmica, pois há quem diga que falta clareza em sua definição. A suspeita principal recai em saber se *Web 2.0* delinea uma nova concepção associada a inovações tecnológicas para incrementar a participação do usuário final ou se representa apenas mais uma palavra da moda que em breve seria esquecida, funcionando como *marketing buzzword*²⁸?

Entre os questionadores aparece o engenheiro de interfaces e uma das autoridades em usabilidade da *Web*, Jakob Nielsen (2007). Em entrevista à BBC News, curiosamente, ele não critica os recursos ou a participação dos usuários: seu alvo é a forma como os *sites* são desenhados. Os *sites* da *Web 2.0* ou a última moda, como ele nomeia, estariam negligenciando os conceitos básicos de um bom princípio de usabilidade, como criar um *site* fácil de usar; ter boas ferramentas de busca; escrever textos sem jargões; fazer testes de usabilidade; e considerar o *design* antes de escrever o código do *site*.

Nielsen (2007) também não condena idéias como de comunidades, de conteúdos gerados pelos próprios usuários e de desenvolvimento de páginas mais dinâmicas, mas antes de tudo, alerta que se devem respeitar os princípios básicos de construção de um *site*. Nielsen concluiu que o problema é que ele não acredita que todas essas outras coisas sejam tão úteis quanto os elementos primários²⁹.

Pelo visto a discussão em torno da possível legitimidade da noção deve perdurar. Não é à toa que o editor chefe do **Web 2.0 journal**, Dion Hinchcliffe, afirma em seu artigo **The State of Web 2.0** publicado em abril de 2006 que "*Web 2.0* é um termo que,

²⁸ Uma palavra, normalmente, usada como estratégia de *marketing* para demarcar alguma novidade, mas sem grande consistência, atraindo a atenção do público e do comércio, como um tipo de especulação mercadológica.

²⁹ "*Web 2.0 'neglecting good design.*" Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/6653119.stm>>. Acesso em: 7 out. 2007.

invariavelmente, você ama odiar ou odeia amar, mas de qualquer maneira, você saberá que vai chamar atenção ao dizer isso” (tradução nossa)³⁰.

Para o autor, essa expressão não fica reduzida a uma tecnologia, mas se refere a um modo de se arquitetar negócios e *softwares*. Trata-se de um jogo de forças relacionadas, padrões de *design* e modelos de negócios que surgem com certa intensidade pelo mundo afora. Com isso Hinchcliffe (2006) quer realçar que, definitivamente, *Web 2.0* não é um saco de conceitos agarrados de forma aleatória.

O interessante é que o conceito de *Web 2.0* somente adquiriu popularidade no ano de 2005 com a publicação do artigo **What is Web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software**, de autoria de Tim O’Reilly. Em linhas gerais, ele designa uma segunda geração de aplicativos e serviços baseada em funções simplificadas de publicação na internet, mediante um sistema de gestão de conteúdo de *sites* que pode ser usado por qualquer usuário, quando a *Web* passa a ser concebida como plataforma de publicação. Alguns meses após a divulgação de **What is Web 2.0**, O’Reilly apresenta uma definição mais compacta do termo, condensando os tópicos fundamentais:

Web 2.0 é a rede como plataforma, abarcando todos os dispositivos conectados. As aplicações *Web 2.0* são aquelas que aproveitam ao máximo as vantagens intrínsecas a tal plataforma: distribuem o *software* como um serviço de atualização contínuo que se torna melhor quanto mais pessoas o utilizam, consomem e transformam os dados originados de múltiplas fontes, inclusive de usuários individuais, enquanto fornecem seus próprios dados e serviços de um modo que permite a realização de modificações por outros usuários, criando efeitos de rede através de uma “arquitetura de participação” e superando a metáfora de página da *Web 1.0* para proporcionar ricas experiências aos usuários (O’REILLY, 2005b, tradução nossa)³¹.

³⁰ “Invariably, *Web 2.0* is a term you love to hate or hate to love but either way, you’ll know you’ll get folk’s attention by saying it.” (HINCHCLIFFE, 2006).

³¹ “*Web 2.0* is the network as platform, spanning all connected devices; *Web 2.0* applications are those that make the most of the intrinsic advantages of that platform: delivering software as a continually-updated service that gets better the more people use it, consuming and remixing data from multiple sources, including individual users, while providing their own data and services in a form that allows remixing by others, creating network effects through an ‘architecture of participation’, and going beyond the page metaphor of *Web 1.0* to deliver rich user experiences.” (O’REILLY, 2005b).

A *Web 2.0* seria o resultado de um desdobramento evolutivo da *Web* projetada por Tim Berners-Lee na década de 90, a então *Web 1.0*, identificada pela existência de páginas com conteúdos estáticos, apresentando pouca ou nenhuma possibilidade de interação com o usuário, além de não haver atualizações freqüentes. Com o reconhecimento de uma segunda geração *Web*, O'Reilly (2005a) ressalta que está ultrapassada a fase inicial de produção de conteúdos da internet, que envolvia procedimentos demorados e complicados, sendo obrigatório ter um conhecimento mínimo de linguagens de programação e de *softwares* para se desenvolver os *sites*.

Quem também faz uma comparação entre as duas etapas da *Web* é Salatiel (2007, p. 2):

[...] o conteúdo da internet, na primeira versão da web, era produzido offline em sites por meio do código HTML e enviado a um servidor, de onde os arquivos eram redistribuídos na rede. Exigia-se um domínio de linguagens de programação e de softwares para desenvolver os sites. Com a web 2.0, os serviços são administrados e o conteúdo gerado online, em páginas dinâmicas, construídas com base em uma 'arquitetura de participação' que coloca o usuário, o receptor, no centro do processo comunicativo.

No discurso em volta da anunciada *Web 2.0* destaca-se a perspectiva do compartilhamento de informações, na qual haveria uma maior probabilidade de todos colaborarem para a publicação de conteúdo. Assim, a *Web 2.0* representaria a evolução de aplicações tradicionais enfatizando o usuário final. Uma abordagem diferenciada que refletiria também uma mudança de atitude por parte de profissionais como *designers*, projetistas, programadores e empresários, manifestando uma preocupação sobre como deixar a internet mais participativa, útil, simples e, seguramente, lucrativa.

Em síntese, a *Web 2.0* pode ser entendida sob o preceito de uma socialização de conteúdo que é acompanhado pela difusão de novas ferramentas e funcionalidades. Por este viés, Primo (2006, p. 2) acredita que a: "*Web 2.0* tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática." Isto só é possível graças aos aprimoramentos de mecanismos de criação de páginas e de outros

aplicativos da rede, sendo hoje identificados pela expressão *Web 2.0*, assinalando um processo evolutivo de uma versão preliminar da *Web*.

Portanto, o autor adverte que não se trabalha com a idéia de substituição, mas de desenvolvimento e de aperfeiçoamento de instrumentos e serviços que levam a inovações de aplicabilidade, algumas induzidas pelo internauta, que se apropria e confere usos que fogem às premissas imaginadas por técnicos e programadores³².

Para Lin (2007), a *Web 2.0* representa uma mudança paradigmática na maneira como as pessoas utilizam a internet. Embora a maioria dos usuários tenha se limitado a visualizar passivamente *Web sites* criados por um pequeno número de indivíduos com habilidades de programação, agora quase todos poderiam contribuir ativamente com a produção de conteúdo *on-line*.

Ainda de acordo com este autor: "As tecnologias são ferramentas importantes, mas são secundárias para alcançar o objetivo maior de promover o acesso livre e aberto ao conhecimento." (LIN, p. 1, tradução nossa)³³. Para isso acontecer, no entanto, é preciso que os sistemas da *Web 2.0* sejam simples e sensatos, com uma interface simplificada para que até o internauta menos sofisticado possa deixar sua contribuição. A simplicidade é relevante para que as pessoas comuns, e não apenas especialistas, tenham a capacidade de criar e explorar os produtos e serviços da *Web*.

Não existe um conjunto de tecnologias que cada sistema *Web 2.0* utiliza, qualquer *software* baseado na *Web* que permite aos usuários criar e atualizar o conteúdo é indiscutivelmente uma tecnologia *Web 2.0*. Todavia, várias famílias de tecnologias que fomentem a participação do usuário em redes sociais estão associadas à era da *Web 2.0* (LIN, 2007).

³² O próprio sucesso do projeto de redes digitais de comunicação e da primeira rede iniciada em 1969, a ARPANET, é resultado de uma rara mistura de estratégia militar, cooperação científica e inovação contracultural, esta última liderada por pesquisadores e entusiastas que analisavam os computadores não apenas como máquinas de calcular e ordenar, mas como ferramentas de criação, comunicação e de convívio. Sobre contracultura ler: **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura** (A Sociedade em Rede, v. 1), de Manuel Castells (1999); **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**, de André Lemos (2002); e o artigo **From ARPAnet to the Internet: a cultural clash and its implications in framing the debate on the information superhighway**, de Mark Giese (1996). Ver referências completas no final deste trabalho.

³³ "Technologies are important tools, but they are secondary to achieving the greater goal of promoting free and open access to knowledge." (LIN, 2007, p. 1).

Muitas das tecnologias empregadas tornam a interface *Web* suave e intuitiva: programação como Ajax (Asynchronous Javascript And XML), que é o uso sistemático de tecnologias providas por navegadores, como JavaScript; Cascading Style Sheets (CSS), linguagem de estilo utilizada para definir a apresentação de documentos escritos em uma linguagem de marcação, como Extensible HTML (XHTML), e programação baseada em Adobe Flash fornecem uma experiência interativa e divertida, sem os inconvenientes das mais antigas aplicações *Web*. Contudo, Lin (2007) argumenta que, talvez, o recurso mais significativo para a *Web 2.0* seja o próprio usuário.

Na onda de novos conceitos associados à *Web 2.0* desponta a noção de *mash-ups*, que são simples e poderosos conteúdos de criação e de reutilização de tecnologias que concedem aos usuários a capacidade de agregar informações de várias origens para proporcionar uma experiência enriquecida (LIN, 2007). Na imaginação de Oren et al. (2007, p. 64, tradução nossa): "*Mash-ups* (2.0 vezes chamado de aplicações *Web*) são um paradigma em emergente desenvolvimento na *Web* que combina a funcionalidade de diferentes aplicações *Web*."³⁴.

Mash-ups seriam composições dinâmicas de *software* que combinam componentes a fim de ofertar um conjunto mais completo de funcionalidades. Ao avaliar que a composição de um *software* tradicional abarca tanto o lado funcional como a composição de dados, os desafios de compor aplicações *Webs* são, primariamente, de integrar as suas fontes de dados. Caso se considere, por exemplo, o desenvolvimento de uma rede social *on-line*, os aplicativos deveriam tornar possível que usuários definissem seu perfil pessoal (como seu nome, endereço, interesses e nível de educação) e, em seguida, buscassem pessoas e as adicionassem à sua lista de amigos. Por outro lado, outros usuários poderiam navegar na rede social, descobrir as ligações entre as pessoas e calcular graus de separação. O foco é incrementar as potencialidades de utilização de um único *site* de serviço (OREN et al., 2007).

A *Web 2.0* está organizada em uma arquitetura colaborativa e participativa, isto é, trata-se de uma atividade que é acima de tudo comunicativa, fator que pode ajudar para se entender o sucesso das redes sociais na internet, desenvolvidas com o suporte do *social software*. Como dito anteriormente, este tipo de programa busca estimular a interação

³⁴ "*Mash-ups* (often called *Web 2.0* applications) are an emerging *Web* development paradigm that combines functionality from different *Web* applications." (OREN et al., 2007, p. 64).

humana e dá origem a *sites* de relacionamentos sociais, como orkut, MySpace³⁵ e Facebook³⁶, auxiliando na formação das denominadas comunidades virtuais e por isso se distingue enquanto componente da segunda geração *Web*.

Tanto que Tim O'Reilly (2005a) afirma que sistemas de redes sociais como Friendster³⁷, orkut e LinkedIn³⁸ – os quais requerem permissão do receptor a fim de que uma conexão possa ser criada – necessitam de uma estrutura de conexão muito similar à da própria *Web*. Finalmente, toda a construção e a manutenção de redes sociais particulares que juntas formam uma comunidade maior dependem, exclusivamente, de ações colaborativas entre os integrantes, como se verá a seguir.

2.3.3 Expansão das Plataformas de Redes Sociais

A história das redes sociais *on-line* teve início no ano de 2002 com a fundação da comunidade Friendster por Jonathan Abrams, na Califórnia, nos Estados Unidos, cuja finalidade era ajudar os membros a se manter em contato com seus amigos, assim como a aumentar a rede de amizades, ao descobrir pessoas com interesses semelhantes. Conseqüentemente, a rede Friendster é considerada a pioneira no gênero e reúne cerca de 50 milhões de associados (ABOUT..., 2007).

Em 2007 Friendster foi eleito o melhor *site* de comunidade na premiação "*The Webware 100 Award*", que homenageia os melhores *sites*, serviços e aplicativos da categoria *Web 2.0*. Um prêmio no mínimo expressivo não apenas pelo fato de ser uma das redes sociais mais antigas e ter conseguido acompanhar as inovações tecnológicas e exigências dos usuários, mas pela questão da concorrência, pois hoje existem cerca de 110 *sites* do gênero no mundo inteiro³⁹.

³⁵ Página oficial disponível em: <www.myspace.com/>. Acesso em: 7 out. 2007

³⁶ "Microsoft pensa em investir na rede social Facebook, diz jornal". Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2007/09/24/297861962.asp>>. Acesso em: 7 out. 2007.

³⁷ Página oficial disponível em: <<http://www.friendster.com/>>. Acesso em: 7 out. 2007.

³⁸ Página oficial disponível em: <<http://www.linkedin.com/>>. Acesso em: 7 out. 2007.

³⁹ Dados obtidos no *site* Wikipédia Brasil. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_redes_sociais>. Acesso em: 3 out. 2007.

Com referência à funcionalidade, as redes sociais organizadas via internet apresentam essencialmente dois papéis que podem coexistir, à medida que um não invalida o outro: podem servir para promover encontros e reencontros de amigos e conhecidos, é o caso do orkut, e/ou elas podem igualmente ter um perfil bem profissional, como são LinkedIn e Viadeo⁴⁰, duas redes de encontro delineadas sob a perspectiva do *social network* comercial e profissional. Em ambas as circunstâncias, são instrumentos recomendados para o estabelecimento de contato social, seja para unir as pessoas em grupos visando à ampliação de círculos de amizade ou em busca de parcerias amorosas, comerciais etc.

Kimball e Rheingold (2001), por exemplo, avaliam os benefícios de redes sociais para empresas e organizações. Segundo eles, o avanço desse tipo de rede no ambiente profissional depende da manifestação de diálogos entre as pessoas que compartilham afinidades, trabalham na mesma companhia ou departamento e se distinguem de outras maneiras - por estar em diferentes locais, atuar em horários variados, ser especialista em distintas disciplinas etc.

O desenvolvimento de redes sociais, então, estaria baseado em processos de interação que ultrapassariam um conjunto de obstáculos, sendo o espaço-temporal o de maior realce. Isto significa que o bom desempenho de uma rede social virtual requer tanto capital social, suporte intelectual e cultural para gerar trocas de idéias, quanto conhecimento técnico.

A valorização das redes de relacionamento *on-line* é notada em esfera mundial e, embora o fenômeno de expansão desses *sites* tenha sido desencadeado nos Estados Unidos, testemunha-se na atualidade o nascimento acelerado de redes sociais pelos quatro cantos do planeta. Cada rede apresenta certas peculiaridades conforme o propósito de sua criação, desse modo, a participação do internauta estaria atrelada ao interesse em jogo.

Além disso, o uso de cada plataforma pode variar de acordo com a localização geográfica do internauta, o continente ou a região. Vale lembrar que capítulo anterior já se falou sobre a possibilidade de a rede internet ser empregada para difundir e reforçar hábitos e traços de uma cultura específica. Por conseguinte, alguns países adotam mais uma rede do que outros, assim, o orkut é extremamente famoso no Brasil, a rede profissional LinkedIn faz

⁴⁰ Página oficial disponível em: <<http://www.viadeo.com/pt/connexion/>>. Acesso em: 7 out. 2007.

sucesso entre os norte-americanos, e Viadeo, uma plataforma de relacionamento profissional francesa, figura como a preferida pelos europeus.

A comunidade MySpace, originada em 2004 nos Estados Unidos, continua sendo a mais popular do planeta. A rede social de propriedade da News Corp. congrega um número de participantes que supera a marca dos 130 milhões. Do total de registros, 61,2 milhões de usuários são dos Estados Unidos, revela uma pesquisa realizada com o público norte-americano no mês de julho de 2007.

O levantamento divulgado pela Nielsen/NetRatings identificou a lista Top 10 das redes sociais de maior popularidade, que apontou ainda o crescimento da comunidade Facebook⁴¹, que ganhou cerca de 11 milhões de membros em apenas um mês. Outra informação relevante é que o *site* orkut saiu da lista dos dez mais em território norte-americano, contudo, permanece líder absoluto no Brasil.

Sobre a rede Facebook, ela atingiu a cifra de 39 milhões de integrantes no segundo semestre de 2007, um aumento de 63% desde maio. Assim, a comunidade não somente passa a ameaçar o reinado de MySpace, como começa a atrair interesses comerciais. É o caso da maior empresa de *softwares* do mundo, a Microsoft, que se dispõe a comprar até 5% do Facebook por um valor entre US\$300 a US\$500 milhões. Com um contrato do gênero, a Microsoft teria melhores condições para competir com o líder de busca na internet, o Google, por usuários de *e-mail* e anunciantes. O detalhe é que a empresa Google demonstra, igualmente, uma pretensão de investir no *site* Facebook.

Todo o atrativo comercial em torno das redes de relacionamentos sociais pode ser explicado pela sua funcionalidade, servindo como espaços de convivialidade e de interação, uma vez que cada pessoa registra seu perfil, contata seus amigos e conhecidos, alarga sua rede de amizade e constitui laços comunitários, que são instituídos a partir do compartilhamento de afinidades (CORRÊA, 2007). Nesse sentido, Boyd (2007b) afirma que perfis e listas de amigos são duas características-chave de *sites* de redes sociais. O terceiro componente básico é a postagem de comentários públicos – testemunhos, recados e depoimentos exibidos com destaque e, normalmente, podem ser visualizados por todos os demais participantes.

⁴¹Página oficial disponível em: <www.facebook.com/>. Acesso em: 7 out. 2007.

Para a autora, estas três características – perfis, listas de amigos e comentários – compreendem a estrutura primária de um *site* de rede social. Tal estrutura permite ao visitante passear ao acaso pelas páginas de amigos de amigos e se comunicar com qualquer pessoa cadastrada, sendo que o uso padrão do sistema é guiado pela pré-existência de grupos de amigos. Pessoas se divertem com seus amigos nestes *sites* e utilizam as diferentes ferramentas de envio de mensagens com a intenção de partilhar artefatos culturais e idéias, enfim, para se comunicar uns com os outros (BOYD, 2007b).

Essa forma de associação espontânea parece se disseminar na rede social orkut criada em 19 de janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a reencontrar amigos, conhecidos e a estabelecer novas amizades:

O **orkut** é uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do **orkut** pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas.

Com o **orkut** é fácil conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e interesses que você, que estejam procurando um relacionamento afetivo ou contatos profissionais. Você também pode criar comunidades on-line ou participar de várias delas para discutir eventos atuais, reencontrar antigos amigos da escola ou até mesmo trocar receitas favoritas.

[...]

Nossa missão é ajudá-lo a criar uma rede de amigos mais íntimos e chegados. Esperamos que em breve você esteja curtindo mais a sua vida social (SOBRE..., 2007):

Trata-se de um serviço de comunicação *on-line* de propriedade da empresa Google Inc., cuja concepção é resultado do trabalho do engenheiro de programas Orkut Buyukkokten na organização, que destina a seus funcionários 20% de seu tempo para atuar em projetos particulares, a fim de estimular lampejos de criatividade.

A rede de relacionamento social orkut se transformou em uma sensação entre os usuários de internet, desde o seu lançamento oficial em janeiro de 2004. A finalidade básica é manter as pessoas em contato com amigos, parentes e conhecidos e abrir caminho para o estabelecimento de novas amizades. O *site* colabora para aproximar indivíduos que

compartilham interesses similares, que buscam parceiros amorosos e/ou desejam instituir novas relações profissionais.

A plataforma permite que cada integrante navegue por milhares de páginas de perfis, selecione e adicione outros usuários à sua página pessoal, que passam a fazer parte de sua lista de amigos. A inovação é que: “Você decide com quem quer interagir. Antes de conhecer uma pessoa no **orkut**, você pode ler seu perfil e ver como ela está conectada a você através da rede de amigos.” (SOBRE..., 2007). Essa rede particular de contatos ou a lista de amigos fica visível aos demais participantes, funcionando como um indicativo de popularidade. Entre as atrações da rede, distinguem-se ainda a criação de comunidades e a possibilidade de um único membro fazer parte de diversas ao mesmo tempo.

Para o bom desempenho do orkut, a interação social concebida por Simmel (MORAES, 1983), baseada em ações de reciprocidade entre duas ou mais pessoas, ou seja, quando um homem se encontra em um estado de convivência com outros homens, é extremamente necessária. Nessa rede social, a forma de contato se dá em um duplo sentido, exigindo que processos de interação aconteçam, pois toda vez que se convida alguém para ser amigo, aquele indivíduo recebe uma solicitação que precisa ser respondida.

Cada um tem a liberdade para decidir se aceita ou nega os pedidos de acordo com seus próprios critérios, independente da resposta, o que está em jogo é a manutenção de contato, mesmo que passageiro. Um procedimento análogo é observado na associação em comunidades, uma vez que os novos participantes devem entrar em contato com o dono e/ou moderador para requerer sua integração ao grupo.

O sucesso do *site* de relacionamento social no Brasil surpreende toda a equipe responsável pelo projeto, incluindo o pai da rede social, Orkut Buyukkokten, que se diz satisfeito e impressionado com a participação brasileira que chegou a 73,84%, conforme depoimento em entrevista publicada na Folha de S.Paulo, de 27 de julho de 2005⁴².

⁴² Matéria da jornalista Patrícia Bugos intitulada “Pai do Orkut promete melhorar o site”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/informat/fr2707200513.htm>>. Acesso em 16 nov. 2006.

Entretanto, trata-se de uma cifra não muito exata, porque certos brasileiros que moram no exterior informam em seus perfis o nome do país onde eles vivem agora, enquanto outros escolhem se identificar como originários de lugares exóticos. Também não se descartam a existência de duplicidade de perfis e a edição de perfis falsos, os chamados *fakes*.

Sobre os motivos que justificariam a intensa participação do povo brasileiro, o criador do Orkut arrisca opinar que deve ser algo relacionado às características culturais, porque o povo é amistoso e gosta de fazer amizades. Para estudiosos como Eisenberg e Lyra (2006, p. 34-35), este fenômeno de popularidade estaria vinculado à possibilidade de resgatar o passado, descrevendo a presença brasileira por: “[...] uma sociabilidade simultaneamente vigorosa, porque intensa e cotidiana, e saudosa, porque ligada a lembranças de um passado comum que reforça tradições compartilhadas por uma comunidade ancorada no real.” O passado seria um dos principais elementos de aglutinação na rede e também estaria associado à questão da memória.

Apesar de ser quase impossível conhecer o número de brasileiros cadastrados e muito menos as razões que os levam a aderir à rede social, cabe ao pesquisador investigar alguns ângulos desse fenômeno em território nacional, pois de está diante de uma plataforma de acesso mundial, que reúne cerca de 70 milhões de internautas de mais de 200 países⁴³. Deste total, atualmente mais de 55% registram-se como brasileiros, aproximadamente 37 milhões de pessoas. Em segundo lugar em quantidade de participantes está a Índia, com 16,54%, e em terceiro aparecem os Estados Unidos, com 14,81%⁴⁴.

A presença maciça dos brasileiros, que ainda em 2004 passaram a dominar o serviço em número de membros, logo despertou o interesse da empresa proprietária, que em abril de 2005 colocou no ar uma versão em português do sistema, a primeira língua para a qual o orkut foi traduzido. Três meses depois, em julho, foram disponibilizadas dez novas versões nos seguintes idiomas: francês, italiano, alemão, espanhol, japonês, coreano, holandês, russo e chinês (tradicional e simplificado).

⁴³ Dados obtidos no *site* Wikipédia Brasil e atualizados em 20 de agosto de 2007. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>. Acesso em: 1 jan. 2008.

⁴⁴ Dados obtidos no Orkut. Disponível em: <<http://www.orkut.com/MembersAll.aspx>>. Acesso em: 1 jan. 2008.

Entre os participantes cadastrados os jovens são a maioria: 61,43% indicam estar na faixa etária de 18 a 25 anos. Essa cifra deve reunir parte considerável de crianças e adolescentes que se inscrevem fornecendo informações falsas em seus perfis, embora a associação seja permitida, exclusivamente, a pessoas com idade igual ou superior a 18 anos. Na segunda posição em participação encontram-se os usuários entre 26 e 30 anos de idade, somando 11, 83%.

Aqui já aparece uma fragilidade da rede social orkut, que não tem como impedir a criação de perfis falsos, contrariando totalmente o objetivo da plataforma de incentivar interações abertas entre pessoas reais, por isso ela exige dos usuários o cumprimento de alguns requisitos básicos no que concerne à identidade: as contas somente devem ser criadas pela pessoa descrita e retratada na foto, e todos os usuários deverão estar vivos⁴⁵ e ter, no mínimo, 18 anos de idade (ESTATUTO..., 2007).

Com relação aos interesses que estimulam a participação, 64,89% dizem buscar amigos, 19,75% estão à procura de companheiros para atividades e 19,38% pretendem fazer contatos profissionais. Quanto ao tipo de relacionamento, mais de 40% dos inscritos não informam esse dado, por sua vez, 37% revelam ser solteiros e 10,95% casados.

Um *site* de relacionamento social como o orkut pode representar uma oportunidade para a difusão de grupos motivados por afinidades, de uma maneira subjetiva e natural. Em outras palavras, são relações desenvolvidas com o suporte da rede e que, simultaneamente, poderiam estar apoiadas na perspectiva de uma socialidade dita pós-moderna, no ideal maffesoliano. Cenário em que prevaleceria uma necessidade de partilhar todas as experiências de uma forma coletiva. Na rede orkut, por exemplo, existem comunidades classificadas em 28 categorias, conforme o Quadro 1 a seguir:

⁴⁵Devido ao falecimento de usuários cadastrados no orkut, é comum a presença de contas de perfis de pessoas mortas que não caem no esquecimento, ao contrário, muitos participantes enviam mensagens como: descanse em paz.

N.	Tópico
1	Alunos e Escolas
2	Animais: de estimação ou não
3	Artes e Entretenimento
4	Atividades
5	Automotivo
6	Cidades e Bairros
7	Computadores e Internet
8	Culinária, Bebidas e Vinhos
9	Culturas e Comunidade
10	Empresa
11	Escolas e Cursos
12	Esportes e Lazer
13	Família e Lar
14	Gays, Lésbicas e Bi
15	Governo e Política
16	Hobbies e Trabalhos Manuais
17	Jogos
18	Moda e Beleza
19	Música
20	Negócios
21	Países e Regiões
22	Pessoas
23	Religiões e Crenças
24	Romances e Relacionamentos
25	Saúde, Bem-estar e Fitness
26	Viagens
27	História e Ciências
28	Outros

Quadro 1 – Categorias de classificação das comunidades do orkut

Fonte: Listagem de comunidades. Disponível em: <<http://www.orkut.com/>>. Acesso em: 2 jun. 2006.

Entre as temáticas apresentadas, é expressiva a quantidade de grupos que fazem menção a lugares e a territórios localizados geograficamente. Como se todos quisessem demarcar o seu lugar de origem e traços culturais em uma rede social *on-line* e globalizada, que incorpora pessoas do mundo inteiro, uma das hipóteses desta pesquisa de tese.

Enquanto uma comunidade, o orkut permite que se coloque em contato com os amigos dos amigos, como se fosse um tipo de rede relacional onde todos se conhecem, o que conferiria um ar de seriedade ou de confiabilidade à plataforma. Tanto que em sua origem a inscrição estava condicionada ao recebimento de convite de um membro: qualquer um que desejasse se juntar à rede não poderia se inscrever sem ser convidado.

Essa forma restritiva de inclusão provavelmente acentuou o interesse pelo sistema, ora, o diferencial era se associar a um grupo seletivo formado por milhares de convidados dos quatro cantos do mundo. O interesse era tamanho que no início se espalhavam boatos sobre a comercialização de convites para garantir o acesso de não-convidados. Mas desde novembro de 2006, o registro de um novo usuário pode ser feito sem a necessidade de se receber previamente um convite.

Em 2005, com a proposta de estabelecer uma ponte entre o orkut e os demais produtos da empresa, o Google passou a estimular os membros a obter uma conta de endereço eletrônico do GMail, serviço de *e-mail* gratuito, e a utilizar uma variedade de ferramentas oferecidas pela empresa, como o sistema de mensagem instantânea, o Google Talk, *sites* de notícias, lista de compras do Froogle, resultados de pesquisas e buscas personalizadas etc. (CORRÊA, 2006). A iniciativa de praticamente obrigar a criação de uma conta do GMail para garantir o acesso à rede surpreendeu os integrantes. Alguns internautas não gostaram nem um pouco da decisão e não a acataram, sendo que até hoje continuam trabalhando com o endereço de correio eletrônico antigo.

Todavia, hoje apenas se inscreve na plataforma quem se associa ao GMail. Para o usuário do serviço de correio eletrônico do Google, o processo de cadastramento é simplificado, sendo suficiente entrar com as informações pessoais no *site* para que imediatamente possa dar início ao preenchimento da página de perfil. Por outro lado, um não usuário do GMail recebe uma série de instruções para registrar sua conta e só em seguida será autorizado a fazer parte do orkut.

Trata-se de uma medida que tem por meta estreitar a ligação entre os numerosos serviços da empresa, uma ação que no fundo pretende aumentar os lucros financeiros do

Google e não simplesmente facilitar o contato das pessoas com seus amigos e conhecidos, a partir de diversificadas ferramentas de comunicação *on-line*. No regulamento de privacidade do Google, inclusive, consta que dados de caráter pessoal fornecidos pelos membros serão coletados visando à aplicação no tratamento de informações pelo motor de busca Google. A idéia é de aperfeiçoar o mecanismo de busca de informações personalizadas, que se tornaria mais acessível e fácil de manusear.

Em síntese, a empresa detém um importante e completo banco de dados com informações sobre gostos e preferências de cada orkuteiro, dados de ordem demográfica, condição social e econômica. Pelo cruzamento de tais informações, ela pode descobrir aspectos significativos sobre os comportamentos dos internautas, podendo traçar estratégias para atrair publicidade e, assim, maximizar seu potencial lucrativo.

É válido sublinhar que uma parcela do conteúdo de natureza pessoal é revelada de modo espontâneo por cada integrante da plataforma ao completar o formulário sobre o perfil. Outro ponto de destaque é que certas pessoas alimentam um desejo muito forte de participação, entram no jogo e exploram os mais diversos recursos disponibilizados no orkut, tornam-se ativas na rede e acabam sendo reconhecidas por isso.

Nesse sentido, uma das principais motivações para aderir ao orkut seria a de se tornar popular, conquistar visibilidade e se transformar em uma espécie de celebridade. São pessoas que anseiam ser vistas e, às vezes, literalmente encontradas, para tanto, dedicam horas para preencher minuciosamente cada página que compõe o seu perfil ou escolher as melhores imagens para serem exibidas no álbum de fotos. Fala-se de uma exposição voluntária instigada pela necessidade de ser reconhecido, admirado ou mesmo detestado, pois é comum a presença de comunidades que propagam o ódio, seja a uma pessoa específica, a uma organização ou a algum tema.

Além disso, os orkuteiros são encorajados a se envolver cada vez mais com a disponibilização freqüente de novos recursos no interior da rede. O raciocínio é de que quanto mais a pessoa se expõe usando textos e/ou imagens, isto é, com uma página recheada de informações detalhadas, mais facilidade ela terá de ampliar sua rede de amigos, o que resultaria em um incremento de popularidade.

Em decorrência dessa lógica de funcionamento do orkut, a plataforma é avaliada como uma enorme base de dados, que mostra ainda quem é amigo de quem, ao deixar as redes de amizades acessíveis a qualquer membro. Torna-se relevante mencionar que os

participantes, genericamente, não parecem estar preocupados com a preservação da imagem, com a divulgação de dados sobre a vida privada, até porque no momento em que aceitam os termos e condições de utilização da rede concedem, automaticamente, todos os direitos sobre o conteúdo registrado.

2.3.4 Cibersocialidade Orkutiana

Cada participante monta seu próprio perfil, ao informar os dados concernentes à sua vida social e profissional, conforme o questionário padrão. O perfil está dividido em três níveis: social, profissional e pessoal. No primeiro item, o social, são registradas informações como nome, sexo, forma de relacionamento (solteiro, casado, namorando ou se mantém casamento ou relacionamento aberto), data de nascimento, nomes da cidade e do país, origem étnica, religião, posicionamento político, orientação sexual, estilo de vestimenta, assim como informações sobre consumo de álcool e de cigarro.

Há um espaço para mencionar os temas de interesses, os gostos e passatempos, as paixões, os esportes, as atividades praticadas, os livros, as músicas, os filmes e os tipos de culinária preferidos. Caso haja interesse, a pessoa pode anotar seus números de telefones e os endereços residencial, comercial e eletrônico.

Na página inicial, o membro pode publicar um texto de apresentação e visualizar a rede de amigos, as comunidades que participa e uma série de mensagens, que podem indicar, por exemplo, o recebimento de recados, os chamados *scraps*, e a data de aniversário dos amigos. A comunicação pode ser realizada por meio de mensagens privadas encaminhadas via plataforma orkut ou por *e-mail*. Na maioria das vezes, a dinâmica comunicativa se processa através da troca de recados e depoimentos.

A rede oferta recursos para a publicação de fotos e vídeos. Com relação às imagens, é proibida a exibição de fotos de crianças, de personalidades públicas, de celebridades, de nudismo, de animais e de personagens de desenho animado. Também fica totalmente interdita a divulgação de imagens protegidas pelo direito de autor.

No que diz respeito ao nível profissional, o internauta pode registrar o grau de escolaridade, o nome do estabelecimento de ensino, a escola e/ou a universidade, as

principais áreas de estudo, a profissão exercida, o nome da sociedade ou da organização na qual atua. Ele pode fazer uma descrição do cargo ocupado, da função, falar de seus interesses profissionais e identificar seu lugar de trabalho, informando os endereços, o físico e o virtual, o *site*, e a conta de *e-mail*.

Finalmente, encontra-se o perfil pessoal em que são reveladas características sobre a aparência física e a personalidade. Em geral, são descritos traços como a altura, a cor dos olhos e dos cabelos, a presença de tatuagens, o uso de brincos e *piercings*, entre outros. Nesse contexto, é interessante enfatizar que uma descrição minuciosa da aparência, enquanto uma estrutura antropológica (MAFFESOLI, 1996), é causa e efeito de uma intensificação da atividade comunicacional:

Essa preocupação com a aparência – e talvez seja preciso entender o termo “preocupação” na sua acepção mais forte - manifesta na publicidade, no enfeite, na embalagem [...], mais que uma simples superficialidade sem conseqüências, inscreve-se num vasto jogo simbólico, exprime um modo de tocar-se, de estar em relação com o outro, em suma de fazer sociedade (MAFFESOLI, 1996, p. 161).

Quando a apresentação da pessoa a partir do modo de vestir e dos acessórios adotados opera como um mecanismo de atração ou de repulsão, ajudando a desvendar a imagem do ser.

Com relação ao item destinado à personalidade, é possível definir a principal qualidade, as coisas vistas como adoráveis - o erotismo, a inteligência, a demonstração de afeto em público, o poder etc. - e, do lado oposto, as coisas e comportamentos analisados como os mais detestáveis. O participante poderia dizer como imagina um primeiro encontro perfeito, o que aprendeu de suas experiências anteriores, como seria seu parceiro ideal.

Pelo fato de o orkut ser uma plataforma aberta que permite a interação entre todos os associados, cada pessoa é responsável pela divulgação de informações de fórum íntimo. É inegável que o formulário de perfil da rede seja extremamente rico em detalhes, extenso, porém, ninguém é sumariamente obrigado a completá-lo. Aliás, todos deveriam ser capazes de discernir sobre quais dados particulares poderiam ou não se tornar de conhecimento público, ainda mais quando se está ligado a milhares de desconhecidos em um sistema

apoiado no ciberespaço de dimensão planetária. Por sua vez, o próprio sistema oferece opções para restringir o acesso a determinados elementos do perfil.

O *site* orkut também recomenda aos usuários que não publiquem conteúdos de caráter pessoal que não gostariam que fossem partilhados com o universo de participantes. É importante ressaltar que nem todos os itens da plataforma apresentam um dispositivo para limitar o acesso, embora algumas mudanças comecem a ser percebidas graças à constante inovação tecnológica, conhecida hoje como a segunda geração da *Web*.

Reflexos da chamada *Web 2.0* já são notados na estrutura do orkut, sendo que agora o campo para recados, assim como os de exibição de fotos e de armazenamento de vídeos, podem ter o acesso bloqueado, tornando-se visíveis apenas para os componentes das respectivas redes de amigos. Até recentemente, essas informações podiam ser consultadas livremente.

Cada integrante tem um grupo de amigos que pode conter o número total de 1000 pessoas, que são classificadas em diferentes níveis de amizade: melhores amigos; bons amigos; amigos; conhecidos; e desconhecidos. A partir da lista de amigos é provável que de alguma forma todos os membros do orkut estejam em correlação, de acordo com a lógica da teoria dos seis degraus de separação proposta pela primeira vez em 1929 pelo escritor húngaro Frigyes Karinthy⁴⁶ e que se tornou popular com o jogo "Oráculo de Bacon" (The Oracle of Bacon) criado por Brett Tjaden, um cientista da computação da Universidade de Virgínia⁴⁷. O princípio básico da teoria é que cada pessoa na Terra está separada de qualquer outra por meio de uma rede de relacionamento constituída por no máximo seis amigos intermediários, algo que contribuiu para popularizar a noção de que todas as pessoas podem estar, embora ignorem, conectadas através de associações de amigos comuns.

No caso das redes sociais como o orkut, parte-se da idéia que existe uma estrutura determinada que defina como as pessoas conhecem umas às outras, de forma direta ou indireta, ou seja, por meio de amigos e conhecidos. Ademais, as conexões entre as diversas redes de amizades ficam expostas e isso alimenta a curiosidade das pessoas que passam

⁴⁶"*Six degrees of separation*". Disponível em:

<http://whatis.techtarget.com/definition/0,,sid9_gci932596_top1,00.html>. Acesso em: 20 dez. 2007.

⁴⁷"Teoria dos seis graus de separação". Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_dos_seis_graus_de_separa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 20 dez. 2007.

horas navegando pelas páginas de amigos e desconhecidos. Em outras palavras, a plataforma facilita a investigação sobre a vida alheia, ao simplificar a possibilidade de descobrir quem é amigo de quem ou quem namora quem.

No desenho da rede social, destaca-se o componente nomeado de karma, a "cotação" que se confere aos amigos e que também se recebe (OLIVEIRA, 2004, p. 83). Em última análise, ela serve como termômetro para avaliar o grau de popularidade dos integrantes. Logo na página inicial do perfil, na parte superior, aparecem símbolos como estrela, *smiley*, cubo de gelo e coração, através dos quais o amigo indica até que ponto considera o dono do perfil uma pessoa admirável, representada pela estrela de fã-clube; *trusty* ou confiável, com a imagem do *smiley*; *cool* ou legal, com o cubo de gelo; e *sexy*, a partir da figura de um coração.

A declaração de fã é a única com voto aberto, isto é, o admirador é sempre identificado, enquanto os demais sinais são distribuídos de maneira anônima. O que chama atenção quanto ao karma é que as características não são atribuídas pelo próprio indivíduo, ao contrário, são os outros que ajudam a constituir a sua imagem, julgando a pessoa mediante a indicação de símbolos. Uma perspectiva que reforçaria a noção de que na formação societal em vigor na pós-modernidade, a existência de cada um se constrói no e pelo olhar do outro, de acordo com o entendimento de Maffesoli (1996, 1997, 1998b, 2001a).

O orkut também se propõe a atuar como cupido e oferece serviços de enlaces amorosos. O curioso é que a pessoa paquera sem que o outro saiba, para isso basta adicionar o alvo à sua *hot-list* de registro dos mais gatos ou gatas ou à lista de paquera. A pergunta é: o que adianta paquerar sem o interessado saber? O fato é que as duas listas são confidenciais e o sistema só comunica os usuários quando se manifesta um interesse mútuo entre os participantes, ou seja, quando há reciprocidade. Matos (2004) alerta que para usar estes instrumentos é preciso responder algumas questões relativas ao perfil pessoal.

Uma das sensações da rede, senão a principal, é a criação de comunidades que visa promover a associação de pessoas em função de gostos semelhantes, conforme o *site*. Pode-se dizer que o caráter comunitário é um aspecto fundamental para garantir a manutenção do orkut, responsável pela vitalidade de um corpo social reunido em pequenas comunidades *on-line*.

O contato pode ser facilitado por uma variedade de recursos de comunicação disponibilizados pela rede social, quando a página da comunidade se transforma em um ponto de encontro, oferecendo um ambiente de convivialidade e de celebração para se compartilhar interesses comuns de modo coletivo. Todo membro está autorizado a instaurar uma comunidade com o propósito de atrair participantes potenciais.

As dinâmicas interativas no interior de cada grupo podem ser estabelecidas a partir de mensagens trocadas no fórum de discussão, pela divulgação de eventos e com a realização de pesquisas de opinião. O fórum é organizado em torno de tópicos postados pelos participantes das comunidades, que podem ser consultados e respondidos. Em certas comunidades existe a figura do moderador que tem a tarefa de manter a página em ordem, ele pode apagar mensagens com conteúdo ofensivo e chamar a atenção de membros que pratiquem atitudes consideradas inconvenientes. Na ausência de um moderador, às vezes, o próprio dono da comunidade exerce um papel de censor.

No item destinado à publicação de eventos, são inscritas informações publicitárias e programações culturais, entre outras. Recentemente, a plataforma lançou um serviço de enquete para as comunidades, nesse caso, todo integrante pode propor uma pesquisa visando conhecer a opinião dos demais sobre algum item correlacionado ao tema central que une o grupo.

Cada pessoa pode se associar a quantas comunidades desejar ou até mesmo criar quantas tiver vontade. Normalmente as novas agregações são anunciadas em fóruns de comunidades mais antigas e de assunto similar de modo a atrair os participantes. No orkut há uma infinidade de grupos para satisfazer os gostos mais diversos, sendo os usuários convidados a usufruir plenamente e obter vantagens com a socialização na rede social arquitetada via ciberespaço.

Por outro lado, a plataforma impõe certas normas referentes ao conteúdo a ser veiculado no *site*, como o Estatuto da Comunidade, um conjunto de valores para serem compartilhados pelos membros, que pode sofrer alteração segundo as necessidades da comunidade orkutiana e das ferramentas disponíveis. A rede social avisa que o Estatuto deve ser encarado com seriedade e, portanto, deve ser respeitado.

Tudo isso porque o orkut se apresenta como um espaço onde os participantes podem expressar suas crenças, logo, a finalidade do estatuto é ajudar a promover um ambiente

positivo e de convivência harmônica. Nesse sentido, as diretrizes têm a intenção de proteger a privacidade, os direitos legais e a satisfação total dos integrantes.

Por exemplo, é proibida a disseminação de material ilícito, como pornografia infantil ou pedofilia, ou qualquer outro que viole as leis válidas no mundo real. Há restrições no que diz respeito à exibição de imagens, assim, nas páginas pessoais e de comunidades não deve conter nudez, gráfico de conteúdo sexual ou outra que seja vista como explícita pela equipe do orkut.

A comunidade não deve ser usada para estimular o ódio ou ofensa à raça, etnia, nacionalidade, religião, sexo ou orientação sexual; da mesma forma, não deve conter ameaças diretas de violência, muito menos promover atividade perigosa e ilegal. Também não é permitida a utilização do espaço para fins comerciais, a não ser que se trate de um negócio firmado com a empresa responsável. O descumprimento dessas restrições coloca em risco à permanência da própria comunidade, que poderá ser suspensa ou cancelada.

Apesar das regras fixadas pelo *site*, o Google é incapaz de ter um controle rigoroso sobre o conteúdo, facilitando assim a criação de grupos que motivam a discriminação racial, a pornografia, a pedofilia e mesmo a violência moral e física. Por essa razão, a rede é freqüentemente intimada pelas justiças norte-americana e brasileira, por exemplo, para fornecer informações visando auxiliar a identificação de donos e membros de comunidades taxadas como criminosas.

Diante das pressões, o Google foi obrigado a cooperar de maneira mais enfática com as autoridades governamentais, a partir da adoção das seguintes medidas:

Melhor comunicação com os órgãos governamentais.

Recentemente, desenvolvemos uma ferramenta específica para fornecer às autoridades governamentais e jurídicas uma linha direta de comunicação com o Google em nossa sede em Mountain View, na Califórnia (EUA). Esta ferramenta de comunicação prioritária com órgãos governamentais permite que determinadas autoridades governamentais coloquem sinalizadores (*flags*) em conteúdo do **orkut** para indicar alta prioridade, para fins de análise e de tomada das medidas adequadas. A ferramenta também permite solicitar a preservação dos dados enquanto se aguarda uma ordem judicial.

Também estamos trabalhando com o NCMEC (National Center for Missing and Exploited Children ou Centro nacional de crianças desaparecidas e exploradas) dos Estados Unidos para denunciar automaticamente

informações relacionadas a pornografia infantil que possam ser descobertas no orkut.com, como, por exemplo, o endereço de e-mail do usuário (MANTENHA..., 2006).

A empresa garante que continuará colaborando ao máximo com as investigações e instaurações de processos de crimes, podendo, inclusive, fornecer às autoridades jurídicas informações sobre participantes que abusarem do orkut. Um procedimento que procura, simultaneamente, manter um equilíbrio levando em consideração tanto os interesses dos usuários quanto as solicitações das autoridades governamentais, e a necessidade de instauração de um processo legal correto e eficaz (MANTENHA..., 2006).

O papel do orkut, que se autodenomina uma comunidade *on-line* idealizada para estimular a interação entre as pessoas só pode ser concretizado mediante ações de reciprocidade entre os membros. Afinal, para se ampliar a rede de amigos e de conhecidos ou se agregar a uma nova comunidade é preciso enviar uma mensagem de solicitação, que deverá ser respondida por outro participante ou pelo dono e/ou moderador de uma comunidade. Como dito anteriormente, o enfoque recai na dinâmica de interação entre as partes, independente do tipo de resposta obtida, seja de confirmação ou de recusa.

É nesse sentido que os *sites* de redes de relacionamentos sociais exercem sua função de reunir pessoas, motivando a interação entre elas que passariam a se organizar socialmente via ciberespaço com o suporte do *social software*. Através desta categoria de programa, os usuários agem quase que exclusivamente como os responsáveis pela manutenção da rede orkut. Independente de o contato ser feito pelo envio de recados (*scraps*), mensagens e testemunhos entre páginas pessoais como pela participação em comunidades.

Uma vez que todo integrante tem a possibilidade de comentar e postar novos tópicos em fóruns de discussões, de divulgar eventos, de votar nas enquetes ou sugerir temas de pesquisa. Vale mencionar que apesar de em algumas comunidades existir a figura do moderador que faz uma triagem do conteúdo a ser publicado, o que merece realce é a forma de produção de conteúdo, que é de baixo para cima, não se trata de algo imposto.

No *site* orkut as pessoas apresentam uma imagem que elas próprias ajudaram a construir, no momento em que se descrevem e definem seus gostos, além de poder escolher com quem se relacionar. Conseqüentemente, um serviço centrado no princípio do *social*

software figura como mais um projeto incluído na linha *Web 2.0*, que pretende afastar a noção puramente tecnológica, mas resgatar o aspecto cultural, englobando gestão e participação.

Com a evolução dos aplicativos *Web 2.0*, redes de relacionamentos passam a oferecer inovações de funcionalidade para deixar o sistema mais sedutor. Com relação ao orkut, a empresa proprietária tem a intenção de ampliar o grau participativo dos internautas dentro e fora da rede social, para que toda linha de produtos da marca Google seja aproveitada. Trata-se de uma ação que traz alguns benefícios para o internauta, ao facilitar sua circulação pela rede, mas que aumenta consideravelmente a margem de lucro da companhia.

O primeiro passo nesta direção foi dado em setembro de 2005, quando o Google tomou a iniciativa de exigir um cadastro de endereço eletrônico do Gmail para garantir o acesso ao *site* da rede social, como citado antes. Desde, então, uma cadeia de novidades vem despontando.

Em janeiro de 2007, o *site* de relacionamento social lançou a sua primeira funcionalidade móvel, oferecendo o serviço de envio de mensagens de textos (SMS) para telefones celulares aos membros clientes da empresa de telefonia Claro. No mês de setembro do mesmo ano, o orkut fechou nova parceria com a companhia Brasil Telecom. Dessa forma, os aficionados à rede social ganham em praticidade, pois podem enviar recados para os amigos, buscar informações de contato e receber notificações de novos recados pelo telefone celular, com o suporte do orkut SMS. A idéia é que em breve o serviço seja expandido às demais operadoras que atuam no Brasil e no resto do mundo.

O orkut também apostou em um dos instrumentos mais interessantes e populares da segunda geração *Web*, o *weblog* ou *blog*, no qual o usuário produz, edita e publica seu próprio conteúdo, mantendo um diálogo com seus leitores que participam fazendo comentários. Os *blogs* atuais apresentam formatos variados: áudio (*audioblog*), foto (*fotologs*) e vídeo (*vlogs*).

Conforme Salatiel (2007), os *blogs* passaram de diários virtuais a ferramentas habituais de trabalho de profissionais como jornalistas, contribuindo para se aproximar do leitor que é convidado a comentar as notícias; e publicitários que as utilizam para estratégias de *marketing*. Contudo, este é somente um lado da história sobre os *blogs*, que embora sejam descritos insistentemente como meros diários *on-line* e reduzidos a ferramentas de

publicação individual de celebração do ego, Primo e Smaniotto (2006) asseguram que eles se transformaram em importantes espaços de conversação.

O fato é que para uma rede de relacionamento social como o orkut, o “Stay Beautiful – o blog oficial do orkut”, lançado no dia 25 de junho de 2007, configura-se como um instrumento formidável, à medida que funciona como mais um espaço de conversação e de interação. A tendência é que haja tanto uma maior aproximação entre os membros quanto dos integrantes com a equipe responsável pelo projeto. No final, todos poderiam tirar proveito desse mecanismo: o usuário poderia expor suas opiniões e dúvidas e se sentir valorizado ao obter uma resposta; enquanto que a equipe poderia, em última instância, tentar melhorar o sistema com base na intervenção do público. Algo que já está acontecendo na prática, segundo relatos publicados no *blog*.

Por exemplo, no dia 28 de setembro de 2007 houve uma modificação na página inicial dos membros do orkut, na qual foi inserida uma caixa mostrando as atualizações dos respectivos amigos. Com o auxílio deste recurso, pretende-se facilitar o acompanhamento da movimentação dos amigos e conhecidos na rede social, como saber quem disponibilizou uma foto nova, um vídeo ou alterou o texto do perfil etc.

Assim, o orkut passou a oferecer de forma integrada ao seu *layout* um dispositivo de leitor de *Feeds* mais completo, conhecido ainda como *RSS Feeds (Really Simple Syndication)*. A palavra inglesa *feeds* remete ao verbo alimentar, por conseguinte, arquivos *Feeds* funcionam como alimentadores de dados, ou seja, são listas de atualização de conteúdo de *sites* e representam uma marca da *Web 2.0*⁴⁸. Logo, a rede social permite que a página inicial de todo participante seja abastecida com informações sobre as últimas atualizações de seu grupo de amigos.

⁴⁸Em geral, o usuário inclui o *link* dos arquivos *Feeds* em seu programa leitor, chamado agregador de *Feeds*, e passa a receber informações sobre todas as atualizações ocorridas sem precisar consultar o *site*. Há ainda a possibilidade de se distribuir arquivos de áudio, os *podcasts*, de imagem e vídeo utilizando o sistema.

A resposta dos usuários a essa inovação foi quase imediata e a equipe recebeu muitos comentários. A maioria das pessoas gostou da novidade, considerando uma maneira útil de ficar informado sobre as atividades de seus amigos. Já outros participantes disseram que a caixa contendo as atualizações estava impedindo a visualização da lista de aniversários, que foi deslocada para a parte inferior da página. Como solução para esse problema, foi feito o remanejamento da lista de aniversários para a parte superior. No entanto, caso as pessoas desejarem não visualizar a caixa de atualizações, elas podem efetivar essa opção alterando as configurações pessoais, lembra a equipe do orkut (DESTAQUE..., 2007).

Esse episódio evidencia a utilidade de ferramentas como o *blog* e o Grupo de Ajuda do orkut para aperfeiçoar a rede, mediante o diálogo aberto e o compartilhamento de dificuldades e sugestões com os usuários. O Grupo de Ajuda do orkut é um fórum de discussão, no qual o conhecedor e o curioso se encontram para falar sobre a rede de relacionamento.

A proposta é que a pessoa comente sobre seus recursos favoritos, envie sugestões, esclareça dúvidas sobre recursos novos e problemas. Enfim, todo integrante está apto a perguntar ou a responder sobre tópicos diversos, pensando no Grupo de Ajuda como uma grande comunidade do orkut. As respostas podem vir em poucos minutos, uma vez que se conta com o apoio de um grupo de voluntários constituído por usuários vistos como especialistas na rede social, os quais respondem as perguntas de forma prestativa.

Vale esclarecer que esta não é a primeira vez que a plataforma inclui recursos na linha de leitores de *feeds*, pois a rede social lançou o serviço de *feeds* no dia 11 de julho de 2007. Desde essa época o usuário pode trazer informações de *sites* que costuma visitar por meio de *feeds* para a sua página de perfil, tornando possível o compartilhamento do seu *blog*, de fotos, de *sites* preferidos, com os demais integrantes da rede. Qualquer *site* que possua este mecanismo pode ser adicionado ao seu perfil do orkut e depois de adicionado os títulos dos *feeds* são exibidos no seu perfil, assim, seus amigos podem navegar pelo seu *blog*, consultar os *sites* indicados ou ver suas novas fotos.

Com a iniciativa de transformar o orkut em um leitor de RSS *feeds*, a empresa deixa mais evidente sua aposta no recurso RSS, um dos carros-chefes da segunda geração *Web*. O Google oferece um dos melhores agregadores de *feeds*, o Google Reader, que mostra as atualizações no próprio navegador, dispensando a instalação de *softwares* específicos.

Como já mencionado, a *Web 2.0* não diz respeito a uma substituição, e sim a uma evolução natural dos aplicativos da primeira geração. Portanto, enquanto rede de relacionamento social que busca aumentar o nível participativo dos internautas, o orkut aprimora antigos mecanismos como o álbum de fotos. Em um primeiro momento foi dobrada a capacidade do serviço para o carregamento de fotos e a rede social promete em breve aumentá-la. Além disso, é possível recortar a foto do perfil e editá-la depois de carregada na página pessoal.

No *site* há o seguinte comentário sobre a possibilidade de exibir imagens:

Ter uma experiência legal com fotos é uma parte importante do compartilhamento e da ligação com seus amigos, assim, a equipe do orkut planeja continuar a inovar nossa experiência com fotos até que seja o único lugar em que você coloca suas fotos. [...] Além disso, estamos trabalhando nos recursos que tornarão suas fotos mais acessíveis e fáceis de compartilhar⁴⁹.

Essa atenção com a imagem indica que o orkut reconhece sua função para o contato social estabelecido *on-line*, pois a pessoa torna pública uma imagem que colabora para afirmar sua personalidade, que diz como ela é de certa maneira. Para completar o seguimento de recursos que envolvem a publicação de imagens, o orkut recentemente introduziu a possibilidade de se compartilhar vídeos. Tanto o álbum de fotos quanto os vídeos podem ter o acesso limitado aos integrantes das respectivas listas de amigos, impedindo, assim, a visualização pelo universo de usuários.

No próximo capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e uma análise preliminar sobre as comunidades selecionadas para o estudo.

⁴⁹ "Coloque mais fotos no orkut!", postado no Blog Oficial do Orkut em 19 set. 2007. Disponível em: <<http://blog.orkut.com/>>. Acesso em: 7 out. 2007.

3 METODOLOGIA

Esta parte do trabalho trata das questões de ordem metodológica que norteiam o desenvolvimento da pesquisa de tese, como o tipo de estudo, a metodologia aplicada, o processo de escolha do objeto empírico e uma descrição das comunidades pertencentes à rede social orkut selecionadas para a análise.

3.1 TIPO DE ESTUDO

Foi realizada uma investigação de enfoque qualitativo apoiada no método etnográfico com a finalidade de descrever o comportamento cultural de grupos formados, em sua maioria, por indivíduos de nacionalidade brasileira, que se reúnem nas comunidades mais populares do *site* de relacionamento social orkut denominadas de “Brasileiros no Exterior”. Como objetivo central da pesquisa, destaca-se o de identificar as possíveis reterritorializações do lugar Brasil - reconhecido como identitário, relacional e histórico - em uma rede social estruturada no ciberespaço, analisado como um não lugar (AUGÉ, 1994).

Um estudo que, conseqüentemente, permitiria traçar o perfil e conhecer quem seriam os “brasileiros no exterior”, essa nova forma de identificação que se expressa por meio de práticas comunicativas que caracterizam a interação social em comunidades estabelecidas *on-line*, como se fosse uma espécie de jogo com a identidade primeira, ou seja, o fato de ser brasileiro. Uma identidade nacional que evoca um sentimento de pertença do povo à nação, conceituada por Anderson (1989) como uma comunidade política imaginada, no caso específico representada pela população brasileira e o país Brasil.

À medida que passaram a considerar o ciberespaço como um espaço de emergência de novas formas de socialização, com o aparecimento de agregações via internet, os antropólogos foram obrigados a refletir sobre questões de natureza epistemológica e metodológica em torno da constituição de objetos etnográficos no interior do ciberespaço (GUIMARÃES JÚNIOR, 1999). Tem início um processo de adaptação da etnografia tradicionalmente empregada no trabalho de campo da Antropologia social para o ambiente

virtual. A etnografia na internet ou netnografia é então definida como uma metodologia qualitativa de pesquisa destinada à observação de aspectos culturais manifestos em grupos sociais organizados no ciberespaço, a partir da comunicação mediada por computador (KOZINETS, 1998, 2002; GUIMARÃES JÚNIOR, 1999; RIFIOTIS, 2002; HINE, 2004; SÁ, 2005).

Para a realização deste tipo de estudo, existe desde sempre uma preocupação com a escolha de grupos cujos enfoques sejam coerentes com os interesses e problemas de pesquisa. Além disso, o pesquisador deve conhecer em profundidade o mecanismo de funcionamento de fóruns, canais de bate-papo ou *chats* e outras ferramentas de informação e comunicação que dão suporte à criação de agregações sociais *on-line* (KOZINETS, 1998, 2002).

Conforme a proposta de uma pesquisa qualitativa buscou-se apreciar em detalhes variados ângulos do mesmo fenômeno, uma abordagem aplicada com frequência nas áreas de ciências humanas e sociais. Trata-se de um procedimento de análise de uma dada realidade, ou seja, àquela situada em um momento particular, do ponto de vista social, econômico, político e histórico. Desse modo, a Antropologia social pode contribuir para o entendimento dos fenômenos em curso, por ser uma disciplina sem ídolos ou heróis, sem messias e teorias indiscutíveis e patenteadas, embora tenha um enorme coração onde cabem todas as sociedades e culturas (DAMATTA, 1987).

Neste sentido, propôs-se um estudo que resultasse no conhecimento ou em uma espécie de diagnóstico, de certo ponto de vista sobre uma situação contextualizada e que está de acordo com a experiência e interpretação do autor, enquanto sujeito social. Para o investigador contemporâneo, imerso em uma condição de vida anunciada como pós-moderna, essa perspectiva tende a ganhar mais importância, uma vez que se evita trabalhar com a idéia de que é possível estar diante de uma realidade única. Em geral acontece justamente o oposto, admite-se que há muitas versões sobre um único fenômeno social, cada uma trazendo em si uma carga de subjetividade característica de seu observador.

Com o suporte do método netnográfico, de enfoque qualitativo, realizou-se o exercício da observação participante das comunidades selecionadas. O processo comunicativo e a dinâmica de interação social dos grupos foram avaliados por um período de seis meses, de janeiro a junho de 2007. Houve um acompanhamento das atividades cotidianas desenvolvidas no interior de cada comunidade, sendo registradas todas as variedades de ocorrências. As mensagens publicadas nas páginas das comunidades foram

armazenadas para preservar o material empírico de análise. Por uma questão ética, os autores de *posts* não serão identificados nominalmente, sendo os nomes representados pela letra X ou pela expressão Autor do tópico.

Com relação às postagens no fórum de discussão, foram selecionados para exame somente os tópicos (T) originalmente enviados durante os meses estudados, pois é comum o resgate de algum tópico postado há meses ou anos. No que se refere às respostas (R) e comentários, foi considerado o primeiro dia em que houve uma reação por parte dos demais participantes. Isto porque existe uma diferença de fuso-horário que poderia interferir no tempo de resposta, já que as comunidades reúnem pessoas que moram em regiões e países diversos.

Em um momento inicial não foi definido nenhum tipo de classificação, nem mesmo foram fixadas categorias fechadas para a análise, porque se pretendeu abstrair as evidências e singularidades decorrentes dos comportamentos e atitudes dos praticantes de uma cultura em estado de virtualização. Entretanto, o olhar esteve focado na prática comunicativa e interativa, a partir do da análise das mensagens postadas nos fóruns, nas programações e anúncios divulgados na sessão de eventos e nas enquetes criadas, tendo como finalidade identificar as formas de apropriação da plataforma de rede social orkut.

Para investigar as experiências vividas em cada comunidade, foram investigados os temas que mobilizavam ou não a participação dos membros, o engajamento, e que levavam a discussões polêmicas ou provocavam comoções, gerando conflitos; e os momentos em que haveria demonstração de ajuda, cooperação, a partir do compartilhamento de informações entre os integrantes.

Em paralelo, analisaram-se os episódios em que aconteciam identificações com a pátria Brasil, quais assuntos poderiam remeter à condição de ser brasileiro ou de ser diferente do outro, pois cada sociedade se utiliza de um número limitado de coisas e de experiências para construir-se como algo único (DAMATTA, 2000). Também foi examinado o modo de funcionamento dos grupos, a imposição de normas e os tipos de ações aplicadas, quem exercia o poder, qual o papel do dono da comunidade, assim como um reconhecimento dos integrantes mais participativos e tipos de intervenções realizadas. Para tanto, foi observada a dinâmica de interação de acordo com os fatos, com o conteúdo das mensagens transmitidas e com o tipo e quantidade de comentários que um tópico fosse capaz de receber, o que poderia indicar o grau de interesse em torno de determinado

assunto.

Vale mencionar que as dimensões do virtual e real não são opostas, como lembra Lévy (1996), ao contrário, são complementares, conseqüentemente, as experiências vividas no mundo real podem auxiliar na compreensão de um conjunto de atitudes e comportamentos manifestados no ambiente virtual e na cibercultura contemporânea.

3.1.1 Prática Etnográfica na Antropologia

No campo da Antropologia, ou mais exatamente, da Antropologia social, os estudiosos praticam a etnografia, concebida como um método de análise baseado na descrição cultural densa de um grupo humano (GEERTZ, 1989). Em um momento inicial, o fazer etnográfico esteve fundamentado na experiência, de acordo com a perspectiva de trabalho conhecida como etnografia realista, que foi introduzida por Malinowski⁵⁰ (1984), o primeiro estudioso a se deslocar para uma aldeia visando conhecer a cultura da comunidade, sendo considerado o pai da etnografia moderna.

Nos anos seguintes, as atividades de pesquisa antropológica foram se desenvolvendo com base nessa linha dita realista, na qual se acreditava na probabilidade de se relatar e explicar objetivamente o modo de vida de um grupo a partir dos dados coletados, algo parecido ao exercido nas ciências naturais. Até que essa concepção de prática etnográfica começou a ser questionada pelos denominados antropólogos pós-modernos, incluindo o próprio Geertz, quando a etnografia passa a ser avaliada como uma experiência hermenêutica, como uma interpretação.

Entretanto, a iniciativa pioneira de Malinowski (1984, p. 31) tem seu valor, na medida em que trouxe contribuições para a pesquisa de campo. O autor destaca a necessidade de se observar o que ele nomeia de “[...] aspectos imponderáveis da vida real e do

⁵⁰Bronislaw Malinowski se manteve em contato durante três anos com a população do arquipélago de Trobriand, mediante expedições iniciadas em 1914. Vale esclarecer que neste período já eram realizados trabalhos de campo, porém, não havia uma preocupação científica relacionada ao processo de coleta de dados. Ver: MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1984. P. 17-34.

comportamento típico”, lembrando, no entanto, que a subjetividade do observador interfere aqui de modo mais acentuado do que na coleta dos dados etnográficos cristalizados. A solução indicada por ele, em qualquer que seja a circunstância, é deixar que os fatos falem por si mesmos.

Com relação às rondas diárias feitas em aldeias, ele ressalta que certos pequenos incidentes ocorridos repentinamente devem ser registrados o quanto antes, como a forma característica dos nativos falarem e conversarem entre si. Também recomenda que o trabalho de coleta e apontamento de impressões seja feito desde o começo, assim que iniciarem os contatos com os nativos de um determinado lugar.

Tudo isso porque determinados fatos considerados impressionantes enquanto constituem novidades com o tempo deixam de ser notados e acabam se tornando familiares. O contrário é verdadeiro, pois existem outras ocorrências que só podem ser percebidas depois de algum tempo, quando já se conhece bem as condições locais.

Para fazer o acompanhamento dessas nuances é essencial que os episódios estejam registrados no diário etnográfico, feito sistematicamente no curso dos trabalhos em uma dada área, servindo como instrumento ideal para este tipo de estudo. Por outro lado, é interessante que em paralelo ao registro de fatos vistos como normais e típicos, o analista possa registrar ainda acontecimentos que representem ligeiros ou acentuados desvios da norma; desta maneira ele estará habilitado a identificar os dois extremos da escala da normalidade:

[O] etnógrafo deve tentar colocar-se como parte de uma assembléia de seres humanos que se comportam com seriedade ou alegria, com fervorosa concentração ou frivolidade e tédio; que estão com a mesma disposição de espírito em que ele os encontra todos os dias, ou então em atitude de grande tensão ou excitabilidade – e, assim por diante. Com a atenção constantemente voltada para esse aspecto de vida tribal, e com o empenho persistente de o registrar e expressar em termos de fatos reais, o etnógrafo irá acumular uma quantidade enorme de material informativo autêntico e expressivo. (MALINOWSKI, 1984, p. 31).

O autor também colabora ao incentivar o pesquisador a descobrir os modos de pensar e sentir típicos, correspondentes às instituições e à cultura de certa comunidade,

tendo uma preocupação de formular os resultados de maneira vívida e convincente. Além de enfatizar a necessidade de o etnólogo aprender a língua nativa para poder usá-la como instrumento de sua investigação, facilitando o contato direto com o grupo em estudo, isto é, sem o intermédio da figura do tradutor.

Na opinião de Clifford (1998, p. 27): “*Os argonautas* são uma complexa narrativa, simultaneamente sobre a vida trobriandesa e sobre o trabalho de campo etnográfico. Ela é arquetípica do conjunto de etnografias que com sucesso estabeleceu a validade científica da observação participante.” Ademais, conforme esse autor, na década de 1920 o novo teórico-pesquisador de campo desenvolve um poderoso gênero científico e literário chamado de etnografia, vista nesta época como uma descrição cultural sintética baseada na observação participante.

A partir de então, a *persona* do pesquisador de campo é reconhecida como legítima na esfera pública e na profissional, por conseguinte, o observador-participante emerge, praticamente, como uma norma de pesquisa. A nova etnografia adota como marca uma acentuada ênfase no poder de observação; sendo a cultura pensada como um conjunto de comportamentos, cerimônias e gestos peculiares passíveis de serem registrados e explicados por um observador treinado: cultura como texto.

Neste cenário, a noção de cultura também é revisitada, porque ela jamais podia ser avaliada em pesquisas de curta duração quando tomada como um todo complexo. Para contornar este obstáculo, o novo etnógrafo passa a focar tematicamente instituições específicas. Aos poucos, abandona-se a idéia de ter como objetivo central a realização de um inventário ou se fazer uma descrição de costumes, prevalecendo uma proposta de se abarcar o todo através de uma de suas partes.

Por sua vez, o pesquisador de campo, ao operar de modo intensivo, ainda torna-se apto a “[...] traçar o perfil do que se convencionou chamar ‘presente etnográfico’ – o ciclo de um ano, uma série de rituais, padrões de comportamento típico.” (CLIFFORD, 1998, p. 30). Estas são algumas das inovações que colaboraram para a validação de uma etnografia eficiente, abalizada na observação participante de caráter científico:

A observação participante serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o 'interior' e o 'exterior' dos acontecimentos: de um lado captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, através da empatia; de outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos. Acontecimentos singulares, assim, adquirem uma significação mais profunda ou mais geral, regras estruturais, e assim por diante (CLIFFORD, 1998, p. 33).

A pesquisa etnográfica respaldada na experiência da observação participante, conforme DaMatta, justifica-se pela busca de novos dados sem a intermediação de outras consciências, ao permitir o contato do investigador com o seu objeto e a coleta de dados pela observação direta, de longa duração, junto ao grupo escolhido. "Pois é ali que ele pode vivenciar sem intermediários a diversidade humana na sua essência e nos seus dilemas, problemas e paradoxos." (DAMATTA, 1987, p. 150). É essa proximidade que vai levar à relativização para se entender o exótico, o distante e o diferente, enfim, o outro, como se fosse mais uma leitura sobre o mundo social, sem a pretensão de chegar a certezas e axiomas indiscutíveis.

Na concepção de Clifford (1998), a observação-participante pode ser de grande utilidade se reformulada e empregada em termos hermenêuticos, como uma dialética entre experiência e interpretação. Uma perspectiva já colocada em prática pelos antropólogos nomeados pós-modernos ou dos símbolos e dos significados, como Clifford Geertz. A importância da antropologia interpretativa está em desmistificar parte considerável dos trabalhos produzidos até o final do século XIX sem o menor questionamento, envolvendo a construção de narrativas, tipos, observações e descrições etnográficas como explicações objetivas. Época em que absolutamente nada garantia, *a priori*, o *status* do etnógrafo como o melhor intérprete da vida nativa, em comparação às atividades desempenhadas por viajantes e missionários (CLIFFORD, 1998). Finalmente, a perspectiva interpretativa contribui para que os processos criativos pelos quais objetos culturais são inventados e tratados como significativos ganhem cada vez mais visibilidade.

Neste panorama, fazer etnografia denota interpretar culturas. Quando os etnógrafos passam a evitar a atribuição de crenças, sentimentos e pensamentos aos indivíduos em separado; mas não hesitam em atribuir estados subjetivos a uma cultura (CLIFFORD, 1998). Conseqüentemente, pesquisar um grupo humano subentende investigar sua cultura, a partir

de uma hierarquia estratificada de estruturas significantes que a delineiam, sendo fundamental olhar a cultura como um conjunto de textos a serem interpretados.

O conceito de cultura defendido por Geertz (1989) é basicamente semiótico e está inspirado nas idéias de Max Weber, ao acreditar que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. Por isso, Geertz assume a cultura como estas teias e sua análise como uma ciência interpretativa, sempre à procura do significado. Para ele, é somente através da compreensão sobre o que é a etnografia, ou melhor, sobre o que consiste a prática da etnografia, que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento.

O autor logo alerta que não se trata de uma questão de métodos, pois não são as técnicas e nem os processos como o de estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, mapear campos, manter um diário etc., os responsáveis pela definição do empreendimento. O que define o fazer etnográfico “[...] é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle.” (GEERTZ, 1989, p. 15). Dito de outra forma, por meio da descrição densa, o etnógrafo é capaz de distinguir o que um signo representa no interior de determinada cultura.

Em síntese, a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato, salvo quando desempenha funções automatizadas como a coleta de dados, é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e, sobretudo, não explícitas. Nesse caso, o estudioso tem que, de alguma forma, primeiro apreender esta multiplicidade de estruturas e depois apresentá-la, algo que ocorre em todos os níveis de atividades relacionadas ao trabalho de campo, desde o mais rotineiro.

Na visão de Geertz (1989, p. 20):

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não como os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Nota-se o caráter hermenêutico do trabalho etnográfico que está voltado para a investigação de uma cultura, enquanto documento de atuação, cujo caráter público se deve ao fato do significado também ser público. Portanto, a cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas, guiando as atitudes das pessoas em um grupo.

Na pesquisa etnográfica, não se procura se transformar em um nativo ou copiá-lo; o que se busca no sentido amplo do termo, que compreende muito mais do que só falar, é conversar com eles, o que é mais difícil ainda.

Por este viés, Geertz (1989) revela que o objetivo da Antropologia é o alargamento do universo do discurso humano. Esclarece-se que esse não é seu único objetivo; contudo, é um objetivo ao qual o conceito de cultura inspirado na semiótica se adapta especialmente bem. Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (símbolos), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos ocasionalmente os eventos sociais, os comportamentos, as instituições; ela é um contexto, onde todos os acontecimentos e processos podem ser descritos com densidade.

Os textos antropológicos são eles mesmos interpretações de segunda e terceira mão, uma vez que, por definição, apenas um nativo faz a interpretação em primeira mão, ao se referir à sua cultura. “Trata-se, portanto, de ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ – o sentido original de *fictio* – não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento.” (GEERTZ, 1989, p. 25-26). Como o integrante do grupo social examinado, desde sempre, é um intérprete de sua própria realidade; o antropólogo é o que faz a interpretação de algo já interpretado, dessa forma, o hermeneuta é visto como um interpretador de textos:

O etnógrafo ‘inscreve’ o discurso social: *ele o anota*. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente (GEERTZ, 1989, p. 29, grifo do autor).

A etnografia está imersa na escrita e o etnógrafo é aquele que escreve. Essa escrita inclui, no mínimo, uma tradução de experiência para a forma textual. Uma tarefa que pode até parecer simples em um primeiro momento, mas que exige todo um comprometimento

do pesquisador para a produção do relatório etnográfico, pois o desafio está na sua capacidade de esclarecer os eventos que ocorrem em tais lugares e sociedades investigadas, de modo a reduzir a perplexidade com relação aos tipos de homens estudados.

Não se pode ignorar que o processo de escritura representa uma fase complicada, sobretudo, em consequência da ação de múltiplas subjetividades e constrangimentos políticos e sociais que estão acima do controle do antropólogo-escritor. Em função disso, a escrita etnográfica encena uma estratégia específica de autoridade, que tem envolvido, classicamente, uma afirmação, aparecendo como a provedora da verdade no texto (CLIFFORD, 1998).

Embora parte expressiva da escrita etnográfica seja produzida no campo, o autor adverte que a real elaboração de uma etnografia é feita em outro lugar. Em outras palavras, os dados estabelecidos em condições discursivas e dialógicas só podem ser apropriados através de formas textualizadas. Dessa maneira, os eventos e os encontros da pesquisa transformam-se em anotações de campo; assim como as experiências tornam-se narrativas, ocorrências significativas ou exemplos. Por outro lado, ao considerar que a partir da interpretação antropológica se está elaborando uma leitura do que acontece não se pode deixar de observar o que ocorre ao entorno para não tornar a interpretação vazia e deslocada.

Esta espécie de tradução da experiência da pesquisa em um *corpus* textual separado de suas ocasiões discursivas de produção traz consequências para a autoridade etnográfica, porque os dados depois de reformulados não precisam mais ser apreendidos como a comunicação de pessoas exclusivas. Não há necessidade de relatar uma explicação ou descrição de um costume nomeando o informante, de modo semelhante, um ritual já textualizado não está mais intimamente ligado à produção daquele evento por atores específicos. A proposta é que todos estes textos sejam compreendidos enquanto evidências de um contexto englobante, de uma realidade cultural, na concepção de Clifford (1998).

Em decorrência do fato de os autores e atores específicos encontrar-se, então, separados de suas produções, o etnógrafo deve inventar a figura de um “autor generalizado” para dar conta do mundo dentro do qual os textos são ficcionalmente realocados. Este autor generalizado pode aparecer sob uma multiplicidade de designações: o ponto de vista nativo, os trobriandeses, referindo-se ao grupo estudado por Malinowski. Neste caso, ao representar os trobriandeses como sujeitos totais, fontes de uma intenção cheia de significados, o etnográfico transforma as ambigüidades e diversidades de significado da situação de pesquisa em um retrato integrado. Contudo, torna-se igualmente importante assinalar o que é deixado de lado:

O processo de pesquisa é separado dos textos que ele gera e do mundo fictício que lhes cabe evocar. A realidade das situações discursivas e dos interlocutores individuais é filtrada. Mas os informantes – juntamente com as notas de campo – são intermediários cruciais, são tipicamente excluídos de etnografias legítimas (CLIFFORD, 1998, p. 42).

Assim, predomina uma tendência de se eliminar do texto representativo final, embora não totalmente, alguns dos aspectos dialógicos, situacionais, da interpretação etnográfica.

A título de contribuição para o entendimento do método, Geertz (1989, p. 31) assinala quatro características principais de uma descrição etnográfica: “[...] ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis.”. O último aspecto indica que tal descrição é microscópica, apesar de se admitir a ocorrência de análises antropológicas em grandes escalas.

Quanto à visão geral sobre a metodologia, Clifford (1998, p. 43) argumenta que se deve rejeitar a noção de etnografia como a experiência e a interpretação de uma “outra” realidade circunscrita. É preciso abordá-la como uma negociação construtiva que envolve no mínimo dois sujeitos conscientes e politicamente expressivos. Logo, nem a experiência e muito menos a atividade interpretativa do pesquisador científico podem ser avaliadas como neutras ou inocentes.

Por sua vez, o desenvolvimento de estudos detalhados de grupos, categorias ou

situações sociais delimitadas, incluindo um número restrito de pessoas que são vistas “de dentro” com amplo emprego da observação participante, é visto como uma particularidade que se sobressai na produção recente no campo da Antropologia no Brasil, ao se notar um deslizamento da conceituação e da prática (DURHAM, 1986).

A técnica antes implicava uma ênfase na observação, que deveria ser a mais objetiva possível, e a participação se apresentava como condição necessária para esse tipo de abordagem. Hoje, prevalece uma valorização crescente da subjetividade do pesquisador, considerando sua experiência pessoal, seus sentimentos e conflitos, os quais passam a ser descritos e avaliados. Igualmente, reconhece-se de modo consciente a identificação do antropólogo com a população que estuda, privilegiando o aspecto participativo, que auxilia na percepção de como o grupo escolhido articula sua experiência e coordena sua prática coletiva.

Afinal de contas, Velho (1999) admite que, na atualidade, já se é capaz de perceber que as sociedades não são essencialmente representadas como agregados de indivíduos, mas sim de categorias sociais como clãs e castas. A individualidade perde importância para a noção de grupo e o indivíduo passa a ser assimilado como uma peça integrante. Nota-se que a identidade é basicamente construída pela condição de membro de uma coletividade, enquanto parte de um todo.

Durham (1986) afirma que o destaque do ato de participação é conveniente com o enfoque de estudo realizado nas cidades por se referir a um universo cultural comum ao investigador e ao objeto de pesquisa, sendo um procedimento muito mais subjetivo que objetivo. Caso em que o investigador raramente reside com a população que estuda e não compartilha de suas condições de existência. A língua não constitui uma barreira como no contato com tribos indígenas, a comunicação desenvolve-se via linguagem verbal e a observação do comportamento é um tanto ofuscada.

Desta forma, a autora fala de uma passagem da observação participante para a participação observante. Os deslizamentos que se processam no campo conceitual são de outro tipo e estabelecem com os desvios da prática de pesquisa uma relação contraditória. Isto porque os recortes empíricos que se tende a privilegiar isolam grupos, partem de categorias e conceitos que se fragmentaram e se reestruturaram como identidade, pessoa, indivíduo, entre outros, que não podem mais ser concebidos de maneira fechada, como algo de natureza estática, com técnicas respaldadas no cientificismo positivista.

Os antropólogos são obrigados a rever várias de suas premissas, a questionar resultados e reequipar-se em termos instrumentais e metodológicos, à medida que vão entendendo que sua teoria estava edificada sobre uma noção de indivíduo não-relativizada e sociocêntrica (VELHO, 1999). Mudanças de percepção como estas associadas ao fato das pesquisas estarem se concentrando em temas de interesse imediato - o cotidiano e o familiar na sociedade urbana, e não apenas realçando os costumes exóticos de tribos indígenas -, explicam a popularidade que a disciplina vem adquirindo ultimamente (DURHAM, 1986).

Na visão de Augé (1994), não é a Antropologia que cansada de campos exóticos sai em busca de horizontes mais familiares, sob pena de neles perder sua continuidade. No fundo, é o próprio mundo contemporâneo que, em decorrência de suas transformações aceleradas, atrai o olhar antropológico, propondo uma reflexão renovada e metódica sobre a categoria da alteridade. Como ressalta Durham (1986), assiste-se à produção de uma nova e intrigante etnografia de nós mesmos.

A nova conjuntura da sociedade brasileira, que escapa aos esquemas globalizantes com os quais a sociologia e a ciência política produziram, anteriormente, uma interpretação coerente da sociedade nacional que agora se mostra singularmente inadequada, colabora para o sucesso do campo na atualidade.

“Nessas circunstâncias, o trabalho altamente descritivo da Antropologia, sua capacidade de detectar perspectivas divergentes e interpretações alternativas, apresenta um material provocativo e estimulante para repensar a realidade social.” (DURHAM, 1986, p. 18-19). A própria história deste tipo de investigação no Brasil revela que são desenvolvidas várias pesquisas operando com temas, conceitos e métodos da Antropologia, porém, voltados para o estudo de populações que vivem nas cidades.

A Antropologia faz a etnografia e, ao fazê-la, estuda os costumes, o dia a dia, o convívio social, as refeições; numa outra dimensão, as festas, os rituais, isto é, ela lida com as pessoas em interação. A etnografia descreve a prática cultural de um grupo com base em regras e princípios, centralizando sua atenção no encontro das pessoas no seu cotidiano. Também se lida com dramas sociais, com crises, com rupturas, no entanto, há um lado da etnografia muito fixado à descrição do dia a dia: o que as pessoas fazem; como elas se relacionam e conversam umas com as outras; quais as regras de precedência, de aproximação, misturadas com seus afetos, emoções, gestos, relações

sociais (VELHO, 2001).

Por outro lado, a descrição dos fenômenos não está separada de uma abordagem geral sobre o contexto em que foram produzidos, como, por exemplo, a presença de grupos no ciberespaço está associada às transformações da sociedade que se intensificam e se evidenciam em um período dito pós-moderno.

Como adverte DaMatta (1987), a Antropologia social toma como referência a posição e o ponto de vista do outro, estudando-o por todos os meios disponíveis, porém, dados históricos, fatos econômicos e questões políticas também entram na reflexão quando existentes. Em síntese, absolutamente nada deve ser excluído do processo de entendimento de uma forma de vida social diferente.

3.1.2 Etnografia na Internet

Com a consolidação da internet nos últimos anos como ambiente de comunicação, o estudo das interações sociais mediadas por computador vem se delineando como um campo fértil e, ao mesmo tempo, desafiador para o trabalho antropológico, a partir da análise das denominadas novas formas de socialidade. Os pesquisadores voltados à antropologia no ciberespaço são confrontados a uma variedade de dilemas de ordem teórica e metodológica, que dá margem para que modalidades clássicas de pesquisa etnográfica sejam revisadas (GUIMARÃES JÚNIOR, 1999; RIFIOTIS, 2002; HINE, 2004).

Neste contexto, surgem várias interrogações que só reafirmam a necessidade de se aprofundar a discussão em torno de problemas cruciais da disciplina e de se avançar na compreensão da natureza do conhecimento antropológico (RIFIOTIS, 2002). Segundo o autor, o momento atual vivido pela Antropologia chega a lembrar o quadro em vigor nas décadas de 1970 e 1980, quando os antropólogos passaram a se dedicar mais ao estudo das sociedades urbano-industriais. Um período frutífero graças aos questionamentos teóricos, metodológicos e aos debates sobre fundamentos epistemológicos desencadeados como resultado dos estudos das sociedades complexas, quando o olhar antropológico se dirigiu para as sociedades urbanas, que são compostas por diferentes tribos ou províncias de significado:

Os habitantes dos grandes centros urbanos pertencem simultaneamente a diferentes grupos, logo, ao contruir seu objeto de pesquisa, o antropólogo passa a tomar como fio condutor o pertencimento dos indivíduos a determinadas redes de relações e/ou significados, sem a pretensão de esgotar, em termos explicativos, o funcionamento da sociedade como um todo (GUIMARÃES JÚNIOR, 1999, p. 2).

Foi um momento de reflexão muito produtivo ao ponto de contribuir para a consolidação da Antropologia no Brasil, assim como garantir a expansão do campo em âmbito internacional. Na leitura de Hine (2004), as crises em vez de sugerir um abandono total da etnografia acabam instigando e convidando à abertura de caminhos para se explorar aplicações criativas e estratégicas para esta metodologia. Sobre as transformações vividas pela etnografia desde os tempos em que os antropólogos a empregavam para compreender as culturas de lugares distantes, ela comenta que:

Nos novos contextos disciplinares, de uma ênfase concedida às descrições holísticas foi dada passagem para a realização de estudos mais centrados em tópicos particulares: ao invés de estudar certas formas de vida em seu conjunto, os etnógrafos ligados à sociologia ou aos estudos culturais passaram a se dedicar ao exame de aspectos mais limitados como, por exemplo, as pessoas como pacientes, como estudantes, telespectadores ou profissionais (HINE, 2004, p. 55, tradução nossa)⁵¹.

De maneira semelhante, a etnografia de culturas familiares ou vizinhas tem ampliado a prática etnográfica, antes restrita à investigação de modos de vida remotos ou aparentemente exóticos, além de fornecer desafios próprios na medida em que os etnógrafos devem se esforçar para se distanciar de seus pressupostos e tentar negociar o acesso a localizações onde o cultural deverá ser avaliado de uma forma muito mais intensa. Assim, tais tendências tem como finalidade o desenvolvimento de uma compreensão profunda do social através da participação e da observação.

⁵¹ *"En nuevos entornos disciplinares, el énfasis otorgado a las descripciones holísticas ha dado paso a estudios más centrados en tópicos particulares: en vez de estudiar ciertas formas de vida en su conjunto, los etnógrafos de la sociología o de los estudios culturales se han dedicado a examinar aspectos más limitados de, por ejemplo, las personas como pacientes, como estudiantes, televidentes o profesionales."* (HINE, 2004, p. 55).

O problema-chave, conforme a autora, é que o fazer etnográfico desde o início tem enfrentado os desafios atribuídos pelas ciências exatas e naturais no que diz respeito à sua objetividade ou validade. Para começar, trata-se de uma metodologia que oferece pouco ou quase nada de prescrição para o investigador, pois não existem fórmulas prontas para serem aplicadas, tornando impossível o julgamento preciso dos resultados obtidos. Algo que certamente deixa o método vulnerável às críticas provenientes de uma concepção racional de se fazer pesquisa, adepta da comprovação via experimentos ou da utilização de questionários munidos de todo um repertório de técnicas de avaliação.

Na visão de Hine (2004), a popularidade das metodologias qualitativas, entre as quais se destaca a etnografia, está fundamentada em seu modo atrativo de abordar a riqueza e complexidade da vida social. Ela oferece a chance de se poder compreender como as pessoas interpretam o mundo que as rodeia ou a maneira como organizam suas vidas, sem a adoção de técnicas e noções pré-definidas, geralmente impostas ao investigador em estudos quantitativos.

Com relação às crises da etnografia, a autora ressalta que elas podem se apresentar como uma oportunidade para se estudar uma aproximação com a internet. É necessário, contudo, que se adote uma perspectiva etnográfica reformulada, pois se está diante de um tipo de interação sem precedentes, isto é, ganha contorno um objeto de estudo sem comparação dentro da etnografia tradicional.

A partir dos anos de 1990, um conjunto de interrogações sobre os fundamentos da disciplina vem sendo acumulado pelos antropólogos, os quais percebem que tais questões ultrapassam em muito as especificidades do ciberespaço, demarcando um cenário singular que pode gerar avanços teórico-metodológicos. Desde então, começaram a realizar trabalhos específicos sobre as modalidades da interação concreta *na* e *pela* internet, com ênfase na produtividade social do ciberespaço; dando a eles mesmos condições para se promover uma revisão crítica de conceitos e princípios metodológicos da Antropologia (RIFIOTIS, 2002).

Inicia-se um debate em defesa de uma mudança de perspectiva sobre noções essenciais da pesquisa antropológica como diário de campo, trabalho de campo, campo, pesquisa participante, que desencadeia uma rica reflexão com significativos impactos sobre os fundamentos da produção do conhecimento antropológico. Ademais, junto com as possibilidades de análises que se abrem com a internet, muitas dúvidas com relação ao

trabalho de campo são geradas. Rifiotis (2002) afirma que na área denominada provisoriamente de Antropologia do Ciberespaço predomina uma grande dificuldade na observação direta e participante, na coleta de dados, na redação do diário de campo, na realização de entrevistas etc. Por este motivo, uma revisão de procedimentos adotados na etnografia é concebida como essencial.

A intenção por trás de uma reavaliação da etnografia é encontrar uma nova forma de lidar com alguns dos problemas que surgem em pesquisas com a internet, como a autenticidade das interações mediadas como material para a compreensão etnográfica e a seleção de *sites* adequados para o exame da internet enquanto objeto cultural. Hine (2004) sintetiza as duas questões fundamentais que envolvem uma perspectiva etnográfica para a internet: como ela pode se constituir como objeto de estudo etnográfico e como reconhecer sua autenticidade enquanto tal.

Para Rifiotis (2002), é essencial a adaptação de algumas técnicas e etapas da metodologia na atividade etnográfica na internet justamente para dar conta das novas situações e dilemas que o ciberespaço instaura. Porém, é interessante esclarecer que os passos constituidores da abordagem etnográfica continuam sendo seguidos, como o relato antropológico do trabalho de campo, que permanece sendo uma fonte privilegiada de informações. Ele é oriundo da experiência de campo registrada no diário íntimo, porém, é muito mais do que uma simples ilustração, idiossincracia. O relato de campo é uma marca da iniciação ao *métier* e prova de objetividade da pesquisa *on-line* e *off*.

A relevância do diário de campo, típico instrumento da pesquisa antropológica, continua mesma, sendo que em nenhuma hipótese pode ser confundido com uma mera prática de tomar notas. O diário de campo não se reduz a uma coleção de notas escritas cotidianamente devido à observação direta e participante: "A real importância do diário de campo reside exatamente no vaivém entre notas e campo, a reflexão sistemática entre a experiência parcial e a busca de recorrências significativas." (RIFIOTIS, 2002, p. 9). Nesse sentido, o autor indica o que poderia representar uma das primeiras dificuldades em análises no ciberespaço: a idéia de utilizar o arquivo de *log* como diário de campo parece limitar o registro à manifestação linear das interações processadas pelo computador.

Por outro lado, a observação participante em uma situação mediada por computador pode até permitir uma melhor compreensão sobre o ato comunicacional e a sua especificidade no âmbito do estudo no ciberespaço. Neste ambiente, a escolha do

pesquisador no que diz respeito aos dados que devem ser conservados é guiada pelos objetivos delimitados e pelos recursos disponíveis, como a quantidade de membros a ser entrevistada e a própria habilidade dos participantes para se expressar.

Hoje, a pesquisa no ciberespaço ocorre em um contexto no qual transmissões de áudio e imagem são cada vez mais freqüentes, quando o contato deixa de ser feito somente a partir da escrita textual, o que implica em uma maior visibilidade de alguns marcadores sociais que entram em ação nas relações face a face. Conseqüentemente, a experiência de campo no ciberespaço aproxima-se cada vez mais de uma condição de co-presença.

Com referência à questão sobre a oferta de novos recursos visando ampliar a interação, Rifiotis (2002) afirma que ela continua nos colocando à frente de uma necessidade de reflexão sobre as mediações da comunicação por meio de computadores, *softwares* e códigos compartilhados, verbais, corporais ou outros. Isto acontece também porque não se concebe o estar e/ou agir *on-line* em oposição ao *off-line*, que seriam vistos como dinâmicas complementares. Portanto, ambas as dimensões são significativas para se avaliar todas as possibilidades de contato que os internautas dispõem para se relacionar em uma rede social organizada no ciberespaço. Como esclarece Guimarães Júnior (1999, p. 4):

Da mesma forma que nos aglomerados urbanos contemporâneos, onde o uso de um mesmo aparato urbanístico não determina necessariamente o pertencimento a uma província de significado, também no *Ciberespaço* as relações sociais que determinam um determinado grupo não são necessariamente efetivadas dentro de um mesmo contexto. A dinâmica social no *Ciberespaço* cria espaços simbólicos de sociabilidade que transcendem o que é proporcionado pelas plataformas.

Além disso, ninguém vive completa e exclusivamente no ciberespaço, como lembra Rifiotis (2002). Embora alguns autores, como Danet (2004, p. 144, tradução nossa) argumente que: "A cultura virtual é uma 'cultura de simulação' de imagens que não contam necessariamente com uma realidade física atrás delas; trata-se de uma cultura de reproduções sem originais."⁵²

⁵²"La cultura virtual es una 'cultura de simulación' de imágenes que no cuentan necesariamente con una realidad física tras ellas; se trata de una cultura de reproducciones sin originales." (DANET, 2004, p. 144).

O pesquisador na etnografia tradicional se propõe a estudar a cultura de um grupo inserido nele, ou seja, o deslocamento físico é praticamente obrigatório, mesmo que seja para a realização de visitas como acontece em estudos de sociedades urbanas. Em quaisquer das situações, de encontro esporádico ou fixação de residência, ele tem que se adaptar à realidade cotidiana, compreender os costumes e hábitos, a língua e os termos usados com frequência, observar as formas de contato, as falas, os gestos, o corpo e a expressão facial.

Por sua vez, a exigência de deslocamento é dispensada na etnografia realizada no ciberespaço. O trabalho de campo na internet é feito através do acompanhamento da dinâmica comunicativa e de interação social entre os membros de grupos estabelecidos no ambiente virtual. Para tanto, é necessário que ocorra a inserção do pesquisador no ciberespaço para identificar as diversas práticas culturais de comunidades que interagem de forma *on-line* e se organizam via comunicação mediada por computador, quando o uso de técnicas imersivas da netnografia permite que se cubra de maneira compreensiva a vida na tela (KOZINETS, 1998).

Os indivíduos se utilizam de plataformas de sociabilidade virtual, entendendo plataformas como os elementos de *software* – programa, que dão sustentação às relações de sociabilidade no ciberespaço (GUIMARÃES JÚNIOR, 1999), como o *site* de relacionamento orkut. Atualmente, tais plataformas estão baseadas em ferramentas que visam estimular processos de interação social e facilitar a publicação de conteúdo na rede, aumentando o grau participativo do usuário, denominados, *software social* e *Web 2.0*, respectivamente.

Como a interação social estrutura-se, essencialmente, a partir das trocas de mensagens escritas, a etnografia apresenta-se como uma das metodologias apropriadas para este tipo de análise, uma vez que o etnógrafo é aquele que escreve e interpreta, estando habilitado para descrever a realidade e/ou a cultura de uma determinada comunidade.

O contato com o grupo investigado é promovido pelo acesso via rede internet, que pode ser feito independentemente do lugar e da hora. O material empírico, em geral, fica armazenado e disponível para consulta de modo constante, no entanto, devido à possibilidade de ocorrer problemas em sistemas informáticos, recomenda-se o acompanhamento e o relato diário dos eventos para se evitar dificuldades futuras.

A coleta de dados na internet se dá através do armazenamento de páginas e

mensagens trocadas. De uma maneira geral, o material de análise da netnografia encontra-se disponível no formato de texto, assim, é preciso que mensagens sejam produzidas e transmitidas para que relacionamentos se estabeleçam no ambiente virtual (KOZINETS, 1998). Contudo, não se trata de algo determinante, porque se sabe que a não resposta, o silêncio, enquanto formas de expressão, também são significativos para se interpretar e descrever eventos.

De todo modo, os dados da netnografia concentram-se em textos, e as limitações e as exigências de produzir e de se comunicar virtualmente seguindo a estrutura textual da informação eliminam formas corporais de expressão e, obviamente, simulam outras, é o caso da linguagem dos gestos que foi substituída por ícones compartilhados, os *emoticons*. Por isso, o pesquisador deve ainda ter conhecimento de toda uma nova forma de se expressar e de se fazer compreender na rede, como os códigos, símbolos e sinais, a escrita de palavras em maiúsculas ou minúsculas, a pontuação etc.

Também na internet a descrição detalhada das interações e dos respectivos mediadores deve fazer parte do diário de campo, sendo necessário considerar os modos de socialização seja dos nativos, usuários, internautas e outros. Rifiotis (2002) define a socialização no ciberespaço como um conjunto complexo de afinidades, interesses, práticas e discursos que ocorreriam como uma iniciação na qual experiências *on-line* e *off-line* estariam interagindo.

Para o autor, a prova iniciática teria lugar na relação com a interface, no aprendizado dos comandos, possibilidades, opções e limites do *software*. Conseqüentemente, o trabalho de campo na internet deve abranger o cenário que envolve as interações examinadas, o qual define as condições mínimas comuns a todos os internautas, ainda que a competência de uso seja um aspecto de distinção social.

Os antropólogos do ciberespaço ressaltam a importância de se aprofundar a reflexão sobre a diferença com a interação face a face: “‘Pessoa’, ‘avatar’, ser na/pela Internet, precisam de modalidades específicas de descrição da interação para que a gramática do mútuo reconhecimento e a idéia de pertença a um grupo possam tornar-se evidentes para os próprios interlocutores.” (RIFIOTIS, 2002, p. 11-12). Trata-se de um problema que no limite permite recuperar o debate sobre a especificidade da interação presencial e sua natureza na pesquisa etnográfica, representando uma relação da maior complexidade que supera a performance dos atores e que com freqüência é naturalizada pelo pesquisador

durante a observação de campo.

Hine (2004), por sua vez, ajuda a repensar a interação face a face como elemento intrínseco ao fazer etnográfico:

Um dos principais problemas com o qual nos deparamos quando desenhamos um estudo etnográfico na internet é o de encontrar uma forma de interação com os sujeitos do estudo adequada ao propósito etnográfico. Tradicionalmente, a etnografia se caracteriza por considerar a interação face a face como a mais apropriada: o pesquisador viaja ao lugar e, em presença física, comunica-se diretamente com os participantes de seu estudo (HINE, 2004, p. 58, tradução nossa)⁵³.

Antes da expansão das práticas comunicativas mediadas por computador, a possibilidade de se analisar uma cultura através de uma comunicação mediada era vista como insuficiente, justamente pela ausência de imersão no campo. Mas atualmente, diante de uma variedade de mecanismos que proporcionam interações mediadas já se aceita rever o papel da presença física como fundamental na etnografia: "A primazia da *presencialidade* na etnografia pode ser compreendida a partir de uma reflexão sobre a produção etnográfica entendida como uma narração textual veraz. Uma concepção sustentada tradicionalmente na viagem, na experiência e na interação." (HINE, 2004, p. 59, tradução nossa, grifo da autora)⁵⁴.

Conforme Hine (2004), esta ponderação é particularmente útil para se evitar juízos *a priori* sobre a riqueza e a adequação da metodologia etnográfica ou não em estudos promovidos com meios de comunicação *on-line*. Ela argumenta que a experiência e a capacidade de interação são primordiais para a antropologia, afinal não há estudo de uma cultura ou de um grupo sem a manutenção de contato, porém, este não precisa ser face a face. Acrescenta-se que inclusive o deslocamento que implica em fazer uma viagem poderia

⁵³ "Uno de los principales problemas con que nos topamos cuando diseñamos un estudio etnográfico en Internet es el de encontrar una forma de interacción con los sujetos del estudio adecuada al propósito etnográfico. Tradicionalmente, la etnografía se ha caracterizado por considerar la interacción cara a cara como la más apropiada: el investigador viaja al lugar y, en presencia física, se comunica directamente con los participantes de su estudio." (HINE, 2004, p. 58).

⁵⁴ "La primacía de la **presencialidad** en la etnografía puede comprenderse a partir de la reflexión sobre cómo la producción etnográfica entendida como una narración textual veraz. Se ha sustentado tradicionalmente en el viaje, La experiencia y la interacción." (HINE, 2004, p. 59).

ser pensado na comunicação mediada por computador, mediante uma analogia com o navegar pela rede internet, expressão empregada habitualmente pelos internautas.

No fundo, o debate sobre a necessidade de um contato presencial para o desenvolvimento de pesquisas nessa linha apresenta como problemática capital a questão da identidade do investigado. A possibilidade de se corresponder de modo anônimo, preservando sua identidade, de se reinventar e se fazer passar por qualquer pessoa, trocando de gênero, idade, descrevendo-se como se gostaria de ser ou mesmo incorporando a identidade de outrem traria certo nível de dificuldade para o pesquisador.

Porém, o que é característico do ciberespaço e um fator motivador da participação é justamente essa oportunidade de brincar com a própria representação de si, o que coloca em jogo o anonimato, a falsidade identitária e a criação de múltiplas faces, que também nos acompanha no mundo *off-line*, mas que se potencializa no *on-line*: "No ciberespaço, o texto teclado proporciona a máscara. As motivações para fazer tal coisa são variadas.", como relembra bem Danet (2004, p. 144, tradução nossa)⁵⁵. Logo, na internet, a identidade é construída pela escrita, com base no discurso anunciado, e está vinculada à noção de confiança, quando a pessoa constrói sua reputação.

O anonimato contribui para garantir a livre discussão *on-line*, quando barreiras e constrangimentos do contato *off-line*, que vão desde uma escala de hierarquia quando se está em um ambiente profissional quanto a fatores de ordem emotivo e pessoal, como a timidez. Por este viés, o anonimato torna-se muito significativo na relação estabelecida via ciberespaço, à medida que facilita a exposição de idéias, sejam lá quais forem, já que se pode esconder e escamotear a identidade.

Qualquer um pode expressar diversas facetas do seu eu, de forma diferente do mundo *off-line*, pela ausência de constrangimentos sociais. São máscaras que podem transmitir um caráter de personalidade mais verdadeiro ou mais falso, não se tem como saber. Um sujeito pode ser em alguma medida inclusive mais autêntico, até porque falar de realidade não implica diretamente em uma questão de autenticidade.

⁵⁵ "En el ciberespacio, el texto teclado proporciona la máscara. Las motivaciones para hacer tal cosa son variadas." (DANET, 2004, p. 144).

Por outro lado, não se pode negar que o sujeito anônimo tem menos condições de adquirir o respeito e a consideração dos demais colegas, pois como não se sabe com quem se está lidando, não se pode confiar nele e, às vezes, é visto com desprezo, sem o merecimento de atenção. Algo que também acontece com frequência com os chamados *fakes*, os perfis falsos que são muito comuns no *site* orkut. As pessoas criam esses perfis e em geral utilizam imagens de personagens de desenhos animados ou de celebridades, sendo que o fato mais curioso é que, normalmente, são estabelecidas redes de amizade entre os *fakes*, que se convidam uns aos outros para integrar a lista de amigos.

A falta de credibilidade que rodeia os participantes anônimos e *fakes* ainda se estende aos usuários de *nickname*. Entretanto, dependendo do tempo de participação e das intervenções feitas por um *nick* em um sistema de comunicação *on-line*, principalmente, no que não permite o uso simultâneo de um mesmo nome pelos participantes, já é possível adquirir uma reputação nessas condições. Poder-se-ia até dizer que se trata de um anonimato parcial, uma vez que a pessoa mantém uma constância participativa, tem uma escrita diferenciada, passando a ser uma figura conhecida ou reconhecida pelo grupo mesmo mostrando-se através de um apelido.

Em decorrência das peculiaridades do ciberespaço, tornou-se comum se discutir como provar a autenticidade das interações sociais neste ambiente, uma vez que o etnógrafo não pode confirmar os dados transmitidos pelos informantes sobre suas vidas. Todavia, a intenção do etnógrafo não é e nem deveria ser o de fazer julgamentos sobre a veracidade dos dados divulgados, muito menos se utilizar de qualquer critério externo para avaliar se é seguro ou não crer no que diz seus informantes. Ele tem como preocupação avaliar a dinâmica interativa de certo grupo para poder descrevê-lo culturalmente como um todo. Assim, parece ser suficientemente aceitável que o etnógrafo seja capaz de compreender como os informantes valorizam a autenticidade, o que implicaria em admitir o informante como uma figura parcial e não uma identidade total.

Vale reforçar que em vários momentos das atividades cotidianas um mesmo indivíduo representa uma série de papéis sociais, apresentando-se de uma maneira ou de outra conforme o seu interlocutor (MAFFESOLI, 1996, 1998b). O autor fala do indivíduo enquanto *persona*, que precisa adotar uma imagem ou várias imagens, diferentes modos de ser, ou seja, ela mostra-se a toda hora de modo parcial independente de se relacionar *off-line* ou *on-line*. Com isso, defende-se que não se deve avaliar a autenticidade como um

problema específico da pesquisa etnográfica na internet.

Sobre a dinâmica participativa em uma lista de discussão ou em um canal de *chat*, além das peculiares do tipo de ferramenta que está sendo utilizada, deve-se levar em conta, sobretudo, a lógica de funcionamento do grupo que varia de acordo com a presença de dispositivos, como regras de comportamento, assim como a existência de um moderador. Em alguns serviços de comunicação mediada por computador podem existir um ou mais moderadores, cuja presença por si só faz com que alguns usuários tenham cuidado ao se expressar. Por sua vez, há quem ignore completamente o moderador e solte o verbo até para ver se ele realmente está monitorando os acontecimentos, ou é apenas um censor figurante.

A comunicação mediada por redes de computador permite, então, que se repense sobre a necessidade de um contato face a face, que deixa de ser obrigatório. Algo que não deveria dar margem para se duvidar da autenticidade deste tipo de estudo, sendo que tal concepção também precisaria ser reelaborada para que se possam examinar as interações mediadas nos termos em que ocorrem: "As experiências vividas durante as conversas tecladas *on-line* podem ser poderosamente reais, seja por seu alto grau de estimulação ou bem de perturbação, e apesar da invisibilidade dos corpos dos atores.", complementa Danet (2004, p. 145, tradução nossa)⁵⁶. Dito de outra forma, os embates encenados *on-line* não são menos arrebatadores quanto os assistidos *off-line*, pois não é o corpo que define a interação social, mas o discurso por meio de palavras escritas, no caso especial do orkut.

Torna-se relevante mencionar ainda que na etnografia tradicional são produzidas histórias mais ou menos convincentes, que nem sempre correspondem fielmente à existência de alguma cultura dita real preexistente. Afinal, não se pode esquecer que a interpretação do etnógrafo nunca é neutra, ao contrário, é sempre seletiva.

Esse nível de esclarecimento sobre o trabalho do etnógrafo colabora para se abandonar a idéia da obrigatoriedade de se promover encontros face a face em pesquisas no ciberespaço, diante da afirmação de que a manutenção da autoridade do texto etnográfico não está subordinada exclusivamente ao deslocamento físico, mas, sobretudo, à experiência. Na etnografia virtual, o antropólogo continua, de maneira velada ou não,

⁵⁶ "Las experiencias vividas durante las charlas *on-line* tecladas pueden ser poderosamente reales, ya sea por su alto grado de estimulación o bien de perturbación, y a pesar de la invisibilidad de los cuerpos de los actores." (DANET, 2004, p. 145).

participando da cena e observando a vivência de um grupo, porque as pessoas se encontram e trocam mensagens, interagindo entre si. Logo, este enfoque de etnografia não implica, obrigatoriamente, o mover-se de lugar, o ato de visitar e percorrer *sites* na internet tem como alvo primeiro viver a experiência do usuário, e não se deslocar.

Mediante essas considerações, começa a emergir um sentido de presença etnográfica na qual o estar ali no *on-line* ou *off-line* passa a ser concebido como uma experiência singular. O etnógrafo que esteve em um lugar simbólico ou não se apresenta como o ator com autoridade para interpretar; a autoridade não é transferível: pertence apenas ao investigador que esteve lá (HINE, 2004).

A internet permite que o etnógrafo de seu escritório seja capaz de explorar um ambiente de sociabilidade, constituído a partir de plataformas. Guimarães Júnior (1999) define um ambiente de sociabilidade como o espaço simbólico criado no ciberespaço com o suporte de programas específicos orientados à comunicação de dois ou mais usuários, povoado por *personas* que estabelecem uma atividade societária por um determinado tempo. Vale destacar que de acordo com o tipo de sociabilidade em vigor podem ou não se desenvolver comunidades virtuais estáveis.

O autor considera relevante fazer a distinção entre plataforma de sociabilidade virtual e ambiente de sociabilidade virtual para salientar o quanto de social existe na técnica, que nunca é empregada de forma passiva, mas é sempre adaptada, transformada e resignificada. Neste sentido, os ambientes de sociabilidade podem ser entendidos como construtos sociais ordenados segundo os artefatos técnicos disponíveis.

O ofício etnográfico, seja o exercido *on-line* ou *off-line*, tem que se voltar para a interação, que não depende de um encontro face a face para existir, pois é somente através dela que se pode acompanhar toda ordem de eventos e condutas, inesperados ou não, no núcleo de um determinado grupo. A interação intervém na forma de texto, assim, ela pode ser analisada enquanto texto e enquanto tal não precisa ser revelada a presença do pesquisador, que pode ser um observador invisível.

Outro fator de destaque é que os processos comunicativos e interativos estão apoiados na elaboração de textos escritos, a partir dos quais as pessoas negociam suas impressões sobre a realidade. Quando o texto pode ser visto como uma forma de interação empacotada que se move de um local a outro. Como efeito do relacionamento social no ciberespaço se organizar em torno da escrita, predomina um trabalho de campo de estilo

bem particular, pois o que há para se ver e observar na maior parte do tempo é texto. Por isto, Hine (2004) indica que o uso da internet pode ser reduzido a um procedimento de leitura e escrita, sendo que o trabalho do etnógrafo consiste em desenvolver uma compreensão dos significados que subjacem estas práticas ao redor dos textos.

O etnógrafo do ciberespaço pode, evidentemente, bisbilhotar de uma forma que não se pode fazer a pé, porque em um ambiente físico, o observador está sempre marcado pela sua diferença, mesmo que se mantenha em total silêncio, caso radicalmente diferente do observador que vagueia pelo ambiente virtual, podendo passar despercebido. Agora a escolha por esta opção equivale a renunciar ao argumento de uma autoridade etnográfica baseada em uma análise sustentada na participação.

O que implica ainda em uma questão de simetria, pois na prática etnográfica convencional, a qual requer o deslocamento físico, o pesquisador se mantém em uma situação simétrica com relação a seus informantes. Em outros termos, já que a simetria consiste no fato de o etnógrafo empregar os mesmos recursos e meios de comunicação usados pelos sujeitos investigados, parece ser mais indicado que o contato entre o observador e o observado também aconteça, exclusivamente, via ambiente virtual. Sem a promoção de encontros presenciais, que além de ser uma estratégia artificial de aproximação, coloca em desigualdade o tipo de relacionamento estabelecido com o grupo enquanto um conjunto. O etnógrafo, então, pode estar em contato de modo fisicamente presencial ou não com seus informantes. Todas as formas de interação são etnograficamente válidas, não somente as que implicam em uma relação face a face.

Vale ressaltar que o caráter participativo do pesquisador manifesta-se desde o primeiro momento de sua inserção no sistema cultura em jogo no interior de grupos estabelecidos em plataformas no ciberespaço. O que abrange o aprendizado sobre o funcionamento da plataforma e o conhecimento de regras e normas de utilização que tem como objetivo manter um convívio harmônico entre os usuários.

A situação exige do pesquisador uma formação específica para o tratamento e análise dos dados que podem seguir correntes como a da Análise do Discurso e da Etnografia da Fala (RIFIOTIS, 2002). Aqui adquire visibilidade um aspecto peculiar do trabalho de campo na internet, que ultrapassa a idéia de uma participação direta face a face, o foco agora é saber explorar a dimensão da fala e procurar a especificidade das conversas escritas, isto é, leva à incorporação de uma nova dimensão à etnografia.

Quanto aos contextos *on-line* e *off-line*, Kendall (1999) argumenta que existem diversas razões para se evitar a idéia de divórcio entre a vida *on* e *off-line*, sendo aceitável a proposição de um estudo que trabalhe de forma combinada as duas dimensões:

Interações *on-line* não podem ser dissociadas dos contextos sociais e políticos do *off-line*, nos quais os participantes vivem suas vidas quotidianas. Diversos aspectos destes contextos ativam e restringem a capacidade dos participantes, os potenciais participantes, e não participantes para aprender sobre o acesso e navegação em fóruns *on-line*. Uma vez *on-line*, os participantes chamam os seus recursos *off-line*, bem como a compreensão adquirida em experiências *off-line*, a negociar e interpretar as suas interações *on-line* (KENDALL, 1999, p. 58, tradução nossa)⁵⁷.

Segundo a autora, essa tendência a desconectar práticas *off-line* do *on-line* deve-se inclusive à popularidade do termo ciberespaço, que foi influenciado particularmente pelo campo da ficção científica, um pensamento compartilhado por diversos pesquisadores do tema, como foi comentado em outro momento. Por isso predomina a idéia de conceber a interação *on-line* como existindo de maneira independente da realidade, separada de ambientes do *off-line*, de órgãos e preocupações.

Kendall (1999) fala ainda sobre a criação de uma multiplicidade de *selves* que existia desde antes da internet, como já foi demonstrado por Goffman (1999) e Maffesoli (1996, 1998b), mas que ganha uma dimensão expressiva com a comunicação mediada por computador. Sobre o aspecto do anonimato no contato em ambiente virtual, ele não transmite uma noção de ausência de identidade no momento em que a imagem do indivíduo assume o contorno de dados concretos, que ajudam a identificá-lo pelas ações que pratica e não pelo nome ou pela aparência física.

No que se refere à metodologia, a autora afirma que pode ser difícil avaliar a honestidade das respostas em enquetes ou mesmo em entrevistas quando administradas

⁵⁷ "On-line interactions cannot be divorced from the off-line social and political contexts within which participants live their daily lives. Various aspects of these contexts enable and constrain the ability of participants, potential participants, and nonparticipants to learn about, access, and navigate on-line forums. Once on-line, participants draw on their off-line resources, as well as understanding gained in off-line experiences, to negotiate and interpret their on-line interaction." (KENDALL, 1999, p. 58).

on-line. Nesse caso, ela considera a observação participante apropriada a este tipo de estudo, ao permitir que o investigador obtenha uma melhor compreensão sobre o conjunto de participantes, suas performances de identidade e seus significados.

A partir desta colocação de Kendall (1999) sobre o fazer etnográfico no ciberespaço, a presente pesquisa foi desenvolvida com a técnica da observação participante, a qual exige todo um conhecimento sobre o mecanismo de funcionamento da plataforma analisada e uma compreensão de práticas ciberculturais, visando descrever densamente a cultura dos grupos organizados *on-line*.

Uma perspectiva de trabalho inspirada também em Sá (2005), para quem a observação participante se caracteriza pela atividade de pesquisa intensiva resultante na coleta de dados por meio da observação direta, de longa duração, junto ao grupo escolhido. Em síntese, a proposta da autora é que a netnografia das redes digitais de computador deve associar, essencialmente, a observação participante e a descrição densa, de cunho interpretativo (GEERTZ, 1989).

Quanto aos tipos de análises de redes sociais sugeridas por Garton, Haythornthwaite e Wellman (1999), optou-se pela metodologia de caráter mais amplo, no qual a rede inteira é examinada a fim de se descrever os laços sociais constituídos no interior do grupo, a qual, idealmente, exigiria respostas de todos os membros em relação em um mesmo ambiente.

Ainda sobre a oposição entre *on* e *off-line*, Rifiotis (2002) diz que esse debate está mal colocado à medida que está fundamentado em uma falsa perspectiva de homogeneidade do ciberespaço. Apesar de admitir a existência destas duas dimensões e que elas são solidárias, não há nenhum impedimento de se realizar uma pesquisa centralizando-se em um objeto constituído exclusivamente *on-line* como, por exemplo, a descrição das interações via *chat*. Além disso, o autor alerta que nem sempre se é capaz de associar os estudos *on-line* e *off-line*, seja por motivos técnicos de fonte de informações, pelo fator tempo ou por custos financeiros que limitam a realização da pesquisa.

Também para Guimarães Júnior (1999), o ciberespaço configura-se em um *locus* de extrema complexidade e heterogeneidade, estabelecendo-se em seu interior diversas e variadas formas de interação, tanto entre homens, quanto entre homens e máquinas. Parte considerável destas interações envolve duas ou mais *personas*, que se relacionam em um determinado ambiente, a partir de uma cultura localmente elaborada:

O ciberespaço, da mesma forma que o "espaço" social, longe de ser um contínuo homogêneo, é territorializado e fragmentado em diferentes espaços simbólicos, constituídos e operacionalizados pelas práticas de sociabilidade que ocorrem em seu interior. Estas práticas constituem culturas locais, específicas e eminentemente heterogêneas, cuja interpretação e mapeamento é uma tarefa ainda incipiente a ser realizada pela Antropologia (GUIMARÃES JÚNIOR, 1999, p. 2).

O certo é que o desafio permanece para os pesquisadores dedicados à investigação etnográfica no ciberespaço, assim, Rifiotis (2002) acredita que se poderia avançar um pouco mais caso se perguntassem sobre os limites do *on* e *off-line*. De acordo com o autor, a diferença entre *on* e *off-line* não fica evidente, assim, parece predominar uma tendência de fazer uma aproximação e até uma interpenetração que ele considera extremamente significativa, ainda que seus contornos mostrem-se mal definidos e instáveis.

O ciberespaço não precisa ser concebido como algo distante de qualquer conexão com a vida real ou da interação face a face. Tanto que a internet se conecta de forma complexa aos entornos físicos que facilitam seu acesso, pois depende de tecnologias que são empregadas de modos particulares segundo contextos determinados e que são adquiridas, apreendidas, interpretadas e incorporadas em seus espaços de ocorrência.

Hine (2004) complementa que a etnografia virtual funciona como um módulo que problematiza o uso da internet, quando o universo da *Web* adquire sensibilidade ao ser apropriado. O *status* da rede como meio de comunicação, como objeto de uso cotidiano e como espaço de estabelecimento de comunidades, persiste através das apropriações, que são interpretadas e reinterpretadas. Conseqüentemente, os meios com potencial interativo como a internet podem ser compreendidos como cultura e como artefatos culturais, sendo que a concentração em qualquer um destes aspectos em detrimento do outro tende a recair em uma visão pobre do problema.

O crescimento das interações mediadas serve como um estímulo para se reconsiderar a idéia de uma etnografia ligada a algum lugar concreto, pois se a cultura e a comunidade não são produtos diretos de um lugar físico, tampouco a etnografia tem que ser assimilada desta maneira. Estudar a conformação e reconfiguração do espaço, através de interações mediadas, representa em si uma grande oportunidade para a pesquisa etnográfica, que muito mais que multi-situada, deve-se pensar a interação mediada como

fluida, dinâmica e móvel.

O objeto de investigação etnográfica pode ser reformulado para centralizar-se em fluxos e em conexões ao invés de se fixar a localidades e em seus limites como princípios organizadores. O desafio da etnografia virtual consiste em examinar como se configuram os limites e as conexões, sobretudo, entre o virtual e o real. A etnografia virtual é um interstício no sentido de que convive entre várias atividades, tanto do investigador como dos participantes do estudo (HINE, 2004).

A autora enfatiza que a etnografia virtual é irremediavelmente parcial, uma vez que uma descrição holística de qualquer informante, local ou cultura é algo impossível de se executar. O próprio ato de descrição pode estar sustentado em idéias de relevância estratégica para as análises e não em representações fiéis às realidades dadas como objetivas.

A etnografia virtual implica em uma intensa imersão pessoal na interação mediada, visando a exploração do uso de um meio em seu contexto. O compromisso do etnógrafo com o meio constitui uma valiosa fonte de reflexão. Assim como a conformação de interações com informantes através da tecnologia faz parte do trabalho etnográfico, procedimento semelhante ocorre nas interações entre o etnógrafo e a tecnologia.

A configuração de um objeto etnográfico, possibilitada por tecnologias acessíveis, sugere a realização de uma etnografia no virtual, do virtual e através do virtual. A etnografia no ciberespaço se adapta à finalidade, prática e real, de explorar os relacionamentos em interações mediadas, ainda que não sejam coisas reais em termos puristas. Trata-se de uma etnografia adaptável às condições nas quais se encontra (HINE, 2004).

Como realça Guimarães Júnior (1999), o social se mescla com o técnico de tamanha forma que orientar o recorte do objeto de estudo apenas pelo que o técnico apresenta seria ineficiente. Com isso o autor justifica o entendimento de plataformas e ambientes como entidades analiticamente distintas, apesar de intimamente imbricadas, como uma oportunidade de aproximar a atividade etnográfica da experiência vivida pelas *personas* no transcorrer de sua atividade no ciberespaço.

A netnografia é usada como um recurso capaz de auxiliar na compreensão sobre os processos socioculturais de apropriação das tecnologias de informação e comunicação pelos internautas. Para investigar a utilização de tais instrumentos para criar relações sociais, para se organizar e se reterritorializar em uma rede global, para debater temas de interesse e

poder se reunir em grupos de pertencimento, independentemente de compartilharem ou não o mesmo espaço físico.

Cabe ao antropólogo, portanto, a responsabilidade de separar as camadas de significados, os contextos nos quais os mesmos signos são usados de forma diferenciada, isto é fazer etnografia como uma descrição densa (GEERTZ, 1989). O desafio é saber treinar as percepções para saber quem são as pessoas, os informantes com os quais se está lidando independente do ambiente.

3.2 BRASILEIROS NA REDE SOCIAL ORKUT

No próximo item, segue um panorama sobre a participação dos brasileiros na rede de relacionamento social pesquisada.

3.2.1 Presença Brasileira no *Site* Orkut

A expansão acelerada da rede internet é reconhecida em âmbito mundial, inclusive em países em desenvolvimento como o Brasil, que continua a liderar o ranking em tempo de navegação na *Web*. A utilização da internet nos lares brasileiros foi marcada por diversos recordes em 2007, como o de superar os 18,5 milhões de usuários mensais e consolidar-se na liderança mundial com relação à quantidade de horas navegadas, cujo tempo médio de acesso ficou em 23 horas e 30 minutos, segundo dados da pesquisa Ibope/NetRatings, realizada em julho de 2007.

Houve um aumento de 5% sobre o tempo de conexão registrado no mês anterior, junho, ratificando a posição de destaque dos brasileiros entre os países avaliados pela Nielsen/NetRatings. Depois do Brasil, os países com maior tempo de navegação por usuário doméstico são: Estados Unidos (19h52min), Japão (18h41min), Alemanha (18h07min) e

Austrália (17h51min)⁵⁸.

Nos últimos anos, verifica-se o crescimento das plataformas de redes sociais on-line, que se transformaram em instrumentos de comunicação de imensa popularidade entre os internautas, chegando a ultrapassar serviços essenciais como o *e-mail* ou correio eletrônico. Em território nacional, por exemplo, a rede de relacionamento orkut afiliada à empresa norte-americana Google Inc. chegou a ser líder em tempo de acesso, além de ocupar a posição de site mais visitado pelos brasileiros⁵⁹.

Os dados numéricos adquirem uma dimensão mais expressiva quando se avalia que somente 20% da população brasileira, que supera os 190 milhões de habitantes⁶⁰, têm acesso à internet, como divulga a organização não-governamental Rede de Informações para o Terceiro Setor (Rits), com base em pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil⁶¹.

Por tudo isto a adesão em peso dos brasileiros representa um fenômeno social que merece ser investigado, como se houvesse uma necessidade de demarcação do lugar Brasil no *site* orkut, ou mesmo de realçar traços identitários do brasileiro para se distinguir perante os outros. Afinal, não se pode esquecer que toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela indica uma diferença (ORTIZ, 1985).

Será que o lugar de origem, a pátria e o idioma apareceriam como elementos de identificação no contexto das redes sociais disponíveis na internet? Na cibercultura contemporânea, os brasileiros se reuniram uns aos outros motivados por afinidades ou por traços identitários, ou ambos? Haveria somente uma vontade de conquistar visibilidade frente aos demais membros em uma plataforma de acesso global assinalada pela diversidade de culturas? Como interagem e se comportam na plataforma orkut? Enfim, como o país e sua população seriam reterritorializados no não-lugar da rede social?

⁵⁸ "Mais de 18,5 milhões de brasileiros acessam a web em casa, revela Ibope". Disponível em: <<http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/08/17/idgnoticia.2007-08-17.0022937291/>>. Acesso em: 1 dez. 2007.

⁵⁹ "Site de relacionamento supera e-mail no país". Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1507200540.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2006.

⁶⁰ Dados de 2007 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>>. Acesso em: 9 out. 2007.

⁶¹ "Só 20% dos brasileiros têm acesso à internet, revela estudo." Disponível em: <http://www.estadao.com.br/tecnologia/not_tec50368,0.htm>. Acesso em: 9 out. 2007.

Indagações como estas agiram como provocações para se procurar conhecer um pouco mais sobre o modo de interação dos brasileiros no site de relacionamento social orkut. Em uma primeira etapa, optou-se pela realização de uma busca na plataforma, exclusivamente em idioma português, por comunidades em cujo nome constasse a palavra-chave: “brasileiros”.

A partir deste procedimento, pôde-se averiguar que a participação dos brasileiros na rede de relacionamento social orkut se processa de maneira diversificada, o que é confirmado pelo registro de comunidades em todas as 28 categorias determinadas pelo site. Entretanto, mediante uma consulta preliminar sobre cerca de 600 comunidades com o título formado pelo termo “brasileiros”, verificou-se uma predominância das categorias Cidades e Bairros, Viagens, Culturas e Comunidade e Países e Regiões.

O fato de entre as comunidades fundadas por brasileiros no orkut ser proeminente uma recorrência constante ao lugar de origem, seja o bairro, a cidade, o Estado e até mesmo ao próprio país, torna-se curioso por revelar mais uma face paradoxal em vigor no mundo contemporâneo. Neste sentido, verifica-se que uma rede de comunicação sem fronteiras como a internet pode acabar favorecendo a distinção cultural, enfatizando um local específico, assim como todos os traços identitários tradicionais em um ambiente de comunicação global.

Neste caso, percebe-se a criação de um elo, de modo direto ou indireto, consciente ou inconsciente, com o conceito de lugar trabalhado pela antropologia como um espaço de identificação, situado historicamente e geograficamente (AUGÉ, 1994). Trata-se de uma referência um tanto paradoxal já que uma das razões do sucesso da internet é se apresentar como um espaço de dimensão global, desprovido de limitações físicas e temporais, desterritorializado, uma espécie de não-lugar na leitura de Augé (1994).

Embora o conceito de não-lugar seja ambíguo e questionado por diversos autores acredita-se que existam diferenças consistentes entre lugares de circulação - aeroportos, shoppings, rodovias, e mesmo o ciberespaço, a rede internet - dos lugares definidos antropologicamente. Sendo que lugares e não-lugares seriam complementares, porque os transeuntes perpassam por ambos, eliminando qualquer perspectiva de oposição ou concorrência (AUGÉ, 1994).

Quanto à desterritorialização, Deleuze e Guattari (1995) argumentam que esta não ocorre sem gerar uma nova reterritorialização, pois um movimento é intrínseco ao outro, mediante reelaborações de ordem simbólica, que se referem ao território em si e se estendem a diversificados campos. Há uma série de procedimentos sucessivos de desterritorialização e de reterritorialização, seja de natureza identitária, cultural, espacial.

Delineia-se, então, um cenário no qual o orkut poderia ser concebido como um não-lugar e enquanto tal seria capaz de produzir uma reterritorialização ou várias reterritorializações de lugares, comunidades e culturas por meio da formação de agregações sociais on-line, unindo pessoas em busca de interesses comuns. Foi, portanto, com o intuito de verificar prováveis reterritorializações do Brasil e dos brasileiros em uma plataforma de rede social como o orkut que se realizou esta pesquisa; lembrando que os brasileiros não apenas representam uma parcela expressiva dos membros do site, mais de 55%, como também nomeiam diversos grupos com a palavra “brasileiros” para de alguma maneira se realçar diante da diversidade cultural representada por pessoas de mais de 200 países.

Neste contexto, é interessante destacar a sinergia do arcaico com o desenvolvimento tecnológico, que serviria de motor para a proliferação de tribos no ambiente virtual. Quando Maffesoli (2006)⁶² argumenta que a internet promove a comunhão dos santos pós-moderna, ao incentivar a propagação de ideologias que transitam na rede, ligando os espíritos em pontilhado. Talvez seja esta perspectiva neotribalista (MAFFESOLI, 1996, 1997, 1998b, 2001a) que impulse a adesão dos brasileiros ao orkut, uma das hipóteses desta pesquisa.

Além disso, ressalta-se o papel significativo desempenhado recentemente pelas redes sociais baseadas no princípio de uma segunda geração de produtos e serviços da *Web* cunhada de 2.0, que visa estimular a interação entre os usuários, oferecendo mecanismos de publicação simples na rede. Assim, as redes são vistas como ferramentas com enorme potencial comunicativo, funcionando como espaços de convivialidade nos quais comunidades são criadas a partir de afinidades, que podem ser de origens diversificadas. O que torna viável inclusive o resgate de valores ditos tradicionais, como o conceito de identidade nacional, uma construção simbólica com raízes na modernidade (ORTIZ, 1985), que faz referência à nação, ao território e a todos os demais elementos identitários, como o

⁶²Informações referentes ao conteúdo do Seminário Especial “Metodologia, Epistemologia e Pós-modernidade” ministrado pelo professor Michel Maffesoli em maio de 2006, na PUCRS, em Porto Alegre/RS.

idioma, o hino, a bandeira.

Trata-se de um movimento de retorno às origens que é perceptível, sobretudo, no conjunto de comunidades intituladas “Brasileiros no exterior”, como pode ser observado no Quadro 2. Do total de 32 comunidades listadas, 20 são classificadas entre as categorias Cidades e Bairros, Viagens, Culturas e Comunidade e Países e Regiões. São grupos criados por brasileiros que já tiveram alguma vivência ou que moram atualmente no exterior, em países como Estados Unidos, Japão, Kuwait, Noruega, Holanda, Suíça, Espanha, Portugal, Itália e até na vizinha Argentina. Quanto ao local de registro das comunidades, a maior parte diz respeito ao próprio Brasil, 12, seguido dos Estados e do Japão, com 6 e 5 comunidades, respectivamente.

Entre as comunidades que situam o Brasil como local de base distingue-se a comunidade de brasileiros no exterior mais antiga, a de número 2 no Quadro 2, que foi fundada por um brasileiro que reside em Portugal no dia 3 de março de 2004, isto é, alguns meses depois do lançamento da rede orkut, em janeiro de 2004. Embora seja a mais antiga, ocupa a segunda posição em popularidade, com mais de 10 mil inscritos, sendo superada pela comunidade 1, a líder absoluta em quantidade de participantes, reunindo aproximadamente 17 mil membros na atualidade e que tem os Estados Unidos como local de registro.

Nº	Comunidade	Categoria	Local	Criação	Membros
1	Brasileiros no Exterior	Viagens	Estados Unidos	17 de maio de 2004 05:50	15.932
2	Brasileiros no Exterior	Culturas e Comunidade	Brasil	3 de março de 2004 03:21	10.299
3	Brasileiros (as) No Exterior..	Outros	Estados Unidos	27 de agosto de 2004 00:38	614
4	Brasileiros no exterior	Países e Regiões	Itália	16 de fevereiro de 2005 14:09	125
5	Brasileiros no Exterior	Viagens	Brasil	14 de setembro de 2004 00:13	102
6	Brasileiros no exterior	Viagens	Japão	9 de setembro de 2005 10:53	32
7	*****Brasileiros no exterior	Outros	Brasil	5 de agosto de 2004 16:11	31
8	Brasileiros no Exterior	Outros	Estados Unidos	18 de abril de 2005 19:08	22
9	Brasileiros no Exterior	Culturas e Comunidade	Estados Unidos	15 de dezembro de 2006 15:44	17
10	Brasileiros no Exterior	Culturas e Comunidade	Kuwait	25 de março de 2006 13:04	15
11	Brasileiros no exterior	Culturas e Comunidade	Japão	25 de março de 2005 09:05	14
12	BRASILEIROS NO EXTERIOR!!!	Pessoas	Espanha	19 de março de 2006 03:24	12
13	Brasileiros no exterior	Países e Regiões	Noruega	29 de outubro de 2005 16:11	11
14	Brasileiros no exterior	Pessoas	Suíça	21 de fevereiro de 2006 06:19	9
15	Brasileiros no Exterior	Países e Regiões	Itália	9 de novembro de 2005 17:47	7
16	Brasileiros no exterior	Países e Regiões	Portugal	26 de janeiro de 2007 16:34	6
17	Brasileiros no exterior	Pessoas	Argentina	26 de dezembro de 2005 11:38	6

Quadro 2 – Listagem das Comunidades

(continua)

18	Brasileiros No Exterior!	Moda e Beleza	Estados Unidos	6 de maio de 2006 02:26	5
19	Brasileiros no exterior	Países e Regiões	Japão	7 de dezembro de 2005 08:22	5
20	Brasileiros no Exterior	Culturas e Comunidade	Brasil	5 de abril de 2006 11:27	4
21	BRASILEIROS NO EXTERIOR	Países e Regiões	Estados Unidos	11 de setembro de 2006 12:02	3
22	BRASILEIROS NO EXTERIOR	Pessoas	Brasil	24 de outubro de 2005 00:46	3
23	Brasileiros no exterior	Pessoas	Brasil	19 de junho de 2006 15:18	3
24	Brasileiros no exterior	Viagens	Brasil	28 de novembro de 2004 12:48	2
25	BRASILEIROS NO EXTERIOR	Viagens	Brasil	17 de julho de 2006 20:12	2
26	Brasileiros no exterior	Países e Regiões	Brasil	22 de agosto de 2005 12:09	2
27	Brasileiros no Exterior	Outros	Brasil	15 de novembro de 2006 15:03	1
28	Brasileiros(as) no exterior	Outros	Brasil	27 de julho de 2006 16:41	1
29	Brasileiros no Exterior	Países e Regiões	Brasil	15 de março de 2007 12:13	1
30	Brasileiros no exterior	Cidades e Bairros	Holanda	29 de março de 2006 15:47	1
31	Brasileiros no exterior...	Países e Regiões	Japão	13 de setembro de 2005 00:09	0
32	Brasileiros no exterior	Pessoas	Japão	20 de janeiro de 2006 04:48	0

Quadro 2 – Listagem das Comunidades

(conclusão)

Fonte: Listagem de comunidades. Disponível em:
<http://www.orkut.com/>. Acesso em: 2 jun. 2006.

Um aspecto curioso sobre os grupos identificados é que em algumas comunidades há apenas um único membro, em geral, o próprio fundador; já em outras não há o registro de nenhum participante.

Depois de um período de consulta das comunidades nomeadas de “Brasileiros no exterior” e levando em consideração as motivações desta pesquisa, foram selecionadas as duas comunidades mais antigas e de maior popularidade como objetos empíricos de análise. Para ilustrar a pesquisa, foram transcritas algumas partes de textos publicados nas páginas das comunidades pertencentes ao orkut, conforme o original. Devido à peculiaridade dos grupos, voltados para reunir os brasileiros que vivem no exterior, o conteúdo geralmente é escrito com erros de concordância gramatical e de ortografia. Além disso, é necessário lembrar que a própria linguagem adotada via CMC, por si só, já é repleta de abreviaturas e de expressões novas ou adaptadas do vocabulário corrente.

As agregações sociais elegidas trazem consigo, de forma intencional ou não, a marca cultural do ser brasileiro, que se apresenta como um traço de identificação e de aproximação entre as pessoas que se encontram dispersas pelo mundo e que compartilham o mesmo lugar de origem, a pátria Brasil. O tempo de existência das comunidades, ambas criadas em 2004, é também um fator relevante ao demonstrar em certa medida que o interesse e a identificação com o tema permanecem constantes, apesar dos membros não terem nenhuma obrigação de continuar pertencendo ao grupo.

Cada participante pode se desligar no momento que desejar de um grupo social, como propõe Maffesoli (1996) ao falar do deslize de uma lógica da identidade, essencialmente individualista, para uma lógica da identificação, que é muito mais coletiva. “A cultura do sentimento é, portanto, a consequência da atração. Agregamo-nos segundo as ocorrências ou os desejos. É uma espécie de acaso objetivo que prevalece.” (MAFFESOLI, 1996, p. 38).

De uma maneira geral, os encontros em plataformas de redes sociais virtuais acontecem por casualidade, quando o indivíduo navega por *sites* e páginas pessoais em busca de assuntos de interesse e se depara com indivíduos com os quais descobre partilhar afinidades. Mas apesar de ter sido um encontro aleatório, há uma valorização do fato de estar-junto, o compromisso estabelecido é respeitado, quando, segundo Maffesoli (1996), os gostos partilhados tornam-se cimento, tornam-se vetores de ética.

Tanto que existe a chamada Netiqueta, as regras de conduta adotadas no

ciberespaço, que quando desobedecidas pode haver punição, sendo a exclusão de um membro de um grupo ou de um tópico em um sistema de comunicação on-line a mais rigorosa. O próprio Maffesoli denomina ética uma moral “sem obrigação nem sanção”, isto é, a pessoa não deve ter outra obrigação a não ser de se integrar a um corpo coletivo, da mesma forma, não deve existir outra sanção que não seja de ser excluído quando cessa o interesse (*inter-esse*) que liga o indivíduo ao grupo. “Eis a ética da estética: o fato de experimentar junto algo é fator de socialização.” (MAFFESOLI, 1996, p. 38).

Assim, surgem novas formas de socialidade na cibercultura contemporânea, que tem como características principais a aparência, a imagem, e também o sentimento, pois basicamente é o afeto que vai determinar o relacionamento na sociedade em rede, permitindo, por exemplo, a formação de tribos de caráter comunitário no ciberespaço.

A presença de grupos como o de “Brasileiros no exterior” que favorecem o contato via redes de computadores abre margem ainda para que se estabeleça uma relação entre o global e o local, buscando entender a articulação de fragmentos culturais neste ambiente. Uma temática de destaque na atualidade, que fornece subsídios para se investigar possíveis mecanismos de reterritorializações de um lugar situado fisicamente e que é identitário, histórico e relacional, como o país Brasil, em uma rede social de alcance planetário e sem fronteiras baseada no ciberespaço, especificamente através do *site* orkut.

Segundo Hine (2004, p. 74, tradução nossa): “Com a crescente saturação midiática em nível mundial e o aumento da imigração, a antropologia vem cada vez mais se preocupando com a necessidade de se revisar a noção de cultura vista como delimitada no espaço.”⁶³. Uma concepção que acompanha o antropólogo desde a fundação da disciplina, por isso a tendência de se considerar o campo como um lugar apropriado para se fazer incursões, que só vem reforçar a idéia de cultura como algo que existe dentro dos limites de um espaço físico dado.

Mas as culturas hoje parecem estar relacionadas, conscientes uma das outras, e conectadas por meio da mobilidade física, seja de pessoas ou de coisas. Diante desta nova condição social, alguns antropólogos começam a reconsiderar a concepção sobre a existência de um vínculo direto entre cultura e lugar físico, quando os fenômenos trans-

⁶³ “Con la creciente saturación mediática a nivel mundial y el aumento de la inmigración, la antropología se viene preocupando cada vez más por revisar la noción de cultura en tanto instancia delimitada en el espacio.” (HINE, 2004, p. 74).

locais passam a ser concebidos como de grande interesse para a etnografia. Além de se mostrar como um campo fértil para o desenvolvimento de pesquisas com grupos organizados em sistemas de comunicação *on-line*.

3.2.2 Comunidades de “Brasileiros no Exterior”

Nesta seção, apresenta-se um primeiro olhar de caráter descritivo, baseado na observação preliminar da cultura em estado de virtualização de cada comunidade, para tentar compreender os dispositivos e normas de funcionamento.

3.2.2.1 Brasileiros no Exterior 1

A comunidade mais popular, que a partir de agora será referida como C1, foi fundada no dia 17 de maio de 2004 por uma brasileira de Recife/PE que mora em Nova York, nos Estados Unidos. Desde então a comunidade vem crescendo e conquistando novos adeptos. Em janeiro de 2007, por exemplo, havia mais de 16.300 associados, uma cifra que a coloca como líder absoluta entre as 32 comunidades inscritas com a mesma denominação na rede social orkut.

Inicio | Amigos | Mensagens | Comunidades | Pesquisar | Notícias

pesquisar

Brasileiros no Exterior

descrição: **REGRAS DA COMUNIDADE**

1-NAO E PERMITIDO NENHUM TIPO DE PROPAGANDA NA COMUNIDADE,O AUTOR SERA BANIDO

2-Antes de postar, verifique se ja nao existe o mesmo topico,topicos repetidos serao deletados

3-Ofensas, racismo, preconceitos entre membros irao ser banidos.

4-Jogos

-Comunidade de Brasileiros no Exterior

-Community of Brazilians in other countries

-Comunidad de brasilenos en otros paises

-La Communauté des Brésiliens dans d'autres pays

-Comunità dei brasiliani in altri paesi

-Gemeinschaft der Brasilianer in anderen Ländern

-Gemeenschap van Brazilianen in andere landen

-Gaitoku ni iu burajirujin!

-Felleskap av brasilianere i andre land

idioma: **Português**

categoria: **Viagens**

dono: [redacted]

tipo: **moderada**

fórum: **não-anônimo**

local: **Estados Unidos**

criado em: 17 de Maio de 2004 05:50

membros: 16.386

fórum

tópico	postagens	última postagem
Será que vc tem???	17	16/05/07

membros (16.386)

comunidades relacionadas

Medicina da Vida & Sou brasileiro...
Ética (11.245) (58.148)

FU AMO O BRASIL
(552.930)

Brasil (1.031.071)

Brasileiros no Exterior (30.361)

Brazucas pelo mundo (4.613)

Mochileiras na Europa (20.846)

Brasileiros nos Estados Unidos (29.639)

We Miss Brazil (6.015)

Ilustração 1 – Página Inicial da C1

Fonte: Disponível em: < <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=62491> >.
Acesso: 10 jan. 2007.

A dona da C1 mostra uma preocupação em manter um bom relacionamento entre os membros, o que pode ser comprovada com a indicação das regras de comportamento a serem respeitadas por todos, que aparecem como primeira informação na parte do *site* reservada à descrição da comunidade, portanto, ocupam posição de destaque.

A Netiqueta da C1 em janeiro de 2007 é a seguinte:

- 1-NAO E PERMITIDO NENHUM TIPO DE PROPAGANDA NA COMUNIDADE,O AUTOR SERA BANIDO
- 2-Topicos repetidos serao deletados
- 3-Ofensas,racismo,preconceito irao ser banidos.

4-Jogos,correntes,qualquer coisa que nao tenha haver com o proposito da comunidade irao ser deletados.

Pelo conteúdo das normas, a idéia inicial que se tem é que a dona da C1, que também exerce a função de moderadora, considera o fato das pessoas estarem reunidas e participando do seu grupo como algo de extrema importância. Por isso não abre mão de impor a Netiqueta de forma que seja vista quase como lei, sendo que em caso de descumprimento, não hesitaria em expulsar ninguém.

De um modo geral, as regras são coerentes com a proposta de funcionamento do grupo, visando manter um convívio no mínimo aceitável entre os membros. A questão de mensagens contendo propaganda, normalmente, é rechaçada pelas comunidades, pois ninguém gosta de receber spam, a propaganda indesejada, seja por e-mail, em páginas de comunidades ou em fóruns e listas de discussão.

O que surpreende no caso específico da C1 com relação à publicidade é que a punição, de imediato, é a expulsão do autor do tópico, pois é comum o envio de uma advertência e só quando há uma insistência, o autor é, finalmente, eliminado. A repulsa à divulgação de produtos e serviços fica evidentemente expressa também pela forma de escrita, com o emprego de letras maiúsculas realçando a idéia.

Já as normas de número 2 e 4 servem de alerta para o conteúdo de mensagens a ser postado pelos membros, os quais devem observar os tópicos de forma a evitar repetições de assuntos, assim como jogos, correntes e qualquer outra coisa do gênero que estiver em desacordo com o propósito da C1. Conseqüentemente, tais mensagens serão deletadas.

A regra "3-Ofensas, racismo, preconceito irao ser banidos." diz respeito a uma perspectiva que deve ser adotada como padrão pelos integrantes da C1, sendo que o autor do tópico com este tipo de conteúdo também será banido do grupo. Uma medida de recriação que corresponde, inclusive, à linha de conduta prevista no Estatuto da Comunidade do site orkut. Embora a plataforma de rede social incentive a participação dos usuários para compartilharem livremente idéias com outros membros, ela define algumas restrições com relação a alguns conteúdos e comportamentos em comunidades, descritas na seqüência:

Conteúdo da comunidade

Obviamente, a comunidade não deverá conter material, como pornografia infantil ou pedofilia, que viole as leis válidas no mundo real.

Além disso, as imagens que aparecem no orkut.com não deverão conter nudez, material gráfico de conteúdo sexual ou qualquer outro material que seja considerado explícito pela equipe do orkut.

A comunidade não deverá conter material ou ser utilizada para atividade de ódio ou ofensa a raça, etnia, nacionalidade, religião, sexo ou orientação sexual.

A comunidade não deverá conter ameaças diretas de violência contra qualquer pessoa viva, nem deverá promover atividade perigosa e ilegal.

Comportamento da comunidade

As comunidades não deverão ser utilizadas para fins comerciais, a não ser que por acordo contratual com o Google. O orkut.com é um serviço apenas para uso pessoal.

A comunidade que prejudique a estabilidade e/ou a integridade do sistema poderá ser suspensa ou cancelada até que o problema possa ser resolvido. (ESTATUTO..., 2007).

Como o resultado da violação de quaisquer umas destas restrições pode ser o cancelamento de uma comunidade, a dona da C1 condena a postagem de tópicos ofensivos com o intuito de preservar o próprio grupo como um todo.

Apesar do esforço para tornar o convívio na C1 agradável, o acréscimo de uma nova regra para compor o conjunto de Netiqueta em junho de 2007 pode sugerir que os resultados não têm sido muito favoráveis: “5-RESPEITO! Já recebi varias reclamacoes de pessoas que queriam tirar alguma duvida e o que receberam foram ofensas entao se nao quer ajudar nao responda!”

Trata-se de uma norma que deixa transparecer o clima nada amistoso que envolve o grupo. O pior de tudo é que ao invés de ajudar e colaborar, existem pessoas que se dão ao trabalho de responder o tópico com o objetivo de ofender. No contexto das redes sociais, esta atitude é considerada negativa porque coloca em risco o capital social do grupo, uma vez que não há como haver confiança, respeito e sentimento de reciprocidade entre os participantes (PUTNAM, 2000).

Somente após o esclarecimento das regras de funcionamento da comunidade, consta uma frase curta escrita em nove idiomas que sintetiza a sua proposta de criação:

- Comunidade de Brasileiros no Exterior
- Community of Brazilians in other countries
- Comunidad de brasilenos en otros países
- La Communauté des Brésiliens dans d'autres pays
- Comunità dei brasiliani in altri paesi
- Gemeinschaft der Brasilianer in anderen Ländern
- Gemeenschap van Brazilianen in andere landen
- Gaikoku ni iru burajirujin!
- Felleskap av brasilianere i andre land

No que se refere à interação social, a C1 pode ser considerada dinâmica. Foram postados 169 tópicos, conforme o Apêndice A, quase que diariamente pelos membros no fórum de discussão, em um período de seis meses, de janeiro a junho de 2007. Vale lembrar que o envio de mensagens é permitido apenas aos formalmente associados e o fórum é não-anônimo. Além disso, o processo interativo e comunicativo não está correlacionado, estritamente, à atividade de postar, mas às conversações e debates que são gerados em decorrência dos temas mencionados.

Entre as comunidades relacionadas na página central estão: "Brasil", "Sou brasileiro...", "EU AMO O BRASIL" e "We Miss Brazil" que ressaltam a identificação com o país, reafirmando o ser brasileiro e o amor à pátria, assim como o sentimento saudosista. Por sua vez, as comunidades "Mochileiros na Europa", "Brazucas pelo mundo", "Brasileiros nos Estados Unidos" e "Brasileiros no Exterior", que é a mais antiga e a segunda (C2) em número de associados entre as registradas com este nome no orkut, valorizam os brasileiros que se aventuram pelos quatro cantos do mundo. Conforme o Quadro 3:

Comunidade	Membros
Medicina! Vida & Ética	11.245
Sou brasileiro...	58.148
EU AMO O BRASIL	552.930
Brasil	1.031.071
Brasileiros no Exterior	10.361
Brazucas pelo mundo	4613
Mochileiros na Europa	20.846
Brasileiros nos Estados Unidos	29.639
We Miss Brazil	6.015

Quadro 3 - Comunidades Relacionadas à C1

Fonte: Listagem de comunidades. Disponível em:
 <<http://www.orkut.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2007.

Enquanto a comunidade “Medicina! Vida & Ética” aparentemente mostra-se deslocada da temática principal, mas indica uma preocupação particular da dona da comunidade com a área médica, que poderia estar vinculada à sua atividade profissional.

A C1 está classificada na categoria Viagens, que figura entre as que se sobressaem entre os grupos que recebem no título a expressão: “brasileiros”. É de tipo moderada, ou seja, para ser integrante é preciso submeter um pedido que poderá ser aprovado ou não. A comunicação se baseia no idioma português e a participação no fórum e no item reservado à divulgação de eventos é de forma não-anônima, sendo necessária a identificação do autor.

O item destinado a eventos é utilizado com certa frequência pelos membros, que em geral divulgam informações sobre apresentações musicais (Renato Pantera Coca-Coca Soundwave Newscomenbands, na Alemanha), esportivas e festas para reunir os brasileiros e simpatizantes da nação (BRAZILIAN PARTY - FREE, em Nova York, nos Estados Unidos). São repassadas dicas de sites e serviços para brasileiros, como cursos (Aprenda violão e guitarra grátis pela internet!).

Desde que o orkut disponibilizou uma ferramenta na linha de produtos da segunda geração *Web* ou 2.0, que permite a realização de pesquisas para conhecer a opinião dos

integrantes de comunidades, em abril de 2007, a C1 passou a usufruir também este recurso. Como mostra o Quadro 4 a seguir:

Pergunta	Voto	Data de Criação	Fechado
REPORTAGEM IMPORTANTISSIMA	13	8 Jun	
Em que países se encontram??/	78	5 Jun	
A internet isola ou aproxima as pessoas ???	79	12 Mai	
Você é a favor da reciprocidade?	100	26 Abr	
Será que o Brasil ainda tem jeito?	138	21 Abr	
Qualificação do voto e da elegibilidade.	65	20 Abr	
Mesmo com massacres, qual é mais seguro?	110	17 Abr	
Repatriação Estadual	67	17 Abr	
Em que lugar do mundo vc mora?	198	4 Abr	
A pessoa nefasta (X) deve ser convidado a sair da comu?	33	26 Jun	fechado
qual o melhor lugar para passar o inverno?	39	10 Abr	fechado
Em quanto tempo pretende retornar ao Brasil em definitivo?	59	5 Abr	fechado

Quadro 4 – Temas das Enquetes C1

Fonte: Disponível em: <<http://www.orkut.com/>>.

Acesso em: 1 jul. 2007.

Nas enquetes, normalmente, são abordados assuntos ligados ao Brasil, que parecem ser motivados por simples curiosidade como, por exemplo, saber “Em quanto tempo pretende retornar ao Brasil em definitivo?”, sendo que a maior parte, 54%, declarou não pretender voltar ao país. Já em “Será que o Brasil ainda tem jeito?”, 26% dos votantes responderam: “Sou brasileiro e não desisto nunca!”

Outras pesquisas também são estimuladas por curiosidades que remetem à condição de vida dos brasileiros que estão atualmente no exterior, como o lugar ou país em que se encontram, como: “qual o melhor lugar para passar o inverno?”, cujo lugar escolhido foi a Suíça. A pergunta “Em que lugar do mundo vc mora?”, entre todas as

enquetes até então criadas foi a que se destacou por mobilizar a participação dos membros da C1, como se pode verificar no Quadro 5:

País	Votos	
	Quantidade	Percentual
Estados Unidos	29	14,6
França	8	4,0
Espanha	25	12,6
Australia	6	3,0
Japão	25	12,6
Portugal	13	6,6
Itália	15	7,6
Alemanha	9	4,5
Inglaterra	10	5,1
Suiça	12	6,1
Canadá	9	4,5
Grécia	4	2,0
Bélgica	4	2,0
Outro	29	14,6
Total	198	100,0

Quadro 5 – Enquete C1: Em que lugar do mundo vc mora?

Fonte: Disponível em: <<http://www.orkut.com/>>.

Acesso em: 1 jul. 2007.

O curioso é que meses depois surge uma enquete com o mesmo foco de abordagem: “Em que países se encontram??/”, e devido à listagem reduzida de países indicada (Portugal, Itália, Espanha, Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra) venceu a opção Outros com 33% dos votos, quando foram mencionados os países: Índia, França, Nova Zelândia, Holanda, Suécia, Paraguai, Bélgica, Suíça e Romênia.

Torna-se interessante ressaltar a pesquisa: “A internet isola ou aproxima as pessoas???”, na qual 73% dos que participantes afirmaram que a rede mundial de computadores aproxima. Destes, somente dois justificaram sua opinião: “Quando usamos a internet também como um veículo de comunicação, podemos nos aproximar das pessoas. Principalmente quando não moramos mais no nosso país de origem.” Uma resposta que vai ao encontro do objetivo de criação da própria rede orkut, quanto em menor escala, da C1, que foi estabelecida com a finalidade de reunir os brasileiros que vivem no exterior.

“Pessoas isolam pessoas 😊.” é o segundo comentário registrado e que está vinculada a uma noção sobre o indivíduo na contemporaneidade, que vive em função de suas prioridades e urgências do cotidiano e acaba se afastando de todos ou se aproxima quando busca adquirir algum ganho particular. Portanto, o isolamento não seria causado por uma questão tecnológica, mas devido a uma condição do comportamento humano. A resposta é finalizada com um símbolo *smiley*, que representa o sorriso do autor.

Porém, o destaque entre todos os assuntos das enquetes é o que propõe uma votação para decidir a expulsão de um dos participantes do grupo: “A pessoa nefasta deve ser convidado a sair da comu?” Alguém que divide as opiniões da comunidade, sendo que sua fama negativa já lhe rendeu o apelido de “pessoa nefasta”. Trata-se de uma pessoa de participação extremamente ativa, tanto que no período analisado, de janeiro a junho de 2007, foi o líder em número de postagem de tópicos no fórum de discussão, somando 17, além de fazer uma variedade de intervenções comentando outras mensagens. Ele faz colocações que, normalmente, causam polêmicas e debates, pois dispara muitas críticas sobre o Brasil e os brasileiros, independente de morarem no país ou no exterior.

3.2.2.2 Brasileiros no Exterior 2

A comunidade mais antiga voltada para os brasileiros que moram no exterior, que será identificada de agora em diante por C2, foi constituída no dia 3 de março de 2004 por um brasileiro que vive em Portugal. O dono da comunidade ainda exerce o papel de moderador do grupo que em janeiro de 2007 reúne mais de 10.300 integrantes.

BRASILEIRO

Brasileiros no Exterior

descrição: Uma comunidade dedicada aos brasileiros que se encontram espalhados por esse mundo e que podem encontrar aqui um pouco do nosso Brasil.

idioma: **Português**

categoria: **Culturas e Comunidade**

dono: [REDACTED]

tipo: moderada

fórum: não-anônimo

local: Brasil

criado em: 3 de Março de 2004 03:21

membros: 10.361

participar

ver fórum

ver enquetes

ver eventos

convidar amigos

denunciar abuso

membros (10.361)

ver membros

fórum

tópico	postagens	última postagem
PEDOFILIA X VATICANO	1	16/05/07
Aonde vc esta "perdido"...?!	449	16/05/07
PASSAGENS AÉRAS PROMOCIONAIS	1	16/05/07
Qual é o melhor lugar pra trabalhar ?	9	16/05/07
JINGLES	1	15/05/07

novo tópico ver todos os tópicos

votar nesta enquete

A internet isola ou aproxima as pessoas ???
Criado por: [Iverson Torres](#)

Aproxima

Isola

Meu voto está visível para os outros usuários

votar [mostrar resultados e comentários](#)

nova enquete ver todas as enquetes

comunidades relacionadas

[EU LEIO BRAZILIAN PRESS \(214\)](#)

[Cantares Chor München \(29\)](#)

[Brazucas pelo mundo \(4.613\)](#)

[Visto, Passaporte e Imigração \(8.218\)](#)

[Brasileiros no Exterior \(16.386\)](#)

[BRASILEIROS NA ALEMANHA \(11.557\)](#)

[Brazucas no Canadá \(5.583\)](#)

[Brasileiros nos Estados Unidos \(29.639\)](#)

[Brasileiros de Malas Prontas \(885\)](#)

Ilustração 2 – Página Inicial da C2

Fonte: Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=24065>>.
Acesso: 10 jan. 2007.

Em sua descrição, consta a seguinte informação: “Uma comunidade dedicada aos brasileiros que se encontram espalhados por esse mundo e que podem encontrar aqui um pouco do nosso Brasil.”, segundo a Ilustração 2. Por meio dessas palavras, transmite-se a idéia de um grupo acolhedor, que tem a intenção de reunir os brasileiros que vivem fora do país, como se fosse um espaço capaz de suprir até mesmo a saudade, quando aconteceria uma primeira reterritorialização do lugar Brasil, do território físico e determinado sociologicamente e antropologicamente. Afinal, “aqui”, na C2, grupo estabelecido na plataforma de rede social orkut, um não-lugar com base no ciberespaço, poder-se-ia encontrar “[...] um pouco do nosso Brasil.”

Desde a fundação da C2, este conteúdo descritivo era o único dado contido na área reservada à descrição do grupo, mas recentemente foram feitas modificações. Na verdade, na seqüência foi acrescentada uma norma de comportamento, quando entra em ação a Netiqueta que deve guiar o contato entre os associados. Trata-se de uma observação que condena a divulgação de conteúdo publicitário no fórum de discussão:

OBS.: Por favor, atenção aos tópicos de carácter comercial, vendas e prestação de serviços.

Depois de vários pedidos de membros da comunidade contra sua publicação, estes serão APAGADOS.

Para o evitar, por favor coloquem estes anúncios na área de EVENTOS. Obrigado.

Uma medida tomada pelo dono e ainda moderador que atende a solicitação de integrantes da C2, que se revelaram incomodados com essa prática. Realça-se que a mensagem de alerta para se evitar este tipo de ação é escrita de maneira amigável, sendo utilizadas expressões cordiais como “por favor” e “obrigado”. Embora não se descarte a idéia de repreensão desse material, que será “APAGADO”, cuja escrita em letras maiúsculas enfatiza que a ação de excluir a mensagem é certa. Além disso, não se impede a disseminação de anúncios na C2, porém, ela deve se restringir à seção de eventos. Um traço peculiar do lugar de onde o dono se manifesta é a escrita da palavra “carácter”, que aparece cunhada no português falado em Portugal.

Outra regra da C2 é que todos devem se comunicar por meio do idioma português, informação que aparece em negrito com a intenção de chamar a atenção dos membros para esta norma. Embora o dono fixe residência em Portugal, ele faz questão de situar o país Brasil como o local de origem e de referência da C2. Dentre as 28 categorias determinadas pelo *site* orkut, o grupo em questão está classificado em Culturas e Comunidade. O envio de tópicos no fórum deve ser feito de modo não-anônimo, isto é, exige-se a identificação do autor da postagem para ser disponibilizada a todos.

Existe uma boa dinâmica de participação no fórum, apesar de não ser tão freqüente como a que acontece na C1, podendo não haver o envio de nenhuma mensagem nova em um intervalo de uma semana, por exemplo. O grupo apresenta ainda um modo diferenciado de relacionamento, apesar dos cerca de 90 tópicos, conforme o Apêndice B, postados pelos membros de janeiro a junho de 2007, normalmente, serem respondidos, a impressão que se tem é que não parece existir comprometimento entre os integrantes.

Por este viés, pode-se deduzir que não se estaria diante de uma rede social tradicional pensada por Putnam, Leonardi e Nanetti (1996) e Putnam (2000) ou de acordo com a visão de diversos autores (RHEINGOLD, 1993, 1998; FERNBACH, 1999; WELLMAN; BOASE; CHEN, 2002; LEMOS, 2002a), que analisam as comunidades *on-line* como redes de laços sociais, nas quais deveriam predominar elementos como sociabilidade, apoio, informação, sentimento de pertença e de identidade. À medida que não se percebe na C2 uma vontade generalizada em ajudar e cooperar através da troca de informações e de conhecimento.

Com relação aos eventos, são divulgadas programações culturais como shows de artistas da terra no exterior (Show de MÁRCIO FARACO (Lançamento de "Invento") e Show Ricardo Vilas) e festas em geral (TRANCEFORMERS PARTY IBIZA... 20, 21 Y 22 DE ABRIL). Além de serem promovidos eventos com o objetivo de reunir os brasileiros espalhados pelo mundo, assim como os simpatizantes do povo brasileiro (BRAZILIAN PARTY - FREE, em Nova York, nos Estados Unidos).

Há publicidade de diversos cursos como de música (Grátis!!!Aprenda Violão e guitarra pela internet!) e de idioma (Resumo de todo um curso de Inglês e Espanhol). Pessoas que trabalham com agência de viagem vêm a C2 como um grande filão e aproveitam para divulgar seus produtos no site (TOZZITUR VIAGENS - PROMOCIONAIS). Registra-se ainda a presença de propaganda de cunho religioso (Conheça o Espiritismo em Vídeos e TVs grátis

no PC).

A utilização de páginas de comunidades do orkut para anunciar produtos e serviços é uma prática corriqueira. Pessoas envolvidas com o ramo comercial se aproveitam da oportunidade de divulgar seus produtos a uma quantidade enorme de pessoas, tendo a possibilidade de até escolher seu público alvo. É o caso da agência de turismo que faz propaganda de seu site na C2, direcionando-se a uma comunidade específica.

Contudo, trata-se de uma atividade que transgride o Estatuto da Comunidade que aponta determinadas restrições quanto ao comportamento, entre as quais: “As comunidades não deverão ser utilizadas para fins comerciais, a não ser que por acordo contratual com o Google. O orkut.com é um serviço apenas para uso pessoal.” (ESTATUTO..., 2007). Ao mesmo tempo, a violação dessa norma expõe um pouco a fragilidade do sistema da rede social, que não consegue controlar a atuação de seus milhares de membros.

A C2 está relacionada a outras nove comunidades pertencentes ao orkut, como se pode observar no Quadro 6 seguinte:

Comunidade	Membros
EU LEIO BRAZILIAN PRESS	214
Cantares Chor München	29
Brazucas pelo mundo	4.613
Visto, Passaporte e Imigração	8.218
Brasileiros no Exterior	16.386
BRASILEIROS NA ALEMANHA	11.557
Brazucas no Canadá	5.583
Brasileiros nos Estados Unidos	29.639
Brasileiros de Malas Prontas	885

Quadro 6 – Comunidades Relacionadas à C2

Fonte: Listagem de comunidades. Disponível em:
<<http://www.orkut.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2007.

Parte considerável dos grupos faz referência ao tema de interesse da comunidade – o de estabelecer uma aproximação entre os brasileiros que residem fora do país, seja no Canadá, na Alemanha ou em qualquer outro lugar deste mundo. No entanto, merece destaque a presença da C1, o que pode sugerir a existência de uma ligação estreita entre as duas comunidades principais nomeadas de Brasileiros no Exterior; lembrando que a C2 também aparece listada como uma comunidade vinculada à C1.

Além disso, tanto a C1 quanto a C2 estão associadas aos grupos Brazucas pelo mundo e Brasileiros nos Estados Unidos. Por sua vez, é de se imaginar que alguns brasileiros que vivem no exterior procurem se informar sobre o seu país de origem, o que pode ser comprovado com a comunidade EU LEIO BRAZILIAN PRESS, o maior jornal produzido em língua portuguesa fora do Brasil, com base na cidade de Newark, estado de New Jersey, nos Estados Unidos. O jornal está disponível no site: WWW.BRAZILIANPRESS.COM. Além de notícias do Brasil, traz informações sobre imigração, moda, esporte e negócios.

A C2 ainda mostra uma preocupação com os trâmites burocráticos que os imigrantes são obrigados a enfrentar e para facilitar a vida das pessoas que se encontram nesta situação divulga as comunidades:

Visto, Passaporte e Imigração

Descrição:

Comunidade criada para reunir pessoas que querem viajar ou imigrar para outro país dividirem dúvidas com pessoas que tiveram experiência com imigração, vistos etc.

Faça aqui suas perguntas de imigração!

Ajude alguém que tem o mesmo sonho que você teve um dia.

Brasileiros de malas prontas

Descrição:

Comunidade dedicada à todos os imigrantes Brasileiros espalhados pelo mundo e aos que sonham um dia morar fora. Por isso o nome "Brasileiros de Malas Pronta", pois a qualquer momento podemos largar tudo e começarmos uma nova vida em outro País.

Este espaço é para trocarmos informações sobre vistos, imigração, tirar dúvidas sobre outros documentos, dicas de cidades, empregos e relatar nossas experiências.

Espero que divirtam-se muito, façam grandes amigos e quem sabe um dia se encontrem por aí.

São grupos criados com o objetivo de ajudar os futuros de imigrantes, de modo a colaborar na realização do sonho de alguns brasileiros de morar no exterior. A indicação de *sites* no Brasil, como o do Departamento da Polícia Federal (www.dpf.gov.br/web/servicos/passaporte.htm) e do Ministério das Relações Exteriores (<http://www.mre.gov.br/>), e nos Estados Unidos, como embaixadas (www.embaixada-americana.org.br; <http://www.visto-eua.com.br/>; <http://www.uscis.gov/>) na página central da comunidade sobre Visto, Passaporte e Imigração revela uma preocupação com a oficialização do processo, logo, não se incentiva a entrada clandestina em outros países.

No que diz respeito ao recurso que permite a realização de pesquisas, ele parece não atrair a atenção do grupo, pois desde a sua implantação, em abril de 2007, foram promovidas somente quatro enquetes. Destas, duas foram criadas pelo mesmo autor (Repatriação estadual e Qualificação do voto e da elegibilidade), que se apresenta como um integrante ativo no contexto das comunidades analisadas, já que é membro de ambas, tendo enviado as duas pesquisas também para a página da C1.

Pergunta	Votos	Data de Criação	Fechado
Por um brasileiro prefere viver no exterior ?	71	25 jun	
Qualificação do voto e da elegibilidade.	56	20 abr	
Repatriação estadual	69	17 abr	
Voce voltaria a morar no Brasil?	98	4 abr	fechado
A internet isola ou aproxima as pessoas???	17	12 mai	
Você é a favor da reciprocidade?	38	26 abr	fechado
Qualificação do voto e da elegibilidade.	22	20 abr	
Repatriação estadual	36	17 abr	
Vc gostaria que o Orkut excluísse comunidades e usuarios ofensivos ?	56	10 abr	
Voce voltaria a morar no Brasil?	76	4 abr	
Qual a cidade que vc visitou ou morou que vc mais gosta os EUA?	28	3 abr	
Você conhece VoIP???	3	29 abr	

Quadro 7 – Temas das Enquetes C2

Fonte: Disponível em: <<http://www.orkut.com/>>.

Acesso em: 1 jul. 2007.

Além de raras, as enquetes não conseguem mobilizar a participação do grupo, quando se leva em conta a quantidade de pessoas inscritas, que se aproxima dos 11 mil. Na pergunta “Voce voltaria a morar no Brasil?”, 33% responderam que depende e 32% afirmaram que sim. Já em “Por um brasileiro prefere viver no exterior?”, que indaga os motivos que estimulam a saída do país, 38% justificam que fizeram isso com a finalidade de adquirir novos conhecimentos. Enquanto 33% dizem que a razão é para trabalhar, apenas isso, como no comentário de um dos participantes:

No meu caso foi para trabalhar. NO caso de centenas de brasileiros que não conseguem dignidade e não têm condições econômicas e sociais dignas no Brasil, o exterior também é visto como esta oportunidade, pois as economias são mais sadias, nos Eua e na Europa (ORKUT, 2007).

É a história de mais um brasileiro que abandona o Brasil visando adquirir melhores condições de vida no exterior, uma vez que o país de origem não é capaz de oferecer nem sequer o mínimo necessário para se viver com dignidade.

A partir do exame de cada comunidade, no próximo capítulo será retratada a vivência cotidiana dos grupos estruturados via rede social orkut, visando identificar como se comportam e se relacionam na prática os brasileiros no exterior .

4 IMAGENS DOS BRASILEIROS NO EXTERIOR

Apresenta-se, na seqüência, a análise propriamente dita dos processos de comunicação e de interação social mediados por computador das comunidades selecionadas, a partir do método netnográfico da observação participante associado a uma descrição densa das práticas culturais em estado de virtualização.

4.1 QUEM SÃO ELES?

Apesar das duas comunidades terem sido criadas com o propósito de reunir os brasileiros que vivem no exterior, elas abrigam ainda os brasileiros que já moraram ou estiveram fora do país, assim como aqueles que pretendem realizar um dia o sonho de morar no exterior ou de pelo menos conhecer outros lugares. Por fim, ela agrega estrangeiros simpatizantes do povo e da cultura nacional.

Esta multiplicidade de atores sugere o englobamento dos grupos sob a perspectiva da formação societal de caráter tribal, anunciada por Maffesoli (1996, 1997, 1998b, 2001a), quando a união ocorre de modo espontâneo, eletivo e subjetivo, impulsionada por um desejo de estar-junto, o qual foge a finalidades e objetivos bem definidos. Em caso contrário, toda pessoa que não for um brasileiro residente no exterior estaria automaticamente excluída desse conjunto social.

Por sua vez, adota-se a noção do neotribalismo ou tribalismo como a mais apropriada para se entender a formação de ajuntamentos sociais no ciberespaço, que são marcados pela fluidez de associação, o que leva um uma única *persona* (MAFFESOLI, 1996) a participar de uma variedade de tribos, de acordo com seu interesse que pode ser duradouro ou passageiro e efêmero.

Como afirmou Lemos (2006), de fato não haveria um padrão para definir a constituição de tribos no ambiente virtual, principalmente, porque elas não precisam se originar de um local situado geograficamente e nem se referir a encontros sociais promovidos unicamente em ambiente virtual, uma vez que alguns grupos optam por se

encontrar em reuniões presenciais.

Portanto, a origem das tribos parece ser bem diversificada, elas podem nascer virtualmente ou a partir de uma localização física, um país, uma cidade, uma escola, um clube, passando a coexistir e se relacionar no ciberespaço e fora dele. Isto é possível porque independentemente da natureza, física ou simbólica, todo espaço pode se transformar em um novo território à medida que é apropriado por forças políticas, econômicas, culturais ou subjetivas (LEMOS, 2006), gerando um processo de reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

De qualquer forma, a análise indica uma dificuldade inicial para se tentar demarcar a elaboração dessas tribos, pois ao considerar a proposição de Lemos (2006) verifica-se que os grupos selecionados surgem tanto na condição de virtualidade do ciberespaço, como também por meio de uma localização física. Os auto-identificados de “brasileiros no exterior” apresentariam como posição geográfica, seguindo a motivação de criação das comunidades, todo e qualquer lugar fora dos limites e fronteiras nacionais.

Todavia, este é apenas um componente a ser observado, pois as comunidades nominadas de “Brasileiros no Exterior”, C1 e C2, unem pessoas que habitam no Brasil, mas que já tiveram a oportunidade de viajar para outros lugares ou serem aficionados pela idéia de um dia deixar o país. Tais situações os tornariam habilitados a participar desses grupos, algo que estaria relacionado à força do pensamento, da imaginação e do imaginário.

Neste contexto, poder-se-ia dizer que não haveria absolutamente nada mais forte do que a atuação do imaginário (DURAND, 1988, 1997; LEGROS et al., 2007), é justamente ele quem ajuda a apontar os limites territoriais, físicos e simbólicos, assim como a condição identitária de um povo, de uma nação, vista como uma comunidade política e imaginada por Anderson (1989).

Os brasileiros no exterior têm em comum uma ligação com o conceito de identidade nacional (ORTIZ, 1985; ANDERSON, 1989; DAMATTA, 2000; HALL, 2001), que é imposto para caracterizar a existência de uma população homogênea, a qual compartilha um idioma oficial, um único território e uma série de outros elementos que definem o lugar (AUGÉ, 1994) como pátria. Contudo, esse lugar Brasil concebido enquanto identitário, relacional e histórico e, por conseqüência, a identidade nacional de ser brasileiro, não seriam mais os mesmos quando abordados em comunidades instauradas via ciberespaço, composto por redes de computadores de conexão mundial, geralmente distinguido pela natureza global e

de tendências desterritorializantes (LÉVY, 1996).

Nesse sentido, o ambiente virtual com todos os recursos e serviços disponibilizados pela internet, a rede das redes, seria avaliado enquanto um não-lugar (AUGÉ, 1994), espaço de circulação necessário para o desenvolvimento das atividades cotidianas, que, simultaneamente, apresenta-se como ambiente de passagem e de encontro, como o *site* da plataforma de rede social orkut. É interessante realçar que o não-lugar não apaga a noção de lugar, como acontece com a idéia de desterritorialização quando aplicada de modo dissociado do termo territorialização (HAESBAERT, 2004).

No raciocínio de Augé (1994), lugares e não-lugares são complementares, assim o lugar Brasil poderia ser complementado por não-lugares criados no ciberespaço, especificamente através das páginas das comunidades de “Brasileiros no Exterior” pertencentes à rede orkut. Quando o país e seu povo seriam resignificados e resimbolizados a partir de dinâmicas de comunicação e de interação social manifestas por meio da produção de textos pelos participantes, sendo material textual aqui definido como cultura (CLIFFORD, 1998).

Por sua vez, as reelaborações de ordem simbólica, que se referem ao território em si e se estendem a diversificados campos, como o cultural, por exemplo, são a base dos fenômenos de desterritorialização e de territorialização, que levam a novas reterritorializações, na concepção de Deleuze e Guattari (1995). Conforme a apreciação da C1 e C2, os “brasileiros no exterior” não se mostram como os brasileiros descritos pelo conceito de identidade nacional, eles, inclusive, são brasileiros e estrangeiros moradores do Brasil e do exterior, que se reúnem em grupos que adquirem contorno enquanto entidades de direito próprio (SHIRKY, 2003) fixadas na rede social orkut.

Diante da diversidade de brasileiros interessados na temática central das comunidades, é possível fazer uma referência à concepção de Maffesoli (2001a) sobre a atração que alguns povos teriam pela aventura, pelas viagens imaginárias e/ou reais, como os portugueses e os próprios brasileiros. Neste caso, o amor da aventura serviria como testemunha da força da cultura brasileira, marcada pela prática da errância avaliada como a modulação contemporânea dessa aspiração do outro lugar que invade as massas e os indivíduos.

Em certas pessoas esse desejo de fuga aparece como uma necessidade primeira, no sentido em que a vontade de se perder no mundo seria a própria razão de viver:

ALGUEM ACHA QUE AINDA VALE A PENA TRAB. FORA?

Sou brasileiro e moro no brasil numa cidade pacata... meu sonho desde pequeno é ir trabalhar nos E.U.A mas nunca tive oportunidade... Mas convivo com essa vontade hoje tenho 25 anos e ainta tenho esse sonho... vcs acha que ja e tarde d+ ou devo correr atraz desse sonho? (C1, T2, 04/01/2007).

Ou, alguém pooor faaavor pode me ajudar??!!

Eu tenho dezoito anos, sei falar inglês razoavelmente, já fiz dois anos de curso, e já fiz um semestre de francês, e arrisco no espanhol. E estava pensando em ir pra algum país da Europa, ainda não sei qual. Vou trancar o curso de Direito (estou no 3º semestre) aqui em Goiânia e passar pelo menos um semestre ou talvez um ano trabalhando fora, por experiência. Qual país tem mais oportunidade de empregabilidade pra brasileiro? E qual que fala inglês? Tava pensando em Inglaterra, Suíça, Finlândia ou Áustria. E como posso ver antes de ir lugar pra dividir e alugar apartamento, república, oportunidades, coisas assim. Como que eu faço pra saber?! Se puderem me ajudar com qualquer informação, eu vou agradecer muito! Obrigada! (C1, T35, 06/03/2007).

DICAS IMIGRAÇÃO

O meu sonho é conhecer a Irlanda e agora que tenho a oportunidade quero realizar esse meu sonho.

Mas sabe, encontro tb muitas pessoas que me desanimam qdo pergunto sobre a situação de entrada de turistas.

Mas se meu sonho é esse entao vou em busca e seja o que deus quiser (C1, T37, 07/03/2007).

Os registros indicam o anseio de partir para além das fronteiras territoriais, que vai desde o sonho do *american way of life* alimentado há muitos anos até a idéia de fuga e de aventurar-se nem sequer se sabe para onde exatamente, sem medir as conseqüências. A pessoa é capaz de abandonar o pouco que poderia conseguir em terras brasileiras, como um diploma de graduação, como no segundo exemplo mencionado, que recebeu as seguintes respostas (R):

R1

Termine o curso, garanta seu canudo, depois você pode sair pelo mundo fazendo experiências,caso contrário você será apenas mais uma brasileira na Europa, tenho certeza que não é isso o que você quer

R2

Oi [X], eh verdade...termine primeiro sua faculdade, vc ainda eh super nova, depois vc pode sair pelo mundo a fora, que a variedade de paises que falam

ingles, eh muito...USA tambem tem muita oportunidade de trabalho, mas tudo depende do que vc quer fazer...acredito que uma vez que vc saia do Pais, sera dificil retornar...e se retornar, pelo menos seu estudo esta garantido, e a experiencia que vc tem afora, vai te ajudar muito na sua carreira...pense bem!!!

No que diz respeito à errância, vale salientar que Maffesoli (2001a) considera o homem pós-moderno impregnado pela errância, que atua cotidianamente e está vinculada ao aspecto da mobilidade, sendo feita de migrações diárias relacionadas ao trabalho ou ao consumo. Ademais, a questão da mobilidade ganha uma dimensão inigualável em tempos de conexão generalizada (LEMOS, 2003) através de tecnologias digitais de informação e comunicação, levando à composição de uma sociedade global (IANNI, 2001) que ultrapassaria o desenho de uma aldeia global projetada por McLuhan (1972).

Portanto, o desejo de chegar a outro lugar não seria uma particularidade dos “brasileiros no exterior”, porém, torna-se expressivo ao ponto de, às vezes, alguns integrantes das comunidades se deixarem dominar de tal forma por ele que não se importam de se expor a situações um tanto ridículas perante os demais, pedindo coisas absurdas. É o caso de solicitar ajuda para arranjar um casamento de fachada visando garantir à sua estadia no exterior:

Morar no Japão.. ajudem!!!!!!!

oi, sou Brasileiro e gostaria de poder trabalhar e morar no japão, mas para isso tnho que arranjar um casamento alguem pode me ajudar? (C1, T16, 27/01/2007).

O autor da mensagem obteve como resposta a seguinte indagação: “te ajudar arrumar um casamento?”, que demonstra o sentimento de surpresa diante da colocação. No entanto, parece que para estes “brasileiros no exterior”, unidos na rede social orkut, pior do que alguém pedir auxílio para arrumar uma esposa é outra pessoa se dispor a fazer um apelo como esse em nome de um amigo:

Casamento - ajuda!

Olá! Tenho um amigo músico q está na Europa. Ele já te uma banda, porém não pode permanecer lá porque não tem visto nem cidadania. Então ele está procurando formas de conseguir ficar. Gostaria de saber se alguém tem informação de como conseguir uma "noiva" italiana para ele se casar e assim conseguir permanecer na Europa. Fico muuuuito grata se alguém puder ajudar d alguma forma, :) (C1, T55, 12/04/2007).

Uma iniciativa que desperta reações imediatas, todas postadas no mesmo dia de envio do tópico e nada favoráveis:

R1

Meu Deus!

R2

Casamento Ajuda????????????????RSRSRSRSRS

R3

Sinceramente! como dia a amiga aqui a cima: MEU DEUS!!!!!!!!!!!!!!!

R4

ahahaha ninguém merece !!!!!

R5

gente, mas como alguem vai ter informacao de como conseguir uma noiva?
o seu amigo nao pode arrumar uma por conta própria?

R6

xêxêxê..RS

Houve participações que não se limitaram a ironizar e a ridicularizar a proposta, contendo mais do que "ahahaha" e "RS" (gargalhadas e risos):

R1

Casamento ajuda sim,mas hoje eles estao olhando os casmentos entre europeus e estrangeiros "com lupa",pelo menos aqui na Espanha é assim.

Pedem documentação, fazem entrevista, enfim tudo para não rolar casamento de conveniência, mesmo assim rola.

R2

Casamento arranjado ou 'por conveniência' é um mau negócio. Primeiro porque ele vai ter que provar que casou de verdade, já sabe né... casamento bem grande com toda a família dos dois lados, imagina só... se não der certo e eles descobrirem, vc vai deportado e apessoa cidadã vai presa... tá bom assim?

Ao contrário, as mensagens são de alerta para os riscos envolvidos neste tipo de negócio, embora ainda seja possível encontrar pessoas dispostas a passar por estas situações. A escolha no final é de responsabilidade de cada um, pois avisos já foram dados. Aqui, destaca-se a presença de brasileiros que formariam, a princípio, o público-alvo das respectivas comunidades: os brasileiros que vivem atualmente fora do território nacional. Pessoas que em decorrência da experiência adquirida acabam exercendo um papel meio de conselheiros de plantão, estando sempre prontos a colaborar e a cooperar.

Trata-se de um comportamento que contribuiria para indicar determinadas características como a boa vontade e o companheirismo que são importantes para a formação e manutenção de capital social no interior de uma rede social, no sentido em que ajudam a definir a presença de solidariedade (HANIFAN, 1916, 1920). Embora o altruísmo não seja o elemento fundador de capital social, na concepção de Putnam (2000), que assinala, por sua vez, a necessidade de existir um grau elevado de confiança e ações de reciprocidade para a consolidação de capital social (COLEMAN, 1988; PUTNAM; LEONARDI; NANETTI; 1996; PUTNAM, 2000).

Ainda com relação ao perfil dos membros, existem os que já tiveram a oportunidade de viver no exterior, os quais utilizam a plataforma de rede social para contar suas experiências de maneira espontânea, a partir de depoimentos:

Vivi 17 anos no exterior(USA, Inglaterra, Espanha,

Vivi 17 anos no exterior, sendo: 12 anos USA, 1 ano na Inglaterra, 1 ano em Luxemburgo e 3 anos na Espanha. Voltei ao Brasil finalmente em 1997. Sou formado em Ciências Sociais pela Maryland University-College Park, MD e estudei artes cênicas no Santa Monica City College em Los Angeles, CA. Apreendi muito nessa minha fase fora do Brasil e gostaria muito de poder dividir isso com todos aqueles que tiverem interesse em me conhecer [...]

Em minha jornada residindo fora do país, passei por varios momentos em que pensava em voltar pra trás, mas quando pensava no proposito pelo qual havia saído do Brasil, obtinha força a continuar atr's do que havia ido buscar (C1, T11, 22/01/2007).

sou brasileira mais estou na Italia

Sabe, os brasileiros tem sonho de ir para o exterior, pensando que e maravilhoso, mais quando sai para fora, se dao conta que nao e nada disso. Quando cheguei aqui tudo era diferente daquilo que pensava, Deus meu, Europa, mais para falar a verdade, nosso Brasil e mais evoluído tecnologicamente em muitas coisas, do que aqui no sul da Italia [...]

Mais o tempo vai passando e voce vai se acostumando e gostando de quase tudo. Depois de 5 longos anos me sinto tao italiana quanto brasileira (C2, T18, 09/02/2007).

É válido destacar a noção de altruísmo repassada pelo primeiro autor, que se coloca à disposição para compartilhar seus aprendizados no exterior com quaisquer pessoas que se interessarem. Também é perceptível uma idéia de honestidade no conteúdo de ambas as mensagens, o que funcionaria como um sinal para demonstrar a existência de capital social (PUTNAM, 2000) nos grupos pesquisados.

Relatos desse gênero ajudam ainda a desfazer a imagem de que viver no exterior é uma maravilha, mostrando que não adianta só ter um sonho para se enfrentar o desafio de ser um imigrante. Os autores das mensagens revelam que, acima de tudo, é preciso ser persistente, afinal, a figura do estrangeiro, normalmente, não é bem vista pela população original, sendo encarada com desconfiança, um tema bem explorado por Simmel (MORAES, 1983).

O estrangeiro não passaria de mais um forasteiro ou vagabundo que chegaria para perturbar a ordem local estabelecida, uma verdadeira ameaça. Contudo, o interessante na concepção simmeliana é que esse estranho desempenha um papel significativo nas interações sociais, ao servir de intermediário com a exterioridade e através dela permitir o contato com as diversas formas de alteridade.

Ademais, as opiniões em torno do estrangeiro são complexas e ambíguas, à medida que pode funcionar tanto como instrumento de designação da diferença quanto servir como parâmetro de identificação, conforme Simmel. Dessa forma, a importância que é dada ao outro, tomado como o estranho, só pode ser compreendida em referência à nossa própria história e ao lugar de origem (MORAES, 1983).

Por conseguinte, a imagem de um brasileiro que vive no exterior traz consigo a marca do perigo constante para o povo local, justamente por ser diferente. Em situação oposta, o fato de ser um brasileiro no exterior agiria como um fator de identificação para com outros imigrantes, sobretudo, quando também se tratam de brasileiros.

De acordo com essa linha de pensamento, um dos pretextos básicos que incentivaria a formação de comunidades de caráter tribal denominadas de “Brasileiros no Exterior” poderia superar a idéia de compartilhamento de uma única identidade nacional, ou seja, seria o fato de os “brasileiros no exterior” serem culturalmente diferentes das pessoas com as quais eles convivem atualmente. Algo que vai ao encontro da concepção de socialidade eletiva de Maffesoli (1996, 1997, 1998b, 2001a), ao afirmar que a união se dá por meio de escolhas que envolvem sentimentos de atração ou de repulsa.

Com relação às experiências de vida, é de se imaginar que os acontecimentos ocorram de modo diverso entre os participantes, dessa maneira, existem alguns que dizem se sentir realizados e satisfeitos com a vida que levam fora do país.

É o caso da resposta abaixo referida ao T25, publicado na C2, em 28/02/2007:

Gostaria de ouvir alguma estória de sucesso?

Bom, [X], eu estou muitissimo bem adaptada à Holanda, com muitos amigos - qse nenhum brasileiro, por enquanto. na verdade so duas amigas brasileiras, mas que moram longe de mim. Com muitas oportunidades profissionais melhores que a do brasil... bem no pessoal, muitissimo bem, alias. claro que a saudade vai sempre existir, mas a nova realidade se adapta à realidade antiga. Volto ao brasil na 3a feira que vem e o coracao está apertado. feliz por rever minha familia e amigos que ficaram, mas morrendo de saudade dos que agora vao ficar aqui, na holanda.

Uma mensagem que revela o perfil do brasileiro de sucesso, o vencedor em terras estrangeiras, ou os que buscam transmitir uma imagem de vencedor, representando-se assim diante dos outros, de forma calculada ou inconsciente (GOFFMAN, 1999). Vale lembrar a possibilidade de se construir uma ou mais identidades por meio do ciberespaço, o que engloba, por conseguinte, a rede social orkut que, literalmente, dá margem para as pessoas se apresentarem como bem entenderem mediante o preenchimento do formulário de perfil.

Por outro lado, há pessoas que não ficam constrangidas ao contar para aproximadamente 17 mil pessoas reunidas na C1 como realmente se sentem vivendo em terras longínquas:

estou em Portugal a 2 anos e sendo sincera, to parada no tempo, não consigo olhar Portugal como um caminho para o meu aperfeiçoamento, meu marido foi convidado para aqui estar e por razões de digamos carinho de mãe tive que pensar e agir com o coração de mãe e conto nos dedos os dias que faltam para o contrato acabar rrsrs (C1, T139, 13/06/2007).

Trata-se de outra mensagem que deixa transparecer a honestidade da autora, que colabora para a construção de sua reputação no interior da C1, o que pode ajudá-la a ser conhecida como uma pessoa confiável. É relevante mencionar que a reputação de um participante de um sistema de comunicação *on-line*, em geral, é colocada em dúvida devido à possibilidade de se falsear a própria identidade, uma vez que o texto teclado proporciona a utilização de uma infinidade de máscaras.

Como ressalta Danet (2004), a identidade é construída pela escrita na rede internet, com base no discurso anunciado e está vinculada diretamente à noção de confiança, sendo que cada pessoa constrói sua reputação. Rheingold (1998) também fala que o contato mediado por computador pode motivar o estabelecimento ou não de laço social a partir do discurso e da opinião expressos pelos integrantes.

Talvez a confiabilidade dos membros seja uma preocupação constante dos grupos constituídos *on-line*, tanto que nas duas tribos analisadas é proibida a postagem de mensagens por usuários anônimos, exigindo-se a identificação do autor, o qual deveria ser um participante oficialmente registrado.

Todavia, na prática isto não acontece, seja por falha na plataforma orkut ou por outra razão. É possível, então, encontrar postagens de usuários anônimos em ambas as comunidades, mas o fato que mais chama a atenção é que tais mensagens são respondidas como quaisquer outras:

Votar no exterior

Você que vive fora do Brasil acha justo que sejamos obrigados a votar? Aqui não temos acesso a propaganda política, que é onde conhecemos melhor o candidato, muitas vezes temos que nos deslocar muitos quilômetros para enfrentar fila em consulado cheio e pior ainda o presidente que se eleger não está minimamente preocupado com o futuro de quem vive fora do Brasil, uma prova disso é a nacionalidade de nossos filhos, nascidos no exterior, estar ameaçada. O que vc acha da criação de uma lei para quem estiver fora do país pelo período de 4 anos ou mais ser desobrigado a votar? Poste aqui sua opinião (C2, T89, 08/06/2007).

O autor do tópico apresenta o seu ponto de vista sobre a obrigatoriedade do voto no exterior de modo convincente, enfatizando, inclusive, um problema atual enfrentado pelos brasileiros que vivem fora do país: o registro dos seus filhos no exterior. O curioso também é que o anônimo convida os colegas a participarem da discussão.

Assim, verifica-se que por se tratar de um assunto de suma importância, de ser algo fatural e que interfere no cotidiano das pessoas, ele acaba gerando interesse:

R1

acho otima a ideia, nunca fui justificar meu voto,nao tenho interesse de ir , e para terminar nao sei nem onde e o consulado brasileiro.acho isso um absurdo votar em um candidato a politico e nem saber quem e sujeito e!!!!

O respondente concorda com a opinião do anônimo e apóia a proposta de abrir mão da obrigatoriedade do voto para os brasileiros que residem fora do território nacional. Além disso, aproxima-se do discurso do autor da postagem ao se referir à dificuldade para escolher um candidato que nem se conhece, embora hoje com a propaganda política na internet isto já não seja uma desculpa aceitável.

Outra participação de destaque de um anônimo acontece em uma situação de resposta nominal a um integrante da C1, em decorrência da mensagem:

ex miss brasil desaparecida em Londres

ex miss Brasil2002 esta desaparecida desde setembro segundo informacoes, podendo estar na Inglaterra ou Belgica. fico imaginando o

desespero da familia sem ter noticias e sabe deus o que aconteceu mas espero que td esteja bem pq a gente sabe que a vida nao è facil longe de casa.

<http://g1.globo.com/Noticias/0,,MUL2706-5598,00.html>:
(C1, T17, 27/01/2007).

A resposta do anônimo:

[X]

acredito que o motivo do post nada tem a ver com o fato dela ser miss mas sim pra ajudar a localizar e esse seu e dai foi um tanto qto estranho afinal vc vive postando coisas maravilhosas nas comunidades, detalhe: coisas que muitas vezes nem tem a ve com o intuito da comu e agora me vem com essa? acho que vc foi bem infeliz ao prnunciar esse e dai???????????? seria melhor ter ficado calado.

A mensagem que termina com um sonoro: “seria melhor ter ficado calado” é uma prova de que o anonimato também contribui para garantir a livre discussão *on-line*, quando barreiras e constrangimentos característicos de uma interação *off-line* são ignorados (RHEINGOLD, 1998; PUTNAM, 2000; DANET, 2004). Por conseguinte, o anonimato mostra-se significativo no contato via ciberespaço, pois pode facilitar a exposição de pensamentos contraditórios, que estaria associada ou não a uma probabilidade de proteger a identidade.

Apesar de os participantes das comunidades do orkut analisadas, majoritariamente, preferirem se identificar por meio de seus nomes e sobrenomes, além de exibirem fotos pessoais. Trata-se de um comportamento de revelação de si e da vida privada que estaria ligado às peculiaridades do tipo de ferramenta de comunicação *on-line* em uso.

No que diz respeito à rede social investigada, cujo objetivo básico é a manutenção e a ampliação da rede de relacionamentos dos integrantes, todos estão cientes da possibilidade de serem localizados por conhecidos e amigos. No fundo, esse seria um dos fatores essenciais que estimularia à associação ao orkut, ou seja, a chance de adquirir visibilidade e reconhecimento. Entre os membros das comunidades avaliadas o fato de ser confundido com alguém de perfil falso é considerado uma verdadeira ofensa: “Perai, perai... antes de iniciar , sou eu a ‘fake’?? desculpe a ignorancia, tipica de brasileiros, mas por que me

chamou de fake?" (C2, T15, 05/02/2007).

Com relação aos motivos que levariam os "brasileiros no exterior" a deixar o país, estes são variados e vão de questões vinculadas à vida pessoal, como casamento, a interesses de ordem profissional, como estudo e/ou emprego. O que pode ser constatado a partir do conteúdo das mensagens sobre as razões que os incentivaram a imigrar, que foram enviadas em resposta ao tópico:

Diaspora brasileira

Qual é seu grau de instrução?

Não sai do Brasil exatamente por razões financeiras, mas acho que, sinceramente, se tivesse ficado la eu, talvez, não tivesse o grau de ensino que tenho hoje... (C1, T139, 13/06/2007).

R1

também não sai do Brasil por razoes financeiras, muito pelo contrario [...] é necessário colocar em pauta, um universo de ocorrências: interesse, família, idade, local onde vive, oportunidade , dificuldades, e etc e 1000 etc.

R2

fui para Inglaterra onde passei 1.5 anos em Sheffield fazendo facu de International Business e depois 2.5 de Londres, onde tentei denovo terminar International Business, até quando finalmente caiu a ficha que esse negocio de 'business' nao era para mim.

Quando mudei para o Canada fiz faculdade de Advertising e Graphic Design, e finalmente me formei. Sou feliz da vida fazendo oque faço!

Nao sai do Brasil por razoes finaceiras ate porque foram meus pais que me mantiveram fora até quando mudei para Londres.

R3

Brasil com o superior em Direito, fiz mestrado em Munique e agora estou penando com o doutorado aqui em Viena.

Meu objetivo era só fazer o mestrado e voltar... mas acabei ficando... ficando... ficando...

R4

tambem nao sai do Brasil por motivos financeiros, alias, em questao de economia acabei trocando o "6 por 1/2 duzia" :)

me casei com um italiano, e cà estou!

R5

recebi uma proposta de trabalho (ainda no brasil) na area de transmissao de energia e depois de 4 meses me mandaram pra ca (india). estou aqui desde dezembro de 2006 e depois daqui so Deus sabe.

R6

Vim para os EUA para fazer facul, mas sempre tive vontade de morar aqui de vez. Depois trabalhei dois anos, fiz minha pos (MBA) e continuo a trabalhar. Hoje sou casada com um americano e muito feliz com minha vidinha aqui!

De acordo com os depoimentos, a maioria das pessoas afirma não ter deixado o país de origem em busca de melhores condições financeiras, mas em busca de outras oportunidades tanto de estudo como de trabalho. Com o passar do tempo, alguns se envolvem sentimentalmente com estrangeiros (as) e casam-se, o que justificaria a permanência no exterior.

4.2 O QUE FAZEM?

Em decorrência do público diversificado das tribos, as formas de apropriação da plataforma de rede social orkut e, portanto, as práticas socioculturais no ambiente virtual também variam de acordo com cada membro, com seus propósitos particulares, que podem ainda coincidir com os de outros “brasileiros no exterior”, transmitindo uma noção de comprometimento e de pertencimento à coletividade.

Em geral, os orkuteiros utilizam o não-lugar (AUGÉ, 1994) das redes sociais, esse espaço de circulação necessário para o desenvolvimento das atividades cotidianas, por exemplo, para resolver questões relacionadas à vida acadêmica e profissional, que vão desde pedidos de informações e dicas sobre a aquisição de passagem, a indicação de emprego, curso e lugar para se hospedar, entre outros:

Perdido com um objetivo!

Olá, consegui fazer minhas economias e em abril pretendo viajar para a europa! Sou arquiteto e não tenho nem um curso em mente ou nada CERTO (planejado) para fazer lá, nem lugar para ficar etc...

Por isso estou pedindo uma ajuda de vcs que viajaram ou estão no exterior, especialmente na Europa, para me dar dicas desde a compra da passagem, até estadia, cursos (baratos, bons ou bolsas), EMPREGOS (pq precisarei

trabalhar muito lá), e todo o resto! OBRIGADO! (C1, T10, 21/01/2007).

Itália - Fevereiro 2007

E ae pessoal. Estou embarcando para Firenze, agora dia 02/02, e gostaria de saber se alguém pode me dar dicas de emprego e estadias baratas. Estou indo para estudar, mas pretendo me estabelecer por lá (C1, T12, 23/01/2007).

Validação de Diploma Farmacêutico nos EUA

Olá! ! Alguém sabe se o mercado americano (EUA) é bom para brasileiros farmacêuticos e qual o procedimento para validação de diploma e obtenção de licença para atuação em farmácias e laboratórios de análises clínicas? (C1, T33, 24/02/2007).

O que causa surpresa no caso da C1 é a disposição de alguns integrantes em responder e prestar ajuda mesmo em situações como a encontrada na primeira postagem, na qual a pessoa se mostra totalmente sem rumo e pede toda espécie de informação e dica possível e imaginável, sem o menor acanhamento. O autor recebe como resposta:

Oi

[X], atualmente estou nos EUAs mas ja morei na Espanha, por isso aconselho vc pagar um curso desde ai do brasil pq vc pode ter varios beneficios, a passagem sera mais barata, (vc tem q conseguir aquela carteirinha isic). Indo como turista vc vai gastar mto mais, tanto passagem e tb seguro medico... procura na net ha varias escolas de idioma mto boas.... isso funciona tb na inglaterra.... qlq pergunta to a disposicao.Bjs

Trata-se de uma mensagem que se enquadraria na linha de prestação de serviços, diante das dicas fornecidas pelo autor, como um passo a passo para alguém que de fato se encontra perdido e só é guiado pelo desejo de se aventurar e de explorar o desconhecido, sem nenhum planejamento prévio. Com relação ao texto de resposta, destaca-se a atenção e o carinho demonstrado, despedindo-se, inclusive, com beijos.

Contudo, o papel de uma rede social nos moldes próximos aos padrões ditos tradicionais (PUTNAM, 2000), em que há confiança, envolvimento, solidariedade e compromisso pode ser notada por meio do envio de solicitações de ajuda e de conselhos para tentar solucionar dificuldades de ordem pessoal, como relacionamentos amorosos:

O que uma brasileira faz...

TO CHATEADO , FUI TROCADO POR UM CARA Q TEM GRANA + ELA NÃO CONSEGUE FICAR SEM TRANSAR COMIGO, O Q DEVO FAZER? ME ADD e AJUDEM, POR FAVOR !!! ESTOU DESESPERADO! REPASSEM PROS SEUS AMIGOS E POR FAVOR ME AJUDEM MESMO TODA OPINIAO SERÁ ACEITA. TO CARENTE DE NOVOS AMIGOS!!! ESTOU DESESPERADO (C1, T32, 23/02/2007).

De qualquer forma, um apelo deste gênero não poderia obter respostas muito diferentes da seguinte: **“Manda ela passear** Ou entao continue transando com ela, mas nao reclame.”

Por sua vez, tratamento completamente distinto é recebido pelo autor da mensagem abaixo, que narra sua própria história de amor, a qual estaria prestes a chegar ao fim. Para evitar que isso aconteça, ele recorre à C1 com o intuito de receber alguma contribuição:

Ajudem-nos por favor e pelo amor.

Sou um apaixonado em desespero. Por favor ajudem-me. Descobri o amor, o verdadeiro amor de uma vida, e agora corro o risco de o perder, porque ela não conseguiu arranjar emprego. A minha namorada veio do Brasil em Novembro. Está cá já faz 5 meses e ainda não conseguiu arranjar emprego. Se dentro de 2 semanas ela não conseguir arranjar trabalho, terá que regressar ao Brasil.

Eu nunca amei ninguém em toda a minha vida, e ela nunca amou ninguém em toda a sua vida, como nos amamos um ao outro. Eu pensava que sabia o que era o amor, até a conhecer. Ela também pensava o mesmo até me conhecer. Tanto que eu a amo, que ninguém tem noção dessa intensidade que sinto. O mesmo sente ela por mim. Dizer que é amor é pouco, subestimando o que sentimos um pelo outro.

Se ela voltar, nunca mais nos vamos voltar a ver. Por favor ajudem-nos a encontrar um emprego para ela com urgência. Entretanto, pelo facto de já cá estar à 5 meses, já não está como turista e não tem qualquer visto. Mas só necessitamos de tempo para que ela possa casar comigo em Novembro. Mas sem trabalho, ela não pode ficar mais tempo em Portugal. Nem eu tenho grandes condições económicas. Ajudem-nos. Se souberem de um trabalho para ela, digam-me. Escrevam para o meu eMail. Desde que seja um trabalho honesto, já aceitamos qualquer coisa. Pelo amor, e quem sabe o que é o amor, sabe bem do que eu estou a falar, pelo amor, POR FAVOR, POR AMOR, AJUDEM-NOS, a encontrar um trabalho para ela. Obrigado (C1, T56, 12/04/2007).

Uma mensagem profunda, sincera e emotiva como esta não teria como passar despercebida ou ser simplesmente ignorada pelos participantes, que se manifestaram por meio de respostas como:

[X] PRIMEIRO DE TUDO...VCS TEM Q TER FE EM DEUS Q TUDO VAI DAR CERTO...SEGUNDO...E NAS AGENCIAS D EMPREGO,FALA PARA ELA FAZER UNS PAPEIS C O TEL. DELA E COLOCAR NAS CASAS DE FAMILIA, PEDINDO EMPREGO...ELA POD COLOCAR Q FAZ FAXINAS E QUE OLHA CRIANÇAS.COSTUMA DAR BONS RESULTADOS...COLOCA COMO ANUNCIO NOS CLASSIFICADOS DOS JORNAIS...BOM, ESPERO TER CONTRIBUIDO...JA E UMA OPCAO...BOA SORTE PARA VOCES...TENHO CERTEZA QUE ELA VAI ARRUMAR UM BOM E HONESTO EMPREGO!!!! E SO CRER EM DEUS.

Quando determinadas pessoas se sensibilizam com o problema vivido pelos outros e buscam confortar de algum jeito com palavras de apoio e encorajamento, além de dar sugestões de como a moça poderia conseguir um emprego. O recurso de escrever a mensagem toda em letras maiúsculas é empregado, neste caso específico, para enfatizar o conteúdo de incentivo, indicando que a pessoa não precisa perder a esperança, pois tudo dará certo para o casal.

A reação do grupo foi tão satisfatória que o autor da mensagem retornou ao fórum de discussão da C1 para agradecer publicamente o apoio recebido:

Obrigado

A todos, o nosso obrigado pelas respostas e apoio nas palavras de esperança que nos foram dadas. Continuamos à procura de um emprego para a Joana, minha namorada. Apenas necessitamos que uma empresa lhe apresente um Contrato de Promessa de Trabalho, pois temos quem nos trate de todo o processo de obtenção do visto depois de termos esse contrato.Mais uma vez o nosso Obrigado a todos e se souberem de mais alguma colocação de emprego, por favor não escrevam aqui na comunidade ou no orkut, mas sim para o nosso eMail (C1, T56, 22/04/2007).

Quando se estabelece uma situação legítima de interação social concebida por Simmel (MORAES, 1983), demonstrando que é possível haver diálogos deste nível em

comunidades tribais organizadas via ciberespaço, mais exatamente na rede social orkut, colocando em xeque o velho tabu de antropólogos tradicionais que consideram o contato face a face essencial para haver interação (HINE, 2004).

Em decorrência da mensagem de agradecimento, pode-se dizer que esse assunto causou uma grande comoção em alguns membros que se preocuparam e tentaram ajudar tanto por meio de suporte emocional (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1999; WELLMAN; BOASE; CHEN, 2002) quanto de modo efetivo, dando dicas de emprego, quando se disseminou um sentimento de solidariedade e de reciprocidade característico das redes sociais (COLEMAN, 1988; PUTNAM; LEONARDI; NANETTI, 1996; PUTNAM, 2000).

É possível distinguir, inclusive, a norma da reciprocidade generalizada tratada por Putnam (2000): quando alguém ajuda o outro sem esperar nada em troca desse ser específico, mas mantendo a confiante expectativa de que alguma pessoa fará o mesmo por ele quando este precisar de auxílio. Na visão do autor, um grupo marcado pela reciprocidade generalizada torna-se mais eficiente na aquisição de benefícios que qualquer outro em que predomine um ar de desconfiança.

Todavia, o curioso é que a desconfiança está presente também no exemplo analisado, conforme o trecho: "Obrigado a todos e se souberem de mais alguma colocação de emprego, por favor não escrevam aqui na comunidade ou no orkut, mas sim para o nosso eMail." A frase indica uma medida de segurança, pois como muita gente escreve e/ou participa dessas comunidades em busca de dicas sobre trabalho no exterior, não seria conveniente divulgar uma informação destinada a atender um caso de demanda especial no fórum da comunidade, que é de acesso livre. Uma vez que outra pessoa poderia não apenas se apropriar da informação, mas também da vaga de emprego anunciada.

Certos integrantes ainda utilizam as comunidades para promover campanhas de mobilização social para localizar alguma pessoa desaparecida:

Brasileiro desaparecido na Suíça – parte 1

Moro no Brasil e meu irmão mais novo está residindo na Suíça desde 19 de maio de 2006, em Zurique.

Há mais de 1 semana perdemos total contacto com ele e estamos extremamente preocupados com o seu atual paradeiro devido à situação conflitante em que se encontra naquele país europeu.

O nome e as características físicas dele são:

[X]

Idade: 29 anos (nasceu em 12 de agosto de 1977)

Branco (caucasiano)

Altura: 1,78 m

Peso: 75 kg

Olhos: Castanhos claros

Ele começou a trabalhar em Zurique a partir do dia 22 de maio de 2006 no Restaurante e Churrascaria Rincão (C2, T23, 26/02/2007).

CARLA AINDA NÃO FOI ENCONTRADA...

Mais de um ano e tres meses se passaram e continuo sem noticias de minha filha amada CARLA ...

É insuportavel a dor que sentimos pela falta de nossa filha.

Roubaram a vida de Carla e de nossa familia...não temos sonhos nem intusiasmo de viver, o nosso unico objetivo é encontrar a Carlinha e descobrir o que lhe aconteceu,vivemos uma expectativa angustiante.

[...]

Por isso escrevo essa mensagem implorando que me ajudem, pelo amor de Deus...um dia voces podem estar na mesma situação que a minha, eu nunca imaginei passar por uma tragedia dessas...

Se voce tiver alguma ideia, influencia,viu alguma coisa e não tem coragem de contar,tem alguma informação...o que for ,EU PRECISO DE VOCE...E UM PEDIDO DE MÃE AFLITA...me ajude.QUE DEUS TE ABENÇOE...

EU PRECISO DE ENCONTRAR A CARLINHA E DEVOLVER A VIDA PARA MINHA FAMILIA (C1, T100, 19/05/2007).

A segunda mensagem foi escrita por uma mãe que está à procura de sua filha, que deixa transparecer toda sua angústia e aflição por meio de palavras sinceras, despertando um sentimento de comoção por parte de alguns participantes, que se solidarizam diante de tal sofrimento. Entre as mensagens de apoio enviadas, distingue-se:

COPIEI SEUS VIDEOS NO MEU ORKUT, PARA QUE MEUS AMIGOS VEJAM E DENUNCIAM QUALQUER COISA, VAMOS FAZER UMA CORRENTE DE ORACAO, SUA FILHA SE DEUS QUIZER VAI APARECER, FIQUE COM DEUS.

São apelos que podem ser feitos tanto por pessoas diretamente envolvidas, isto é, as quais buscam por familiares ou amigos desaparecidos, como por pessoas que nem sequer se conhecem, refletindo em uma ação que visa ajudar a acabar com o sofrimento alheio:

Madeleine McCann

Recebi um e-mail de um amigo em Aberdeen sobre o desaparecimento da menina Madeleine McCann e fiquei surpreso de encontrar uma comunidade no orkut para ela. Eis o site que ele me passou: <http://www.bringmadeleinehome.com/> Vamos ajudar repassando estas informações para todos os contatos que tivermos na Europa, principalmente. Vamos também elevar nosso pensamento à Deus, ao Mestre Jesus e aos anjos do Senhor vibrando amor à esta família e à pequena Madeleine e pedindo a intervenção divina na solução deste dilema (C1, T111, 24/05/2007).

Com a disseminação deste tipo de informação nas comunidades de “Brasileiros no Exterior” no *site* da rede social orkut, verifica-se que a plataforma também pode ser apropriada enquanto um instrumento de comunicação *on-line* para a prestação de serviço.

Por outro lado, a divulgação dessas campanhas serve para comprovar, basicamente, que existe uma associação direta entre os acontecimentos *on-line* e *off-line* (KENDALL, 1999; WELLMAN; BOASE; CHEN, 2002; RIFIOTIS, 2002). O que afasta a visão que concebe esses dois estados, conectado à rede e desconectado, como opostos e completamente independentes um do outro, como se os atos praticados no ciberespaço não trouxessem conseqüências para as atividades exercidas na dimensão *off-line*, e vice-versa.

Uma perspectiva atrelada às origens dos chamados mundos virtuais a partir da criação de jogos e também à relação do imaginário com o ambiente virtual por meio da literatura de ficção científica, como abordado por Lastowka e Hunter (2003).

Ressalta-se ainda o potencial de uma plataforma de rede social como o orkut para a divulgação de campanhas deste gênero com uma extrema facilidade e rapidez, impressionando os próprios usuários com a quantidade de comunidades criadas com a finalidade de ajudar a localizar a menor desaparecida, em questão de poucos dias após a ocorrência. Quando as práticas ciberculturais baseadas em uma noção de esfacelamento das noções de espaço e tempo, que engloba tudo e todos, resultariam na formação de uma sociedade global (IANNI, 1999, 2001) ou em rede (CASTELLS, 1999, 2003).

Os fóruns de discussão das comunidades tribais também são utilizados para a difusão de campanhas sobre o meio ambiente, outro tema atual que está mobilizando as pessoas nos quatro cantos do planeta:

Aquecimento Global: Como agir ?

Dia 22 de Abril (Dia da Terra e do Descobrimento do Brasil) vem sendo organizada uma manifestação contra "Aquecimento Global" e pelo Meio Ambiente, tanto no Brasil como em outras partes do Globo. Como participar:

No Brasil AQUECIMENTO GLOBAL - EU ME IMPORTO

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5248746>

TODO MUNDO SALVA O MUNDO

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=27462244>

No Exterior : MOVIMENTO SOCIAL GLOBAL BRASIL

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=27476505>

(C2, T20, 10/02/2007).

O autor do tópico chama a atenção para uma problemática que afeta todas as pessoas, as quais, portanto, seriam juntamente com ele responsáveis pela condição climática do planeta. Por este viés, é possível verificar a presença de capital social que tem como objetivo primeiro o bem-estar de uma coletividade (HANIFAN, 1916, 1920; BOURDIEU, 1980; COLEMAN, 1988; PUTNAM; LEONARDI; NANETTI, 1996; PUTNAM, 2000).

O apelo é para todos se prontificarem a combater o fenômeno do aquecimento global em âmbito mundial, despertando assim uma consciência coletiva que não se restringiria ao grupo, a C2, à medida que são divulgados *links* de outras comunidades do orkut que tratam do mesmo assunto. Também aqui se encontra a ligação entre *on* e *off-line*, pois se convoca por meio da comunicação mediada por computador a participação das pessoas em eventos presenciais.

O lado solidário e assistencialista pode partir de um único indivíduo, de acordo com o trabalho desenvolvido no exterior, como acontece em:

direitos humanos para brasileir@s

estou na Cruz Vermelha/Croix Rouge de Marseille - sul da França, terças feiras a tarde...setor de migração...se vc precisa ou conhece alguém em dificuldade na França podes entrar em contato comigo para maiores detalhes relativos: a documentação, ajuda alimentar, roupas, assistência médica, etc

0033 3491.5096.23, [X]

p.s. podes também utlisar o orkut...ou ainda entre em contato com a cruz vermelha de seu país, samu-social paris - telefone 15 - seja para obter ajuda e informações, seja para atuar como interprete e auxiliar pessoas em dificuldade... (C1, T52, 27/03/2007; C2, T41, 27/03/2007).

Um trabalho reconhecido como importante pelo grupo, como se pode verificar por meio de palavras de apoio e admiração: “Nossa que iniciativa maravilhosa!!!!!! Muito sucesso para vc!!!!!!”. Nesse sentido, ambas as comunidades desempenham uma função assistencialista, quando o não-lugar da rede social orkut é usado como canal de comunicação para prestar auxílio ao outro, promovendo movimentos de mobilização social, de apoio e de solidariedade.

Os participantes utilizam as páginas das comunidades também para se entreter, propondo jogos que se tornaram um atrativo em fóruns de discussão do orkut ao visar estimular a interação social:

Vamos nos divertir um pouco- JOGO DO ANIVERSÁRIO!!

Jogo Do Aniversário!!!!!!

Escolha o numero do mês que você nasceu:

- 1----eu atirei em
- 2----eu comi
- 3----eu soquei
- 4----eu cantei para
- 5----eu me apaixonei por
- 6----eu matei
- 7----eu dei o meu telefone para
- 8----eu marquei um encontro com
- 9----eu dancei com
- 10---eu abracei
- 11---eu casei com
- 12---eu beijei

Escolha o dia do mês em que você nasceu

- 1-----um mendigo
- 2-----a sua empregada
- 3-----uma banana
- 4-----um garfo
- 5-----um(a) mexicano(a)
- 6-----um gangster
- 7-----um ninja
- 8-----um ipod
- 9-----o namorado(a) do(a) meu(inha) melhor amigo(a)
- 10-----um bode
- 11-----meu cachorro
- 12-----meu pai
- 13-----o computador
- 14-----meu professor de ciências
- 15-----minhas meias
- 16-----eu mesmo
- 17-----uma coca

- 18-----uma llama
- 19-----um pepino
- 20-----um bichinho de pelúcia
- 21-----um marcador permanente
- 22-----um policial
- 23-----um livro
- 24-----uma bola de futebol
- 25-----meu psiquiatra
- 26-----meu vizinho
- 27-----minha cama
- 28-----um jogador de futebol
- 29-----um dvd player
- 30-----um clipe de papel
- 31-----um celular

Escolha a cor da sua camisa ou blusa atual:

- Branco-----Porquê eu estava drogado.
- Preto-----Porquê eu estava bêbado.
- Rosa-----Porquê eu sou gay/Pq eu sou uma patricinha.
- Vermelho----Porquê as vozes me mandaram.
- Azul-----Porquê eu não sei me controlar.
- Verde-----Porquê eu me odeio.
- Roxo-----Porquê estou pelado.
- Cinza-----Porquê eu quis.
- Amarelo----Porquê alguém me ofereceu R\$1.000.000.
- colorida----Porquê eu sou loko(a).
- Laranja----Porquê eu odeio a minha família.
- Outro-----Sei lá.
- Sem Camisa--Porquê estava calor e eu estava nervoso

E aí? Como ficou o de vcs?

O meu ficou..

Eu Marquei um encontro...com um ipod...porque alguém me ofereceu R\$1.000.000 (C2, T48, 18/04/2007).

Em geral, a pessoa que sugere o jogo é a primeira a realizá-lo como uma maneira de incentivar o envolvimento dos demais, mas hoje este artifício não chama mais a atenção como acontecia na época em que era uma novidade.

4.3 O QUE FALAM?

No que se refere aos temas discutidos, os brasileiros no exterior falam, sobretudo, do país Brasil e de sua população, o que quase sempre gera uma série de polêmicas. Entre os assuntos comentados, destacam-se: política, normalmente, associada à corrupção; educação ou, melhor, a má qualidade do sistema educacional; cultura brasileira; discriminação; saúde; religião; esporte; e meio ambiente. A condição de ser estrangeiro também é abordada com frequência pelos “brasileiros no exterior”, como relatado de forma breve no início desta análise.

Contudo, os debates acirrados giram em torno dos textos relativos à imagem do país e do seu povo noticiada no exterior. De um modo generalizado, as pessoas se sentem ofendidas pela forma como o lugar Brasil e os brasileiros são reconhecidos pelo mundo afora, por meio de uma perspectiva que explora, principalmente, elementos como samba, mulatas, belas praias e violência. Como exemplificado por:

Será que eu estou errada?

E eu já morei na europa 4 anos em 3 países diferentes e sei qual é o ponto de vista deles a nosso respeito e atualmente moro em Santiago no Chile e bom, não tenho nenhum contato com brasileiros e meu marido é chinês, assim que nem muito contato com chilenos tenho mas só posso dizer que as poucas vezes que vi brasileiros se reunindo aqui era isso, samba, bunda, caipirinha, pouca roupa e mulatas rebolando.

Pelo amor de Deus o Brasil não é só isso, será que essa gente não tem noção da imagem que está passando do nosso país? ou será que sou eu quem esta exagerando?

Tanto é que um chileno me perguntou assim uma vez: "Como você é brasileira e é loira? Seus pais são estrangeiros? Você não sabe sambar por quê?"

Ahhhh eu pensei que no Brasil só tinha mulata, terminou ele dizendo depois que eu respondi tudo isso (C1, T9, 20/01/2007; C2, T10, 20/01/2007).

Para começar, é relevante dizer que a mensagem foi enviada no mesmo dia para ambas as comunidades, tornando-se uma prática comum a participação de algumas pessoas nos dois grupos de maior popularidade entre os registrados com o nome de “Brasileiros no

Exterior”, pertencentes ao orkut. Essa manutenção de correspondência entre as comunidades tribais permite ainda que se estabeleçam redes de cibersocialidade entre os grupos e seus componentes.

Sobre a discussão propriamente dita, parece não existir a menor possibilidade de se chegar a um consenso, uma vez que o discurso sobre a imagem estereotipada do país e de sua população anunciado no exterior divide a opinião dos integrantes. A seguir, outra mensagem que demonstra uma preocupação com a imagem do país:

Imagem Brasil no exterior

Bom, resolvi abrir esse topico para demonstrar minha indignacao perante a propaganda que eh feita do Brasil no exterior, sempre eh o mesmo, os grigos conhecem a gente por "carnaval", "mulher sensual", "corrupcao", violencia e pobreza.

Nao eh soh isso q o Brasil tem a oferencer, eh muito mais, tem muitas cabeças pensantes, muita gente pronta pra muda...pra melhor

Tem gente seria q quer q o Brasil de um passo muito grande com relacao a imagem q temos mundo afora. Gostaria de saber pq nao mudar isso?

a resposta eh, quantos acreditam q temos muito mais potencial do q soh vender turismo por causa do carnaval?

Vem logo em minha mente, o caso de grandes empresas Petrobras, Embraer e etc... q sao mais q reconhecidas e lutam por uma posicao de mercado, sao competitivas e se impoe perante gigantes internacionais, pq nao atrair empresarios q invistam e nos ajudem em termos de emprego, em termos de desenvolvimento tecnologico e etc?

pq nao atrair turistas pelo fato de ter em Curitiba a melhor e mais urbanizada cidade pra se visitar?

alguem aqui disposto a comecar? aguardo ideias de gente seria e evoluída (C1, T24, 12/02/2007).

Como as opiniões sobre este tema divergem de acordo com cada pessoa, foram enviadas respostas contrárias à proposição inicial, sendo que algumas transmitem um tom de ironia e sarcasmo:

R1

Desculpa,

não sou evoluído e não concordo com esse Brasil que você pintou. Além do fato de achar Curitiba uma Goiânia melhorada, nada mais. Boa sorte na sua empreitada de querer mostrar um Brasil sério e eficiente

para o mundo.

R2

[X]

Honestamente? nao da para ficar indignada com isso, qual é a imagem de certos paises para nos brasileiros? eu morei por 4 anos na Inglaterra, sendo os primeiros 1.5 em uma cidade chamada Sheffield onde fiz universidade (2.5 hrs de londres) quando eu falava que morava na Inglaterra o povo dizia - ah, voce mora em Londres.

Eu moro no Canada, quando falo que aqui em Toronto faz um super calor no verao ninguem acredita, muita gente acha que é frio e neve o ano inteiro. Muitos brasileiros nao sabem a capital daqui - eu nem esquento, tento informar na boa que o Brasil nao é assim, agora quando voce vai num restaurante brasileiro aqui (de donos brasileiros) e na hora da janta eles colocam um show com mulheres semi-nuas sambando, que imagem voce quer que passe? [...]

O jeito é tentar informar na boa, nos nao sabemos todos os fatos dos paises deles e eles nao tem que saber os nossos - nos brasileiros somos muito touchy

Na R1, a idéia negativa sobre o Brasil é reforçada. Já na R2 é apresentada outra versão sobre a questão: qual seria a imagem que os próprios brasileiros têm dos outros países, a qual aborda a forma de lidar com a alteridade. Trata-se de uma idéia fundamental no contexto contemporâneo na perspectiva maffesoliana, quando a imagem do indivíduo é construída pelo e no contato com o outro, o diferente.

Por este viés, não haveria razão para os “brasileiros no exterior” reclamarem enfaticamente sobre a forma como são julgados pelos estrangeiros, à medida que eles mesmos também desconhecem a cultura dos outros povos, alimentando uma visão estereotipada sobre a realidade de cada local.

Finalmente, a autora do *post* retorna ao fórum para deixar seu comentário:

vai ver q eh por isso q a gente nunca muda, todo mundo pensa...nao vale a pena....e sempre fica a mesma coisa...
nao estou pintando o Brasil, estou mostrando o lado bonito e alegre ...
eh isso q estou tentando fazer...

Ainda com relação aos brasileiros que criticam o país, destacam-se os que acusam toda a população pela condição social caótica em vigor:

O Brasil não merece o Brasil

Todos os dias eu tenho o péssimo hábito de ouvir rádio-jornais e ler as principais notícias do meu país. Tenho também o péssimo costume de escrever pequenas crônicas onde relato o que leio e divido minha opinião com o público em um exercício que me ajuda a refletir sobre os diferentes temas por mim abordados. Isso gera incontáveis críticas. Pessoas dizendo que meus textos são péssimos e pessimistas, que eu sou motivo de vergonha para o Brasil, que só sei falar mal e não apresento soluções, que me acho melhor que os outros e acredito ter sempre razão, que estou no exterior e me tornei um como "eles", que sou depressivo, mal amado e até mesmo que denigro a imagem do país como se a imagem do Brasil dependesse apenas das minhas palavras [...]

A verdade porém vai bem além disso. Depois de viajar um pouco pelo mundo, me confrontar com outras culturas e percorrer outras terras, percebi que o pior do Brasil é mesmo o brasileiro. Um povo sem regras, sem limites, sem decoro, sem respeito, sem honra, sem palavra, sem vergonha, trapasseiro, imoral e com a eterna síndrome do malandro que sabe mais que os outros e que quer tirar sempre vantagem de tudo. Isso se espelha em todas as faixas da sociedade (C1, T23, 09/02/2007; C2, T17, 09/02/2007).

O conteúdo acima foi disponibilizado nas páginas das duas comunidades e obteve respostas de apoio:

R1

[X], Esse seu texto resume exatamente a situação do povo brasileiro e seu país. Estive no exterior e voltei porque não tive opções de continuar lá. Assim que voltei, um choque. Choque mesmo! E o pior?

O ruim do Brasil é o brasileiro. Somos preconceituosos, vivemos de aparência e por aí vai....

Se for escrever aqui, acabarei repetindo tudo o que vc já escreveu. Um abraço!

R2

Concordo em boa parte com o que voce diz,o problema é que as pessoas crescem num sistema corrupto,coisas que por aqui talvez provocasse até uma guerra,no Brasil é visto com naturalidade, a violencia tornou-se uma rotina no país.Acho que mesmo uma boa genética e um bom cérebro não ajudam muito se voce não tem chance de desenvolve-lo através de cultura e aprendizado.Ísso explica muita coisa, que políticos trapaceiros comandem o país.Basta olhar o novo (novo??!!)congresso,tem ex-presidente que teve impeachment voltando,politico que foi preso por desvio de dinheiro publico voltando,as vezes penso que brasileiro é masoquista mesmo por natureza.

Há uma parcela de brasileiros que diz amar sua terra, independentemente dos problemas e dificuldades que podem existir. Quando as características negativas do país são superadas por traços como a personalidade da população, a simpatia, a hospitalidade e o bom humor do povo, avaliados como uma qualidade específica dos brasileiros, como no comentário ao T151 ******BRASIL : PAIS DO FUTURO? ******, divulgado na C1, em 24/06/2007:

O FATO É QUE EU AMO O BRASIL E O POVO BRASILEIRO QUE UNIDO FAZ SIM A DIFERENÇA E POVO IGUAL NÃO HÁ. QUANTOS AOS FILÓSOFOS FALEM O QUE QUISER, PQ O QUE PODEM FAZER É FALAR.

Por sua vez, existem alguns brasileiros que reconhecem as mazelas do país, como o grave problema da violência, porém, falam que a situação só está assim porque a população não reage e que isso teria de mudar:

vamos fazer alguma coisa?????????????

o Americano que morreu na Lapa na madrugada de sexta-feira, 25. Até quando nos brasileiros, nos cariocas, vamos deixar que a impunidade e a violência tomem conta das nossas vidas?

Até quando vamos compactuar com essa vergonha....

Conheci o Joe, aqui nos Estados Unidos, e o sonho da vida dele era ir para o Brasil, era ir pra minha cidade que é maravilhosa mas, que as pessoas que moram nela, não se dão ao respeito e não se respeitam... E vergonhoso vc ler em um jornal americano local, que milhares de pessoas morrem ao ano no Rio de Janeiro, que o Rio de Janeiro é uma das, senão a cidade mais violenta do mundo... Até quando nos vamos deixar isso acontecer?

Até quando nos vamos assistir a tudo isso de braços cruzados?

Se Nova York, que já foi uma das cidades mais violentas do mundo teve jeito, por que a nossa cidade não tem? Por que?

Até quando vamos deixar que pessoas inocentes morram por nada?

Joe, tinha um sonho... um sonho que se realizou... mas que durou muito pouco... por culpa nossa... (C1, T130, 01/06/2007).

Este tópico é marcante não apenas por ressaltar a passividade da população diante da criminalidade, chamando a responsabilidade para ela própria, mas, principalmente, pelo tipo de acontecimento, a morte de um turista estrangeiro amigo de um membro da C1. Uma

condição de proximidade com o evento que se torna evidente pelo tom das palavras, as quais questionam a posição adotada pelos cariocas e demais brasileiros, como se fosse necessário fazer alguma coisa de concreto para conter a onda de violência no país. Embora tudo isso não passe de um discurso inflamado.

Temáticas por natureza polêmicas como o racismo também estão presentes nos debates:

Eu sou racista, e você?

Muito se debate sobre racismo, preconceito e discriminação. Eu confesso que não sei a diferença entre os três, e acho que se fizéssemos uma pesquisa, estou certo que as pessoas facilmente confundiriam um com outro. Hoje em dia nem podemos mais chamar um preto de negro ou vice-versa. O politicamente correto tomou conta da sociedade e as conseqüências são cotas, gafes e afirmações que geram furor na sociedade; como a da nossa ministra que afirmou que é normal preto não gostar de branco.

Daí eis que me faço a seguinte pergunta; Eu não gosto de preto, sou racista? - Dê sua opinião e se tiver tempo e interesse leia os dois textos nos links abaixo. Foram escritos em épocas diferentes mas tratam um pouco desse nosso medo em falar o que pensamos quanto ao tema discriminação racial.

Respondendo à minha pergunta acima. Não sei se sou racista, muito provavelmente eu sou, pois fui criado em uma sociedade de odeia os negros, exalta os brancos e descendentes de europeus e blá, blá blá... Mas apesar disso, eu acho que não gostar não é o mesmo que ser racista. Eu não gosto de gordos, isso é racismo? Obviamente não, pois gordo não é etnia. Uns dirão que é preconceito. Então eu pergunto: "Onde está minha liberdade de escolha?" E as mulheres que não gostam de homens baixinhos? São racistas? Preconceituosas? Fúteis? Eu acho que estão apenas exercendo uma escolha a qual elas têm pleno direito. Mostre a cara e diga o que pensa. [AUTOR] (C1, T69, 26/04/2007).

Na seqüência, alguns comentários:

R1

eu racista sim

respondendo a sua pergunta sou negra e nao preta, e po incrivel q pareciasou racista sim com aqueles fundamentalista islamicos, com determinadas pessoas q acham q negro nao pode estar em alto q negro tem q ser so aos serviçows dos brancos 4e a coisa q è engraçada è q sou

casada com um europeu morro em italia da 16 anos e até hoje nao sofri nenhum tipo de racismo, amo a europa ja fui no extremo leste no pais de hitler e nao vi nada disto mas acontece eu sei e acho q no final das contas nao è racismo è medo do diferente no fundo qualquer tipo de raça no final das contas se for ver somos iguais o negro foi criado negro por q no continente deles a temperatyra era muito alto o japoneses tem osei pq tambem e enfim cada um o seu a unica coisa q acho q cada um tem q ter respeito ao proximo das propras ideias e sou muito feliz de ser NEGRA beijis

R2

Concordo [X],

acho o povo brasileiro muito mais racista que o europeu. Também moro aqui há 16 anos e pude observar isso muito bem. Perfeita a reflexão sobre o respeito. Uma pessoa pode até não gostar de outra por causa da sua cor ou fé, mas deve respeitar sempre. [Autor]

R3

[X]

Concordo plenamente com voce. Ninguém é obrigado a gostar de ninguém, mas tem a obrigação de respeitar.

Se a pessoa for tao idiota a ponto de não gostar de preto ou de branco, ou de japoneses, ou de sei lá do que, ou sei lá de quem, simplesmente por que "não gosta", sem ter um MOTIVO plausível, ou seja, apenas por PRECONCEITO puro e simples, ela que seja assim, e que seja feliz se conseguir, mas que respeite o diferente que ela não goste.

Pra mim isso é tudo...

E também o fato de não se gostar, em minha forma de ver as coisas, não dá direito algum da pessoa ficar expondo esse pensamento publicamente, pois isso não interessa a ninguém e não acrescenta nada em situacao alguma.

Entao que guarde pra ela esse tipo de neura.

A menos que a pessoa seja tao ingenua (ou se faça de) pra achar que não está ofendendo outras, que nenhum mal lhes fazem, expondo pensamentos como esses.

R4

Tu gosta ne [Autor] ...

Bom eu te diria que nao por vontade propria mas axo k sou racista sim como todo mundo. Nao tenho nada contra nenhuma etnia do contrario tenho amigos de varios paises e cores. Mas o racismo nao ker dizer so ser preto ou branco mas se representa de varias formas. Acredito que si vc nao gosta de gorda ou o que seja so e tua opiniao mas pasa a ser racismo cuando vc expresa esa opiniao de forma ofensiva. Eu axo muito interessante ai no Brasil como as pessoas chamam a um negro de negao e ele leva na boa como um apelido de maneira cariñosa. Aki na Europa isso e racismo. Ou seja depende muito de como se ve e de como se recebe. Mas en geral as pessoas ten o costume de criticar as otras por varios motivos nao so pela cor. Entao supongo que vivemos num mundo racista que finge nao selo de fato para nao ofender.

R5

VIXI!!!!

[Autor], me desculpa, "mà, mi fà paura" quando escreve estas coisas...

Algumas definições:

O RACISMO é a tendência do pensamento, ou do modo de pensar em que se dá grande importância à noção da existência de raças humanas distintas e superiores umas às outras. Onde existe a convicção de que alguns indivíduos e sua relação entre características físicas hereditárias, e determinados traços de caráter e inteligência ou manifestações culturais, são superiores a outros. O racismo não é uma teoria científica, mas um conjunto de opiniões pré concebidas onde a principal função é valorizar as diferenças biológicas entre os seres humanos, em que alguns acreditam ser superiores aos outros de acordo com sua matriz racial. A crença da existência de raças superiores e inferiores foi utilizada muitas vezes para justificar a escravidão, o domínio de determinados povos por outros, e os genocídios que ocorreram durante toda a história da humanidade.

PRECONCEITO é uma atitude discriminatória que se baseia nos conhecimentos surgidos em determinado momento como se revelassem verdades sobre pessoas ou lugares determinados. Costuma indicar desconhecimento pejorativo de alguém ao que lhe é diferente. As formas mais comuns de preconceito são o social, racial e sexual.

DISCRIMINAÇÃO: Discriminar significa "fazer uma distinção". Existem diversos significados para a palavra, incluindo a discriminação estatística ou a actividade de um circuito chamado discriminador. O significado mais comum, no entanto, tem a ver com a discriminação sociológica: a discriminação social, racial, religiosa, sexual, étnica ou especista. Racismos, preconceitos e discriminações são sentimentos comuns no ser humano, acho que não temos motivos nenhum para cultivá-los a maioria das vezes a não ser a nossa ignorância, como disse o João o melhor é cortar o mal pela raiz e tentar sermos mais disponíveis em relação aos outros! fonte: Wikipedia

Devido ao envio sucessivo de tópicos com este tipo de conteúdo polêmico, o autor da postagem foi "convidado" a deixar a C1, por meio da mensagem:

Enough is Enough! Fora [X], já deu!

Convido a quem quiser se manifestar e passar a ignorar solenemente esse anti-brasileiro [X] que difama seus compatriotas generalizando como se inerente a todos fosse as mazelas do Brasil.

Negativista, derrotista e antes de tudo, um chato.

Este manifesto é para aqueles, como eu, que acham que ele já excedeu, pois paciência tem limite (C1, T149, 22/06/2007).

Uma manifestação que se expandiu para outros recursos de comunicação da C1, sendo elaborada uma enquete para os membros decidirem sobre a expulsão ou permanência do indivíduo em questão, que respondeu ao tópico acima, com seu sarcasmo peculiar:

Ha ha ha ha,
9 de 16.304,
falta pouco para vocês alcançarem a metade mais um.
Aí eu sairei da comunidade.
Ao menos vocês me fazem rir. Continuem assim.

Apesar de toda a polêmica em torno da possível exclusão do mencionado participante, isso não aconteceu e ele pôde permanecer como integrante da C1. No entanto, este evento é significativo ao comprovar que as experiências partilhadas por meio de conversas tecladas *on-line* podem ser tão intensas quanto às ocorridas *off-line*, elas causam perturbação e alteram os ânimos dos envolvidos (DANET, 2004). Uma prova de que a interação social *on-line* existe de fato, abandonando a noção de que os embates encenados *on-line* seriam menos arrebatadores que os assistidos *off-line*. Afinal, não é o encontro presencial, face a face, que define a interação social, mas o discurso construído por meio de palavras ditas ou escritas em processos de comunicação mediados por computador.

No contexto das comunidades examinadas não poderia faltar a noção de Brasil como o país do futuro. Contudo, os integrantes mostram-se cansados dessa conversa tão falada pelos seus avôs e propõem uma análise mais contemporânea sobre o Brasil, concebendo-o como o país do presente. É o que mostra a resposta ao T151, publicado na C1, no dia 24/06/2007:

Conclusao:

O Brasil é o pais do PRESENTE. E como!
O Brasil nao é pobre, tem sim uma distribuicao de renda ridicula, gerando um PIB baixo e consequentes bolsoes de pobreza.
E' a 8ª potencia industrial do mundo
Estavel economicamente
Esta em processo avançado de reformas estruturais

Tem um programa exemplar de privatizações
 Comércio diversificado
 Abundância de matérias-primas de qualidade
 As mais modernas e criativas soluções energéticas consolidadas há anos.
 Cultura forte
 Esta no caminho certo, apesar de Lulas e Mulas, acreditem... 😊

Uns defendem uma visão mais utópica sobre o país, afirmando que as coisas já melhoraram e que o principal é seguir em frente. Por sua vez, existem os que se consideram mais realistas, chamados por alguns membros de pessimistas, ao expor suas opiniões duras, mas sinceras, sobre o que pensam do destino do Brasil:

Qual o futuro do Brasil?

Aqui no exterior, um dos temas mais discutidos entre os saudosos brasileiros é o futuro do Brasil. Todos nós preocupados com o nosso país, e saudosos sonhamos poder voltar um dia. Mas parece que a maioria de nós está esperando para ver se o Brasil melhora. Então, a pergunta que mais se ouve é a seguinte; 'O Brasil tem futuro?' Ora que pergunta mais boba. É claro que o Brasil tem futuro, mas que futuro é esse é o x da questão. Na minha opinião de mero observador. O futuro do Brasil é negro, e assim como João Ubaldo Ribeiro, eu não quero fazer parte dele (C2, T15, 05/02/2007).

Trata-se de mais uma mensagem que provoca os participantes, dividindo o grupo entre os que são a favor e contra tal colocação, como mostram os exemplos a seguir, respectivamente:

R1

Nem me fale. Quando falo no telefonr com minha família só ouco desgraca! Olha... parei de procurar notícia do Brasil pq isso só me aborrece e traz desgosto. Acho que o país está andando rumo à destruição, e caso algo mto sério não ocorra logo isso vai acontecer logo.
 Rezo por uma volta da ditadura, assim a ordem e a paz retornará.

R2

Achando a Suíça, a Europa, os EUA, o Japão, ou qualquer outro lugar, tão mais educados e desenvolvidos, que o Brasil, onde tudo funciona como um perfeito relógio, suíço, é claro; e não se vendo, ou não vendo, futuro para o

Brasil, então porque se aporrinhar (desculpa da palavra) tanto???
Desencane(m)!

Deixa o povo brasileiro sucumbir na doce ignorância, sofrer seus suplícios nos 5° Inferno brasileiro. Relaxe(m) e aproveite(m) onde vocês estão, longe do Brasil!!!

A mim pouco importa se Deus escolheu a Igreja Renascer, os padres pedófilos, Bush, Bin Laden, ou o reverendo Moon para falar com eles ou através deles, já faz um pouco de tempo que eu não escuto certas coisas. Abusam da boa fé das pessoas? isto é claro e evidente, todos porém! Se tivéssemos um 'corruptometro' para a política brasileira, seria difícil de calibrá-lo! talvez a Suíça possa brevetar um, ou não visto que não existe corrupção por aqui.

Ditadura??!! só faltava esta agora! o mundo ainda oferece várias opções de estados ditatoriais, por que quem pede a volta da ditadura no Brasil, não se transfere para um desses países, só para ter uma 'idéia' do seja uma DITADURA.

Outro tópico que segue essa linha de comparação entre o Brasil e o exterior:

o brasil nao è Europa

sabe pesso desculpas do meu portugues inferrujado mal fiz a 3 serie venho da uma familia de negros pobres, moradora de um bairro da zona sul de sao paulo aclimação nascida e criada ali, mas pelo destino cruel perdi meu pai cedo e do bairro da aclimação fui morrer no extremo sul la onde tem bag bang a brasileira e outras coisas mais, onde acabei indo morrer em um barraca carregando agua na cabeça morando no meio de ladroes e p..... e pessoas onestas, consegui trabalho num hospitalzinho ali perto, e foi crescendo assim como sou hoje, mas tudo isto è uma minha.....refleção e uma resposta a tantas perguntas quem nao quer um Brasil melhor quem nao quer ver um nome de uma pessoa querida na primeira pag do estado de sao paulo bancario morto com Honras de sambista um negro de uma posição social otima, sou a favor de um Brasil melhor sim e como eu amo o meu pais mas o Brasil è enorme nao è como a europa q tem poucos habitantes e fica tudo mas difícil seria tao bom se unir e tentar fazer um brasil melhor sem mortes violentas, imagine quantos filhos sem pai estariam felizes agora mas nao è por isso q hoje sou algo de desprezo, as vezes è muito facil falar e falar pq estamos aqui no 1 mundo como dizem sim tem razao , mas sera q ninguem lembra do filhinho de papai q entrou em um cinema atirando a todos das garotinhas q fazem programas para terminar a faculdade tem uma infinidade de coisas mas como sempre pesso desculpas nao falo difícil pq nao sei mas ja estive com ricos e pobres e toda vez sou bem tratada indepedentemente da minha cor ou escalao na sociedade , o meu portugues è este aquele q falo com umpobre e um nobre, peço

licença pessoal pode ser palavras sem sentido as minhas mas no fundinho analisada bem tem um sentido,.....sei q agora vao acabar comigo mas eu acito tudo e vamos batalhar para ter um Brasil melhor mas sabendo q nao è Europa (C1, T74, 04/05/2007).

Trata-se de uma provocação (in) direta a uma mensagem postada há alguns dias:

Controle de natalidade para os pobres.

Controle de natalidade para os pobres já.

Se tivéssemos feito isso na década de 70, hoje em dia não haveria tanta pobreza e violência. Mas preferimos fingir que não víamos as favelas crescendo desordenadas e se tornando nesse monstro de hoje, que fugiu ao controle e que tende apenas e tão somente a piorar.

Se cada vez que uma mulher de baixa renda fosse dar a luz, os médicos fizessem um intervento para que não pudessem mais parir, não teríamos tantos meninos pelas ruas sendo engajados pelo tráfico. Abaixo um pequeno texto para nos ajudar a refletir sobre o tema. Sua opinião, mesmo que contrária à minha é mais do que bem vinda (C1, T73, 03/05/2007).

No que diz respeito à língua oficial do país, o idioma português, os “brasileiros no exterior” também discorrem sobre a dificuldade de manter o domínio da língua no momento em que deixam de praticá-la cotidianamente, ao estarem inseridos em realidades culturais completamente diversas:

A lingua que falamos e escrevemos.

A cultura de uma nação, na minha opinião, é uma combinação de fatores e afinidades compartilhados pela população em geral.

A lingua falada e escrita é, neste sentido, talvez um dos elos mais importantes desta união.

Você, que vive no exterior, como qualificaria seu conhecimento geral da Lingua Portuguesa, seja a lingua escrita, seja a lingua falada. Eh minha opinião que a lingua escrita, sobretudo para nos que vivemos fora do pais, é a mais importante.

Por exemplo, você escreve com facilidade o Português? Tem receio de cometer erros e/ou não ser claro nas suas mensagens? Se a resposta for ‘Sim’, já tentou fazer alguma coisa neste sentido para mudar a situação?

Nossa cultura é uma das mais ricas e variadas do mundo. E como nos expressamos e escrevemos é muito importante se, por exemplo,

quisessemos mudar a imagem do nosso país no exterior. Vocês não concordam? [...] (C1, T138, 11/06/2007).

R1

ola

è uma boa pergunta , eu erro muito principalmente q estou aqui muitos anos mas agora estou melhorando com a escritura e contactos com amigas brasileiras proprio para falar e escrever a nossa língua

R2

Bom, essa questão é realmente interessante. Estou aqui na Alemanha há apenas 4 meses mas sempre gostei da minha língua materna e me preocupo em cometer o menor número de desvios gramaticais possível. Até agora não sinto nenhum tipo de dano na minha comunicação em minha língua materna (já que a amiga alemã com quem moro fala Português fluentemente) mas sei de muitas pessoas que já não se expressavam (nem escrevendo nem falando) muito bem antes de deixar a pátria amada e as habilidades só pioraram depois!

Vamos esperar os demais comentários e o tempo passar pra constatarmos quem sofrerá ou não os efeitos de estar longe do Brasil. 😊

R3

Oi, ,

eu pessoalmente acho que aqueles que após uns anos acabam misturando seu idioma "local" com o português, ou como eu costumo dizer brasileiro, são os que não sedimentaram seus conhecimentos em época escolar. Quero com isso falar de muitas brasileiras que conheci e conheço aqui na Alemanha que acabam criando um terceiro idioma. Ex: Uma brasileira insiste em dizer: "ela é uma Kindinha", sendo que o correto em português seria: Ela é uma criança ou em alemão, Sie ist noch ein Kind. Qual Brasileiro aqui na Alemanha, quando vai pedir para alguém fazer uma cópia de um CD ou DVD não diz: Você queima um para mim! Vem do alemão "Brennen" ou do inglês: please can you burn one for me? E quanto à escrita, minha nossa eu estou tendo problemas em decifrar certos textos postados nas comunidades. Será que o sujeito escreve da mesma forma quando vai elaborar seu Curriculum?

R4

Oi gente

Gostei muito do argumento, tenho 17 anos que deixei o Brasil, e hoje falo fluentemente 4 idiomas português, francês, inglês e italiano, enquanto escrever já não é a mesma coisa, devo admitir que embora lendo bastante já perdi muita coisa, o problema: não tenho memória fotográfica deixei de lado algumas línguas para aprender o francês (esta língua escrita é uma coisa e falada é outra) é a língua que pratico no dia a dia e resultado: estou começando a embrulhar tudo EX: o português os acentos e as palavras com s ou z tenho enormes dúvidas a mesma coisa com o italiano palavras que tem duas letras iguais enquanto o inglês encontro dificuldades em algumas palavras ex who e how ... acho que com era do computador ficou ainda mais difícil pois podemos contar sempre com a ajudinha da correção automática abraços [X]

R5

Faz mais de 5 anos que saí do Brasil e depois de uns 2 anos comecei a ficar bem enferrujado (ainda me lembro de uma vez quando fiquei um tempão pensando como se escreve "muito"). Pode parecer exagero, mas é que nos primeiros 2 anos eu estudei e tive que escrever muito em inglês. Nesse sentido, o Orkut ajudou bastante a desenferrujar.

O problema que eu noto que piora a cada dia é com relação à ortografia. Faço uns erros que me envergonham, mas ainda bem que tenho corretor ortográfico 😊. Fora isso, ainda rolam uns anglicismos aqui ou ali, mas de maneira geral acho que o meu português anda bem das pernas

R6

Quem tem esse problema aqui em casa são minhas filhas. às vezes, tenho que corrigir palavras quando conversam com amigos brasileiros na net. E outras vezes elas perguntam como se dizer certa palavras em português (uma de 17 anos e outra de 19).

Mas esse problema creio que é humano, nos adaptamos ao meio em que vivemos, de uma forma geral. Na realidade prefiro que elas conheçam o português correto, a qualquer outro idioma.

E a mistura de idiomas, que muitos acham "frescura", tb é super normal

Em geral, eles comentam que com o tempo, fatalmente, acabam esquecendo as regras ortográficas e gramaticais da estrutura formal da língua portuguesa. Para alguns, as pessoas que tendem a misturar os idiomas são aquelas que não consolidaram o conhecimento sobre a língua materna durante o tempo de escola, algo que atinge também os mais jovens, que não tiveram oportunidade de segmentar o idioma original.

De toda forma, este problema também abrange os indivíduos que vivem há um longo período no exterior e não se mantêm em contato com outros brasileiros. Trata-se de um tema que mobiliza a C1 dada à sua vinculação com o dia a dia da comunidade, que se reflete no conteúdo das mensagens publicadas visando o estabelecimento de interações sociais entre os participantes, como evidencia os trechos divulgados nas análises desta pesquisa.

Sobre o aspecto comunicacional, os grupos exploram, essencialmente, a produção textual por meio do intercâmbio de informações via fórum. Eles divulgam, com frequência, endereços de páginas da *Web* que podem ser de outras mídias de comunicação, como *blogs*, *links* para revistas e jornais *on-line*, assim como a difusão de vídeos publicados no *site* You Tube, por exemplo, que é mais um produto da empresa Google. Os "brasileiros no exterior" ainda utilizam recursos como *emoticons* e outros códigos de linguagem adotados para facilitar a comunicação via ciberespaço e suprir, em parte, a ausência de imagens gestuais e

expressões fisionômicas presentes na interação face a face (RHEINGOLD, 1998).

Os “brasileiros no exterior” também falam de saudade, apesar de não ocasionar uma grande comoção nas tribos estudadas, pelo menos no que se refere ao período observado, de janeiro a junho de 2007. A expressão, normalmente, aparece no decorrer das postagens:

sou brasileira mais estou na Italia

[...]

No inicio da uma saudade tao grande que ate as musicas piores que voce odiava, tipo do TIRIRICA, vc gostaria de escutar, so para se lembrar, coisas que nos irritava, como o barulho de altos falantes, businas e outros, voce daria tudo para ouvir (C2, T18, 09/02/2007).

O que vocês fazem no exterior? Conte sua historia!

[...] o pior de tudo e a saudade dos familiares e dos bons amigos, aqueles que estudaram comigo, viveram e vivem na mesma rua, do bom humor carioca etc... Dou gracias a Deus por estar aqui, e me contento em poder visitar o Rio de Janeiro uma vez ao ano (C2, T27, 04/03/2007).

Em raros momentos, o termo saudade é abordado como o assunto central de uma mensagem:

Ai que saudade do Brasil!!!!

Saudades do Brasil!!!!

Um poema pra quem assim como e u-sente saudade !!!

Hoje choro um outro tipo de saudade.

Uma saudade bem diferente...

Não é saudade de um amor

Nem tão pouco de um amigo

É como está meio órfã

É quase está sem abrigo.

Só quem está longe é que sabe....

Bem o que agente sente.

Assim igual à mim

Há milhões de brasileiros.

Errantes neste vasto mundo

Que tão iludidamente é chamado de primeiro...

Meu coração hoje sente...

A falta daquele outro mundinho

Que aqui, eles chamam de terceiro.

Saudade do calor ...

Das cores ...
 De todos os ritmos
 Dos vários sabores...
 Ah que saudade do baião!!!!
 Do baião de Luiz Gonzaga
 Mas Também do baião
 Arroz feito com feijão.
 Da farinha de mandioca
 Do vatapá bem picante
 E da minha tapioca.
 Do meu povo festeiro
 Que canta a vida...
 Que celebra o amor!!!!
 Que sofre cantando...
 Que morre lutando
 Mas aos outros,vai mostrando:
 Que só brasileiro samba.
 Que só meu povo ama.
 E é feliz de verdade!!!!
 Com toda alegria da alma.
 Com todo o calor da carne.
 Terra da mulher faceira
 Que luta de dia como guerreira...
 Mas a noite se efeitada
 Para os beijos do seu amor...
 Isso é ser brasileira.
 Que homem nunca,essa "MULHER" desejou???????
 Cabral sabia bem o que foi buscar.
 Buscava á luz do meu povo
 Para a "terra do fado" emprestar...
 Foi lá ,buscar a "nossa ginga"
 Para ver os lusitanos dançar.
 Posso até me apaixonar por Portugal.
 Um filho dessa terra até já me seduziu
 Mas dúvido que chegue a amar um dia...
 Porque amor somente pelo meu lindo BRASIL!!!
 Terra de um povo alegre
 Terra de muitos encantos...
 De tanta magia
 Hoje sigo chorando esse pranto
 Fingindo uma tal felicidade
 Teu hino de amor vou cantando
 Para amenizar a saudade.
 [X]
 (C2, T81, 28/05/2007).

De qualquer forma, é interessante a ênfase que as pessoas dão à saudade no país, uma palavra que só existe em língua portuguesa, diga-se de passagem. O interessante é que

alguns nem sequer chegam a viajar, mas já antecipam o sofrimento, questionando como lidar com isso, algo que confere à saudade um *status* de um sentimento tipicamente brasileiro:

Saudades - Como lidar?

Estou com as malas prontas para ir ao Canadá, mas estou muito insegura, não sei se aguento ficar longe da minha família e amigos, o pior é q irei ficar sozinha durante pelo menos 1 ano. Como vocês conseguiram superar a saudade de casa? É tão ruim quanto estou pensando? Ou é pior ainda? (C1, T57, 13/04/2007).

Destaca-se ainda que o sentimento de saudade não fica restrito aos entes queridos, familiares e amigos, mas se estende a uma variedade de produtos comerciais característicos do país em associação a símbolos nacionais, como a bandeira oficial do Brasil:

saudades de que produtos do brasil....

Estou com saudades do catupiry, da Picanha, das sandálias havaianas, da bandeira do Brasil, dos colares e pulseiras e brincos em bijouterias, seja lá do que for conseguimos exportar pra vocês quase tudo, então, diga do que você sente falta... (C1, T98, 19/05/2007).

Além do aspecto saudosista que une a população, verifica-se que os brasileiros no exterior também estabelecem identificações com a pátria Brasil a partir de uma variedade de assuntos, que poderia remeter à condição de ser brasileiro ou de, simplesmente, ser diferente do outro. Como relembra DaMatta (2000), cada sociedade se apropria de um número limitado de coisas e de experiências para construir-se como algo único.

5. CONCLUSÃO

Com o avanço das redes de computação em nível mundial, com ênfase para a rede das redes, a internet, a percepção humana para lidar com noções de tempo e espaço foi significativamente alterada diante da possibilidade de conexão em escala generalizada, ampliando os pólos emissores de dados e informações, independentemente do formato, pois tudo pode ser transformado em linguagem binária.

A partir do aperfeiçoamento das tecnologias de informação e de comunicação digitais, os internautas passaram a contar com diversas maneiras de estabelecer contato ou laço social. Neste contexto, destaca-se a expansão das chamadas redes sociais *on-line*, que aparecem como espaços de convivência e de interação social no ciberespaço, de acordo com a disponibilização de produtos e serviços visando incentivar a participação do usuário, por meio de ferramentas simplificadas de publicação na rede, na linha da *Web 2.0*.

O *site* da rede social orkut, da Google Inc., transformou-se em um fenômeno de popularidade, sobretudo, entre os mais jovens, porém, o fato surpreendente é que a maioria dos participantes está registrada como originária do Brasil e faz questão de se identificar como brasileira em uma rede que se difunde por mais de 200 países.

Com base neste aspecto, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar como o lugar Brasil, identitário, relacional e histórico, seria reterritorializado em comunidades de caráter tribal criadas com o intuito de reunir os brasileiros que residem no exterior por meio da rede social orkut. Para tanto, foram analisadas com o método netnográfico da observação participante as duas comunidades de maior popularidade nomeadas de "Brasileiros no Exterior" do *site* orkut, durante o período de seis meses, de janeiro a junho de 2007.

Conforme o estudo, a formação de comunidades de caráter tribal, segundo a perspectiva maffesoliana, confere aos participantes uma nova forma de identificação, que nasce de maneira espontânea, subjetiva, eletiva, estimulada por mecanismos de atração e de repulsa, conforme a lógica da identificação. Quando surgem os "brasileiros no exterior": pessoas nascidas ou não no Brasil e que vivem no país ou no exterior, uma vez que estrangeiros simpatizantes da cultura nacional também fazem parte das comunidades examinadas.

Uma autodenominação que na paisagem contemporânea, marcada por uma vida errante e nômade, não seria tão ou mais forte que a noção de identidade primeira, fundadora. Nesse modelo de ajuntamento social de natureza orgânica que distingue o neotribalismo ou tribalismo contemporâneo, o importante não é, somente, a condição de ser um brasileiro que se aventura pelo mundo afora. Uma perspectiva inspirada em uma concepção estética, de valorização do imaginário, a partir da comunicação vista como a cola do mundo pós-moderno, quando se é o que se é, e não o que se gostaria que fosse.

Não se trata de uma causa direta e justificável por si própria, pelo contrário, esta união em pontilhado é guiada pela força da imaginação, que acompanha o homem em todas as etapas da sua vida cotidiana. Os “brasileiros no exterior” são pessoas que não se reúnem, exclusivamente, por compartilhar uma identidade nacional - ser brasileiro, ou um mesmo local de origem ou por falar a mesma língua materna.

A motivação parte de interesses pessoais, afinidades e traços de subjetividades que levam à identificação estruturada no afeto, valorizando a dimensão comunitária que se manifesta com vitalismo na socialidade contemporânea. De qualquer modo, entre os participantes distinguem-se aqueles que se aproximam uns dos outros devido à situação de ser um imigrante brasileiro.

As agregações sociais eleitas trazem consigo, de modo intencional ou não, a marca cultural do brasileiro, um componente de identificação que liga ou cola as pessoas que se encontram dispersas pelo mundo e compartilham o mesmo lugar de origem, a pátria Brasil. Uma cultura específica que apresenta elementos típicos que são intraduzíveis, inclusive, em uma sociedade global ou em rede.

Por outro lado, a existência desse tipo de comunidade tribal no *site* da rede social orkut também segue uma tendência do fechamento de grupos mediados por computador em torno de temas bem específicos, promovendo uma integração de preferências, como por exemplo, culturais, quando ocorre o fenômeno da ciberbalkanização.

Trata-se de uma possibilidade de constituir laço social que se consolida por meio do ambiente *on-line*, embora este não esteja separado de eventos *off-line*. Ao contrário, a partir desta análise observou-se o quanto as duas dimensões estão intimamente relacionadas, o que pôde ser comprovado por meio dos temas discutidos nos fóruns das comunidades. Em geral, temas atuais que remetem a acontecimentos ocorridos no Brasil e/ou a casos concretos que interferem no cotidiano das pessoas que residem no exterior.

Vale esclarecer ainda que nesta tese não se pretendeu comparar o estar *on-line* com o *off-line*, como se fossem situações distintas. Apresenta-se um ponto de vista mais integrado da comunicação mediada por computador, observando como as práticas exercidas *on-line* enquadram-se e complementam outras tarefas do dia a dia de um indivíduo.

A idéia de complementaridade percorreu todo o desenvolvimento desta pesquisa, por isso se trabalha a noção de lugar associada a de não-lugar, da mesma maneira que a desterritorialização está vinculada à territorialização, que resulta em novas reterritorializações. Por conseguinte, ambas as dimensões, *on-line* e *off-line*, são significativas para se avaliar todas as oportunidades de contato que as pessoas dispõem para se relacionar.

Neste sentido, a plataforma de rede social orkut figura como um não-lugar que garante o suporte à interação social no interior dos grupos nomeados de “Brasileiros no Exterior”, fazendo referência ao lugar Brasil. As comunidades servem tanto como instrumento comunicacional para trocar informações e dicas que ajudam a resolver questões práticas do dia a dia dos imigrantes brasileiros, como também é usada como rede social de suporte emocional.

O papel das comunidades analisadas enquanto rede de suporte emocional é expressivo, pois as pessoas se apropriam desse não-lugar para desabafar sobre relacionamentos amorosos mal-sucedidos, para pedir conselhos e até emprego para não perder o parceiro, fazendo declarações de amor diante de um público seletivo formado em torno de 16 mil desconhecidos. Os “brasileiros no exterior” se deixam levar pela emoção e pelo desespero e tratam todos como se fossem velhos amigos.

Este tipo de mensagem, assim como as campanhas de mobilização em busca de pessoas desaparecidas e alguns depoimentos sinceros e honestos dos “brasileiros no exterior” contribuiriam para indicar a presença de características como boa vontade e confiança. Desse modo, a existência de solidariedade e de ações de reciprocidade definiria o capital social que visa, primordialmente, o bem-estar de uma coletividade.

Ressalta-se que a estrutura comunicacional está organizada, basicamente, por meio da produção textual, que é responsável pela dinâmica de interação social no interior das comunidades, ao permitir a ocorrência de diálogos e debates acirrados entre os integrantes, de modo a comprovar que o contato social *on-line* pode ser tão intenso quanto o mantido em encontros pessoais.

As diferentes formas de apropriação de uma rede social por grupos tribais colaboram para reforçar a noção de ciberespaço como um *locus* de extrema complexidade e heterogeneidade. A partir do estabelecimento de uma diversidade de formas de interação e de comunicação associada ao manuseio de máquinas computacionais, enfatiza-se ainda a tecnocultura contemporânea e os meios digitais de comunicação, que refletem o imaginário tecnológico vigente.

O estudo também apontou que de fato não haveria um padrão para se determinar a elaboração de grupos de perfil tribal, uma vez que eles não precisam se originar de um local situado geograficamente, e nem se tratar de uma exclusividade do ambiente virtual. Todavia, a pesquisa indicou que as tribos de “Brasileiros no Exterior” surgem tanto em decorrência de uma localização física, o exterior, simbolicamente e territorialmente falando, como virtualmente por meio do contato mediado pela plataforma de rede social orkut. Assim, as tribos podem coexistir e se relacionar no ambiente virtual e fora dele.

Por este viés, os processos culturais em estado de virtualização cada vez mais se aproximariam a eventos cotidianos relacionados às atividades *off-line*, e vice-versa. Não há, portanto, razão para se tentar separar essas duas dimensões, cuja tendência é de se associarem continuamente, à medida que os internautas se predisporem a experimentar e a adotar os recursos e serviços disponibilizados para se comunicar.

Por fim, a participação de algumas pessoas nos dois grupos de maior popularidade e mais antigos entre os nomeados de “Brasileiros no Exterior”, assim como a presença de ambas as tribos nas respectivas listas de comunidades relacionadas no orkut, revelam uma correspondência entre as comunidades tribais investigadas que dá margem para a constituição de redes de socialidade no ciberespaço de natureza pós-moderna, a partir de processos de comunicação e de interação social. Além de evidenciar a relevância de cada ponto, pessoa ou organização, constitutivo da estrutura rizomática do ciberespaço, que é sem fronteiras, descentralizado e assinalado por múltiplas entradas.

REFERÊNCIAS

ABOUT Friendster. In: FRIENDSTER. San Francisco, 2007. Disponível em: <<http://www.friendster.com/info/index.php>>. Acesso em: 10 fev. 2007.

ALLEN, Christopher. **Life With Alacrity**. [S.l.], 2004. Blog sobre software social e ferramentas da internet. Disponível em: <<http://www.lifewithalacrity.com/>>. Acesso em: 6 out. 2006.

ALSTYNE, Marshall Van; BRYNJOLFSSON, Erik. **Electronic Communities: global village or cyberbalkans?** Cambridge, MA, 1997. 32 p. Disponível em: <<https://www.mediensprache.net/archiv/pubs/2809.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2007

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989. 191 p.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994. 111 p.

BARNES, John A. Class and Committees in a Norwegian Island Parish. **Human Relations**, London, n. 7, p. 39-58, 1954.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 201 p.

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 145 p.

BAYM, Nancy K. The Emergence of Online Community. In: JONES, Steven G. **Cybersociety 2.0: revisiting computer-mediated communication and community**. Thousands Oaks, California: Sage, 1998. P. 35-68.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 247 p.

BOYD, Danah. The Significance of Social Software. In: BURG, Thomas N. ; SCHMIDT, Jan (Ed.). **BlogTalks Reloaded. Social Software Research & Cases**. Norderstedt: Books on Demand. 2007a. Disponível em: <http://www.zephoria.org/thoughts/archives/2007/05/19/significance_of.htm>. Acesso em: 30 nov. 2007.

_____. Social Network Sites: public, private, or what? **Knowledge Tree**, Brisbane, n. 13, May 2007b. Disponível em: <http://kt.flexiblelearning.net.au/tkt2007/?page_id=28>. Acesso em: 7 out. 2007.

BOURDIEU, Pierre. Le capital social: notes provisoires. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 31, n. 1, p. 2-3, 1980. Disponível em: <<http://www.persee.fr>>. Acesso em: 24 abr. 2007.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 322 p.

BURGOS, Patrícia. Pai do Orkut Promete Melhorar o Site. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 jul. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/informat/fr2707200513.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2006.

BUSH, Vannevar. As We May Think. **The Atlantic Monthly**, Washington, DC, v. 176, n. 1, p. 101-108, jul. 1945. Disponível em: <<http://web.mit.edu/STS.035/www/PDFs/think.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2007.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617 p. (A Sociedade em Rede, v. 1).

_____. Internet e Sociedade em Rede. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra Globalização: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003. P. 255-287.

CHURCHILL, Elizabeth F.; HALVERSON, Christine A. Social Networks and Social Networking. **IEEE Computer Society**, Los Alamitos, CA, p. 14-19, Sept./Oct. 2005.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica. Antropologia e Literatura no Século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. 319 p.

COATES, Tom. **An Addendum to a Definition of Social Software**. [S.l.], 2005. Weblog de Tom Coates. Disponível em: <http://www.plasticbag.org/archives/2005/01/an_addendum_to_a_definition_of_social_software/>. Acesso em: 12 nov. 2006.

COHN, Gabriel. **Crítica e resignação**: fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. 161 p.

COLEMAN, James S. Social Capital in the Creation of Human Capital. **The American Journal of Sociology**, Chicago, v. 94, p. S95-S120, 1988. Suplemento. Disponível em: <<http://econ.tau.ac.il/papers/publicf/Zeltzer2.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2007.

CORRÊA, Cynthia H. W. O Fenômeno de Expansão das Plataformas de Redes Sociais na Internet. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA COMUNICAÇÃO, 9., 2007, Porto Alegre, RS. **Anais ...** Porto Alegre: PUCRS, 2007. P. 28.

_____. Vigilância e Controle em Relacionamentos Sociais no *Site* Orkut. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília, DF. **Anais ...** Brasília, DF: INTERCOM, 2006. 1 CD-ROM.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. 246 p.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 126 p.

DANET, Brenda. El texto como máscara: género, juego y performance en Internet. In: JONES, Steven G. **Cibersociedad 2.0**: una nueva visita a la comunidad y la comunicación mediada por ordenador. Barcelona: Editorial UOC, 2004. P. 143-166. (Colección nuevas tecnologías y sociedad).

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1995. V. 1.

DESTAQUES do Orkut em 2007. In: GOOGLE. **Stay Beautiful**: o blog oficial do orkut. Mountain View, 2007. Disponível em: <<http://blog.orkut.com/2008/01/destaques-do-orkut-em-2007.html>>. Acesso em: 10 jan. 2008.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 551 p.

_____. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988. 114 p.

DURHAM, Eunice R. A Pesquisa Antropológica com Populações Urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth (Org.). **A Aventura Antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P. 17-37.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 483 p.

_____. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Nacional, 2001. 128 p. (Biblioteca Universitária. Série 2; v. 5)

EISENBERG, José; LYRA, Diogo. A Invasão Brasileira do Orkut. **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 38, n. 226, p. 30-35, 2006.

ESTATUTO da Comunidade. In: GOOGLE. **Orkut**. Mountain View, 2007. Disponível em: <<http://help.orkut.com/bin/answer.py?hl=br&answer=16198>>. Acesso em: 20 mar. 2006.

FELINTO, Eric. Os Computadores também Sonham? Para uma Teoria da Cibercultura como Imaginário. **Intexto**, Porto Alegre, n. 15, 2006. Disponível em: <<http://www.intexto.ufrgs.br/>>. Acesso em: 08 out. 2007.

_____. Sem Mapas para esses Territórios: a Cibercultura como campo de conhecimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais ...** Santos: INTERCOM, 2007. 1-14 p. Disponível em: <<http://www.adevento.com.br/INTERCOM/2007/resumos/R0770-1.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2007.

FERNBACK, Jan. There is a There There: notes toward a definition of cybercommunity. In: JONES, S. (Ed.). **Doing Internet Research**: critical issues and methods for examining the net. Thousand Oaks, California: Sage, 1999. P. 407-417.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. 290 p.

_____. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998. 385 p.

_____. **Diferentes, Desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad**. Barcelona: Editorial Gedisa: 2004. 223 p.

_____. **Interculturalidade e Globalização**. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Conteúdo do seminário ministrado pelo professor Néstor García Canclini.

GARTON, Laura; HAYTHORNTHWAITE, Caroline; WELLMAN, Barry. Studying On-line Social Networks. In: JONES, Steve. **Doing Internet Research: critical issues and methods for examining the Net**. Thousands Oaks, California: Sage Publications, 1999. P. 75-105.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 323 p.

GIBSON, William. **Neuromante**. Lisboa: Gradiva, 1988. 299 p.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991. 177 p.

GIESE, Mark. From ARPAnet to the Internet: a cultural clash and its implications in framing the debate on the information superhighway. In: STRATE, Lance; JACOBSON, Ronald; GIBSON, Stephanie B. (Ed.). **Communication and Cyberspace: social interaction in an electronic environment**. New Jersey: Hamton Press, 1996. P. 123-141.

GILLMOR, Dan. **Nós, os mídias**. Lisboa: Editorial Presença, 2005. 269 p.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 233 p.

GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, May 1973. Disponível em:
<<http://www.jstor.org/view/00029602/dm992612/99p02603/0?frame=frame&userID=8f362b4d@ufrgs.br/01c0a8347100501bfef61&dpi=3&config=jstor>>. Acesso em: 02 out. 2007.

GUIMARÃES JÚNIOR, Mário J. L. **Sociabilidade no Ciberespaço**: distinção entre plataformas e ambientes. [Florianópolis], 1999. Trabalho apresentado na 51. Reunião Anual da SBPC, Porto Alegre, 1999. Disponível em:
<http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat_amb.html>. Acesso em: 20 jul. 2007.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400 p.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, Niterói, v. 4, n. 7, p. 7-31, 2002. Disponível em:
<http://www.uff.br/geographia/rev_07/rogerio7.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2007.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102 p.

HANIFAN, Lyda Judson. The Rural School Community Center. **Annals of the American Academy of Political Sciences**, Philadelphia, n. 67, p. 130-138, 1916.

_____. **The Community Center**. Boston: Silver e Burdette, 1920. 236 p.

HANNERZ, Ulf. Cosmopolitas e Locais na Cultura Global. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). **Cultura Global. Nacionalismo, Globalização e Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 251-266.

HARVEY, David. **A Condição Pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1993. 349 p.

HAYTHORNTHWAITE, Caroline; WELLMAN, Barry. Introduction: Internet in the everyday life. In: WELLMAN, B.; HAYTHORNTHWAITE, C. (Ed.). **The Internet in Everyday Life**. Hong Kong: Blackwell, 2005. P. 3-40.

HINCHCLIFFE, Dion. The State of Web 2.0. In: HINCHCLIFFE, Dion. **Dion Hinchcliffe's Web 2.0 Blog**. [S.l.], 2006. Disponível em:
<http://web2.wsj2.com/the_state_of_web_20.htm>. Acesso em: 20 abr. 2007.

HINE, Christine. Los objetos virtuales de la etnografía. In: HINE, Christine. **Etnografía virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004. P. 210-234. (Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad).

IANNI, Octávio. **A Era do Globalismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 252 p.

_____. **A Sociedade Global**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 191 p.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996. 431 p.

JONES, Quentin. Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology: a theoretical outline. **Journal of Computer-Mediated Communication**, Bloomington, v. 3, n. 3, dez. 1997. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol3/issue3/jones.html>>. Acesso em: 10 ago. 2004.

JONES, Steven G. Information, Internet, and Community: notes toward an understanding of community in the information age. In: JONES, Steven G. **Cybersociety 2.0**: revisiting computer-mediated communication and community. Thousands Oaks, California: Sage Publications, 1998. P. 1-34.

KENDALL, Lori. Recontextualizing "Cyberspace" Methodological Considerations for On-line Research. In: JONES, Steve. **Doing Internet Research**: critical issues and methods for examining the Net. Thousands Oaks, California: Sage Publications, 1999. P. 57-74.

KIMBALL, Lisa; RHEINGOLD, Howard. Whow Online Social Networks Benefit Organizations. [S.l.], Rheingold Associates, [2001]. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/Associates/onlinenetworks.html>>. Acesso em: 10 out. 2006.

KOLKO, Beth; REID, Elizabeth. Dissolution and Fragmentation: problems in on-line communities. In: JONES, Steven G. **Cybersociety 2.0**: revisiting computer-mediated communication and community. Thousands Oaks, California: Sage Publications, 1998. P. 212-229.

KOZINETS, Robert. The Field Behind the Screen: using netnography for marketing research in online communities. **Journal of Marketing Research**, Orlando, v. 39, n. 1, p. 61-72, Feb. 2002. Disponível em:
<http://economia.unipv.it/marketing_high_tech/high_tech_lettore/integrazioni/kozinetsFieldBehind.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2006.

_____. **On Netnography**: initial reflections on consumer research investigations of cyberculture. [S.l.], 1998. Disponível em:
<<http://research.bus.wisc.edu/rkozinets/printouts/kozinetsOnNetnography.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2006.

LASTOWKA , F. Gregory; HUNTER, Dan. The Laws of the Virtual Worlds. **Public Law and Legal Theory Research Paper Series**, Pennsylvania, n. 26, May 2003. Disponível em:
<<http://papers.ssrn.com/abstract=402860>>. Acesso em: 10 out. 2007.

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007. 287 p.

LEMOS, André. **Agregações Eletrônicas ou Comunidades Virtuais? Análise das Listas Facom e Cibercultura**. [S.l., 2002a]. Disponível em:
<<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/agregacao.htm>>. Acesso em: 8 fev. 2004.

_____. Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15., 2006, Bauru. **Anais...** Bauru: UNESP, 2006. Disponível em:
<<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2006.

_____. Micronações Virtuais. Cidadania e Cibercultura. In: LEMOS, André. (Org). **Cibercidade. As Cidades na Cibercultura**. Rio de Janeiro: e-papers, 2004. P. 151-174.

_____. **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002b. 320 p.

_____. Cibercultura. Alguns Pontos Para Compreender a Nossa Época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. P. 11-23.

LÉVY, Pierre. O Ciberespaço como um Passo Metaevolutivo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **A Genealogia do Virtual**: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004. P. 157-170.

_____. **O que é o Virtual?** São Paulo: 34, 1996. 160 p.

LICKLIDER, J. C. R.; TAYLOR, Robert W. The Computer as a Communication Device. **SRC Research Report**, Palo Alto, n. 61, Aug. 1990. Artigo publicado em memória de J. C. R. Licklider 1915-1990, publicação do original em 1968. Disponível em: <<http://ftp.digital.com/pub/Digital/SRC/publications/taylor/licklider-taylor.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2007.

LIN, Kwei-Jay. Building Web 2.0. **Computer**, New York, NY, n. 5, p. 101-102, May 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2005. 129 p.

LOURY, Glenn Cartman. A Dynamic Theory of Racial Income Differences. In: Wallace, P.A.; Lamond, A. (Ed.). **Women, Minorities and Employment Discrimination**. Lexington, MA: D.C. Heath, 1977. P. 153-186.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. 131 p.

MAFFESOLI, Michel. A Comunicação Sem Fim (Teoria Pós-moderna da Comunicação). In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **A Genealogia do Virtual**: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004. P. 20-32.

_____. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998a. 207 p.

_____. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996. 350 p.

_____. **Metodologia, Epistemologia e Pós-modernidade**. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Conteúdo do seminário especial ministrado pelo professor Michel Maffesoli.

_____. **Sobre o Nomadismo. Vagabundagens Pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001a. 205 p.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998b. 232 p.

_____. **A Transfiguração do Político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997. 286 p.

_____. **A Violência Totalitária**: ensaio de antropologia política. Porto Alegre: Sulina, 2001b. 311 p.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução. In: MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1984. P. 17-34.

MANTENHA a Beleza do Orkut. In: GOOGLE. **Orkut**. Mountain View, 2006. Disponível em: <<http://www.orkut.com/About.aspx?page=keep>>. Acesso em: 1 jan. 2008.

MATOS, Luis. **Segredos do Orkut**. São Paulo: Digerati Books, 2004. 96 p.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Nacional, 1972. 390 p.

MORAES, Evaristo de. (Org.). **Georg Simmel**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. 192 p.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. 177 p.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995. 189 p.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 203 p.

NIELSEN, Jakob. **Web 2.0 'Neglecting good design**. London: BBC News, 2007. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/6653119.stm>>. Acesso em: 20 dez. 2007.

OLIVEIRA, Maria dos Anjos Martins de. **Orkut**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004. 93 p.

OREN, Eyal et al. A Flexible Integration Framework for Semantic Web 2.0 Applications. **IEEE Software**, Los Alamitos, p. 64-71, Sept./Oct. 2007.

O'REILLY, Tim. What is Web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software. In: O'REILLY MEDIA. **O'Reilly**. Sebastopol, 2005a. Disponível em: <<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 20 abr. 2007.

_____. Web 2.0: compact definition? In: O'REILLY MEDIA. **O'reilly Radar**. Sebastopol, 2005b. Disponível em: <http://radar.oreilly.com/archives/2005/10/web_20_compact_definition.html>. Acesso em: 20 abr. 2007.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 149 p.

POSTER, Mark. Virtual Ethnicity: tribal identity in an age of global communications. In: JONES, Steven G. **Cybersociety 2.0: revisiting computer-mediated communication and community**. Thousands Oaks, California: Sage Publications, 1998. P. 184-211.

PRIMO, Alex. O Aspecto Relacional das Interações na Web 2.0. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília, DF. **Anais ...** Brasília, DF: INTERCOM, 2006. 1 CD-ROM.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. A Conversação na Comunidade de Blogs Insanus. **e-Compós**, Brasília, DF, n. 5, abr. 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/ecompos/adm/documentos/abril2006_alex_ana.pdf>. Acesso em: 20 set. 2007.

PUTNAM, Robert D. **Bowling Alone: the collapse and revival of american community**. New York: Simon and Schuster, 2000. 541 p.

PUTNAM, Robert D.; LEONARDI, Robert; NANETTI, Raffaella Y. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. 260 p.

RHEINGOLD, Howard. Comunidades Virtuais. In: HESSELBEIN, Frances et al. (Ed.). **A Comunidade do Futuro: idéias para uma nova comunidade**. São Paulo: Futura, 1998. P. 120-127.

_____. **The Virtual Community: homesteading on the electronic frontier**. London: MIT Press, 1993. 325 p.

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, v. 51, p. 1-19, 2002.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Elementos para a Crítica da Cibercultura**: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação. São Paulo: Hacker, 2002. 164 p.

_____. **Introdução às Teorias da Cibercultura**: perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. 198 p.

SÁ, Simone Pereira de. **O Samba em Rede**. Comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005. 122 p.

SALATIEL, José Renato. Estudo Sobre Comunicação em Web 2.0: mídias modulares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais ...** Santos: INTERCOM, 2007. 1 CD-ROM.

SCOTT, John. **Social Network Analysis**: a handbook. London: Sage, 1991. 210 p.

SHIRKY, Clay. **Social Software and the Politics of Groups**. [S.l.], 2003. Publicado primeiramente na lista de discussão Networks, Economics, and Culture, 2003. Disponível em: <http://shirky.com/writings/group_politics.html>. Acesso em: 12 nov. 2006.

SILVA, Juremir Machado da. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003. 111 p.

SOBRE o Orkut. In: GOOGLE. **Orkut**. Mountain View: Google, 2007 Disponível em: <<http://www.orkut.com/About.aspx>>. Acesso em: 20 dez. 2007

SUTER, Vicki; ALEXANDER, Bryan; KAPLAN, Pascal. Social Software and the Future of Conferences Right Now. **Educause Review**, Boulder, p. 47-59, Jan./Feb. 2005.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y sociedad**. Buenos Aires: Losada, 1947. 321 p.

TRIVINHO, Eugênio. Epistemologia em Ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do ciberespaço. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. (Org.). **Para Navegar no Século XXI**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2000. P. 179-192.

VATTIMO, Gianni. **A Sociedade Transparente**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991. 87 p.

VAZ, Paulo. Mediação e tecnologia. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. (Org.). **A Genealogia do Virtual**: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004. P. 216-238.

VELHO, Gilberto. Entrevista com Gilberto Velho. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, 2001. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/316.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2006.

_____. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 149 p.

VIRILIO, Paul. O resto do tempo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. (Org.). **Para Navegar no Século XXI**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003. P. 105-110.

WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia**. São Paulo: Moraes, 2002. 113 p.

_____. **Economia e Sociedade**. 3. ed. Brasília, DF: Editora UNB, 1969. 464 p.

WELLMAN, Barry. The Glocal Village: internet and community. **The Arts & Science Review**, Toronto, v. 1, n. 1, p. 26-29, Autumn 2004.

WELLMAN, Barry; BOASE, J.; CHEN, W. The Networked Nature of Community: online and offline. **IT&Society**, Stanford, v. 1, n. 1, p. 151-165, Summer 2002.

WELLMAN, Barry; GULIA, Milena. Net Surfers Don't Ride Alone: virtual communities as communities. In: WELLMAN, Barry (Ed.). **Networks in the Global Village**. Boulder, CO: Westview, 1997. P. 72-86.

WELLMAN, Barry et al. Does the Internet Increase, Decrease, or Supplement Social Capital? **American Behavioral Scientist**, Princeton, v. 45, n. 3, p. 436-455, Nov. 2001.

WELLMAN, Barry; LEIGHTON, Barry. Networks, Neighborhoods and Communities: approaches to the study of the community question. **Urban Affairs Quarterly**, California, v. 14, n. 3, p. 363-390, Mar. 1979.

WILBUR, Shawn P. An Archaeology of Cyberspaces: virtuality, community, identity. In: BELL, David; KENNEDY, Barbara M. (Ed.). **The Cybercultures Reader**. London: Routledge, 2000. P. 45-55.

APÊNDICE A – Mensagens da C1

N.	Data	Tópico
1	1 jan.	algum veterinário?
2	4 jan.	ALGUEM ACHA QUE AINDA VALE A PENA TRAB. FORA?
3	10 jan.	QUERO LIGAR PRO BRASIL.... VOIP...ALGUM CONHECE
4	13 jan.	Mexico
5	15 jan.	vc conhece alguem que ja sofreu isso ?
6	15 jan.	Tráfego aéreo, Mineradora, Internete, Metrô...
7	18 jan.	Qual foi a sua maior gafe/choque cultural?
8	18 jan.	porque sair do brasil?
9	20 jan.	Será que eu estou errada
10	21 jan.	Perdido com um objetivo
11	22 jan.	Vivi 17 anos no exterior(USA, Inglaterra, Espanha,
12	23 jan.	Itália - Fevereiro 2007
13	23 jan.	Extorsão olímpica - Copa do Mundo no Brasil
14	25 jan.	vc jah foi discriminado por se estrangeiro?
15	26 jan.	PESQUISA - O que você usa nos cabelos?
16	27 jan.	Morar no Japão.. ajudem!!!!!!!
17	27 jan.	ex miss brasil desaparecida em londres
18	30 jan.	Alguém que esteja em Portugal?
19	2 fev.	PANAMA
20	4 fev.	Movimento Social Brasileiro Global
21	5 fev.	Qual o futuro do Brasil
22	6 fev.	Avó Americana - Green Card nunca mais!!!
23	9 fev.	O Brasil não merece o Brasil
24	12 fev.	Imagem Brasil no exterior
25	13 fev.	Vamos votar no Senna
26	14 fev.	Aquecimento Global: Disturbing video
27	15 fev.	Qual time do Br mais conhecido onde você mora?
28	17 fev.	Vamos ajudar?
29	17 fev.	O BRASIL TBM DEPORTA

Quadro 8 – Mensagens C1

(continua)

30	17 fev.	consulado do brasil
31	19 fev.	Esta expirando meu I-94. Preciso de ajuda!
32	23 fev.	o q uma brasileira faz...
33	24 fev.	Validação de Diploma Farmacêutico nos EUA
34	6 mar.	Diminuição da maioria penal e da hipocrisia
35	6 mar.	Ou, alguém pooor faaavor pode me ajudar??!
36	7 mar.	Salario em Euro
37	7 mar.	DICAS IMIGRAÇÃO
38	9 mar.	Me ajudem...
39	10 mar.	Tudo por amor.Leiam por favor!
40	12 mar.	Será que o Brasil ainda tem jeito?
41	13 mar.	Saudade do Brasil!!
42	14 mar.	para voçes qual melhor pais para se trabalhar??/
43	16 mar.	POR QUE NAO?
44	17 mar.	Brasileiro é um povo solidário. Mentira
45	18 mar.	IMIGRACAO LONDRES
46	19 mar.	Não entendo o brasileiro...
47	20 mar.	Comentando o texto Ufanista escrito a partir do ma
48	20 mar.	Africa
49	23 mar.	ALGUEM JA FOI?
50	23 mar.	ESTADOS UNIDOS X LONDRES
51	26 mar.	Vamos vender a Amazônia
52	27 mar.	direitos humanos para brasileir@s
53	28 mar.	Aposto que os mineiros serao maioria!
54	8 abr.	Os causadores da má imagem de brasileiros ...
55	12 abr.	Casamento - ajuda!
56	12 abr.	Ajudem-nos por favor e pelo amor.
57	13 abr.	Saudades - Como lidar?
58	13 abr.	novo passaporte brasileiro
59	16 abr.	Buscando trabalho...

Quadro 8 – Mensagens C1

(continuação)

60	17 abr.	ALGUÉM NA HOLANDA??
61	18 abr.	O real cada vez mais forte...
62	18 abr.	Brasileiros são o 2º povo que mais faz
63	19 abr.	Vale mais à pena não trabalhar. Veja porque
64	19 abr.	1300 mortes nos primeiros 90 dias
65	21 abr.	PROCURO MEU IRMÃO
66	21 abr.	Creme para manchas na pele
67	23 abr.	Se pago pelo meu alimento, porque devo agradecer..
68	25 abr.	Melhor Pais para Imigrar??
69	26 abr.	Eu sou racista, e você?
70	27 abr.	Sites infantis em português
71	29 abr.	Pós Graduação em Veterinária no Exterior
72	30 abr.	Piada ou realidade?
73	3 mai.	Controle de natalidade para os pobres.
74	4 mai.	o brasil nao è europa
75	7 mai.	OLHAI O UMBIGO NOSSO...
76	8 mai.	BRASA...
77	8 mai.	uma pergunta....
78	9 mai.	Brazilian guitar player in Iceland
79	10 mai.	Pulos pelo mundo!
80	10 mai.	Algo que vc adquiriu no exterior.
81	11 mai.	O Papa entre nós.
82	11 mai.	Super Resposta!!!
83	12 mai.	PSIQUIATRA ONLINE WEB CAM oficial
84	12 mai.	Quem é palmeirense?
85	12 mai.	PARTICIPEM POR FAVOR.....PELA MADDIE
86	12 mai.	Será que vc tem???
87	12 mai.	FELIZ DIA DAS MAES
88	14 mai.	VOTEM!!
89	15 mai.	JINGLES

90	15 mai.	Virgindade e abstinência sexual.
91	16 mai.	Curiosidade
92	16 mai.	O PROFILE MAIS LINDO DO ORKUT
93	16 mai.	SEX CRIMES AND VATICAN
94	17 mai.	Ajuda / Informacao
95	17 mai.	LUGAR MAIS LINDO DO MUNDO !!!
96	18 mai.	emprego
97	19 mai.	TV GRATIS NA NET
98	19 mai.	saudades de que produtos do brasil....
99	19 mai.	Imperialistas ianques querem tomar a Amazônia Brás
100	19 mai.	CARLA AINDA NÃO FOI ENCONTRADA...
101	20 mai.	Por onde andam os bahianos?
102	20 mai.	Economize nas Lgções Interurbanas
103	20 mai.	encomendas do brasil
104	21 mai.	ALUNOS HUMILHADOS EM ESCOLA PÚBLICA NO RS
105	21 mai.	Vc sabe
106	21 mai.	Lei transforma filhos de brasileiros em apátridas
107	22 mai.	Assistência Técnica
108	22 mai.	VOTEM NO CRISTO!!!
109	22 mai.	CARLA VICENTINI(DESAPARECIDA)
110	23 mai.	DEDICAÇÃO MUSICAL
111	24 mai.	Madeleine McCann
112	24 mai.	Polícia Federal registra sua saída do Brasil?
113	24 mai.	Diminuição da maioridade penal
114	24 mai.	DALE GREMIO PORRA!!!!!!
115	27 mai.	Passagem p/ o Brasil????
116	28 mai.	Dicas de produtos brasileiros...
117	28 mai.	ae galera que for viajar de aviao
118	28 mai.	Vamos ajudar quem precisa.....
119	28 mai.	Voluntário Pan2007

Quadro 8 – Mensagens C1

(continuação)

120	28 mai.	Troca de Informacoes....
121	28 mai.	Alguem aqui ja mandou bagagem de navio para o Br?
122	29 mai.	Ai galera, qual a profissao de vcs..
123	29 mai.	Vamos fazer amizades?
124	30 mai.	Alguém na Inglaterra????
125	30 mai.	O QUE QUE è ISTO, ZAPATERO????!!!
126	31 mai.	Alerta Intercâmbios
127	31 mai.	Nowan Imagina
128	31 mai.	O que voce acha dessa idéia?
129	1 jun.	Senado confirma aumento a parlamentares
130	1 jun.	vamos fazer alguma coisa?????????????
131	2 jun.	LULA MORREU!!!!
132	3 jun.	alguem em Dubai???
133	3 jun.	Denuncia...Brasileiro? Se Faz Favor fale Portugues
134	4 jun.	O que levar aqui do Brasil/Estado?
135	4 jun.	FRIO RELATIVO
136	8 jun.	O Brasil para se orgulhar
137	10 jun.	Uma análise realista do Brasil
138	11 jun.	A lingua que falamos e escrevemos.
139	13 jun.	Diaspora brasileira
140	13 jun.	Operação Xequ-Mate...irmão de Lula inocente???????
141	14 jun.	Londres?!! A vida ta dura??
142	14 jun.	Sem querer voltar em assunto antigo...
143	18 jun.	SITE DE CARLA VICENTINI,AJUDEM!!!
144	20 jun.	Alerta Intercambio
145	20 jun.	Ajuda...Urgente!!!!documento
146	21 jun.	E se o Cristo não for escolhido? Relaxa e goza.
147	22 jun.	Alguém em Bruxelas??
148	22 jun.	alguem da europa esta...
149	22 jun.	Enough is Enough! Fora [X], já deu!

Quadro 8 – Mensagens C1

(continuação)

150	23 jun.	Praia mais bonita do mundo
151	24 jun.	***BRASIL : PAIS DO FUTURO?***
152	25 jun.	Ajude acabar com a CPMF
153	25 jun.	a ultima no Rio de Janeiro
154	25 jun.	pq tanta.....
155	25 jun.	Você acredita na Justiça?
156	25 jun.	musicas
157	25 jun.	Tendo filho em casa????
158	25 jun.	Tirem minha dúvida
159	26 jun.	para quem quer ver entrevistas,celebridades e pers
160	26 jun.	OS 10 PRIMEIROS TERÃO UM REEMBOLSO D 50% DA ADESÃO
161	26 jun.	NOTÍCIA BOA DO BRASIL
162	27 jun.	Rádio Fenix - Equipe Kanto
163	27 jun.	MADELEINE McCANN - HELP PLEASE
164	27 jun.	BRA
165	27 jun.	O q eh permiti do na aduana?
166	28 jun.	FIQUEM A VONTADE PARA RESPONDER!!!!
167	29 jun.	Atlanta
168	29 jun.	ATENÇÃO PARA O USO DE FOTOS DE CRIANÇAS NO ORKUT
169	30 jun.	Novos depoimentos sobre os agressores da doméstica

Quadro 8 – Mensagens C1

(conclusão)

Fonte: Disponível em: <<http://www.orkut.com/>>.

Acesso em: 1 jul. 2007.

APÊNDICE B – Mensagens da C2

N.	Data	Tópico
1	3 jan.	E o lado positivo?
2	3 jan.	Pensão de morte ou pena vitalícia?
3	4 jan.	A bundificação da música popular.
4	6 jan.	Isso eh um crime
5	7 jan.	Como fazem pra ligar pro Brasil
6	9 jan.	LOJA BRASILEIRA EM PARIS- produtos do Brasil
7	9 jan.	Para os que também gostam da Espanha.
8	16 jan.	Resumo de todo um curso de Inglês e Espanhol
9	17 jan.	Amantes são como estrelas
10	20 jan.	Será que eu estou errada
11	22 jan.	Força pro Ayrton Senna (votem
12	23 jan.	Extorsão olímpica
13	29 jan.	Atendimento Médico
14	4 fev.	Movimento Social Brasileiro Global
15	5 fev.	Qual o futuro do Brasil?
16	6 fev.	!!!Brasileirinhos na Alemanha!!!!
17	9 fev.	O Brasil não merece o Brasil
18	9 fev.	sou brasileira mais estou na Italia
19	9 fev.	EM QUE PAIS VC ESTA?
20	10 fev.	Aquecimento Global: Como agir ?
21	20 fev.	REFLITAM! Redução da Maioridade Penal
22	21 fev.	Recife
23	26 fev.	Brasileiro desaparecido na Suíça – parte 1
24	26 fev.	Brasileiro desaparecido na Suíça – parte 2
25	28 fev.	Gostaria de ouvir alguma estória de sucesso
26	3 mar.	LUGAR para Morar em Lisboa Portugal .tenho solução
27	4 mar.	O que vocês fazem no exterior? Conte sua historia!
28	5 mar.	Quando eu encontro um brasileiro no exterior eu...

Quadro 9 – Mensagens C2

(continua)

29	6 mar.	Diminuição da maioria penal e da hipocrisia
30	6 mar.	PRA VC QUE É CONTRA O VOTO OBRIGATÓRIO NO BRASIL?
31	8 mar.	A quanto tempo você não visita o Brasil?
32	10 mar.	Europa barra entrada de 387 brasileiros em 16 dias
33	14 mar.	Você é feliz morando no exterior?
34	15 mar.	O Fundo do poço está acima de nós.
35	18 mar.	A contribuição do Brasil no futuro.
36	20 mar.	Musica...procura-se
37	20 mar.	Querem comunismo no Brasil? enqto a China sai dele
38	21 mar.	POR FAVOR AJUDEM A DENUNCIAR
39	23 mar.	fotos para passaporte Brasileiro
40	24 mar.	situacoes engraçadas (diferentes do Brasil)
41	27 mar.	assistencia social para brasileir@s na França
42	29 mar.	Dicas
43	1 abr.	A sua Salvacao
44	1 abr.	que imagem vc tinha do pais que vc esta antes
45	2 abr.	TURISMO SEXUAL NAO è CRIME...????!!!!
46	2 abr.	Voltar ao Brasil, sim ou não???
47	5 abr.	Intercâmbio escravo
48	18 abr.	Vamos nos divertir um pouco- JOGO DO ANIVERSÁRIO!!
49	18 abr.	O real cada vez mais forte!!
50	18 abr.	Vale mais à pena não trabalhar. Veja porque.
51	19 abr.	Artistas Brasileiros fazendo shows no exterior???
52	20 abr.	Blog para brasileiros que vivem no exterior!
53	21 abr.	Creme para manchas na pele
54	23 abr.	Oi
55	23 abr.	Clima de guerrilha urbana no Brasil - q + falta?
56	24 abr.	DESCUBRA SE VC SABE CANTAR O HINO NACIONAL

Quadro 9 – Mensagens C2

(continuação)

57	27 abr.	AJUDINHA!
58	27 abr.	Respeite o Imigrante
59	27 abr.	Pra vc q acha q violencia no BR é exagero!!
60	29 abr.	Pós Graduação em Veterinária no Exterior
61	29 abr.	Procuo Esportista para Representar Novo Esporte
62	3 mai.	A Temida CPI e agora?PTRALHAS??
63	4 mai.	QUEM SE LEMBRA?
64	6 mai.	EReções na França
65	7 mai.	enfim sarkozy!!!
66	9 mai.	Qual é o melhor lugar pra trabalhar
67	10 ma.i	Tese de Mestrado sobre a Guerrilha do Araguaia
68	11 mai.	Super Resposta!!!
69	13 mai.	Radio Brasileira
70	15 mai.	JINGLES
71	16 mai.	agradecimento TV ORKUT SHOW DA BELEZA
72	16 mai.	PEDOFILIA X VATICANO
73	19 mai.	BOA NOVIDADE!
74	19 mai.	TV GRATIS NA NET
75	23 mai.	Caso PEDRO AUGUSTO BELTRÃO...
76	23 mai.	Blog para brasileiros que vivem no exterior!
77	23 mai.	DEDICAÇÃO MUSICAL
78	24 mai.	Me add para contato
79	26 mai.	SO ENTRA FLAMENGUISTA!
80	28 mai.	comunidade para todos os povos
81	28 mai.	Ai que saudade do Brasil!!!!!!
82	29 mai.	PROGRAMA DE TRABALHO NOS EUA (VISTO H2B)!!!
83	30 mai.	O QUE QUE È ISTO, ZAPATERO????!!!
84	30 mai.	Alguém na Inglaterra ???
85	31 mai.	Passagens Aéreas Nacionais e Internacionais

Quadro 9 – Mensagens C2

(continuação)

86	3 jun.	Sobre o Brasil
87	3 jun.	capoeira na Alemanha
88	3 jun.	FLAUSTRALIA - Torcida do Flamengo na Australia
89	8 jun.	Votar no exterior

Quadro 9 – Mensagens C2**(conclusão)**Fonte: Disponível em: <<http://www.orkut.com/>>.

Acesso em: 1 jul. 2007.